



UNIVERSIDADE
CATÓLICA
PORTUGUESA

POLÍTICA NO *DAYTIME* TELEVISIVO: HUMANIZAÇÃO DOS
POLÍTICOS NO *PROGRAMA DA CRISTINA*

Dissertação apresentada à Universidade Católica
Portuguesa para obtenção do grau de Mestre em
Ciências da Comunicação – *Media* e Jornalismo

Por

Ana Rita Simões Lopes

Faculdade de Ciências Humanas

Novembro de 2021



UNIVERSIDADE
CATÓLICA
PORTUGUESA

POLÍTICA NO *DAYTIME* TELEVISIVO: HUMANIZAÇÃO DOS
POLÍTICOS NO *PROGRAMA DA CRISTINA*

Dissertação apresentada à Universidade Católica
Portuguesa para obtenção do grau de Mestre em
Ciências da Comunicação – *Media* e Jornalismo

Por

Ana Rita Simões Lopes

Faculdade de Ciências Humanas

Sob orientação da Professora Doutora Rita Figueiras

Novembro de 2021

Resumo

O *Programa da Cristina* apresentou-se, no cenário português, como um espaço único de fusão entre entretenimento do *daytime* e o campo da política. Através do apelo ao *pathos*, o programa funcionou como um novo palco mediático para os atores políticos investirem em diferentes dimensões centradas na humanização do caráter.

A componente teórica do trabalho centra-se na análise das três dimensões que compõem a presença dos políticos nos programas de entretenimento: (1) o ângulo da política, (2) o ângulo dos media e (3) o ângulo do público. Dessa forma, analisamos, em primeiro lugar, o progressivo investimento dos políticos na humanização da comunicação pública; em segundo lugar, estudamos as lógicas inerentes ao ângulo dos *media* e o papel preponderante assumido pelos apresentadores dos programas de entretenimento televisivo; em terceiro lugar, estudamos a forma como a presença política no entretenimento é percebida pelo público.

A presente investigação sustenta-se numa metodologia mista, alicerçada na análise de todas as emissões nas quais houve presença política no programa, com o objetivo de perceber de que modo os atores políticos encenaram a sua visibilidade no *Programa da Cristina*.

Os principais resultados da análise demonstram que o programa de *daytime* serviu, do ponto de vista dos atores políticos, como um veículo para demonstrarem diferentes facetas e dimensões que superaram os valores rígidos, frios e distantes associados à política.

Palavras-chave:

Programa da Cristina; Políticos; Cristina Ferreira; Performance; Humanização

Abstract

The *Programa da Cristina* presented itself, in the Portuguese scenario, as a unique space of fusion between daytime entertainment and the field of politics. Through the appeal to *pathos*, the program worked as a new media stage for political actors to invest in different dimensions focused on the humanization of character.

The theoretical component of the study focuses on the analysis of the three dimensions that make up the presence of politicians in entertainment programs: (1) the politics angle, (2) the media angle, and (3) the audience angle. In that way, we analyze, first, the progressive investment of politicians in the humanization of public communication; second, we study the logics inherent to the media angle and the preponderant role assumed by the presenters of TV entertainment programs; third, we study how the political presence in entertainment is perceived by the audience.

We based this research on a mixed method, supported by the analysis of all the emissions in which there was a political presence in the program, to understand how political actors staged their visibility in the *Programa da Cristina*.

The major results of the analysis show that the daytime program served, from the point of view of political actors, as a vehicle to show different facets and dimensions that overcome the rigid, cold and distant values associated with the field of politics.

Keywords:

Programa da Cristina; Politicians; Cristina Ferreira; Performance; Humanization

Dedicatória

*Dedicado aos meus pais,
Pelo amor incondicional.*

Agradecimentos

O culminar da presente dissertação não seria possível sem o apoio dos pilares basilares para a concretização da mesma. Nesse sentido, agradeço a todos aqueles que caminharam comigo ao longo desta jornada.

À minha orientadora, Professora Doutora Rita Figueiras, agradeço as valiosas contribuições, a compreensão, o rigor e o apoio nas diferentes etapas do trabalho.

Aos meus pais, agradeço todo o carinho e compreensão ao longo de todo o meu percurso. Sem vocês, a conclusão desta etapa até podia ser possível, mas o caminho seria demasiado difícil.

Ao Filipe, agradeço por todo o companheirismo, dedicação e conforto ao longo desta desafiadora viagem.

Às minhas amigas e amigos, agradeço todo o apoio e por me mostrarem que seria capaz de concluir esta etapa.

Às minhas queridas colegas de trabalho, agradeço as palavras de força, preocupação e alento nos diferentes momentos da escrita da dissertação.

A todos, o meu sincero obrigada.

Índice

Resumo	I
<i>Abstract</i>	II
Dedicatória.....	III
Agradecimentos	IV
Índice de Gráficos.....	VII
Índice de Tabelas	VIII
Índice de Figuras	IX
Introdução.....	1
Parte I Enquadramento Teórico	7
Capítulo 1. A Política e os <i>Media</i> : Duas Forças Convergentes.....	9
1.1. A Evolução da Lógica da Política.....	13
1.2. Política “ <i>On Screen</i> ”: A Humanização dos Atores Políticos no Entretenimento 24	
Capítulo 2. A Lógica do Entretenimento Televisivo do <i>DayTime</i>	33
2.1. Os Bastidores do Entretenimento Televisivo: A(s) Lógica(s) Inerente(s) ao Campo.....	36
2.2. O Apresentador-Celebridade como Figura de Poder	44
Capítulo 3. O Impacto do Entretenimento Televisivo no Público.....	55
3.1. A Perceção do Público em Relação à Realidade Construída	56
3.2. O Reflexo dos Programas de Entretenimento no Comportamento Político dos Cidadãos.....	60
Parte II Componente Empírica	67
Capítulo 4. Metodologia.....	69
4.1. Apresentação do Programa em Estudo	69
4.2. Objetivos da Investigação e Pergunta de Partida.....	72
4.3. <i>Corpus</i> e Período de Análise	72

4.4. Desenho Metodológico	73
Capítulo 5. A Presença Política no <i>Programa da Cristina</i> : Análise e Discussão de Resultados.....	79
5.1. Visibilidade Política no <i>Programa da Cristina</i>	80
5.2. Dimensões da Presença Política: da Racionalização da Política à Humanização do Caráter.....	84
5.2.1. Dimensão político-partidária.....	84
5.2.2. Dimensão humana	90
5.3. Encenação da Espontaneidade	102
5.3.1. Assunção Cristas no <i>Programa da Cristina</i>	103
5.3.2. António Costa no <i>Programa da Cristina</i>	109
5.3.3. Luís Montenegro no <i>Programa da Cristina</i>	117
5.3.4. Catarina Martins no <i>Programa da Cristina</i>	122
Conclusão	127
Referências Bibliográficas.....	131
Anexos	141

Índice de Gráficos

Gráfico 1 - Número Total de Programas com Presença Política.....	81
Gráfico 2 - Duração da Presença Política.....	83

Índice de Tabelas

Tabela 1 - Número de Espetadores no Programa (ano 2019).....	81
Tabela 2 - Número de Presença Política por Parte do Programa.....	82
Tabela 3 - Principais Temas Abordados na Dimensão Político-Partidária	85
Tabela 4 - Os Debates no Programa	85
Tabela 5 - Temática Coronavírus no Programa.....	88

Índice de Figuras

Figura 1 - Cenário do Programa da Cristina.....	70
Figura 2 - Presença de André Silva no <i>Programa da Cristina</i>	87
Figura 3 - Exemplos de Cumprimento Físico no Programa	92
Figura 4 - Utilização de Avental no Programa	94
Figura 5 - Exemplos de Toque entre os Atores e a Apresentadora	97
Figura 6 - Presença de Familiares/Amigos no Programa	100
Figura 7 - Exemplos de Hobbys/Talentos Desconhecidos	101
Figura 8 - Assunção Cristas Cozinha Arroz de Atum no Programa.....	103
Figura 9 - Assunção Cristas Serve Arroz de Atum à Família	106
Figura 10 - António Costa Prepara Cataplana de Peixe	110
Figura 11 - 2. ^a Presença de António Costa no <i>Programa da Cristina</i>	111
Figura 12 - Luís Montenegro Canta com Tony Carreira	118
Figura 13 - Catarina Martins no Programa.....	123

Introdução

No dia de estreia do *Programa da Cristina* o telefone da “casa” tocou. Do outro lado da linha estava o Presidente da República Portuguesa, Marcelo Rebelo de Sousa. Numa circunstância de aparente surpresa, a chamada movida pela comoção da apresentadora resultou num momento em que Marcelo Rebelo de Sousa, no meio de uma reunião, ligou para desejar felicidades para o programa e, simultaneamente, para relembrar momentos felizes que passou ao lado de Cristina Ferreira noutros circunstâncias profissionais da apresentadora.

A presença de Marcelo Rebelo de Sousa no programa fez-se soar nos diferentes meios de comunicação e fez parte da agenda mediática dos dias que se seguiram¹. Após a encenação da surpresa da chamada telefónica, a validação e credibilização do Presidente ao *Programa da Cristina* foi, simbolicamente, concedida. Posteriormente, seguiram-se muitos outros atores políticos portugueses a utilizar o espaço do programa para encenar dinâmicas que não passaram despercebidas dos holofotes da agenda mediática.

O fenómeno da fusão do entretenimento do *daytime* e o campo da política são, até ao momento, no cenário português, explorados de forma única pelo *Programa da Cristina*. Para além de ter recebido no programa diferentes atores políticos, com cargos e posições políticas distintas, investiu em dimensões ligadas ao carácter dos atores e, simultaneamente, apelou à exploração da dimensão humana dos convidados. Por consequência deste fenómeno em Portugal, a presente investigação tem como objetivo perceber a forma como os atores políticos investiram no novo palco mediático e, consequentemente, entender quais foram as dimensões encenadas para humanizar o carácter dos políticos.

O progressivo conhecimento do poder e influência dos *media* despoletou, nos atores políticos, a necessidade de se adaptarem às regras do jogo mediático para atingirem os resultados pretendidos no campo da política. Por consequência dessa ambição, a

¹ Diferentes visões de especialistas sobre a presença de Marcelo Rebelo de Sousa disponível aqui: <https://www.publico.pt/2019/01/08/politica/noticia/presidente-directo-programa-manha-choca-agrada-1856973>

realidade mediatizada começou a ser mais relevante do que qualquer prática que não seja alvo de escrutínio dos *media*. Por esse motivo, os políticos atuam no ambiente dos *media* com o objetivo de serem associados a uma determinada imagem pública.

Através do desenvolvimento de estratégias de comunicação, os atores políticos servem-se da mediatização para justificar e credibilizar as suas ações, apostando no realce da personalidade e nos valores morais. Assim, os atores políticos adotam uma narrativa previamente pensada, com o objetivo de alimentar a sua reputação junto da sociedade.

Por consequência da crescente personificação política, assistimos ao investimento da política de carácter. Através da construção de histórias, baseadas na criação de narrativas populares entendidas pela maioria dos cidadãos, os políticos apostam na “política da humanização”. Centrada no carácter da pessoa por detrás do político, essa estratégia pode ser analisada no *Programa da Cristina* porque, através da simulação pública de rotinas ocorridas no espaço privado, os políticos pretenderam contrariar o sentimento de desconfiança, distanciamento e desinteresse dos cidadãos pela política (e pelos seus atores).

Apesar de os atores políticos serem convidados devido à sua relevância no meio político, a conversa diverge para um diálogo intimista, pessoal e, aparentemente, espontâneo. Essa escolha é aceite pelos atores políticos com o objetivo de humanizar a sua atuação política. Assim, não só investem na conquista de eleitorado como, paralelamente, utilizam esse mecanismo para justificar as suas ações e atitudes políticos com base no carácter.

Apesar de a lógica da política assentar, nos regimes democráticos, em três dimensões: regime político (*polity*), atividade política (*policy*) e estratégia política (*politics*), apenas a terceira dimensão tende a ser entendida, no meio mediático, como parte única da política. Dessa forma, o sistema de normas que governa o procedimento político dos regimes democráticos e o processo lento de decisão política, tendem a ser omitidos nos *media* e, em particular, nos programas de entretenimento.

Conscientes das temáticas com mais realce nos *media*, os atores políticos adotam a estratégia de política “*on screen*”. O investimento nesse ângulo acontece devido ao enfoque dado pelos *media* à estratégia política. Assim, a política guia-se pela agenda ditada pelos *media* e aposta na dimensão da estratégia política, como forma de utilizar os

media para tornar a mensagem política mais favorável aos objetivos que se pretendem atingir.

O investimento na comunicação política tem contribuído para melhorar a eficácia da mensagem para com os cidadãos, para melhor controlar a forma como os *media* constroem a imagem dos atores políticos e, simultaneamente, para trabalhar a percepção que os políticos querem que os cidadãos tenham sobre a política e sobre as suas ações (políticas).

No plano dos *media*, tendo em conta que se regem por regras específicas de seleção, interpretação e construção de mensagens, e, em particular, os programas de entretenimento, necessitam de adaptar as suas rotinas à pressão económica e comercial.

Tendo em conta que os *media* são o veículo de comunicação privilegiado entre governantes e governados, selecionam os políticos socialmente mais populares e/ou polémicos para alimentar a curiosidade dos espetadores em relação à personalidade e carácter dos atores políticos. Dessa forma, através da utilização de um guião cuidadosamente pensado para entreter, o *Programa da Cristina* constrói uma narrativa que se torna vantajosa ao nível comercial. Por ser um programa de entretenimento, requer menos recursos de pesquisa em termos de substância dos temas e, paralelamente, constrói entrevistas que são atrativas para as audiências – o objetivo fulcral para o entretenimento televisivo.

Uma vez que o ambiente de informação se tornou cada vez menos controlável e os políticos têm mais dificuldade em manter o véu do secretismo em torno das suas atividades, os programas de entretenimento, utilizam o enquadramento da política como estratégia de jogo para tecer interpretações sobre os atores políticos. Sendo conhecedores dos assuntos que atraem público, utilizam cada vez mais outros focos noticiosos no que diz respeito aos atores que assumem cargos de poder. Assim, o enquadramento na estratégia aposta na imagem do político como celebridade, sublinhando o seu passado, os seus sucessos e fracassos. Através de uma negociação entre partes, este fenómeno reflete a tendência dos *media* para a “personificação” dos atores políticos.

Assistimos a uma democracia da audiência no sentido em que os meios de comunicação assumem, nas sociedades contemporâneas, um papel fundamental para a formação de opinião pública, com vista a tornar a política mais inclusiva e transparente.

Contudo, os programas de entretenimento marginalizam a discussão de problemas estruturais e, paralelamente, fragmentam a percepção que temos em relação aos políticos. Nesse sentido, a democracia da audiência é, por um lado, uma arma para dar voz ao cidadão por detrás dos atores políticos, mas, por outro lado, contribui para a formação de opinião pública relativamente aos políticos tendo por base o ângulo que o programa de entretenimento quer narrar.

A consciência da importante relação entre a política e o entretenimento motivou-nos a realizar esta dissertação partindo de aspirações diferentes, mas complementares entre si.

Em primeiro lugar, no que diz respeito aos objetivos práticos e pessoais, o estudo é fruto de uma ansiedade em compreender a forma como a comunicação política se move nos diferentes palcos mediáticos e, simultaneamente, compreender as técnicas e estratégias utilizadas para atingir determinados objetivos políticos. Nesse sentido, a investigação pretende contribuir com reflexões capazes de desenvolver, no campo da comunicação, novas formas de fazer política, de comunicar com o eleitorado e, principalmente, conhecer os novos palcos mediáticos para adotar estratégias originais, consistentes e adaptadas às novas tecnologias ditadas pela sociedade contemporânea.

Em segundo lugar, ao nível epistemológico, apesar de existirem várias investigações sobre a relação do campo da política nos programas de entretenimento televisivo, o presente estudo tem como objetivo perceber, através do programa de *daytime* português, a forma como os atores políticos portugueses adaptaram a sua forma de atuação pública. Por esse motivo, o estudo anseia abrir novos caminhos de investigação na comunidade científica para a criação de modelos inovadores capazes de pensar o paradigma da comunicação política em Portugal.

Para atingir os objetivos da presente investigação, estruturámos o trabalho em cinco capítulos distintos.

No que diz respeito à análise teórica, temos como objetivo analisar as três grandes dimensões que compõem a presença dos políticos nos programas de entretenimento do *daytime*, tendo em conta: (1) o ângulo da política; (2) o ângulo dos *media*; e (3) o ângulo do público.

No Capítulo 1. *A Política e os Media: Duas forças Convergentes*, pretendemos identificar a forma como o ângulo da política se moldou às lógicas do campo dos *media* e, particularmente, perceber as razões que levaram a comunicação política a investir em mensagens mais “humanizadas”, centradas no caráter e na *performance* dos atores políticos.

No Capítulo 2. *A Lógica do Entretenimento Televisivo do Daytime* temos como objetivo compreender o ângulo da lógica dos *media* partindo da perspectiva do campo mediático como um todo. Nesse sentido, vamos analisar a forma como os apresentadores de televisão gerem a sua visibilidade mediática, tendo em conta as lógicas económicas e comerciais do campo.

No Capítulo 3. *O Impacto do Entretenimento Televisivo no Público* iremos analisar o impacto que os programas de entretenimento televisivo podem ter na forma como o público percebe o mundo e as diferentes esferas da sociedade, em particular, o campo da política.

No que diz respeito ao Capítulo 4. *Metodologia*, pretendemos, através da utilização de uma metodologia mista, perceber, por um lado, como o conteúdo “políticos” no *Programa da Cristina* se tornou diferenciador quando comparado com as restantes emissões de *daytime*, em Portugal; e, por outro lado, tendo em conta que os atores políticos tiveram a oportunidade de adotar diferentes estratégias de comunicação, pretendemos perceber como as presenças políticas no *Programa da Cristina* podem ter sido utilizados pelos atores como um espaço de campanha política permanente.

No Capítulo 5. *A Presença Política no Programa da Cristina: Análise e Discussão de Resultados*, investigamos a forma como os políticos portugueses adaptaram as suas lógicas de atuação pública, analisando a forma como decidiram apresentar-se no *Programa da Cristina*. Simultaneamente, iremos discutir quais poderão ter sido os objetivos que estão na génese da *performance* televisiva dos atores políticos.

Na conclusão do trabalho, respondemos às questões de investigação e, simultaneamente, exploramos pistas para futuros trabalhos de investigação que poderão abrir novos caminhos para compreender a presença dos atores políticos no *Programa da Cristina* sob diferentes ângulos de análise.

Parte I | Enquadramento Teórico

Capítulo 1. A Política e os *Media*: Duas Forças Convergentes

Atualmente, nas democracias ocidentais, a televisão é o principal (mas não exclusivo) veículo para o enquadramento de jogo e espetáculo dos atores políticos. Segundo Louw (2005), este espetáculo envolve quatro jogadores fundamentais: (1) os políticos como *performers*; (2) a indústria do spin *doctors*; (3) os profissionais dos meios de comunicação (jornalistas e apresentadores dos programas de entretenimento); (4) e o seu respetivo público. A junção de todas as “peças” do jogo pode ser encarada como um truque de magia: “A core feature of mass democratic politics is ‘hype making’. Just as magicians use smoke-and-mirrors to distract their audiences and conjure up illusions, so too does the political machine and its *media* staffers” (Louw, 2005, p. 1).

Na obra *Sobre a Televisão*, de Pierre Bourdieu, o autor critica os bastidores que estão na génese do acordo tácito vivido entre o campo dos *media* e o campo político. Na perspetiva do autor, o campo político centra-se num “temor de ser entediante e pela preocupação de divertir a qualquer preço (...) a política está condenada a aparecer como um assunto ingrato, que se exclui tanto quanto possível dos horários das grandes audiências” (Bourdieu, 1997, p. 133). Dessa forma, há um acordo mútuo entre a política e os *media* de que “é preciso tornar interessante” (Bourdieu, 1997, p. 113) os assuntos políticos e, paralelamente, os atores políticos.

Segundo John Thompson (2005), a transferência do campo político para os meios de comunicação trouxe novas formas de visibilidade à política: a visibilidade mediada. Nesse sentido, o campo da política já não é apenas limitado pelas propriedades espaciais e temporais do momento presente, mas, pelo contrário, demonstra ser marcado por uma série de considerações técnicas - tais como, os ângulos da câmara, processos de edição, lógica dos *media* e propriedades do meio -, bem como pelos novos tipos de interação e formatos que os *media* criam para o aparecimento dos atores políticos.

A arena política investiu, ao longo do século XX, em especial na Europa e nos Estados Unidos da América, numa relação de interesses com os *media*. Segundo Marcinkowski (2014), uma vez que existe nos *media* uma predominância para a simplificação e para a representação dramática que favorece os conflitos e escândalos políticos, o campo da política compreendeu a necessidade de jogar o jogo dos *media*. Nesse sentido, houve uma aposta dos atores políticos na arena mediática, de forma a

manter uma imagem credível dos políticos na sociedade. Por consequência, a distância e a impessoalidade do agente político foi substituída por um novo tipo de visibilidade em que os políticos têm de aceitar “jogar o jogo” (Bourdieu, 1997, p. 134) dos *media*.

A necessidade de adaptação à comunicação nos *media* e, em especial, ao meio televisivo, levaram os políticos a aceitar o processo de mediatização para conseguirem construir a sua própria imagem na arena mediática. Segundo Marcinkowski (2014), a mediatização é usada na comunicação política para dar resposta gradual à rotina dos *media*, criando estratégias de envolvimento na realidade mediática. Contudo, a lógica dos *media* não é por si só importante para o campo da política, é sim um meio para atingir um fim: a atenção do público. Por exemplo, quando existem questões políticas com destaque nos *media*, o campo da política integra os assuntos com visibilidade mediática na própria agenda e comunicação política, com vista a atingir mais atenção do público relativamente aos temas em destaque nos meios de comunicação.

Esse panorama mediático trouxe, segundo Bourdieu, um jogo do “toma-lá-dá-cá” (Bourdieu, 1997, p. 132), na medida em que houve a necessidade de os políticos se exporem nos *media* para criarem legitimidade dentro do seu próprio campo – o campo político. Assim, na perspetiva do autor, tanto as entrevistas a políticos como o próprio comentário político em televisão demonstram “uma visão cínica do mundo político, uma espécie de arena entregue às manobras de ambiciosos sem convicção, guiados pelos interesses ligados à competição que os opõem” (Bourdieu, 1997, p. 136). Contudo, segundo Esser & Matthes (2013), essa necessidade de adaptação aos meios de comunicação trouxe também novos desafios à comunicação política porque quanto mais dependentes estiverem os atores políticos e as organizações à opinião veiculada nos *media*, melhor tem de ser o seu poder de influência da opinião pública e, conseqüentemente, maior se torna a sua dependência em relação aos *media* (e às suas lógicas) (Esser & Matthes, 2013, p. 185).

Os *media* podem ter impacto na preservação, mas, paralelamente, na mudança das instituições da vida em sociedade. Nesse sentido, para os autores Coyne e Leeson (2009, p. 1), os meios de comunicação podem assumir três efeitos distintos nas instituições democráticas: em primeiro lugar, os *media* podem mudar gradualmente as instituições através da introdução de diferentes pontos de vista aos cidadãos – “efeito gradual” dos *media*; em segundo lugar, os *media* podem mudar drasticamente as instituições, através

do desenvolvimento de estratégias mediáticas que estimulem os indivíduos a marcarem um ponto de viragem para grandes mudanças nas instituições sociais – “efeito pontual” dos *media*; em terceiro e último lugar, os meios de comunicação têm a capacidade de reforçar as instituições já existentes. Ou seja, os *media* podem assumir um “efeito de reforço”:

Our argument about *media* as a mechanism of institutional evolution, and in particular its differing effects on institutions— under some circumstances catalyzing change, under others reinforcing the status quo—helps explain institutional durability but also how institutions can change dramatically in only a little time (Coyne & Leeson, 2009, p. 12).

Existe um interesse mútuo presente nas duas arenas: por um lado, os *media* procuram encontrar na política “os incidentes, ou os acidentes do quotidiano (...) carregados de implicações políticas, éticas, etc., capazes de desencadear sentimentos fortes” (Bourdieu, 1997, p. 28). Ou seja, os *media* procuram satisfazer o gosto do público. Mas, por outro lado, a arena política percebe que os *media* têm o poder de transformar a “construção social da realidade capaz de exercer efeitos sociais de mobilização” (Bourdieu, 1997, p. 28). Por esse motivo, o campo da política tem-se adaptado às lógicas de produção e de funcionamento dos *media*.

Segundo Esser e Matthes (2013), os atores políticos adotaram relações com os *media* para procurar legitimar a sua atuação e imagem junto da sociedade:

Understanding self-mediatization is crucial for gaining a complete picture of the interactional *media*-politics relationship. At the macro-level, the political system and *media* system are two distinct institutional spheres which fulfill divergent functions: the policy making versus the news making. However, because democratic politics is dependent on legitimacy through continuous public support, political actors (including governments, parties, and associations) have a vital interest in presenting their programs, goals, and accomplishments on the *media* stage. In fact, the principle of answerability and accountability oblige political actors to inform the public of their policies, decisions, and plans. To achieve this, actors in the political system have in recent years professionalized their self-presentational skills. They did so by setting up and upgrading '*media* relations' units and staffing them with experts whose task it is to tailor all political output to *media* logic. By way of 'self-mediatization', politics engages in a process of self-initiated stage-management and *media*-friendly packaging (Esser & Matthes, 2013, p. 162).

Pierre Bourdieu (1998) defende que seria importante a tomada de consciência e de proteção da autonomia dos campos, que, segundo o autor, “é a própria condição para

o progresso científico” (1998, p. 87). Por oposição, o campo da política acaba por beneficiar deste tipo de abordagem superficial e pouco exaustiva pois, através do trabalho desenvolvido na área da comunicação política, são adotadas estratégias de comunicação que funcionem neste tipo de lógica dos *media*.

A comunicação política trabalha a visibilidade nos *media* para atingir os seus próprios objetivos. Preocupa-se em transmitir uma mensagem ao público, ao invés de se dirigir aos membros do seu próprio campo – o campo político -, e privilegia os efeitos a curto prazo, ao invés dos efeitos a longo prazo. Nesse sentido, assistimos ao desenvolvimento de estratégias ao nível da linguagem verbal, não verbal e paraverbal que são, cada vez mais no campo da política, uma arma de comunicação que tem como objetivo a obtenção de ganhos, muito mais prioritários do que as necessidades efetivas da sociedade (Esser & Matthes, 2013).

Pierre Bourdieu critica, por um lado, o campo jornalístico e, em especial, o jornalismo no meio televisivo porque a lógica económica e comercial que assombra a produção jornalística faz com que sejam favorecidas as ansiedades e as fobias da sociedade, “ocultando os mecanismos anónimos, invisíveis, através dos quais se exercem as censuras de toda a ordem” (Bourdieu, 1997, p. 20). Desta forma, a televisão, em particular, assume um papel fulcral no meio político porque “o uso ordinário da televisão (...) tem a particularidade de poder produzir o que os críticos literários chamam o efeito do real” (Bourdieu, 1997, p. 28). Assim, como a televisão tem o poder de “fazer crer no que faz ver” (Bourdieu, 1997, p. 28), funciona como um agente de mobilização e de formação de opinião pública.

Por outro lado, no campo da política, onde é visível o constante “temor de ser entediante” (Bourdieu, 1997, p. 133), existe a tendência de estar sempre disponível à lógica dos *media* e à participação assídua nas atividades mediáticas. Porquê? Porque os políticos sentem-se obrigados a “jogar o jogo, aceitando responder a todas as perguntas, mesmo as mais absurdas ou as mais chocantes” (Bourdieu, 1997, p. 134).

O impacto que as palavras e as imagens das ações políticas têm na formação de opinião e de julgamentos morais feitos pela sociedade, são uma parte inseparável da atividade política (Thompson, 2005). Por esse motivo, os políticos estão “dispostos a tudo (...) a todos os compromissos e a todos os comprometimentos para participar e para

granjear assim os benefícios diretos e indiretos da notoriedade nos *media*” (Bourdieu, 1997, p. 134).

O presente capítulo tem como objetivo compreender a forma como o ângulo da política se moldou às lógicas do campo dos *media* e, particularmente, perceber as razões que levaram a comunicação política a investir em mensagens mais “humanizadas”, centradas no caráter e na *performance* do ator político.

Tendo em conta as constantes transformações económicas, sociais, históricas e culturais da sociedade, no subcapítulo 1.1. *A Evolução da Lógica da Política*, pretendemos perceber quais foram as adaptações que a lógica da política teve de realizar para tornar a mensagem (política) adaptada aos contextos das diferentes Eras da Comunicação Política.

No subcapítulo 1.2. *Política “On Screen”: A Humanização dos Atores Políticos no Entretenimento*, estudamos a forma como os atores políticos olham para o palco dos programas de entretenimento televisivo e, simultaneamente, procuramos perceber quais são as razões que motivam os políticos a criar uma *persona* pública, focada na política de caráter e na personalização do ator (político).

Em suma, o presente capítulo pretende investigar a forma como a lógica da política se comporta como um todo: (1) quais têm sido as adaptações da lógica da política ao longo das diferentes Eras da Comunicação Política?; (2) o que pode levar os atores políticos a investirem nas entrevistas baseadas no caráter do ator?

1.1. A Evolução da Lógica da Política

Durante o período pós-II Guerra Mundial, devido às mudanças na interação das relações sociais com os *media*, a comunicação política teve de se adaptar às alterações que se fizeram sentir nas diferentes esferas da sociedade.

O aumento das diferenças sociais, a heterogeneidade de interesses e de identidades, provocaram a proliferação de estilos de vida e posições morais distintas, não só na vida social como, paralelamente, no mercado dos *media*. Devido à redução do conformismo para com as tradições impostas socialmente, nomeadamente nos partidos políticos, na família nuclear, na religião, no local de trabalho e nos diversos grupos sociais, surgiu uma elevação das aspirações pessoais, alicerçadas num consumismo cada

vez mais sonante. Nesse sentido, a comunicação política enfrentou diversos desafios tendo em conta a modernização e a individualização das sociedades (Blumler & Kavanagh, 1999).

Por um lado, o crescimento de um novo mercado dos *media* trouxe novos desafios à agregação da comunicação política porque a exploração dos programas de entretenimento surgiu como resposta aos interesses do público cada vez mais segmentado e interessado nos comportamentos extraordinários desenvolvidos nesse formato. Por outro lado, como a sociedade se segmentou, os políticos perceberam que teriam de adotar novas técnicas e esforços para captar a atenção, interesse e apoio nas suas ideias (Blumler & Kavanagh, 1999).

Os *media* assumem um papel fundamental nas diferentes arenas da vida social. Por consequência da fragmentação do consenso social, a política enfrentou círculos eleitorais cada vez mais fracionados. Segundo os autores, a arena política tornou-se mais turbulenta, menos previsível e estruturada, e cada vez mais difícil de se controlar autonomamente (Blumler & Kavanagh, 1999).

Segundo Janda e Colman (1998), estudar as diferentes fases da comunicação política é essencial para compreender a atuação dos partidos, dos atores políticos e a adaptação da sua comunicação ao longo das mudanças económicas, sociais, históricas e culturais da sociedade. Nesse sentido, apesar de já existirem estudos sobre os diferentes marcos históricos, para analisar o comportamento político e o investimento numa comunicação cada vez mais adaptada, é importante estabelecer uma relação causal com o passado e analisar as Eras que marcaram, até aos dias de hoje, a comunicação política.

Primeira Era da Comunicação Política

A Primeira Era da Comunicação Política nas sociedades democráticas pode ser apontada nas primeiras duas décadas após a II Guerra Mundial. Considerada como “the ‘golden age’ of parties” (Janda & Colman, 1998, p. 612), a comunicação política desta época pode ser destacada pela gestão e controlo dos políticos da sua própria visibilidade.

As mensagens políticas eram construídas principalmente através de partidos e associações de interesses, com uma comunicação caracteristicamente ideológica na sua origem. Contudo, com a ascensão dos *media*, a comunicação política tornou-se, conseqüentemente, mais profissionalizada e dependente de investigadores políticos,

consultores de imagem, *spin-doctors* e profissionais capazes de criar relações estratégicas entre os meios de comunicação e os atores políticos (Bennett & Entman, 2001, p. 6). Nesse sentido, podemos apontar três características que explicam as razões pelas quais a política se encontrava no centro da sociedade.

Em primeiro lugar, como o sistema político era o principal motor de iniciativas e debates sobre a sociedade, os líderes políticos tendiam a falar sobre os seus objetivos enquanto agentes de mudança. Paralelamente, apontavam falhas à liderança dos seus opositores de modo a serem reconhecidos como figuras de poder (Blumler & Kavanagh, 1999).

Em segundo lugar, existia uma identificação partidária firme e duradoura à qual os eleitores respondiam em conformidade com as ideias defendidas pelos atores e partidos políticos através do reforço dos seus ideais (Blumler & Kavanagh, 1999; Hallin, 1992). Quanto mais amplas eram as atividades partidárias e as ações levadas a cabo pelos partidos políticos, maior era a necessidade de construir uma organização partidária forte, coesa e com membros da sociedade envolvidos na vida política. Contudo, a relação dos atores políticos com a sociedade levantou questões paradoxais:

But this system also pivoted on an intriguing paradox: Although it hosted substantive debate about alternative political directions and policies, few citizens appeared to sift the arguments concerned, tending to vote instead on group-based loyalties. Of course, there was also a body of floating voters whose prior political allegiances were not strong enough to conform to this reinforcement model of electoral behavior. But because they tended to be less interested in politics, they were also less likely to be reached by political messages. (Blumler & Kavanagh, 1999, p. 2)

Na perspetiva de Janda e Colman (1998), apesar de o envolvimento dos cidadãos parecer, *a priori*, positivo para a coesão política, os partidos que tinham membros com altos níveis de envolvimento, podiam estar mais propensos a ter legisladores que desviavam as questões pelos quais os cidadãos os tinham apoiado.

Em terceiro lugar, como o sistema de comunicação era dominado pelos partidos, havia um acesso privilegiado aos meios de comunicação social da época (Blumler & Kavanagh, 1999). Segundo Hallin (1992), o advento da televisão foi fulcral para o trabalho da comunicação política da época porque permitiu a abertura de novos horizontes e estratégias: tornou-se mais fácil para os atores políticos chegarem diretamente ao público porque não tinham de depender de constrangimentos partidários.

A comunicação política tornou-se, a partir desse momento, cada vez mais central para a vida dos atores e para o processo político em si porque “a deslocação do sistema mediático para o centro do espaço público alterou o equilíbrio de poderes entre os atores da comunicação política” (Figueiras, 2019, p. 69).

Segunda Era da Comunicação Política

A partir de 1960, com o desenvolvimento da televisão, surgiram novas formas de visibilidade mediada na vida dos atores políticos. Ao contrário do passado, onde a gestão pública dos políticos dependia, em grande medida, da sua aparição em círculos relativamente fechados com quem interagem na vida quotidiana, na Segunda Era da Comunicação Política tornou-se possível desvincular esse tipo de comunicação e traçar novos caminhos para fazer chegar a mensagem política.

Os atores políticos exploraram os novos meios de comunicação – em especial, a televisão – para levar a cabo as suas ideias políticas, mas, simultaneamente, para fabricar a sua autoimagem junto de um público mais alargado e mais distante do circuito social em que se inseriam. Dessa forma, segundo Thompson (2005, p. 38), a riqueza visual da televisão permitiu o florescimento de um novo tipo de intimidade na esfera pública:

Now political leaders could address their subjects as if they were family or friends. And, given the capacity of television to convey close-up images, individuals could scrutinize their leaders' actions and utterances – their facial expressions, personal appearance, mannerisms and body language among other things – with the kind of close attention once reserved for those with whom one shared an intimate personal relationship.

Ao contrário da Primeira Era da Comunicação Política, assinalada pela lealdade e confiança dos *media* em relação à política, a Segunda Era destacou-se pela descrença da população e a desconfiança dos *media* em relação ao sistema político e aos seus respetivos atores. Marcado pelo escândalo *Watergate*, nos Estados Unidos, a sociedade e os meios de comunicação sentiram-se traídos, enganados e desacreditados da lealdade do sistema político.

Com a sociedade a individualizar-se e a fragmentar as suas ideologias políticas, os partidos começaram a perder “adeptos”. Por esse motivo, a televisão assumiu um papel preponderante na vida dos atores políticos:

Television made it much easier for presidents to go “over the heads” of congressional leaders by appealing directly to the public and gave candidates a new way of reaching the vote without relying on the old party ward leaders. And certainly, public communication-or if one likes, propaganda become more central to the political process. (Hallin, 1992, p. 17)

Segundo Vasco Ribeiro (2018), tendo em conta o clima de desconfiança da época, este período ficou marcado pela exploração jornalística de notícias sobre a vida privada e, paralelamente, pela personalização dos atores políticos. Dessa forma, os consumidores começaram a interessar-se por conteúdos mediáticos que, até ao momento, não faziam parte da agenda e rotina de produção dos *media*:

Esta tendência levou os consumidores dos *media* a interessarem-se pela vida privada das figuras públicas, acabando a produção noticiosa mais convencional por também se ressentir desta nova exigência informativa. Ou como Larry Sabato referiu: a carreira pública começou a ser sinónimo de história de telenovela. (Ribeiro, 2018, p. 25)

O impacto da televisão tornou-se, a partir desse momento, fundamental para a transmissão de mensagem para o maior número de pessoas, independentemente do local geográfico ou ideais políticos. Este *medium* permitiu a penetração num setor de eleitorado que, até ao momento, era mais difícil de alcançar e, simultaneamente, menos exposto às mensagens dos atores políticos. Dessa forma, os telespetadores – até os menos interessados em questões políticas -, começaram a sentir-se mais próximos dos assuntos políticos devido ao consistente número de informações relativamente aos atores políticos (Blumler & Kavanagh, 1999).

Um dos momentos marcantes para a história dos debates televisivos pode ser demonstrado através do primeiro debate presidencial dos Estados Unidos da América, em 1960, que teve como protagonistas John F. Kennedy e Richard Nixon. As diferenças demonstradas pela forma como os candidatos se apresentaram ao nível da imagem física, podem comprovar o impacto que a imagem televisiva provocou na forma como a sociedade percecionava os atores políticos.

Por um lado, Richard Nixon era um indivíduo muito direcionado para os *dossiers* e para a atividade política (*policy*) – a dimensão da legalidade e decisão das ações políticas. Contudo, o foco nesta dimensão não era muito apreciado pelos *media*, não só por não ser uma dimensão atrativa para o público, mas, paralelamente, por decorrer a um

ritmo lento (por oposição ao ritmo rápido e acelerado dos *media*). Por outro lado, o candidato John F. Kennedy orientou-se para as questões técnicas dos *media*, ou seja, para a dimensão da estratégia política (*politics*).

Segundo a investigação de Druckman (2003), centrada na forma como o poder da imagem pode afetar a forma como os indivíduos avaliam os candidatos e como percebem a política através da imagem, o autor considerou, partindo do debate presidencial entre os dois candidatos presidenciais, que a televisão molda substancialmente as aprendizagens e as atitudes políticas dos cidadãos. Se, por um lado, John F. Kennedy se preocupou com a adequação da linguagem ao meio televisivo, utilizando roupa e maquilhagem adequada para o momento televisivo, por outro lado, a prestação de Richard Nixon ficou marcada por um discurso muito técnico, e pela falta de cuidado com as questões relevantes para o meio televisivo: apresentou-se sem maquilhagem e com roupa desadequada. Por esse motivo, James Druckman, (2003, pp. 569–570) defende que:

Television images matter—they prime people to rely more on personality perceptions when evaluating candidates, which, in turn, can affect overall evaluations. Images also enhance political learning, at least among nonsophisticates. The experiment provides evidence that Kennedy may have done better on television because of his superior image.

Conscientes da importância da televisão, a gestão da comunicação política começou a alterar a sua forma de atuação e, paralelamente, modificou rotinas de trabalho para conseguir corresponder à relevância da televisão na transmissão de mensagens e no poder de influência que assume na agenda política. Dessa forma, a assessoria política investiu em novas formas de adaptação:

To cope with the demands of a new medium, its larger audience, and a more mobile electorate, the parties had to work harder and learn new tricks. They accordingly adopted an array of tactics to get into the news, shape the *media* agenda, and project a preplanned “line” in press conferences, briefings, interviews, and broadcast discussions. From this development, the core features of the professional model of modern campaigning emerged. This evolved into a highly positivistic, scientific, unsentimental approach to communication and persuasion based more on the established actualities of opinion climates than on civic visions. (Blumler & Kavanagh, 1999, pp. 212–213)

Como a televisão se tornou o principal meio de atuação para a política, o investimento na assessoria política demonstrou ser essencial para arbitrar as relações de

poder entre os jornalistas, os políticos e a opinião pública. Dessa forma, a comunicação política e os seus respetivos assessores deviam ser capazes de “ser acessíveis, com grande proximidade com as necessidades logísticas dos *media* e os elementos necessários para um bom artigo” (Ribeiro, 2018, p. 26). Segundo Rita Figueiras (2017a, p. 38), os políticos começaram a sentir a necessidade de criar eventos/agenda para alimentar a máquina dos *media*:

Estes atores consideram que ao aplicarem as regras dos *media* vão conseguir controlar um pouco a forma como os meios de comunicação falam sobre eles (...) quanto mais depressa aprenderem a antecipar as regras dos meios de comunicação, e quanto melhor se submeterem a elas para tentarem influenciar as suas imagens mediatizadas, maior será a probabilidade de terem «boa imprensa».

A política começou a seguir mais “as linhas sugeridas pelos assessores do que a ideologia política ou as reais decisões do Estado, criando na mente coletiva atribuições de carácter negativo em relação aos protagonistas políticos” (Ribeiro, 2018, p. 63). Dessa forma, tal como surgiram paradoxos na Primeira Era, também nesta fase surgem questões associadas à evolução da comunicação política: apesar de os cidadãos estarem mais atentos à atuação política, a informação veiculada tornou-se cada vez mais vazia, baseada em estratégias para enformar a procura por “adeptos” às ideias defendidas pelos atores e partidos políticos (Blumler & Kavanagh, 1999).

Nesse sentido, a 2.^a Era da Comunicação Política ficou marcada como o momento da negociação de interesses entre o campo da política e o campo dos *media*, na medida em que ambos, apesar do seu impacto individualizado na sociedade, perceberam a necessidade de se alimentarem mutuamente.

Terceira Era da Comunicação Política

O ambiente entre o campo mediático e político tem demonstrado adaptar-se, ao longo das Eras, às mudanças exigidas pelo contexto social, cultural, económico e social envolventes. Autores como Bennett e Entman (2001) afirmam que a Terceira Era da Comunicação é, apesar das atualizações tecnológicas que tem sofrido ao longo dos anos, a fase que nos situa ainda nos dias de hoje:

This still emerging phase is marked by the proliferation of the main means of communication, *media* abundance, ubiquity, reach, and celerity. Television in particular, once a concentrated communications outlet of only a few channels for politicians to court, has become or is becoming an extensively elaborated journalistic medium, hosting news flashes and inserts, formed bulletins, a wide range of public

affairs formats, and 24-hour news services. Communication abundance not only embraces the multiplication of tele- vision channels and radio stations—made possible by cable and satellite technology and the ongoing digitization of all signals (Bennett & Entman, 2001, p. 213).

O século XXI pode ser encarado como um ponto de viragem para a comunicação política nas sociedades democráticas. Considerado como o período Pós-Moderno, esta fase revelou a necessidade da comunicação política se adaptar, mais uma vez, aos avanços tecnológicos e, paralelamente, ao aparecimentos de novos *medium* (Tasente, 2020).

A comunicação política mediada tornou-se central na política e na vida pública das democracias contemporâneas. Contudo, apesar de os métodos tradicionais de campanha estarem ainda muito presentes no *modus operandi* da política – por exemplo, através da campanha porta a porta, organização partidária e movimento social -, a política teve de se adaptar às transformações no ambiente dos *media*:

Mediated communication, from news programs to entertainment fare, serves important functions in the contemporary public sphere. It provides good or bad information, offers engaging or stupefying perspectives on social issues, stimulates conversations among friends or between strangers on trains, and offers a selection of political, scientific, and socially authoritative or dubious sources that audiences may accept or reject in thinking about social issues. Setting political communication within a broad definition of the public sphere encourages the broadest possible understanding of the ways in which communication affects politics and public life. (Bennett & Entman, 2001, p. 1)

Os *media* tornaram-se o veículo de comunicação privilegiado entre a sociedade e os atores políticos. Segundo Rita Figueiras (2017a, p. 15), as alterações ao ambiente mediático provocou novos desafios à atuação da comunicação política na contemporaneidade:

“O desenvolvimento de múltiplas plataformas de comunicação em rede e a proliferação de inúmeras organizações de *media* deram lugar a um ambiente informativo mais intenso (o fluxo de informação acelerou e os ciclos noticiosos encurtaram), mais extenso (existem mais e diversificadas formas de acesso à informação (...)) e menos controlável pelos atores políticos do que no passado (cada indivíduo pode ser um *broadcaster* em nome individual e a articulação desta possibilidade à convergência transmediática tornou o ambiente informativo menos controlável).”

A partir do final do século XX, por consequência das mudanças identificadas anteriormente, os atores políticos foram perdendo o controlo da sua atuação política, bem como do seu discurso e imagem.

O campo da política teve de repensar a sua atuação tendo em conta a lógica dos *media*, uma vez que o campo mediático se tornou, por um lado, o mediador entre os cidadãos e as instituições envolvidas no governo e, por outro lado, por assumir responsabilidade na formação de opinião pública das sociedades democráticas (Bennett & Entman, 2001).

Na sociedade contemporânea – marcada pela globalização –, estruturou-se uma “rede composta por *media* tradicionais e sociais quotidianamente produzida por miríade de conteúdos que circulam de forma trans-mediática” (Figueiras, 2017a, p. 47). Por esse motivo, na perspetiva de Anastasia Veneti, Daniel Jackson e Darren G. Lilleker (2019), a imagem assumiu um poder fundamental para o processo de comunicação política. Apesar de a imagem sempre ter assumido um papel importante na política, atualmente, numa era de grande sobrecarga de informação e de meios, a boa gestão da imagem político tornou-se mais importante do que nunca:

The problem is that images appear to tap into a fundamental element of human cognition. Politics has always had a visual dimension, and in an age of information overload where around 79% of earth’s population has access to television and 51% has Internet access, the image may be an even more powerful means for grabbing attention than ever before. (...) For the modern politician, displays of statesmanship and power have partially given way to displays of authenticity, but public judgments of their leaders based on their performative appearance remain crucial for support and legitimacy. (Veneti et al., 2019, p. 2)

O estudo da comunicação política atingiu um novo nível de maturidade: apesar de se ter percebido que a comunicação política é fundamental para compreender o comportamento dos atores políticos em relação aos cidadãos, as novas tecnologias têm demonstrado que a comunicação em massa enfrenta uma transformação radical. Para além do desenvolvimento tecnológico ter moldado e transformado as relações entre a política e os indivíduos em sociedade, revelou, paralelamente, a possibilidade de utilizar métodos sofisticados para personalizar a mensagem dos políticos. Por consequência, veio desafiar diversas fronteiras, tais como, as notícias, a informação e o entretenimento (Bennett & Entman, 2001).

Segundo Rita Figueiras (2017a), “a deslocação do sistema mediático para o centro do espaço público alterou o equilíbrio de poderes entre os atores da comunicação política contemporânea”. Apesar de esta nova configuração não ter acabado com a tradicional

interação direta entre os políticos e os cidadãos, “amplificou enormemente o espaço da comunicação mediada e mediatizada, ao mesmo tempo que reduziu a capacidade do público distinguir a política da sua mediatização” (Figueiras, 2017a, p. 50).

Com as mudanças nas relações entre os meios de comunicação e a política, os escândalos políticos passaram a ser um fenómeno recorrente nas democracias modernas: assiste-se a uma procura dos *media* por erros cometidos pelos atores políticos - seja por escândalos sexuais, financeiros ou abusos de poder. Apesar de o escrutínio das ações levadas a cabo pelos atores políticos terem como objetivo desenvolver um papel determinante nas sociedades democráticas – “*whatch dog*” da democracia -, é importante perceber que, atualmente, o interesse pelos escândalos políticos não pode ser encarado apenas como uma “missão democrática”.

Uma vez que os meios de comunicação apresentam uma lógica económica e comercial muito próprias, o escândalo político assume um importante papel para a atração de público: “Political scandals fit perfectly into a news and *media* culture in which the offering of what is shocking, spectacular, sensational and abnormal is the most fundamental strategy for attracting and fascinating presumptive audiences” (Ekström & Johansson, 2008 *apud* Ekström, 2000). Dessa forma, a 3.^a Era da Comunicação política pode ser entendida como uma dependência intrínseca entre o campo dos *media* e o campo da política.

Por um lado, no que diz respeito ao ângulo dos *media*, o aparecimento da Internet, das redes sociais e dos inúmeros criadores de conteúdos digitais, desafiou os meios de comunicação tradicionais a procurar dar resposta à concorrência e, conseqüentemente, à necessidade de levar a cabo a lógica económica e comercial com a qual têm de se reger. Segundo Rita Figueiras (2017a, p. 47), “o novo contexto digital levou à racionalização (cortes de recursos humanos), à mercantilização (notícias como mercadoria) e à homogeneização de conteúdo (...) sem, no entanto, evitar a falência do modelo de negócio do jornalismo (...)”. Por esse motivo, a exploração do ângulo da política para além daquilo que é a atividade política propriamente dita, tornou-se um fator chave para produzir conteúdos atrativos com o objetivo de atingir um maior número de pessoas (por exemplo, através da exploração/procura por escândalos políticos).

Por outro lado, no que diz respeito ao ângulo da política, conscientes da necessidade de se adaptarem às alterações tecnológicas, culturais, sociais e históricas sentidas até aos dias de hoje, os atores políticos tiveram de trabalhar a comunicação política de forma articulada com aquilo que são as necessidades inerentes ao campo mediático. Assim sendo, segundo Lilleker (2006), a quebra cada vez mais significativa da fronteira entre a comunicação política e a cultura popular, obrigou os atores políticos a focar a sua atuação política a um nível mais emocional. Dessa forma, a adaptação da política à cultura popular, cada vez mais focada nas questões de carácter e de confiança, explica a importância de saber equilibrar a cultura política com a cultura popular:

A cultura política focada nas questões de carácter e de confiança explica porque é que os escândalos políticos se tornaram tão importantes nas democracias contemporâneas (...) Quanto mais a vida política se torna orientada para questões de carácter e confiança, mais significado adquirem as ocasiões em que a confiabilidade dos líderes políticos é posta em questão. Quanto mais a sociedade tem de confiar na integridade e na capacidade dos políticos em fazerem bons julgamentos para tomarem as melhores decisões, mais significado é dado a fraquezas de carácter e erros de conduta (Figueiras, 2017a, p. 24).

O processo político envolve a criação de imagens que legitimem a ação dos atores políticos. Através da criação de uma estreita relação entre profissionais dos *media*, *spin-doctors* e os próprios políticos, este processo inclui propagar as crenças, os mitos, as ideologias e as identidades defendidas pelo ator político (Louw, 2005). A construção da imagem dos atores políticos tem-se assumido cada vez mais relevante com a expansão dos formatos televisivos e com a segmentação do público. Segundo Louw (2005, pp. 21–22), a imagem dos atores políticos tornou-se tão (ou mais) importante do que a elaboração de estratégias políticas propriamente ditas:

(...) televisualized politics appears to have increasingly pushed politicians into the role of (on-stage) ‘performance’ or ‘fronting’ for the political machine, while policy staffers and bureaucrats get on with the (back room) job of making the machine work. As a result of taking on this ‘fronting’ or ‘façade’ role, politicians assume the role of popular culture celebrities (...)

Segundo Lilleker (2006), a ciência política rejeita, em grande parte, a ideia da criação de ligações emocionais na política. A racionalidade do comportamento de voto é um fenómeno que, segundo esta perspectiva, nunca é pensado tendo em conta a personalidade dos políticos, mas sim tendo em conta as suas ações e conhecimentos políticos propriamente ditos. Contudo, segundo a perspectiva sociológica apresentada pelo

investigador, as emoções têm muito mais impacto nas escolhas políticas do que a personalidade lógica ou racional. Dessa forma, a comunicação política investe cada vez mais na “humanização” dos líderes políticos para que se crie um ambiente de identificação entre os atores políticos e a sociedade:

Sociology suggests that emotions come into play far more than our logical or rational persona. Therefore, political communication needs to accentuate the humanity of political leaders, their emotions need to be laid bare in order that we identify with them, and they need to express themselves in a way that enforces recognition that they share common emotional experiences with their audience (Lilleker, 2006, p. 80).

Segundo Marcinkowsk (2014), podemos afirmar que a lógica dos *media* não é, por si só, o fator mais importante a atingir no campo da política. É, na verdade, um meio para atingir um fim – a adesão da sociedade às suas convicções e ideias: “This end is called public attention, which, as all experience shows, is bound in contemporary society to *media* visibility.” (2014, p. 19).

Devido às alterações no mercado dos *media*, os atores políticos perceberam que já não é possível gerir a sua própria imagem pública através da sua atuação autónoma. Como forma de atrair apoio junto da opinião público, a comunicação política procura apresentar os seus programas e objetivos políticos através dos diferentes palcos dos *media*.

Em suma, as transformações da comunicação política, a construção de uma *persona* pública e a adaptação das mensagens políticas, devem-se às grandes transformações na esfera mediática e, paralelamente, devido ao contexto social e cultural em constante metamorfose.

1.2. Política “*On Screen*”: A Humanização dos Atores Políticos no Entretenimento

“Politicians become stars, politics becomes a series of spectacles and the citizens become spectators.” (Street, 2004, p. 441)

Ao longo das décadas, temos assistido ao estreitamento das relações entre os políticos e os programas de entretenimento. Por esse motivo, os políticos estão cada vez

mais envolvidos na cultura popular porque compreendem que existe uma crise de representação da política nos seus moldes ditos tradicionais.

Há muito tempo que os atores políticos tradicionais demonstram perceber a capacidade de canalizar a sua visibilidade para os formatos de entretenimento, com o objetivo de atingir os seus objetivos políticos. Lawrence e Boydston (2017) apresentam alguns exemplos que demonstram esta realidade:

Just think of US Presidential candidate Bill Clinton playing the saxophone on The Arsenio Hall Show in 1992. And with the evolving *media* landscape, it stands to reason that traditional political actors increasingly must use entertainment for political aims; think of Sarah Palin appearing on Saturday Night Live in the final month of the 2008 US Presidential race, presumably in an effort to counteract the fallout from impersonations of Palin by SNL's Tina Fey; Barack Obama's multiple discussions with Jon Stewart on The Daily Show during his presidency; and former French president Nicolas Sarkozy's orchestration of a "meet the public" television show in 2010 prior to key regional elections, hosted by a popular TV anchor whose show typically featured "regional issues like saucisson-making" (Lawrence & Boydston, 2017, p. 46)

Os programas de entretenimento televisivo podem ser utilizados pelos atores políticos para promoverem as suas causas. Segundo John Street (2001), uma das principais características dos programas de entretenimento pode ser analisada pela forma como operam além fronteiras. Através da quebra das barreiras da esfera pública e privada, abriu-se espaço para a "domesticação" da política, de forma a torná-la mais próxima da realidade do público que assiste aos programas.

Segundo Astrid Schütz (1995), os políticos utilizam a sua presença nos programas de entretenimento televisivo como estratégia de autoapresentação e não propriamente para discutir temas de interesse político. Nesse sentido, uma vez que os políticos precisam de apoio público para fins políticos e, paralelamente, estão cada vez mais dependentes da aceitação do público, os políticos carismáticos modernos entendem o campo do entretenimento televisivo como uma forma de minimizar a distância entre as suas emoções e as emoções do público. Como estratégia de comunicação, os atores políticos pretendem, através dos programas de entretenimento, desviar a atenção dos cidadãos do seu histórico político e provocar reações no público, sublinhando a sua personalidade ao longo da entrevista. Por esse motivo, os políticos não concentram a sua campanha política meramente na transmissão da compreensão política que têm, mas também agregam o lado emocional com o objetivo de aproximar o eleitorado.

O autor estabelece uma comparação entre a presença dos atores políticos nos programas de entretenimento com a presença de artistas e especialistas convidados para as entrevistas em contexto de entretenimento televisivo. Se, por um lado, os artistas têm de falar sobre a sua personalidade e sobre a sua vida privada, porque é isso que o público quer ver e é por isso que os tornam tão atrativos, por outro lado, os especialistas num determinado tema devem falar apenas do seu campo de especialização, em vez de centrarem a atenção sobre si mesmo (Schütz, 1995).

No caso dos políticos, o autor argumenta que os atores (políticos) devem aprimorar a sua prestação nas entrevistas dos programas de entretenimento, através do estabelecimento de um equilíbrio entre os papéis desempenhados pelos artistas, por um lado, e pelos especialistas, por outro. Nesse sentido, os políticos devem, em primeiro lugar, esforçar-se para se autopromover (mais do que os especialistas e menos do que os artistas). Contudo, o autor alerta para a necessidade de equilibrar essa exposição pública com a demonstração de segurança e competência nos assuntos políticos com os quais trabalham. Dessa forma, a *performance* dos atores políticos deve incluir aspetos da sua vida privada até um certo nível, sem nunca descorar da importância de demonstrar comprometimento e seriedade com a sua atividade política:

Politicians' self-presentation is indeed quite different from the self-presentation of people who are experts in certain fields and contains elements that are typical for entertainers. In a nutshell, politicians less frequently than experts presented themselves as knowledgeable but tended to disclose more private information than experts. It appears that politicians in some respects, like entertainers, tried to gain approval by telling people who they are and how they feel (Sennett, 1974). In addition, more than both other groups, politicians presented themselves as successful and morally worthy (Schütz, 1995, p. 218).

Através da constante adaptação ao panorama do entretenimento, os políticos tentam reforçar a sua credibilidade, confiança e o interesse nos cidadãos. Atualmente, a fronteira da política e do entretenimento é separada por uma linha cada vez mais ténue: a política de hoje está cada vez mais adaptada aos valores e ao *modus operandi* do entretenimento. Essa adaptação criou, apesar dos desafios colocados à comunicação política, oportunidades para os atores políticos convencionais (e não convencionais) conquistarem visibilidade no seu percurso político.

Do ponto de vista da visibilidade, através da criação de um laço estratégico com o entretenimento televisivo, a proximidade com os cidadãos tornou-se, intrinsecamente,

conquistada. Uma vez que existe uma fragmentação do ambiente mediático, onde o *infotainment* tem vindo a ganhar cada vez mais impacto no contexto dos *media*, os políticos entendem a dependência que têm em relação ao entretenimento por ser uma ferramenta utilizada para obter a aprovação do público. Como o entretenimento televisivo cria a ideia de “sala de estar comum”, num ambiente aparentemente descontraído, informal e relaxado, a presença dos atores políticos ajuda a legitimar, por um lado, a sua atuação política e, por outro lado, a aproveitar o espaço para o tornar num selo de confiança para o público (Boukes & Boomgaarden, 2016; Danielson & Rolandsson, 2020; Lawrence & Boydston, 2017; Street, 2004).

A noção de que os meios de comunicação social são uma arena política torna-se cada vez mais alargada se considerarmos que existe uma contínua dissolução das fronteiras de géneros dentro dos *media*, em particular, no ambiente televisivo. Dessa forma, podemos afirmar que o entretenimento influencia a política, não só porque os valores do entretenimento se têm aproximado cada vez mais das preferências dos *media* tradicionais, mas, paralelamente, porque o público começou a interessar-se por reter informação através do entretenimento (Lawrence & Boydston, 2017; Prior, 2003).

Os programas de entretenimento funcionam como impulsionadores da construção de uma arena onde os políticos podem atuar. Com essa presença, os atores políticos conseguem atrair mais público do que normalmente atraem quando se trata de um discurso político nu e cru. Através de um investimento na comunicação mais personalizada e intimista, os políticos conseguem demonstrar novas facetas aos espetadores - por exemplo, sublinhar o seu sentido de humor ou apresentar talentos desconhecidos (Holtz-Bacha et al., 2014; Lawrence & Boydston, 2017; McGregor et al., 2017; Van Aelst et al., 2012).

O entretenimento televisivo tem a capacidade de “desconstruir” o políticos e influenciar a opinião do público porque mesmo que os cidadãos não se identifiquem politicamente, a televisão auxilia a que se construa uma ideia de normalidade no entretenimento à *performance* artística do ator (Danielson & Rolandsson, 2020). Contudo, segundo Pierre Bourdieu (1997, p. 28), “o uso ordinário da televisão (...) tem a particularidade de poder produzir o que os crítico literários chamam o efeito de real, ela pode ver e fazer crer no que faz ver”. A televisão funciona como um agente de

mobilização e de formação de opinião que pode trazer implicações na forma como os espectadores percebem a política.

John Street (2004, pp. 437–438) faz uma clara distinção do tipo de celebridades políticas que se criam no seio do entretenimento. O autor sugere um modelo de análise onde podemos apontar a existência de dois tipos de celebridades no ambiente político e mediático: Celebridade Política 1 (CP1) e Celebridade Política 2 (CP2).

A CP1 é caracterizada, por um lado, pelo político que se torna uma celebridade no entretenimento. Segundo o autor, a Celebridade Política 1 pode ter antecedentes na área dos *media* e pode associar-se a uma celebridade reconhecida pelos espectadores para explorar novos formatos ou plataformas para se promover, com vista a adotar técnicas de comunicação utilizadas pelo mercado das celebridades televisivas. No fundo, a CP1 trata-se de um político que tenta ganhar espaço nos formatos de entretenimento para destacar as suas virtudes profissionais e/ou pessoais, através da utilização de técnicas inerentes ao entretenimento, com vista a melhorar a sua imagem ou alcançar novos públicos para comunicar a sua mensagem. Por outro lado, a CP2 pode ser definida como a celebridade dita convencional, proveniente dos *media*, em especial, do entretenimento, e que tenta, através do seu espaço de antena, tomar posições políticas. Por consequência da sua visibilidade pública, este tipo de celebridade procura influenciar resultados políticos devido ao selo de confiança depositado pela audiência. Na perspectiva de John Street (2004), a Celebridade Política 2 pode ser definida como alguém que utiliza a sua voz pública para criar um efeito, direto ou indireto, no ângulo da política:

The second kind of celebrity politician (CP2) (...) refers to the entertainer who pronounces on politics and claims the right to represent peoples and causes, but who does so without seeking or acquiring elected office. Their engagement tends to take the form of public gestures or statements aimed at changing specific public policy decisions (Street, 2004, p. 438).

O autor reconhece que podem existir ambiguidades e sobreposições na definição da CP1 e CP2, mas entende que este modelo pode ajudar a explicar o fenómeno do cruzamento da política e do entretenimento na cultura popular contemporânea. No fundo, para o autor, as celebridades políticas 1 e 2 têm algo em comum: apesar de terem palcos, visibilidade e reconhecimento diferentes, ambas assumem um papel na política (Street, 2004).

Segundo Matthew Wood, Jack Corbett and Matthew Flinders (2016), os políticos estão a mudar o seu *modus operandi*: ao invés de se mostrarem como únicos, excepcionais e distantes, os atores querem agora transmitir uma ideia de normalidade e proximidade com os cidadãos. Dessa forma, dá-se a criação de uma *persona* política popular – os atores políticos não querem aparecer como celebridades, mas sim como humanos normais e imperfeitos (Wood et al., 2016).

Partindo de uma perspetiva mais atualizada do conceito iniciado por John Street, os autores desenvolveram o conceito de Celebridade Política tendo em conta o panorama político e mediático da nova década. Nesse sentido, distinguem as celebridades políticas partindo de duas perspetivas: (1) *Superstar Political Celebrity* (SPC) e (2) *Everyday Political Celebrity* (EPC) (Wood et al., 2016, p. 582).

Por um lado, a *Superstar Political Celebrity* pode ser entendida como o político que utiliza as plataformas dos *media* tradicionais, com técnicas de comunicação altamente estruturadas, para que a *performance* seja construída no sentido de transmitir uma imagem de força, liderança e poder de decisão. Por outro lado, a *Everyday Political Celebrity* rompe com os moldes da imagem transmitida pelo político celebridade descrito anteriormente. O EPC pode ser definido, segundo os autores, como um ator que utiliza estratégias de comunicação política mais espontâneas e autênticas, cujo objetivo passa por construir uma *persona* pública marcada pela emotividade, autenticidade, vulnerabilidade, imperfeição e fragilidade. Através do recurso a formatos não tradicionais, por exemplo, programas de entretenimento, os autores descrevem a *Everyday Political Celebrity* como um ator que cria um laço de intimidade com o público:

The ECP is typically pictured in a domestic setting at home with his or her family. This type of appeal is not strictly new: US President John Kennedy is famous for using his family as a means of enhancing his popularity while Franklin D. Roosevelt is still remembered for his ‘fireside chats’. But, the use of domestication as a strategy by politicians takes on greater significance in an age of popular disaffection (...) ECPs also openly exhibit emotional imperfections and fragilities; they may cry on camera while making a public apology or pour out intensely personal familial feelings (Wood et al., 2016, pp. 588–589).

O *friendly style* do entrevistador influencia a forma como o público percebe o político e, por esse motivo, o efeito dos programas de entretenimento na confiança do público em relação aos políticos pode ter consequências na forma como a democracia funciona. Para além de o entretenimento depender do carisma e personalidade do

apresentador, também influencia o tipo de abordagem que assumem em relação ao ator político no programa. Segundo Boukes e Boomgaarden (2016), o ângulo escolhido pelo apresentador e pelo ator político para a conversa pode ser encarado tendo em conta duas dimensões: (1) ângulo da individualização e o (2) ângulo da vida privada.

Por um lado, o ângulo da individualização diz respeito a uma abordagem de temas políticos (em nome individual, não em nome do partido), onde o apresentador foca a entrevista tendo em conta as ideias defendidas pelo ator político, as suas capacidades e propostas políticas enquanto profissional; por outro lado, o ângulo da vida privada tem como objetivo levar as entrevistas num sentido mais intimista, onde é criada uma atenção nos políticos enquanto indivíduos, estabelecendo um foco na sua vida pessoal, nos seus interesses, experiências e na sua vida privada devidamente etiquetada (Boukes & Boomgaarden, 2016).

Segundo Danielson e Rolandsson (2020), podemos estabelecer um paralelismo entre a *performance* política aparentemente descomprometida dos atores políticos (cantar, dançar, tocar um instrumento, fazer piadas) com uma *performance* carnavalesca. Tal como o Carnaval é visto como uma disrupção das normas da sociedade, também nos programas de entretenimento os políticos negociam o equilíbrio entre o poder e o jogo performativo. Existe, por isso, uma negociação do que é moral e imoral, decente e indecente.

Apesar de a *performance* “amadora” ser uma estratégia utilizada nos programas de entretenimento, os autores apontam para os riscos de essa estratégia se tornar ridicularizada e satirizada:

“The modern entertainment *media* becomes likewise a battleground of imagery. Performing politicians try to project the image of an unassuming and self-ironic individual but run the risk of ending up the ridiculed object of satire. The performance may backfire and entail a loss rather than a gain of political capital. The risk to appear ridiculous and undignified when performing on talk shows is always there – but is reduced by the leisure informed social codes and the format. The setting is informal and forgiving. The host is in most cases hand-picked for his or her ability to create a socially comfortable atmosphere and positive energy” (Danielson & Rolandsson, 2020, p. 14)

A adaptação da comunicação política ao entretenimento pode provocar um aumento na desconfiança em relação aos atores políticos. O elevado investimento na

política de caráter/humanização do ator político pode traduzir-se, segundo John Street (2001, 2004), na diminuição da qualidade do discurso político:

The assumption is that the political use of popular culture is a cynical expression of a desperate populism, one in which presentation and appearance substitute for policy and principle. What is being signified is a crisis of representation, not a realisation of it. By this account, the world of celebrity politics is one in which politicians, acutely aware of their loss of credibility and trust, resort to new forms of political communication” (Street, 2004, p. 436).

Na perspetiva de John Street (2001, 2004), podemos apontar críticas ao crescimento das celebridades políticas mas, simultaneamente, o autor estabelece um conjunto de argumentos a favor das mesmas. Por um lado, as celebridades políticas tornaram-se a medida da representatividade política, no sentido em que o político telegénico provocou uma distorção da agenda política. Apesar de a política representativa ter o dever de oferecer aos cidadãos um julgamento político informado e esclarecedor, as celebridades políticas podem ameaçar os princípios da democracia, no sentido em que é privilegiada a aparência física e a forma como a mensagem dos atores políticos é comunicada, ao invés de se garantir a passagem de conhecimentos políticos efetivamente relevantes para o esclarecimento dos cidadãos (Street, 2001, 2004). Por outro lado, o autor defende que o aparecimento das celebridades políticas é um fenómeno inevitável da modernização social, cultural e política, uma vez que a comunicação política teve de se adaptar à evolução da cultura popular das sociedades. Nesse sentido, os políticos tornaram-se o centro do espetáculo e os cidadãos assumiram o papel de espectadores (Street, 2001, 2004).

Em suma, a política de caráter deve ser entendida como um reflexo da evolução da contemporaneidade das sociedades. Através das suas *performances* marcadas pela personalização, os políticos tentam conectar-se com os valores e costumes dos cidadãos, com vista a ganhar reconhecimento e angariar eleitores para o seu percurso político:

A likable, trustworthy, and competent person, who is sincere in promising changes for the better, as well as capable of bringing about these changes, may be very appealing to the electorate and may be highly effective in winning approval and swaying undecided voters (Schütz, 1995, p. 219).

Capítulo 2. A Lógica do Entretenimento Televisivo do *DayTime*

O entretenimento televisivo apresenta à sociedade um conjunto de comportamentos que transcendem as rotinas quotidianas dos cidadãos. Segundo Altheide e Snow (1979), ao contrário das normas socialmente impostas, os programas de entretenimento apresentam ao público comportamentos extraordinários, talentos desconhecidos, conteúdos agradáveis ou divertidos e, simultaneamente, permitem o envolvimento direto ou indireto do público. Dessa forma, o entretenimento televisivo distingue-se pela sua capacidade de permitir aos espetadores “quebrarem” os limites de comportamento impostos na vida do quotidiano, através do envolvimento na realidade construída pelo entretenimento. Segundo Robert (1994), o entretenimento assume um papel fundamental na vida doméstica porque os espetadores percecionam a televisão com uma dimensão de “casa” – um espaço que cria a sensação de segurança e pertença ao mundo:

Even within the pattern of the domestic day, certain times, certain programmes, are marked and protected, as special. During those times or programmes the pattern of the day is both preserved and interrupted. Phones are not answered. Meals are not cooked. Dishes are not washed. These paradoxically ‘daily’ rituals are firmly integrated into the structure of everyday life. But even those that are not so easily integrated, those that challenge and disturb and which therefore provide the focus for a ritualised or ritualising response can be seen to be articulated into daily life (often) through television and television culture. Christmases, which are both intensively domestic and extensively public, are celebrated around the television set. (Robert, 1994, p. 21)

Ao contrário dos discursos do quotidiano que decorrem de forma “espontânea, intermitente, pontuado por todo um conjunto de hesitações, de esperas, de ruturas, de silêncios e derivas”, o discurso mediático “flui de maneira constante e ininterrupta, encadeia enunciados que se apresentam habitualmente de forma acabada, escondendo os seus processos de gestação” (Rodrigues, 2015, p. 31). No caso do formato de *talk show*, está previsto “um tema principal de discussão, seja o jornalismo, a política, as celebridades ou os escândalos sexuais; um único apresentador, vários convidados; e múltiplos momentos cómicos, musicais ou de reportagem” (Baptista et al., 2020, p. 169). Nesse sentido, apesar de o momento televisivo de entretenimento parecer, à partida, um momento relativamente espontâneo, os temas são, na realidade, construídos e orientados (McKenzie, 2000) porque “é o tema que constrói a ligação principal com os

telespetadores, criando oportunidades de participação num “grande diálogo societal”” (Baptista et al., 2020, p. 169).

A televisão e o entretenimento mantêm-nos em constante comunhão com o mundo ao nosso redor. Segundo Neil Postman (1985, p. 87), “the problem is not that television presents us with entertaining subject matter but that all subject matter is presented as entertaining, which is another issue altogether”.

O entretenimento televisivo assume-se como um macro género que integra uma diversidade de géneros, tais como: “(1) Concurso/Jogo; (2) *Reality Show*; (3) Variedades; (4) *Talk Show*; (5) Humor; (6) *Infotainment*; (7) Outro (entretenimento)” (*Relatório de Regulação 2019, 2020*, p. 436). Segundo Mittell (2004), a distinção dos géneros televisivos em categorias é importante porque fornece pistas para compreender vários domínios que incorporam a indústria televisiva, tais como: as escolhas programáticas, as audiências e os contextos históricos, sociais e políticos em que nos encontramos. Dessa forma, o autor defende que a definição de géneros televisivos é relevante para melhor compreender a importância dos textos e dos discursos, em torno do espetáculo televisivo, da produção e, paralelamente, da receção do público aos conteúdos apresentados.

Na presente investigação, o trabalho irá incidir nos programas de entretenimento televisivo em formato de *daytime talk show*. O *daytime talk show* é um género de entretenimento televisivo com um discursivo marcado pelo confronto de ideias, e, por consequência, com impacto no panorama mediático, político e social. Segundo Ilie (2006), o conceito de *talk show* apresenta-se como um subgénero híbrido que provoca o aparecimento de uma linha cada vez mais ténue entre fronteiras:

The very notion of talk show raises issues concerning the boundaries between talk (prototypically dialogical) and show (prototypically monological), between public and private, between collective and personal experience, between expertise and experience, between interpersonal and mass communication, between information and entertainment, between discrete and overlapping identities (‘me,’ ‘you,’ ‘us,’ ‘them’) (Ilie, 2006, p. 489).

Os programas de *talk show* do *daytime* podem ser definidos como “um exemplo acabado da “tv de companhia” e de “proximidade”. No caso português, destinam-se à principal audiência disponível nesses horários: maioritariamente feminina e idosa” (Cintra Torres, 2014, p. 67). Uma vez que os espetadores durante o dia tendem a ter o perfil de donas de casa, idosos, estudantes e trabalhadores por turnos, os produtores

estruturam os programas para que os espetadores se possam juntar, partir e voltar a aderir facilmente ao conteúdo que está a ser abordado no programa (Eastman & Ferguson, 2013, p. 290). Nesse sentido, os *talk shows* do *daytime* têm como objetivo proporcionar um espaço para as pessoas comuns encontrarem os seus valores e normas, expressadas através das opiniões difundidas nesse género de programa de entretenimento televisivo. Dessa forma, os *talk shows* diurnos oferecem, segundo Trepte (2005, p. 170), “a unique opportunity to manage self-concept and identity actively.”.

A aparente informalidade dos programas de entretenimento do *daytime*, guiados através de uma conversa entre o apresentador, o(s) convidado(s) e a audiência, demonstraram a importância de criar, no espaço televisivo, um lugar para conhecer, explorar e questionar a *persona* por detrás dos convidados – através da utilização de um discurso direcionado para o entretenimento e com uma certa informalidade no trato.

A experiência pioneira do *talk show* do *daytime*, levada a cabo por Phil Donahue, em 1970, com o programa “*The Phil Donahue Show*” foi, posteriormente, adaptada por uma variedade de apresentadores, tais como, Ricki Lake, Montel Williams, Sally Jessy Raphael, Geraldo Rivera, e Oprah Winfrey (Glynn et al., 2007) e o formato perdura, apesar das transformações tecnológicas e sociais, até aos dias de hoje.

O presente capítulo tem como objetivo compreender o ângulo da lógica dos *media* partindo da perspetiva do campo mediático como um todo. Nesse sentido, vamos analisar a forma como os apresentadores de televisão gerem a sua visibilidade mediática.

No subcapítulo 2.1. *Os Bastidores do Entretenimento Televisivo: A(s) Lógica(s) Inerentes ao Campo*, o estudo pretende perceber quais são as lógicas económicas e comerciais inerentes aos programas de entretenimento televisivo e, paralelamente, compreender as alterações que o género do entretenimento tem sofrido ao longo dos anos. Por consequência das lógicas inerentes ao campo, temos como objetivo perceber a forma como o *modus operandi* pode alterar as rotinas de atuação de outras esferas da sociedade.

No subcapítulo 2.2. *O Apresentador-Celebridade como Figura de Poder*, temos como objetivo compreender qual é o papel dos apresentadores dos programas de entretenimento enquanto figuras de autoridade para quem acompanha os programas. Uma vez que os apresentadores são, simultaneamente, celebridades reconhecidas pelo público, o estudo analisa, através do exemplo de Oprah Winfrey – uma das mais reconhecidas

apresentadoras de *talk shows* nos Estados Unidos da América -, as técnicas comunicativas utilizadas para conseguir fidelizar os espetadores às opiniões, crenças e ideologias defendidas pelos apresentadores de programa de entretenimento. Para além disso, pretendemos analisar a forma como os apresentadores-celebridade atuam com os seus convidados (em especial, quando se trata de atores políticos).

Em suma, o presente capítulo pretende investigar a forma como o campo de entretenimento se comporta como um todo: (1) quais são as lógicas do campo? (2) qual é o papel do apresentador no programa?

2.1. Os Bastidores do Entretenimento Televisivo: A(s) Lógica(s) Inerente(s) ao Campo

Os programas de entretenimento assumem, cada vez mais, um papel penetrante na programação dos canais de televisão e em todas as esferas da vida social. Segundo Altheide e Snow (1979), o formato define a forma como o material vai ser organizado, de que forma vai ser preparado o estilo de apresentação, o foco, a ênfase, e a gramática da comunicação mediada. Assim, os programas de entretenimento e, em particular, o formato de *talk show*, tornaram-se a condição central das interações entre indivíduos e organizações da sociedade.

Ao contrário da antiga cultura europeia dos meios de comunicação tradicionais – regidas pela lógica ideológica da religião e da política, os *media* da atualidade obedecem a uma nova lógica: a lógica de mercado – sustentada em regras comerciais para maximizar o expoente de audiências (Esser, 2013). Segundo Pierre Bourdieu (1997, p. 68), a lógica económica dos *media* atua de forma a dar resposta às expectativas do público e aos índices de audiência que se traduzem na “pressão da urgência”.

A televisão segue, para além da lógica de mercado, o rumo proporcionado pelo contexto social, histórico e político envolvente. Se, por um lado, a televisão dos anos 50 se “pretendia cultural e de certa maneira servia-se do seu monopólio para impor a todo o mundo produtos com pretensão cultural (...) formar os gostos do grande público”, a televisão dos anos 90 “visa explorar e lisonjear esses gostos para atingir a mais ampla audiência, oferecendo aos telespetadores produtos brutos (...) o *talk-show*, fatias da vida,

exibições cruas de experiências vividas, frequentemente extremas e capazes de satisfazer uma forma de *voyeurismo* e de exibicionismo” de forma “massajar” o gosto dos espetadores (Bourdieu, 1997, p. 68). Por outro lado, os programas de entretenimento, e em particular, o formato de *talk show*, são habitualmente mais rentáveis do que uma programação importada. Apesar de envolver um extenso planeamento por parte dos produtores e pessoal técnico, torna-se mais rentável ao nível económico, quando comparado com os custos inerentes a formatos importados. Para além disso, a interação com os novos campos mediáticos – por exemplo, as redes sociais – conseguem trazer mais audiência “*outside-of-the studio*” (McKenzie, 2000, p. 193) às temáticas em discussão no programa de entretenimento.

Na perspetiva de Ana Paula Fernandes (2000, pp. 118–119), a lógica comercial da televisão pode ser entendida pela audiência como “mercadoria” e, simultaneamente, a programação como estratégia para maximizar a audiência:

Maximizar a audiência tornou-se um interesse explícito para as televisões, públicas e privadas, resultado do sistema comercial competitivo que se instaurou entre as estações de televisão. Deste modo, a “audiência como público” transformou-se na “audiência como mercado”. Todavia, há que referir que este processo de mutação paradigmático não foi pacífico, ou seja, fez-se acompanhar de muitas tensões e dificuldades, nas organizações de serviço público, em termos de uma nova relação com a audiência.

A televisão, regida pelo avanço tecnológico e pelas mudanças associadas à sociedade contemporânea, carrega consigo uma conotação de racionalidade nas escolhas de programação. Contudo, há muito mais para além de uma lógica racional/prática da televisão. O público espera que as tecnologias dos *media* combinem a racionalidade, imediatismo e eficiência na transmissão dos acontecimentos, com a capacidade de entreter a audiência. Dessa forma, a combinação da lógica racional/prática com o entretenimento produz uma nova forma de comunicação adaptada às vontades da sociedade urbana moderna (Altheide & Snow, 1979).

Com vista a obter elevados níveis de audiência, independentemente do propósito do programa, o entretenimento televisivo tem feito uma grande aposta nas notícias da atualidade como forma de aproximar os espetadores às temáticas abordadas. Segundo Altheide & Snow (1979), as notícias são encaradas pelo entretenimento como “*show business*” e, por esse motivo, assistimos cada vez mais ao desempenho de um papel que, à partida, pertencia ao campo jornalístico: dar notícias e questionar os intervenientes.

Contudo, atualmente, as notícias são narradas pelas celebridades televisivas porque, na perspectiva dos autores, o lucro de uma boa notícia parece ser demasiado elevado para a deixar nas mãos dos jornalistas.

Os programas de entretenimento apropriam-se das notícias e criam “histórias” e cenários próprios para provocar uma reação no público que assiste ao programa. Segundo Timberg e Erler (2002), no início dos anos 90, começaram a surgir as críticas aos *talk shows* (e aos respetivos apresentadores), por acreditarem que nos espaços de entretenimento estavam a erguer-se espaços para a usurpação do poder que deveria ser liderado pelo campo do jornalismo.

Na perspectiva de Frank Esser (2013), a comunicação mediada assume uma relevância central para os cidadãos individuais, para as instituições sociais e para os atores políticos. Os atores políticos, em particular, aprenderam a aceitar que o seu comportamento é influenciado, em grande medida, pelas regras do jogo definidas pelos meios de comunicação. Para além de os *media* terem a capacidade de pressionar os intervenientes políticos a sucumbir à lógica específica de funcionamento dos meios de comunicação, assumem a responsabilidade de escrutinar e avaliar os políticos e as suas ações, assumindo-se como a voz ativa do público. Fazem-no pelas suas próprias normas específicas e podem, por exemplo, "sancioná-los" com má imprensa. Segundo o autor, os *media* agem, por um lado, como mediadores entre os cidadãos e a realidade; por outro lado, e talvez por consequência, atuam como influenciadores na forma como os cidadãos percecionam as instituições sociais, governativas, e, posteriormente, assumem um papel decisivo na formação de opinião.

Ao contrário dos jornalistas, que devem guiar-se pela imparcialidade que dita o código deontológico pelo qual se regem, os apresentadores de programas de entretenimento não têm de seguir os mesmos códigos profissionais (Loeb, 2015).

Segundo Williams e Carpini (2011, p. 11), estamos a assistir a um novo “regime mediático”. A distinção entre notícias e entretenimento é cada vez menos clara, devido à apropriação do entretenimento ao *infotainment* e às *soft news* no alinhamento dos programas. Este fenómeno torna cada vez mais comum a presença de dois tipos de entrevistas: (1) as entrevistas dos meios tradicionais e (2) as entrevistas do entretenimento. Contudo, segundo Loeb (2015, p. 28), os dois tipos de entrevista

assumem um papel importante no campo mediático e, paralelamente, nos restantes campos sociais:

Journalists need politicians to explore the issues of the day, and politicians need access to publicity to promote their platforms. This idea can also apply to celebrity *talk show* interviews where *talk show* hosts need celebrities to draw interest to their show, and celebrities need *talk shows* to draw interest to their products. The confluence of interests that shapes both types of interviews is much the same, but also shaped by different historical economic constraints.

Por um lado, as entrevistas realizadas pelos meios tradicionais, moderadas por jornalistas, são guiadas por práticas discursivas restritas e bem delimitadas – que contam com a presença de figuras oficiais ou especialistas nas temáticas. Como *whatchdog* da democracia, o jornalismo serve o interesse público e, por esse motivo, provoca o questionamento, interrompe, e trata assuntos restritos ao círculo exclusivamente político. Por outro lado, as entrevistas do campo do entretenimento televisivo – marcadas pela aparente informalidade e descontração entre apresentador e convidado - abordam temas que transcendem o campo profissional e exploram temáticas sobre a vida pessoal do ator político, bem como a cultura popular envolvente. Neste formato televisivo, prevalece o objetivo de entreter a audiência e, por esse motivo, o tom despreocupado e leve da conversa permite que os convidados exponham as suas crenças e convicções sem estarem sujeitos a crítica por parte do entrevistador/apresentador. Embora o formato de *talk show* seja diferente do formato noticioso tradicional, é igualmente orientado para fornecer informações ao espetador sobre as personalidades, as questões e os eventos com impacto na vida social (Baum, 2002; Boukes & Boomgaarden, 2016; Loeb, 2015).

O fenómeno do *infotainment*, cada vez mais presente no *modus operandi* das rotinas de produção do entretenimento, não só influencia a forma como as sociedades percecionam o mundo, como, paralelamente, provoca interesse nos outros campos da vida social - em particular, o campo da política. Porquê? As *soft news* orientadas para o entretenimento tornam-se uma alternativa eficaz para captar uma grande parte das pessoas que não consome notícias políticas (Baum, 2002; Loeb, 2015).

Por oposição, na perspetiva de Pérez, Oliva e Pujada (2014, p. 63), o entretenimento pode correr o risco de banalizar as instituições sociais e a imagem da política e, simultaneamente, o papel de seriedade desempenhado pela televisão. Na

perspetiva de Hanspeter Kriesi (2013, p. 13), podemos correr o risco de ficar sucumbidos à “cultura popular” representada pela televisão:

Pessimists argue that television in particular has come to ‘colonize’ politics to the extent that we now live in a ‘mediacracy’ (Meyer 2002). They argue that the public agenda is increasingly defined by the *media*, that political news is increasingly replaced by ‘faits divers’ (Bourdieu 1996) – that is, by the trivial inanities of daily life – and that the news formats are increasingly guided by viewer figures (television) or coverage figures (print *media*). This means that the news formats are said to increasingly cater to the precepts of ‘popular culture’, typified by personalization and dramatization, which leads to the depoliticization of the citizen public.

Na perspetiva de Baum (2002), a presença das *soft news* pode significar um sinal de que os obstáculos à informação e à participação política estão a diminuir. O autor refere-se, neste caso em particular, ao Estados Unidos da América: um local onde a política já foi dominada por uma elite politicamente mais atenta. Atualmente, na perspetiva do autor, os programas de entretenimento televisivo como os *talk shows* têm democratizado o acesso à informação política para todos os segmentos da sociedade.

Apesar de as *soft news* se centrarem em temáticas dramáticas, tratar as notícias políticas através do entretenimento, reduz drasticamente os custos cognitivos de atenção dos espetadores. Os mesmos indivíduos que, à partida, não tinham interesse na política, podem demonstrar-se interessados em assistir às *soft news*, devido à leveza com que o tema é abordado (Baum, 2002; Loeb, 2015). Por oposição, mesmo não tendo interesse em assuntos políticos, os cidadãos “apolíticos”, involuntariamente, podem acabar por consumir informação relacionada com política através dos *talk shows*. As *soft news* e o *infotainment* servem o objetivo de captar audiências mas, paralelamente, anexam conhecimento político a estes segmentos da sociedade (Baum, 2002).

Os programas de entretenimento oferecem diferentes perspetivas que não são exploradas na programação noticiosa e, por esse motivo, podem complementar notícias ou assuntos atuais, contribuindo para alargar o debate de ideias (Klein, 2013). Para além disso, independentemente do entretenimento trabalhar as notícias e os acontecimentos sociais como cultura popular, esse *modus operandi* pode chegar a públicos excluídos ou aborrecidos com a atualidade (Klein, 2013 apud van Zoonen (2005)).

Os mesmos indivíduos que não estão, *a priori*, interessados em assuntos políticos, podem demonstrar, *a posteriori*, disposição para prestar atenção às *soft news*, devido ao seu caráter leve (Baum, 2002) (Baum & Jamison, 2006):

Many low-awareness voters, in turn, base their vote choices more on the candidates' personal qualities—as an information shortcut—than their policy positions (Baum 2005). By assessing the candidates' "likeability" (Sniderman, Brody, and Tetlock 1991), voters can often figure out which candidate best represents their interests, even absent substantial knowledge of their policy positions. Consequently, entertainment-oriented *talk show* (henceforth "E-*talk show*") candidate interviews can help viewers vote consistently even absent significant discussion of policy issues (Baum & Jamison, 2006, p. 949).

Embora os programas de entretenimento televisivo como *os daily shows* concentrem muito do seu discurso na personalidade do ator político, não há razão para acreditar que as informações políticas contidas nesses programas, por mais limitados que sejam, são fundamentalmente imprecisos. Ou seja, uma informação política contida numa *soft new*, por mais pequena que seja, pode ter impacto no comportamento de voto dos eleitores politicamente menos conscientes (Baum & Jamison, 2006).

Muitos investigadores analisam as *soft news* como uma forma de chegar a audiência que, de outra forma, não consumiria notícias. Segundo Markus Prior (2003), apesar de haver um aumento no consumo de *soft news* existe, simultaneamente, um aumento do consumo de *hard news*. Assim, o autor defende que, apesar de as pessoas gostarem de consumir notícias leves, o *infotainment* dos programas de entretenimento ainda não demonstra ser revelador de uma preferência do consumo das *soft news*, ao invés do formato tradicional de consumo de *hard news*:

Results show that people like soft news for its entertainment value but that soft news programs are still not very popular compared to hard news and pure entertainment. More critically, there is only very limited evidence that viewers actually learn from soft news. The positive consequences of soft news for the political process remain to be demonstrated (Prior, 2003, p. 149).

Segundo o artigo "*Big Show Cristina Ferreira*", por oposição à informação, os programas de entretenimento têm a capacidade de se aproximar mais facilmente dos cidadãos por tratarem os temas e os acontecimentos de forma leve. Contudo, as autoras alertam que "invisibilização do conflito gera uma opacidade mistificadora mais propícia à recuperação da figura do cidadão-consumidor do que do cidadão-iluminado" (Baptista et al., 2020, p. 172).

Segundo José Santa Pereira (2016), tal como os telejornais se adaptaram às alterações exigidas pelas sociedades contemporâneas – “dedicando cada vez mais espaço a outro tipo de temáticas (desporto, sociedade, moda, música, cinema, televisão, entre outros)” (2016, p. 15) – também o entretenimento sofre adaptações e procura colocar o campo da política sob a perspetiva do entretenimento. Consciente da necessidade de obedecer à lógica dos *media* e à importância das audiências, o autor defende que os programas de entretenimento, através da utilização da presença dos atores políticos, bem como com a colocação de *soft news* no programa, destinam-se a um determinado segmento do público:

Estes programas apelam mais aos cidadãos pouco informados e/ou interessados pela política, porque as questões complexas sobre políticas públicas são maximizadas ou completamente substituídas por conversação amigável ou engraçada, estórias pessoais ou aspetos da vida íntima. Por outro lado, alguns estudos demonstram que os espetadores deste tipo de programas são menos partidários e politicamente sofisticados que os espetadores de programas noticiosos, o que faz com que possam ser mais facilmente persuadidos pelos apelos políticos de quem neles participa (Pereira, 2016, p. 19).

Os *media* procuram perceber o que a audiência pretende assistir e, conseqüentemente, analisam a forma como a audiência trata a informação difundida nos meios de comunicação: através da análise dos aspetos cognitivos, emocionais e ideológicos do consumo de notícias. Segundo Paz García, Brussino e Alonso (2020), o público personaliza as mensagens dos *media*, através de um processo moldado pelo seu próprio uso seletivo de meios e tecnologias. Podemos, então, apontar os principais benefícios para o campo mediático e os diferentes campos da vida em sociedade, em particular, o campo político: por um lado, no que concerne aos *media*, ao adaptarem a política às características das *soft news*, conseguem captar, não só o público menos interessado em questões políticas, como também conquistar mais audiências por discutirem temas particulares, leves e facetas pouco conhecidas por parte dos convidados; por outro lado, no que diz respeito aos campos da vida em sociedade, e, em particular, ao campo da política, para além de chegar aos cidadãos consumidores de notícias tradicionais - *hard news* -, conseguem expandir a sua popularidade a outros segmentos da população – cidadãos consumidores de *soft news* e *infotainment* (Baum, 2002).

O contexto digital em constante transformação e a conseqüente interseção no meio televisivo, tem influenciado as lógicas de produção e disseminação dos conteúdos de

entretenimento. Ao contrário do passado, onde as elites políticas e os *media* tradicionais “condicionavam o desenrolar dos temas no espaço público e contribuíam para moldar a percepção que os cidadãos tinham sobre variados temas na sociedade” (Figueiras, 2017b, p. 105), atualmente, “a tecnologia democratizou a expressão e tornou-se um garante de autorrepresentação do cidadão comum” (Figueiras, 2017b, p. 106).

Na perspetiva de Eastman e Ferguson (2013), a demografia do público e a forma como a sociedade consome os *media* tradicionais e sociais está em constante mudança. Nesse sentido, uma vez que a idade média dos telespetadores está cada vez mais envelhecida, a programação televisiva teve de se adaptar aos novos comportamentos de consumo introduzidos pelos *media* sociais:

No business operates in a vacuum, immune to outside forces, and television programming is no exception. Many factors affect the environment in which a station makes decisions about program selection, scheduling, evaluation and promotion” (Eastman & Ferguson, 2013, p. 273).

O artigo “*Big Show Cristina Ferreira: emoção e entretenimento na televisão popular portuguesa*”, defende que, no contexto português, o consumo de televisão, a percepção da realidade e as preocupações sociais são diferentes do que eram há 30 anos – antes do surgimento das redes sociais. Partindo da análise do programa de *daytime* português – o “*Programa da Cristina*” –, os autores defendem que o programa de entretenimento em estudo foi desenvolvido tendo em conta a necessidade de adaptação ao meio audiovisual e, simultaneamente, ao meio digital, uma vez que o entretenimento televisivo está consciente de que “as redes sociais são uma plataforma suplementar onde se constroem alianças com influenciadores digitais e exploram as interações com os seguidores” (Baptista et al., 2020, p. 168).

Os telespetadores demonstram estar cada vez mais envolvidos nas redes sociais e, por esse motivo, os autores Fossen e Schweidel (2017) defendem o conceito de “*Social TV*” (p.31) - um fenómeno que surge da visualização dos programas de televisão, ao mesmo tempo que os telespectadores interagem nas redes sociais sobre a programação e os conteúdos transmitidos. Dessa forma, plataformas como o *Instagram*, *Twitter* e o *Facebook*, funcionam como um “fórum cultural” (Bernabo, 2019, p. 79) onde os telespetadores refletem e discutem sobre o papel dos *media* na sociedade e na política.

Assim sendo, os programas de entretenimento tiveram a necessidade de se adaptar ao novo paradigma tecnológico levado a cabo pelos *media* sociais:

Todos esses mecanismos que circundam e dão suporte ao constante esforço dos programas televisivos para alcançar mais audiência são fruto de adaptações que a cultura hegemónica impõe aos seus produtores, uma vez que utiliza para a oferta de bens culturais a mesma lógica da oferta de mercadorias. Os bens culturais são transformados em produtos industrializados ou *commodities* de modo a expandir ao máximo o seu público, e consequentemente, seus lucros (Baptista et al., 2020, p. 180).

Em suma, o entretenimento televisivo obedece a lógicas económicas, comerciais e tecnológicas que influenciam a forma como os programas de entretenimento são alinhados, a forma como são escolhidos os temas e os convidados, bem como a forma como são geridas as opiniões dos telespetadores relativamente ao trabalho desenvolvido nos programas.

2.2. O Apresentador-Celebridade como Figura de Poder

Poucos pensariam em descrever os apresentadores dos primeiros tempos da televisão como celebridades. Contudo, o crescimento da cultura das celebridades tornou-se de tal forma impactante que, quase todos os que aparecem na televisão regularmente, podem ser considerados como celebridades. Assim sendo, não é possível falar separadamente de apresentadores e de celebridades (Bonner, 2016) .

Os apresentadores-celebridade constroem uma marca em torno do seu próprio sucesso e, por esse motivo, os consumidores e telespetadores estão mais propensos a desenvolver fortes ligações a “marcas humanas” que cultivam a genuinidade com o público (Loroz & Braig, 2015).

Para melhor compreender o poder que o apresentador-celebridade assume na forma como a audiência percebe os programas de entretenimento, iremos abordar o subcapítulo recorrendo ao exemplo de Oprah Winfrey – apresentadora de um dos mais reconhecidos programas de entretenimento dos Estados Unidos da América – “*The Oprah Winfrey Show*” -, para melhor compreender a aplicação prática que o conceito de apresentador-celebridade assume enquanto figura de poder.

Os apresentadores dos programas de entretenimento representam uma parte importante da programação televisiva. Para além de os apresentadores funcionarem como intermediários culturais, desempenham um papel importante na forma como o meio televisivo é concebido e percecionado pelo público (Bonner, 2016). Como assumem um papel de figura de autoridade no programa, dirigem-se diretamente aos telespectadores e estabelecem uma forte ilusão de proximidade.

Partindo do exemplo de Oprah Winfrey, com vista a estabelecer maior intimidade e legitimidade junto do público, a apresentadora divulga com o público acontecimentos da vida privada como forma de aproximar a comunicação e, simultaneamente, fortalecer a intimidade com o público e construir uma relação de identificação por parte dos espetadores. Nesse sentido, através da divulgação de acontecimentos da sua vida privada e íntima, Oprah Winfrey é considerada como uma lenda, no sentido em que o discurso e a escolha dos temas proporcionam um impacto direto na perceção dos espetadores relativamente ao *talk show* (Haag, 1993).

Para além da escolha dos temas a abordar publicamente, Winfrey desenvolve técnicas de comunicação que permitem aos telespectadores reconhecer as várias facetas da personalidade da apresentadora. Segundo Haag (1993), o público tem a capacidade de perceber os diferentes momentos do programa, através da pontuação não verbal desenvolvida pela apresentadora. Através do contacto visual que estabelece com os seus convidados e com o público, transmite a sensação de que está realmente interessada no conteúdo da conversa e, nos momentos apropriados, reage através do recurso ao riso, chora, gritos, e outras emoções que apelam à emoção dos espetadores que assistem ao *talk show*. Por esse motivo, os espetadores percecionam a apresentadora como uma amiga próxima em quem confiam:

Viewers recognize the serious Oprah, the playful Oprah, the empathic Oprah, the angry Oprah, the “just folks” Oprah. The vocal quality changes with each, as does the word choice. When she is playful or just folks, she liberally peppers her talk with slang and familiar references (...) Serious Oprah pronounces her words carefully, avoids slang. More so than with the other talk show hosts, the audience knows when she is talking for them, and it knows when she is talking to them, even when she is not employing direct address. She talks to her audience as if they are her friends, as they would talk to their own friends (...) It is through the skillful application of the communication patterns we associate with friendship that she manages to overcome the basic conflict between Oprah as rich talk show host and Oprah as friend (Haag, 1993, pp. 119–120).

Os apresentadores são responsáveis pelo fluxo do programa de entretenimento. Para além de serem um ponto de contacto entre o estúdio de televisão e o público em casa, desempenham, simultaneamente, um papel preponderante entre os convidados, eventuais especialistas e o público do estúdio. Assim, como “gestores” do programa, introduzem o objeto de discussão, apresentam os convidados e os especialistas, e dirigem todo o processo, incluindo aspetos técnicos (como por exemplo, interrupções para anúncios comerciais).

O poder e o controlo dos apresentadores nos programas de entretenimento pode ser analisado pela forma como se movem em estúdio: são as únicas pessoas que têm o direito de circular no estúdio, ceder o microfone aos membros do público, e retirá-lo quando assim o entenderem (Tolson, 2001).

A criação de um laço imaginário entre o espetador-apresentador, torna os apresentadores altamente valorizados no meio televisivo (Bonner, 2016, pp. 4–18). Para além de ser favorável ao nível económico, o apresentador assume um poder efetivo na forma como os telespetadores compreendem o mundo: “Presenters perform a valued function across television, guiding viewers through their programmes, directing them to matters of interest, introducing them to new products and services and attracting viewers to watch in the first place” (Bonner, 2003, p. 177).

No caso particular da relação do campo dos *media* com a política, John Street (2004) aponta para a importância das celebridades mediáticas no panorama da política. Os apresentadores de programas de entretenimento, munidos do seu poder mediático e da credibilidade que têm junto do público, podem utilizar o seu espaço mediático para tomar posições, suportadas pela audiência. Consequentemente, a forma como abordam os temas e a forma como se aproximam ou distanciam dos mesmos, pode influenciar o campo da política.

Na visão de Laura Grindstaff, na obra “*The money shot: trash, class, and the making of TV talk shows*”, os *media* são reconhecidos como uma força social central na vida e na consciência de quem assiste. Com o seu poder de influência, o discurso é trabalhado para que as pessoas saibam o que deve ser importante saber sobre o mundo, e enformam a perspetiva do público sobre a sociedade, através da realidade construída pelos *media* (Grindstaff, 2002).

Tendo em conta que os apresentadores-celebridade têm impacto na forma como os convidados são percebidos pela sociedade, no caso do campo da política, o palco mediático não tradicional (a presença nos programas de entretenimento, por exemplo), tornou-se um novo “campo de batalha” para a realização de campanha política. Segundo Simki (2019), no artigo “*Oprah and the Politics of Consolation*”, a realidade norte-americana demonstra que as eleições presidenciais não se ganham ou perdem apenas com base na demografia da população, mas através da gestão da imagem e da emoção que colocam na campanha. Nesse sentido, segundo o autor, os candidatos triunfam quando desempenham um papel convincente de herói e na personificação dos valores da pátria.

Na perspectiva de Alexander e Jaworsky (2014), não é a política que define um presidente bem sucedido, mas sim o poder que tem para contar uma história. Dessa forma, e no caso particular dos Estados Unidos da América, Oprah Winfrey pode ser um exemplo de reforço de uma mensagem, uma vez que cria uma ligação de empatia com o seu público (Simko, 2019, p. 277):

Oprah began to enter the fray, initially by providing a platform for candidates to establish their bona fides through interviews that allowed them to connect emotionally with the electorate (...) As the years wore on, Winfrey slowly came to embrace a more robust role in political debates and even to take partisan stances, endorsing Barack Obama in 2008 and 2012, then Hillary Clinton in 2016.

O estatuto conquistado por Oprah Winfrey no meio mediático, tornou a apresentadora como uma marca de referência. Por esse motivo, quando Oprah se associa a uma ideologia política e/ou a um candidato presidencial², as ideias defendidas pelos candidatos que apoia ficam associados ao seu nome, cara e personalidade. Com vista a encaminhar os cidadãos ao objetivo pretendido, a apresentadora procura convencer o público de que os ideais apresentados pelos convidados têm um selo de confiança da apresentadora-celebridade (Kashyap & Srikanth, 2011).

² A 25 de setembro de 2006, Oprah Winfrey surge no programa *Larry King Live* e revela o seu apoio à possível candidatura de Barack Obama à Presidência dos Estados Unidos da América. Posteriormente, no dia 19 de outubro de 2006, Obama e a mulher, Michelle, são convidados a estar presentes no programa *The Oprah Winfrey Show* e o apoio à candidatura é reforçado pela apresentadora. Ao longo de toda a campanha, Winfrey assumiu um papel ativo na corrida de Obama à Presidência da Casa Branca.

Para melhor compreender o impacto que as celebridades podem ter na forma como os cidadãos percebem (e adotam para si próprios) as ideologias, crenças, convicções e valores das celebridades, podem ser referidos algumas características que provocam esse efeito de identificação nos cidadãos. Segundo Frizzell (2011, p. 315), apesar das celebridades não serem participantes tradicionais da arena política, assumem, tal como os *media*, um papel de influência na opinião pública:

Celebrities, like other elites or the *media*, may function as a heuristic for citizens, providing a shortcut and thereby reducing the amount of information necessary for the public to form an opinion. By making statements regarding foreign policy, celebrities may act as cues for the public to signal that they should pay attention to a particular issue. Celebrities may even frame a policy in a certain way as to increase the likelihood that the public will agree or disagree with the policy.

Por consequência da importância que as celebridades assumem na opinião pública e na forma como trabalham a sua *persona* pública, as pessoas identificam-se com os valores das celebridades e assumem-nos como se fossem as suas próprias crenças (Austin et al., 2008; Jackson, 2018).

Os programas de entretenimento são ancorados por apresentadores que são a figura principal responsável pelo tom e pela direção das conversas. Do ponto de vista da estratégia de *marketing*, o apresentador funciona como uma marca registada que vende o produto televisivo. Do ponto de vista organizacional, o apresentador é a única peça do programa que se pode considerar insubstituível (Timberg & Emler, 2002).

Os apresentadores, apesar de não serem atores a encarnar uma personagem fictícia, estão, no entanto, a assumir uma *persona* pública, onde fazem mais do que ser eles mesmos em frente às câmaras. Tendo em conta a relevância que assumem perante os espetadores, precisam de projetar uma personalidade que se revele vantajosa para a sua *performance* (Bonner, 2003). Quando apresentam longas carreiras, a quantidade de informações sobre eles no domínio público - tais como, opiniões pessoais, informações sobre a vida pessoal e íntima -, tornam-se relevantes para que os espetadores se identifiquem e reconheçam valor na pessoa enquanto celebridade e autoridade (Bonner, 2016). Por esse motivo, através da construção de uma personalidade pública, aparentemente caracterizada pela sinceridade e pela autenticidade, o apresentador assume uma posição (positiva ou negativa) em relação aos seus convidados.

Atualmente, a cultura popular contemporânea permite que as celebridades se movam entre vários papéis, uma vez que a atenção se centra mais na *persona* e não num único papel público que desempenham:

A cultura popular contemporânea é uma rede porosa de formas culturais que permite cada vez mais que as figuras públicas se movam continuamente entre gêneros, formatos e papéis, de tal forma que a fama moderna é menos dependente do talento que uma estrela mostra num meio particular do que na sua capacidade de estabelecer uma *persona* que transcende o talento que a trouxe a atenção pública no início (Jorge, 2009, p. 169).

Nos programas de entretenimento existe a sensação de intimidade e familiaridade entre o apresentador e a audiência – tanto diretamente, pela presença no estúdio, como indiretamente, nos espetadores que assistem através da televisão (Tolson, 2001, p. 33). Essa relação é entendida por Horton e Wohl (1956, p. 215) como uma “interação parassocial”:

The more the performer seems to adjust his performance to the supposed response of the audience, the more the audience tends to make the response anticipated. This simulacrum of conversational give and take may be called para-social interaction (...). To be sure, the audience is free to choose among the relationships offered, but it cannot create new ones. The interaction, characteristically, is one-sided, nondialectical, controlled by the performer, and not susceptible of mutual development. There are, of course, ways in which the spectators can make their feelings known to the performers and the technicians who design the programs, but these lie outside the para-social interaction itself. Whoever finds the experience unsatisfying has only the option to withdraw.

O apresentador prepara as perguntas, recorrendo às suas próprias opiniões ou experiências para provocar uma reação/resposta por parte dos convidados. Simultaneamente, enforma as respostas do convidados, de forma a colocar as suas convicções explícitas aos olhos do público (Loeb, 2015).

Quando o apresentador demonstra comprometimento e confiança nos pontos de vista defendidos pelos convidados, o público percebe-os com mais familiaridade e abertura para as ideias defendidas. Dessa forma, apesar de os programas de entretenimento parecerem, aparentemente, uma simples conversa espontânea, resultam, afinal, de normas devidamente orientadas, previamente negociadas e discutidas em *backstage*, tal como qualquer outra conversa em contexto institucional (Loeb, 2015). De acordo com o tipo de *talk show*, o foco para a conversa pode ser simplesmente um diálogo normal entre celebridades, ou podem ser abordados temas que vão desde questões

políticas e sociais, eventos atuais, ou tópicos relacionados com o domínio da vida privada (como o ciúme ou a infidelidade). Contudo, os convidados só têm voz enquanto o anfitrião e os constrangimentos de programação assim o permitem (Tolson, 2001).

Em televisão, existe um equilíbrio entre a ação e o diálogo – demasiada ação pode ser fisicamente cansativo e demasiado diálogo pode tornar-se confuso e aborrecido para quem assiste. Para os espetadores, os intervenientes atuam de forma espontânea. Contudo, os programas de entretenimento negociam, *a priori*, as temáticas e o papel que o apresentador e os convidados exercem, de forma a gerar um momento de qualidade ao nível da performance televisiva para ambas as partes (Altheide & Snow, 1979). Devido à sua aparente informalidade, as entrevistas podem incluir uma mistura entre o discurso institucional e intimista com o convidado (Loeb, 2015).

Segundo Rodrigues (2015, p. 31), o discurso assume um papel fundamental nos programas de entretenimento:

O discurso não é uma das instituições mediáticas; é o seu principal produto e o resultado do seu funcionamento. Os *media* produzem discursos como os pintores pintam telas, os músicos compõem músicas, os arquitetos projetam edifícios. É claro que os *media* desempenham também outras funções, mas todas elas têm no discurso o seu objetivo e a sua expressão final.

Os *media* pautam-se por uma forma discursiva em que a mensagem pretende ser passada para toda a sociedade (e não para um nicho). Assim, o discurso dos *media* assume “um contributo positivo para a permeabilidade dos discursos das outras instituições e para a homogeneidade das sociedades modernas” (Rodrigues, 2015, p. 34). Contudo, o discurso do anfitrião serve também como uma forma de controlo: através da criação de padrões linguísticos, o apresentador inicia e encerra as conversas, seleciona os tópicos e orienta as intervenções através de, por exemplo, perguntas, interrogações e comentários. Embora os mecanismos discursivos sejam comuns a todos os apresentadores, a performance do anfitrião altera-se consoante os convidados e os tópicos discutidos, bem como pela composição social do público (Tolson, 2001).

No caso dos programas de entretenimento, em particular dos *talk shows*, o discurso epidíctico dos apresentadores envolve a audiência de tal forma que resulta na imposição de ordem, associação de padrões e contribui para a formação das perceções

dos cidadãos. Assim, o discurso epidíctico dos apresentadores de *talk shows* pode ser interpretado como uma incitação à moralização do público (McKenzie, 2000).

O apresentador pode considerar a perspectiva dos convidados como “certa ou errada” em relação ao tema em discussão. Por consequência, o discurso levado a cabo pelo apresentador face às declarações do convidado, pode conduzir o público a tomar as suas futuras decisões morais: “Even television *talk shows* without a planned moralizing segment fall into imploring a moral consequence because of the frequent blame and praise endemic to their epideictic discourse” (McKenzie, 2000, p. 199). Segundo Loeb (2015), o apresentador constrói, através do discurso, um ambiente amigável para com os convidados.

Na perspectiva de O’Regan (2014), os apresentadores de *talk shows* partilham as suas opiniões com a sociedade numa tentativa de influenciar as opiniões de quem os ouve. Dessa forma, os apresentadores-celebridade utilizam a sua influência para persuadir os cidadãos a votar de uma determinada forma ou a defender certas questões das várias esferas da sociedade. Contudo, segundo algumas perspectivas sobre o tema, existem autores que sugerem que, apesar de as celebridades assumirem um papel de reforço e apoio aos candidatos políticos, é necessário que os políticos demonstrem e revelem experiência e conhecimento sobre os temas que defendem, de forma a melhorar a probabilidade dos cidadãos entenderem o reforço e optarem por assumir as posições defendidas pelas celebridades (Heath et al., 1994; Kahle & Homer, 1985; Kamins et al., 1989; O’Regan, 2014).

Através da utilização de técnicas de personalização, o apresentador enforma as perguntas, as respostas e encaminha o convidado para aquela que deve ser a sua performance televisiva. “O discurso é uma prática, não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado”, afirma Norman Fairclough (2001, p. 91), na obra “*Discurso e Mudança Social*”. O autor defende que o discurso apresenta sempre uma face textual e uma face social.

Seguindo a linha de pensamento de Fairclough, os programas de entretenimento apresentam ao espetador uma linguagem específica para representar a realidade: por um lado, apresentam formas particulares de identificar as identidades sociais – por exemplo,

moldam a nossa percepção sobre um determinado político ou cientista pela forma como são identificados ou tratados no programa de televisão; por outro lado, o entretenimento televisivo influencia a percepção que temos em relação a um determinado indivíduo pela forma como é construída a sua imagem nos *media* (Fairclough, 1995).

O apresentador assume, simultaneamente, um papel simbólico fundamental para os espetadores identificarem a televisão como “casa”. A televisão cria a sensação de “*togetherness*” (Tereza & Doris, 2009, p. 1) ao espetador e o “cenário funciona como metáfora da comunidade humana, reforçando o sentimento de bem-estar doméstico, a repetição de gestos de conforto e união, como a hospitalidade da anfitriã, a partilha da comida, da conversa e das agruras da vida” (Baptista et al., 2020, p. 170). Assim, o apresentador tem um papel determinante na construção de narrativas que façam o espetador viajar para a televisão e entenderem o *medium* como um espaço de proximidade e de comunidade com o quotidiano dos espetadores (Bonner, 2003).

Apesar de o moderador do programa se dirigir a milhares de pessoas, através da construção de uma ligação imaginária com os telespetadores, existe a ilusão de que o apresentador se dirige de forma individual e pessoal (Timberg & Erler, 2002), como se de uma interação entre dois amigos se tratasse. Segundo Horton & Richard Wohl (1956, pp. 216–217), a *persona* do apresentador pode ser percecionada pelo seu público como um amigo, conselheiro ou um modelo a seguir:

The persona offers, above all, a continuing relationship. His appearance is a regular and dependable event, to be counted on, planned for, and integrated into the routines of daily life. His devotees 'live with him' and share the small episodes of his public life-and to some extent even of his private life away from the show. Indeed, their continued association with him acquires a history, and the accumulation of shared past experiences gives additional meaning to the present performance. This bond is symbolized by allusions that lack meaning for the casual observer and appear occult to the outsider. In time, the devotee the "fan" comes to believe that he "knows" the persona more intimately and profoundly than others do; that he "understands" his character and appreciates his values and motives.

Em suma, através da utilização de técnicas de comunicação discursivas e expressivas, os apresentadores dos programas de entretenimento assumem-se como figuras de autoridade e criam a percepção ao público de proximidade e confiança. Para além disso, têm a capacidade de fidelizar o seu público e validar os seus pontos de vista, através do consentimento, direto ou indireto, dos telespetadores. Nesse sentido, os

diferentes campos sociais, nomeadamente a esfera da política (e os atores políticos), entendem a importância de utilizarem os programas de *talk show*, e os respetivos apresentadores-celebridade, como uma arena para reforçarem e credibilizarem os seus objetivos profissionais e/ou pessoais.

Capítulo 3. O Impacto do Entretenimento Televisivo no Público

We live in a world of ideas, and ideas, stereotypes, images have far greater directive forces in our lives, generally, than do the conditions they are supposed to reflect. (Nisbet, 1977, p. 76)

Na perspetiva de Altheide e Snow (1979), na obra *Media Logic*, os autores defendem que os *media* são reconhecidos por todos como um fenómeno dominante na sociedade contemporânea. Por esse motivo, acabam por se tornar fulcrais para entender a forma como olhamos para os acontecimentos sociais.

Apesar de os autores considerarem que existem investigadores que apontam para a presença de um “*fear of media*” - no sentido em que os grandes *media* têm a capacidade de distorcer os acontecimentos e/ou determinar o comportamento dos cidadãos - por exemplo, influenciar o comportamento de voto, afetar a forma como apreendem a informação e manipular as crenças -, os autores argumentam que o medo não deve ser o fator crítico para compreender os *media*. Pelo contrário, defendem que devemos olhar para os *media* como um processo interativo que não tem, obrigatoriamente, uma causa-efeito na forma como os cidadãos se vão comportar em sociedade:

People don't always vote for the candidate with the most exposure, and well-publicized movies are sometimes box-office flops. This evidence indicates that it is misleading to interpret *media* as stimulus/response conditioning. In place of a conspiracy or conditioning model, we propose that both communicator and audience member employ a particular logic—a *media* logic—that is used to present and interpret various phenomena. (Altheide & Snow, 1979, p. 10)

Segundo os autores, a característica mais relevante para o entretenimento é a satisfação do seu público³. A chave para compreender o entretenimento está em entender como o significado é estabelecido em qualquer interação interpessoal. Se estas

³ Em Portugal, o programa satírico *Isto é Gozar com Quem Trabalha*, apresentado por Ricardo Araújo Pereira, aborda temáticas relacionadas com a política e entrevista atores políticos no programa. O programa de domingo à noite revela a importância que assume na forma como os assuntos políticos (e os políticos) são percebidos pelo público. Do ponto de vista das audiências, a estreia do programa foi assistida por mais de 1,5 milhões de pessoas. Informação disponível em <https://www.dinheirovivo.pt/empresas/mais-de-15-milhoes-viu-isto-e-gozar-com-quem-trabalha-12687065.html>

performances são ou não entretenimento, depende da resposta do público, assim como o significado que surge em qualquer situação social depende da resposta do "outro": "We laugh hysterically, cry real tears, feel pride, love, hate, and even shame. Any performer measures the success of a show by the emotional response of the audience." (Altheide & Snow, 1979, p. 21)

O presente capítulo tem como objetivo compreender o impacto dos programas de entretenimento televisivo na forma como o público percebe o mundo e as diferentes esferas da sociedade.

No subcapítulo 3.1. *A Perceção do Público em Relação à Realidade Construída*, pretendemos estudar a forma como os cidadãos recebem, interpretam e como, consequentemente, atuam em sociedade tendo em conta as histórias construídas nos programas de entretenimento televisivo.

No subcapítulo 3.2. *O Impacto dos Programas de Entretenimento no Comportamento Político dos Cidadãos*, ambicionamos perceber os efeitos que a presença dos atores políticos nos programas de *daytime* provocam na perceção do público. Nesse sentido, o subcapítulo explora a forma como diferentes grupos de cidadãos entendem e interpretam a presença política num contexto televisivo marcado pela informalidade.

Em suma, o presente capítulo pretende investigar, sob o ponto de vista do telespetador, a forma como são entendidas as histórias trabalhadas no entretenimento: (1) como é que os telespetadores interpretam a narrativa construída nos programas de *daytime*? (2) como é que os telespetadores interpretam a *performance* humanizada dos atores políticos nos programas de entretenimento?

3.1. A Perceção do Público em Relação à Realidade Construída

O entretenimento pode influenciar a forma como a sociedade interpreta o mundo? Segundo a perspetiva de Altheide & Snow (1979), podemos observar o impacto da lógica do entretenimento na perceção do público sob dois pontos de vista:

Por um lado, em termos sociológicos, os autores defendem que o público apresenta recetividade quanto à perspetiva apresentada pelo entretenimento. A

combinação dos elementos da gramática televisiva são pouco ambíguos, com o objetivo de todos os espetadores, mais ou menos esclarecidos, poderem prever e compreender com precisão as mensagens comunicadas no entretenimento. O público, por sua vez, constrói uma “consciência mediática”, adotando as definições fornecidas pela cultura do entretenimento para a construção de uma visão própria e individual relativa às questões sociais (Altheide & Snow, 1979).

Por outro lado, os autores criticam a noção popular de que a televisão reflete a sociedade como se de um espelho se tratasse. A televisão não reflete o comportamento da sociedade, mas tenta estabelecer significados aos acontecimentos e fenómenos sociais. Dessa forma, a televisão faz uma seleção de temas e apresenta-os de acordo com a lógica mediática e a perspectiva do entretenimento:

Television does not reflect behavior; it attempts to establish meanings. Television takes topical subjects and presents them through the entertainment perspective and formats discussed earlier. In doing so, certain aspects of the way in which the subject is presented are emphasized over others; thus, the subject is significantly altered. (Altheide & Snow, 1979, p. 47)

Na perspectiva de Delli Carpini (2004), a utilização dos *media* está correlacionada com o envolvimento democrático, com o interesse político e a respetiva participação na vida cívica. Contudo, segundo o autor, os *media* podem também fomentar o efeito contrário:

There is evidence that *media* use can also foster cynicism, apathy, ignorance, and disengagement. Understanding the impact of the *media* on the engagement of citizens requires careful consideration of the specific elements that make up both engagement and *media* (Carpini, 2004, p. 395)

O impacto dos *media* no envolvimento democrático por ser analisado tendo em conta o tipo de meio de comunicação e o género. Em particular, os *talk shows* têm a capacidade de afetar diferentes aspetos do envolvimento democrático e distintos setores da população. Como os *talk shows* concentram a sua audiência em públicos-alvo específicos, afetam a audiência de formas muito particulares e distintas, quando comparados, por exemplo, com notícias ou artigos de opinião (Carpini, 2004).

Na perspectiva de Marshall McLuhan e Quentin Fiori (2001), a extensão de qualquer sentido altera a forma como agimos e pensamos o mundo. Segundo os autores, todos os

meios de comunicação alteram o nosso comportamento. Porquê? Pelo facto de serem tão abrangentes, provocam consequências pessoais, políticas, económicas, psicológicas, morais, éticas e sociais, alterando a forma como o consumidor olha e reflete sobre os fenómenos sociais. Assim sendo, “*the medium is the message*” porque todos os meios são extensões das nossas faculdades físicas e psíquicas. Por esse motivo, é impossível compreender qualquer mudança social e cultural se não entendermos os *media* como ambientes para essa transformação (McLuhan & Fiore, 2001, pp. 26–27).

O apresentador, como moderador da conversa no programa, pode considerar os pontos de vista dos convidados como certos ou errados, em relação ao assunto em debate. Por consequência, o discurso utilizado pelo apresentador face às declarações do convidado pode conduzir o público a tomar as suas futuras decisões morais (McKenzie, 2000).

Segundo McKenzie (2000), a natureza moralizante do discurso dos programas de entretenimento provoca nos telespetadores a sensação de uma participação ativa na vida em sociedade. Porquê? Porque a audiência escutou o convidado do programa de entretenimento, considerou as suas palavras, bem como as do apresentador, e, conseqüentemente, reagiu, direta ou indiretamente, às suas declarações. Contudo, o autor defende que esta “participação” deve ser caracterizada como “pseudo-cívica” porque provoca no espetador a ilusão de participar efetivamente na vida cívica da sociedade em que se insere. Mas, na verdade, pode impedir a participação efetiva nas questões cívicas:

Unfortunately, the feeling of pseudo-civic participation may actually thwart real participation in civic discourse, such as attending town council meetings, contacting state or federal elected officials, discussing issues with a neighbor, and other related activities (McKenzie, 2000, p. 201).

Na perspetiva de Neil Postman (1985), a televisão transforma, cada vez mais, as temáticas dos diferentes campos sociais em entretenimento. Segundo o autor, os espetadores demonstram um crescente “apetite sem fundamento” para assistir a este tipo de televisão. Dessa forma, o público acaba por assistir à construção de uma realidade minada pelo entretenimento e, por consequência, corre o risco de perder a perceção da realidade:

Our politics, religion, news, athletics, education and commerce have been transformed into congenial adjuncts of show business, largely without protest or

even much popular notice. The result is that we are a people on the verge of amusing ourselves to death (Postman, 1985, pp. 3–4).

Postman não vê nada de errado no entretenimento, contudo critica, por um lado, a forma como a televisão e a sociedade decidem agir em relação aos temas fulcrais da sociedade: “there is no subject of public interest—politics, news, education, religion, science, sports— that does not find its way to television. Which means that all public understanding of these subjects is shaped by the biases of television” (Postman, 1985, p. 78); por outro lado, segundo o autor, os telespetadores que permitem ser privados de informações autênticas, aceitando que os temas televisivos sejam abordados pela via do entretenimento com pouca profundidade na abordagem, torna-os cidadãos ignorantes: “But what shall We do if we take ignorance to be knowledge?” (Postman, 1985, p. 108)

No ponto de vista de John Thompson (2005), os espetadores desenvolvem uma relação simbólica - “*quasi-interaction*” - com os programas de televisão. Uma vez que a interação é mediada por um canal, não apresenta uma interação interpessoal entre os produtores de conteúdo e os destinatários. Contudo, segundo o autor, apesar de não existir uma forma de interação direta, cria-se um laço social entre ambas as partes:

It creates a certain kind of social situation in which individuals are linked together in a process of communication and symbolic exchange. It also creates distinctive kinds of interpersonal relationships, social bonds and intimacy (what I call ‘nonreciprocal intimacy at a distance’) (Thompson, 2005, pp. 33–34).

Segundo Oliveira (2015), os *media* assumem um papel fulcral na forma como os cidadãos percecionam a realidade e, simultaneamente, na forma como tomam decisões na vida democrática. Para o autor, mais do que invocar os *media* como “quarto poder”, é necessário olhar para os meios de comunicação como fontes de prestação de serviço público para a tomada consciente de decisões dos cidadãos em sociedade.

Segundo a perspetiva de Norman Fairclough (1995), o discurso mediático pode ser traduzido em três conjuntos de perguntas que dizem respeito ao impacto que os *media* têm na forma como a sociedade perceciona a realidade. Em primeiro lugar, os *media* dizem ao consumidor como é que o mundo é representado porque apresentam uma linguagem particular para representar a realidade; em segundo lugar, os meios de comunicação apresentam formas particulares de identificar as identidades sociais – por exemplo, moldam a nossa perceção sobre um determinado político ou cientista pela forma

como são identificados nos programas de televisão; em terceiro lugar, Fairclough argumenta que os meios de comunicação influenciam a relação que criamos relativamente a um determinado indivíduo pela forma como é construída a sua imagem nos *media* – “qual é a relação estabelecida entre os envolvidos?”.

Tendo em conta os autores anteriormente citados, podemos verificar que existem diferentes formas de olhar o impacto dos *media* e, em particular, os programas de entretenimento televisivo, como veículos de influência na forma como os cidadãos percebem a realidade.

Olhar para a televisão e para os programas de entretenimento deve ser analisado criticamente no contexto atual. Nesse sentido, segundo Graber (2000), olhar para a democracia e para as alterações sociais deve ser analisada com uma mente aberta. Uma vez que atravessamos grandes mudanças no ambiente social, económico, político e cultural, a percepção dos cidadãos em relação à cidadania e à democracia deve ser analisada em contexto, especialmente tendo em conta o aparecimento das *soft news* e o *infotainment* no ambiente que, até então, pertencia somente à classe dos jornalistas. Na perspetiva da autora, estas alterações não são necessariamente más, no sentido em que a sociedade já não se conforma com os velhos padrões do passado.

3.2. O Reflexo dos Programas de Entretenimento no Comportamento Político dos Cidadãos

A comunicação política mediada tornou-se central para a sociedade e para a política nas democracias contemporâneas. Nesse sentido, é possível compreender a centralidade da comunicação política e dos seus canais através dos seguintes pressupostos: por um lado, segundo Bennett e Entman (2001), é importante perceber que a forma como os cidadãos atuam politicamente implica que exista uma compreensão da centralidade da comunicação mediada, tanto no processo governativo propriamente dito, como na percepção dos cidadãos relativamente à sociedade e aos seus problemas; por outro lado, na perspetiva de Lawrence e Boydston (2017), é especialmente relevante repensar a nossa compreensão de arenas, atores e informação, tendo em conta que se considera que a confiança dos cidadãos na política está em declínio, e que se estende a uma desconfiança relativamente aos meios de comunicação tradicionais.

Partindo do princípio de que o acesso à comunicação é uma ferramenta básica para que exista igualdade nas democracias modernas, os *media* têm a capacidade de moldar a participação da sociedade na forma como olham para o poder político: se, por um lado, os *media* podem afetar a participação da sociedade de forma negativa, obscurecendo os motivos e interesses que se encontram por detrás das decisões políticas; podem, por outro lado, atingir os cidadãos de forma positiva na medida em que podem estimular e promover o envolvimento dos cidadãos nas decisões políticas (Bennett & Entman, 2001). À medida em que os meios de comunicação proliferam na sociedade, o público é cada vez mais segmentado para os conteúdos específicos que os formatos oferecem. Nesse sentido, o que acontecerá ao espaço de informação comum?

Por um lado, as novas tendências do mercado dos *media* sublinham a crescente e diversa informação mediada. Os consumidores têm o poder de escolher as informações que pretendem assistir, filtrando o discurso político de acordo com as suas preferências. Mas, por outro lado, esta multiplicidade de escolhas do consumidor fragmenta a transmissão da mensagem política. Ao contrário do passado, em que a televisão era homogênea - onde havia pouca opção de escolha de canais -, os cidadãos partilhavam uma experiência política mediada comum. Contudo, atualmente, a sociedade tem mais escolha de canais e formatos. Nesse sentido, a formação de opiniões sobre o mundo e, em particular, sobre os atores políticos, fragmentou-se. Por consequência, surgiram novos desafios à comunicação política (Bennett & Entman, 2001).

Apesar de poder variar de país para país, a forma como os *media* retratam a política representa um desafio para a participação democrática dos cidadãos. Nesse sentido, a cobertura mediática negativa da política pode fomentar o descontentamento dos cidadãos em relação à política, uma vez que influencia, em particular, a desconfiança nos políticos e na democracia na sua generalidade (Esser & Matthes, 2013).

No estudo realizado por Schemer (2010) à campanha política de restrição de asilo na Suíça, o autor verificou que a informação contida nos meios informativos tradicionais (jornais de referência, por exemplo) demonstrava ser consistente para os cidadãos obterem informações claras sobre a questão em debate. Por oposição aos meios informativos tradicionais, o investimento da comunicação política na arena do entretenimento demonstrou ter um efeito negativo para a campanha política em debate, no sentido em que os cidadãos se sentiam com raiva e medo relativamente aos pedidos de

asilos no país. Segundo o autor, este efeito pode ser explicado devido à natureza conflituosa e desintegradora deste género específico, uma vez que os programas de entretenimento se podem focar mais no conflito e na polarização de posições políticas. Por consequência, segundo o autor, os programas de entretenimento podem ter influenciado os cidadãos a perceberem os políticos como atores incapazes de resolver devidamente a questão em debate.

Uma vez que a legitimidade política é frequentemente posta em causa, devido à desconfiança e ceticismo dos cidadãos, Bennett e Entman (2001) sugerem que se explore o impacto da comunicação política através do conceito de esfera pública nos *media*. A esfera pública pode ser definida como todos e quaisquer locais, físicos ou virtuais, onde as ideias políticas são discutidas e abordadas abertamente. Por exemplo, em espaços como cafés, salas de chat *online*, troca de opiniões em revistas ou através de programas de entretenimento. A cultura popular emergente, impulsionada pelas transformações nos canais de comunicação, provoca uma permeabilidade das fronteiras que separam os assuntos políticos e não políticos e, simultaneamente, os assuntos que pertencem à esfera pública e à esfera privada. Nesse sentido, os autores defendem que os espaços noticiosos e de entretenimento estimulam o questionamento democrático:

Mediated communication, from news programs to entertainment fare, serves important functions in the contemporary public sphere. It provides good or bad information, offers engaging or stupefying perspectives on social issues, stimulates conversations among friends or between strangers on trains, and offers a selection of political, scientific, and socially authoritative or dubious sources that audiences may accept or reject in thinking about social issues. (Bennett & Entman, 2001, p. 6)

Ao invés de se pensar a informação política apresentada nos *media* como uma dicotomia entre as notícias e o entretenimento, Williams e Delli Carpini (2011, p. 122) sugerem que se entenda a mensagem política transmitida nos *media* como uma multiplicidade de canais que transmitem informação politicamente relevante. Mas, o que torna uma mensagem dos *media* politicamente relevante?

Politically relevant *media* shape opportunities for understanding, deliberating, and acting on (1) the conditions of one's everyday life, (2) the life of fellow community members, and (3) the norms and structures of power that shape these relationships. We offer this definition not because it is the only one possible, but as a way to break the habit of relying on reified definitions of political relevance rooted in past *media*

regimes. Our definition is meant to start a conversation about what constitutes political *media* in the new *media* environment.

Partindo desse pressuposto, os programas de entretenimento podem ser politicamente tão relevantes como os jornais noticiosos ou como os espaços noticiosos em televisão. Por um lado, o consumo de notícias pelos meios tradicionais – formatos informativos/noticiosos – está a diminuir (Prior, 2005); por outro lado, os formatos de entretenimento televisivo estão a ganhar espaço e a criar oportunidades para novos formatos mediáticos (e para os atores políticos não tradicionais) criarem espaço para se destacarem politicamente junto dos espetadores. No fundo, para além dos formatos informativos ditos tradicionais, a comunicação dos atores políticos estendeu-se a novos espaços mediáticos – o palco do entretenimento (Lawrence & Boydston, 2017).

Apesar de poder haver “ruído” de transmissão relativamente às informações políticas nos *media*, Bennett e Entman (2001) consideram que os cidadãos apresentam um nível de racionalidade elevado no seu pensamento político e, apesar de poderem ser bombardeados com mensagens e ações políticas nos *media* que servem como estratégia para influenciar o pensamento político, os cidadãos não se deixam influenciar pelo espetáculo político desenvolvido nos *media* e atuam com relativa racionalidade quando se trata de decisões relacionados com a política.

Por oposição, Williams e Carpini (2011) defendem que, tendo em conta que têm sido criados programas de entretenimento para públicos cada vez mais segmentados, os espetadores podem ter a sensação de que as suas ideias e valores são partilhados quase de forma homogênea, uma vez que as escolhas programáticas que fazemos vão ao encontro dos seus gostos e preferências televisivas. Dessa forma, pode criar a sensação de que a sua forma de pensar é partilhada pela maioria dos cidadãos.

Na perspetiva de Boukes e Boomgaarden (2016, pp. 1147–1158), a receptividade e a influência da presença dos atores políticos nos programas de entretenimento depende da literacia política e mediática que os cidadãos apresentam. Os autores estabelecem uma distinção entre tipo de espetadores para identificar como é que o público entende a presença dos políticos nos programas de entretenimento. Nesse sentido, identificam dois tipos de perfil: (1) pessoas com mais literacia política e mediática e (2) pessoas com menos literacia política e mediática.

Por um lado, as pessoas com mais literacia política e mediática, com mais conhecimento sobre política, entendem que a exposição demasiado enfatizada dos políticos ao entretenimento pode criar uma imagem negativa em relação ao político e, conseqüentemente, podem percecioná-lo como um político pouco profissional. Contudo, as pessoas com menos literacia política e mediática, entendem a personalização do político e a exposição das características da sua personalidade (por exemplo, o humor) nos programas de entretenimento, como um fator de identificação – por oposição às entrevistas nos meios informativos tradicionais.

Por outro lado, as pessoas com mais literacia política e mediática estão mais disponíveis para questionar e desconfiar dos políticos no registo do entretenimento. Por esse motivo, para este grupo de indivíduos, a atuação dos políticos no entretenimento pode prejudicar negativamente a confiança que têm nos políticos por considerarem inapropriado falarem sobre a sua vida pessoal. Por oposição, o grupo com menos conhecimento sobre política ganha mais confiança nos políticos através da sua exposição nos programas de entretenimento por considerarem as entrevistas políticas nos meios informativos tradicionais como diálogos desviantes ou incompetentes (devido ao facto de não entenderem o conteúdo da conversa).

Pessoas diferentes colocam valores distintos nas informações políticas que consomem. Nesse sentido, ao contrário do grupo de indivíduos que consomem *hard news* sobre política, os indivíduos com menos literacia mediática acreditam que consumir notícias políticas pode ser intelectualmente dispendioso, no sentido em que não compreendem a informação ou não se sentem atraídos para os assuntos políticos propriamente ditos. Conseqüentemente, no momento de votar, os cidadãos que apenas consomem notícias políticas através do entretenimento podem não ter um voto tão consciente como um indivíduo conhecedor dos temas em debate na política. Contudo, apesar de haver níveis de literacia distintos entre estes dois grupos de cidadãos, as pessoas menos atraídas para o tema da política são incentivadas a fazê-lo através da narrativa construída pelo entretenimento (até por vezes sem a consciência de que estão a fazê-lo) (Baum, 2005; Baum & Jamison, 2006; Boukes & Boomgaarden, 2016).

Baum e Jamison (2006) defendem que os cidadãos com menos literacia política podem votar de forma razoável e eficaz, independentemente de não consumirem *hard news* pelos meios de informação tradicionais. Ou seja, o consumo de notícias políticas

através do entretenimento sedimenta pistas políticas suficientes para votarem nos seus próprios interesses: “(...) at least with respect to voting, most citizens are able to act in their own interests, even if their predilection is for Oprah Winfrey instead of Jim Lehrer” (Baum & Jamison, 2006, p. 957).

Em suma, o entretenimento pode assumir, por um lado, um caráter negativo no grupo de pessoas com mais literacia política e mediática, na medida em que consideram inapropriado os atores políticos falarem sobre a sua vida pessoal; por outro lado, para o grupo de cidadãos menos exposto ao campo político, o entretenimento pode tornar-se uma ferramenta para cativar indivíduos pouco interessados no conteúdo da mensagem política, e provocar identificação na forma como a mensagem é transmitida (através da humanização dos políticos no espaço público).

Parte II | Componente Empírica

Capítulo 4. Metodologia

Após termos realizado o enquadramento teórico, o presente capítulo tem como objetivo demonstrar a forma como decorrerá a análise do estudo de caso. Segundo Isabel Ferin Cunha (2016), a investigação ao campo dos *media* “é uma tarefa complexa e multidisciplinar que articula o conceito de análise e de *Media*” e, por esse motivo, é necessário implementar “procedimentos (e técnicas) ancorados em disciplinas e conceitos, com vista a extrair conteúdos e sentidos veiculados pelos meios de comunicação (...)” (Cunha, 2016, p. 240).

Partindo do princípio de que a “pesquisa científica exige criatividade, disciplina organização e modéstia, baseando-se no confronto permanente (...) entre o conhecimento e a ignorância” (Goldenberg, 2004, p. 13), a presente investigação centra-se na relevância que os programas de entretenimento assumem na construção da imagem pública humanizada dos atores políticos. Nesse sentido, o objeto de estudo que vai servir o presente trabalho centra-se no *Programa da Cristina*, emitido pela *Sociedade Independente de Comunicação* (SIC), entre 7 de janeiro de 2019 e 17 de julho de 2020, por o entendermos como veículo de influência e de estratégia da comunicação dos atores políticos portugueses.

O estudo tem como objetivo perceber, por um lado, como o conteúdo “políticos” no *Programa da Cristina* se tornou diferenciador quando comparado com as restantes emissões de *daytime*, em Portugal; e, por outro lado, tendo em conta que os atores políticos tiveram a oportunidade de adotar diferentes estratégias de comunicação (através do investimento na humanização e na centralização do carácter), pretendemos perceber como as presenças políticas no *Programa da Cristina* podem ter sido utilizados pelos atores como um espaço de campanha política permanente.

4.1. Apresentação do Programa em Estudo

O *Programa da Cristina* foi um *talk show* matinal português emitido pela *SIC* e produzido pela *Coral Europa*. Apresentado por Cristina Ferreira, e com lugar entre as 10h00 e as 13h00 da manhã, o programa dividido em três partes “rapidamente se

destacou, atraindo quase meio milhão de espetadores, um número muito superior ao dos seus competidores” (Baptista et al., 2020, p. 166).

O cenário do programa distinguiu-se dos programas de entretenimento produzidos em Portugal por apresentar características diferenciadoras. Ao invés de se limitar ao cenário com efeito de “estúdio de televisão”, o ambiente do programa distinguiu-se por um cenário intimista que pretendia transmitir aos telespetadores a sensação de casa (Figura 1). O cenário do programa, composto por um *hall* de entrada, sala de estar, cozinha, casa de banho, escritório, quarto e garagem, transmite a “sensação de bem-estar, confiança nas ações individuais e coletivas (...) medeia a relação do indivíduo consigo e com os outros, conferindo agência e estrutura” (Baptista et al., 2020, p. 169).

Figura 1 - Cenário do Programa da Cristina⁴



Segundo o artigo “*Big Show Cristina Ferreira*”, o programa foi ao encontro da linha dos *talk shows* produzidos nos Estados Unidos da América, no final do século XX:

“O Programa da Cristina enquadra-se numa tradição de *talk shows* televisivos que proliferaram nos EUA na década de 90 do século XX, tornando os seus apresentadores tão populares que o título do programa é o seu nome. São exemplos Larry King, Oprah Winfrey, Jerry Springer, Rosie O’ Donnell, Jenny Jones e tantos outros. O formato prevê um tema principal de discussão, seja o jornalismo, a política, as celebridades ou os escândalos sexuais; um único apresentador; vários convidados; e múltiplos momentos cómicos, musicais ou de reportagem.” (Baptista et al., 2020, p. 169)

⁴ Imagens disponíveis para consulta em <https://sic.pt/Programas/casa-feliz/fotos/2019-01-07-Entre-na-casa-da-Cristina-Ferreira>

Cristina Ferreira, a apresentadora do programa, apresenta uma carreira com influência no circuito televisivo português e, por esse motivo, detinha a credibilidade e influência necessária para a colocação do seu nome no título do programa. Para além do longo percurso profissional, a transferência da apresentadora da *TVI* para a *SIC* foi vista com aparato no campo dos *media*.

Após a transferência para a *SIC*, na primeira entrevista exclusiva ao *Jornal da Noite*, no dia 17 de setembro de 2018, Cristina Ferreira explicou que houve quem lhe dissesse que a saída da *TVI* “era quase semelhante à morte da Princesa Diana”⁵. De facto, os resultados da estreia do programa demonstram, segundo a jornalista Sónia Calheiros (2021), que “a 7 de janeiro de 2019, a estreia do *Programa da Cristina* na *SIC* atingiu o resultado histórico de 40,6% de share (quota de mercado do canal ou programa), com 671 mil telespectadores, correspondente a 6,9% de rating (percentagem de pessoas, tendo em conta o universo de 10 milhões da população portuguesa, que vê um programa). Irrepetível”. Para além de se ter tratado de uma transferência de estação hipermediatizada, Cristina Ferreira assumiu um papel preponderante na *SIC* porque foi uma das responsáveis por tornar a estação como o canal líder de audiências em Portugal, fenómeno que já não acontecia há 12 anos (Baptista et al., 2020).

Após dois anos de programa, a saída repentina de Cristina Ferreira da *SIC*, a 17 de julho de 2020, ditou também uma alteração no que diz respeito à comunicação dos políticos no programa de *daytime* da estação. No momento em que o *Programa da Cristina* terminou, houve repercussões nas dinâmicas dos atores políticos no novo programa matinal da *SIC*, a *Casa Feliz*, e conseqüentemente, levou à interrupção da presença de políticos no programa. Dessa forma, a *Casa Feliz*, significou, para o campo da comunicação política, uma perda de palco para os políticos comunicarem e, simultaneamente, um corte na amplificação de um espaço de *performance* política que, até ao momento, era frequente no *Programa da Cristina*.

⁵ Entrevista acessível na íntegra em <https://sic.pt/Programas/cristina-ferreira/videos/2018-09-17-A-entrevista-a-Cristina-Ferreira-na-integra>

4.2. Objetivos da Investigação e Pergunta de Partida

O presente estudo tem como objetivo compreender o fenómeno do *Programa de Cristina* tendo em conta, por um lado, o ângulo da lógica dos *media* e, por outro lado, o ângulo da estratégia e da lógica da política.

Em primeiro lugar, no que diz respeito ao ângulo da lógica dos *media*, a investigação pretende perceber como é realizada a negociação de interesses entre os *media* e a política, ou seja, analisar a forma como o conteúdo diferenciador do programa utilizou os atores políticos para influenciar a agenda mediática e política; paralelamente, o estudo tem como objetivo compreender como o *Programa da Cristina* se tornou um veículo de influência na perceção que o público tem dos políticos.

Em segundo lugar, no que diz respeito à lógica da política, o estudo pretende analisar a presença dos atores políticos no programa de entretenimento, tendo em conta: a forma como são selecionadas e trabalhadas as “histórias” que são contadas no programa; a influência que os *media* têm na construção do discurso do ator político e na forma como se apresentam no programa; compreender como a “humanização do político” se tornou uma ferramenta para os atores políticos construírem uma imagem de credibilização e legitimação das ações políticas; compreender como o «*Programa da Cristina*» pode servir como um veículo para o desenvolvimento de campanha política permanente.

Após termos procedido à realização do enquadramento teórico no capítulo 1, 2 e 3, onde foram apresentadas as principais lógicas, adaptações e negociações inerentes ao campo dos *media* e ao campo da política, o estudo pretende responder às seguintes questões de investigação:

- (1) Como é que o *Programa da Cristina* re(a)presenta os políticos à sociedade portuguesa?**
- (2) Que características performativas apresentam os atores políticos no *Programa da Cristina*?**

4.3. *Corpus* e Período de Análise

Segundo Quivy e Campenhoudt (2008), o *corpus* da investigação deve ter em conta um conjunto de regras de seleção: (1) regra da exaustividade – todos os elementos

possíveis de análise devem ser considerados e, no caso de o investigador ter alguma limitação, deverá conseguir justificar devidamente; (2) regra da homogeneidade - os dados em análise devem “obedecer a critérios precisos de escolha e não apresentar demasiada singularidade fora desses critérios”; (3) regra da pertinência – a captação dos materiais deve ser adequada para a análise, com vista a responder ao objetivo a que a investigação se propõe (2008, pp. 126–127).

O *corpus* do estudo vai basear-se na captação de todos os conteúdos, desde o dia 7 de janeiro de 2019 (estreia do programa) até ao dia 17 de junho de 2020 (último programa), que envolvam, tanto a presença direta dos atores políticos portugueses no *Programa da Cristina*, como a presença indireta dos atores políticos – marcado pela representação de familiares/amigos dos respetivos atores.

Para alcançar os objetivos do estudo, serão analisados 56 programas, onde os atores políticos marcaram presença. O *corpus* foi construído através do visionamento de todos os programas, desde a estreia até ao término do programa. Após a seleção dos momentos com presença política no *Programa da Cristina*, procedemos à visualização dos dados recolhidos e seguimos o desenho metodológico apresentado no subcapítulo seguinte.

4.4. Desenho Metodológico

Com vista a responder aos desafios propostos para esta investigação, o estudo vai seguir a conceção pragmática do mundo, desenvolvido por Charles Pierce, William James, George Mead e John Dewey. Tendo como ponto de partida a visão defendida por Creswell (2009, pp. 10–11), este olhar filosófico sobre o mundo contribui para a investigação no sentido em que pressupõe que:

(1) Os investigadores têm liberdade de escolha para selecionar os métodos, as técnicas e os procedimentos que se adequam às necessidades da investigação;

(2) O olhar pragmático não olha para o mundo como uma unidade absoluta e, por esse motivo, o método qualitativo e quantitativo ajudam a ancorar a investigação com vista a despertar diferentes abordagens à investigação;

(3) A investigação pragmática olha o método como um meio para atingir um fim, no sentido em que procuram perceber o que pesquisar e como pesquisar para obter as consequências pretendidas;

(4) Para uma investigação pragmática assente numa metodologia mista, está intrínseca a procura por diferentes visões do mundo e do objeto a investigar.

Tendo em conta que a análise aos *media* deve considerar que os canais de comunicação – rádio, televisão ou a imprensa -, apresentam características e objetivos distintos, a investigação partirá do princípio de que a análise dos dados será “o resultado de um processo cognitivo interno – em que se decide sobre o que pensar – e os dispositivos teóricos e metodológicos utilizados na reflexão sobre um assunto, tema ou fenómeno” (Cunha, 2016, p. 241).

Tal como os pintores necessitam das técnicas e da visão para chegar a imagens que tragam novidade, os investigadores necessitam de ferramentas que os ajudem a ver para além do comum, para trazerem compreensões novas para a vida social (Strauss & Corbin, 2003). Nesse sentido, a presente investigação vai seguir uma metodologia mista (qualitativa e quantitativa), com vista a trazer uma análise que funda e provoque convergência dos dados para a análise.

Segundo John Creswell (2009), as abordagens qualitativas e quantitativas não devem ser vistas como polos opostos ou dicotomias. Assumindo que todos os métodos têm as suas limitações, a combinação das metodologias pode ajudar a superar as limitações das diferentes técnicas: “For example, the results from one method can help identify participants to study or questions to ask for other method” (2009, p. 14 apud Tashakkori & Teddlie, 1998).

Uma vez que pretendemos investigar a forma como o comportamento dos atores políticos é construído no *Programa da Cristina*, o estudo irá centrar-se na análise de conteúdo. Nesse sentido, a investigação pretende filtrar todos os programas e perceber quando e como é realizada a atuação dos políticos no programa, de que forma atuam e com que regularidade. Para atingir o objetivo, será utilizada a técnica de análise de conteúdo por ser, no campo das ciências sociais, capaz de analisar os símbolos e, simultaneamente, destinar-se a compreender as “ideologias subjacentes à comunicação” (Janeira, 1971, p. 398).

Após selecionado o *corpus* que vai enformar a investigação, será importante escolher o menos – e o mais importante – elemento da análise do conteúdo. Essa seleção implica a aplicação de processos técnicos relativamente precisos porque oferece a possibilidade de tratar, de forma metódica, informações e testemunhos que apresentam um certo grau de profundidade e de complexidade (Quivy & Campenhoudt, 2008). Para atingir a finalidade do estudo, vão ser estabelecidas categorias de análise com o objetivo de “descobrir os «núcleos de sentido» que compõem a comunicação e cuja presença, ou frequência de aparição, podem significar alguma coisa para o objetivo analítico escolhido” (Bardin, 2011, p. 135). Dessa forma, segundo o pensamento de Bardin (2011), a análise categorial “funciona por operações de desmembramento do texto em unidades, em categorias segundo reagrupamentos analógicos” (Bardin, 2011, p. 201).

Através das categorias de análise, o estudo tem como objetivo compreender de que forma o *Programa da Cristina* alterou as dinâmicas mediáticas e políticas, não só através do tempo de antena dado aos convidados políticos, mas, simultaneamente, na forma como a apresentadora e o entrevistado se relacionaram entre si, no tipo de temas que abordaram e nas emoções que pretenderam transmitir. No fundo, temos como objetivo perceber como o campo dos *media* e da política pensaram e trabalharam as estratégias de comunicação do programa.

Através da utilização de uma grelha de análise, as categorias que vão compor a análise da presença política no *Programa da Cristina* são as seguintes: data; parte; duração; interveniente; função que desempenha; tipo de presença política; tema; trato; revelações inéditas; exemplos de fala e exemplos de toque; local de encontro⁶.

No que diz respeito à **data**, temos como objetivo perceber quando é que a entrevista com os atores políticos aconteceu e, simultaneamente, perceber com que regularidade a presença política fez parte da agenda do programa.

Uma vez que o programa está dividido em três momentos distintos, o estudo pretende perceber em que **parte** surgiram as entrevistas aos atores políticos e qual a **duração** das mesmas. Paralelamente, temos como objetivo comparar as entrevistas e

⁶ As categorias de análise podem ser consultadas nos Anexos A, B, C, D, E, F e G.

perceber se existiu uma relação entre o tema e a relevância da conversa, tendo em conta a parte em que as entrevistas se inseriram no alinhamento do programa.

Relativamente ao **interveniente** e à **função que desempenha**, para melhor compreender o impacto que o discurso teve, o estudo tem como objetivo identificar a figura política e o cargo que exercia no momento em que cedeu a entrevista.

Será também relevante analisar o **tipo de presença política** e a **presença de familiares/amigos**. Por um lado, pretendemos perceber se foi uma presença direta, na qual o ator político esteve presente no programa, e, simultaneamente, queremos perceber se estiveram presentes familiares/amigos e quais os papéis que desempenharam. Por outro lado, no caso de se tratar de uma presença indireta, representada através de familiares e/ou pessoas próximas ao ator político no programa. Esta distinção é relevante no sentido em que se pretende perceber o caráter e o rumo dado às conversas com a presença direta e indireta dos políticos.

Por consequência do tipo de presença acima apresentado, o estudo pretende perceber qual foi o **tema** que levou os políticos (e/ou os seus respetivos representantes) a ceder a entrevista no programa. Esta categoria é relevante para compreender a importância que o *Programa da Cristina* assumiu nas rotinas da comunicação política, uma vez que o tipo de conversa e o discurso “humanizado” permite que os políticos cheguem a outros tipos de público. Para isso, consideramos relevante fazer uma subdivisão do tema, com vista a estabelecer uma análise mais concreta dos conteúdos abordados nas presenças políticas no programa. Nesse sentido, ter-se-á em conta as seguintes subcategorias: **(a) Assuntos Políticos** – no caso de se tratar de uma conversa centrada na atividade profissional; **(b) História(s) de vida** – esta subcategoria tem como objetivo compreender se são abordadas questões do foro pessoal e/ou íntimo; **(c) Hobbys ou Talentos Desconhecidos** – pretende-se perceber se os entrevistados divulgaram outras atividades de lazer para além da sua profissão política; **(d) Revelações Inéditas** - Uma vez que o tipo de presença do *daytime* não obriga ao escrutínio levado a cabo pelo campo do jornalismo, o estudo pretende analisar se os atores políticos utilizaram o espaço do programa para fazer revelações inéditas que possam influenciar a agenda mediática e política. Esta categoria será relevante para analisar o impacto que o *Programa da Cristina* pode ter assumido nas alterações da lógica da comunicação política em Portugal.

No que diz respeito ao **trato**, esta categoria tem como objetivo perceber a forma como a apresentadora e o entrevistado se tratam no programa, com vista a perceber o nível de proximidade que escolhem estabelecer entre si. Nesse sentido, iremos verificar se a apresentadora e os políticos optaram por tratar-se por «tu» ou por «você».

Para melhor compreender a *performance* dos políticos no *Programa da Cristina* e a relação que permitem que seja estabelecida ao longo da conversa com a apresentadora, iremos analisar **exemplos de fala** e **exemplos de toque** que sejam relevantes para analisar a comunicação verbal, não verbal e paraverbal encenada no programa.

Por fim, a categoria **local de encontro** pretende perceber qual foi o cenário escolhido para realizar a entrevista. Uma vez que o cenário do programa está dividido como uma casa, temos como objetivo perceber a dimensão da humanização que se pretendeu transmitir no programa. Nesse sentido, temos como objetivo perceber se a conversa com os políticos decorreu no *hall* de entrada, na sala de estar, na cozinha, na casa de banho, no escritório, no quarto ou na garagem. Posteriormente, iremos realizar uma comparação das entrevistas dos atores para compreender se, de facto, existia um cenário-tipo tendo em conta o tipo de entrevista e os temas abordados pelos diferentes atores políticos.

Através da utilização das categorias acima indicadas, iremos analisar a presença política no *Programa da Cristina* em dois níveis distintos, mas complementares entre si.

Num primeiro nível, vamos proceder à análise da presença de todos os atores políticos no *Programa da Cristina* com o objetivo de perceber se existiram padrões de atuação e de comportamento comuns aos diferentes políticos.

Num segundo nível de análise mais fina, vamos selecionar as *performances* que se destacaram pela exaltação do carácter dos atores políticos e, paralelamente, analisar a forma como o apelo à humanização foi utilizada no programa como ferramenta para construir uma imagem de credibilidade dos atores e de legitimação das suas ações (políticas).

Com o objetivo de perceber de que modo os atores políticos encenaram a sua visibilidade no *Programa da Cristina*, vamos analisar diferentes presenças que se destacaram pela exploração da dimensão humana dos atores políticos no programa, através da encenação pública do ambiente doméstico e privado e, simultaneamente,

estudar as *performances* que apelaram à desconstrução de (pré)conceitos associados aos políticos, através da quebra da ideia de distanciamento, insensibilidade, frieza e elitismo. Paralelamente à exploração da dimensão humana, considerámos relevante analisar a forma como os políticos promoveram a dimensão da racionalidade, através da exploração de encenações capazes de enaltecer os atores enquanto líderes credíveis, do ponto de vista político, mas sensíveis do ponto de vista do carácter. Nesse sentido, o segundo nível de análise vai centrar-se na investigação detalhada da presença de alguns atores políticos que, do ponto de vista do estudo, contribuíram com *performances* enriquecedores para compreender como a dimensão da humanização e da racionalidade moldaram a forma como os políticos portugueses adaptaram as suas lógicas de atuação pública no programa. Contudo, reconhecemos que existem outras presenças de atores políticos merecedoras de uma análise mais exaustiva para complementar e sedimentar os ângulos analisados no segundo nível. Porém, devido às limitações impostas pelo trabalho de dissertação, não poderão ser abordadas detalhadamente no presente estudo.

A intenção da utilização da metodologia mista neste estudo tem como objetivo compreender como se relacionam os atores políticos nos programas de entretenimento. Por esse motivo, serão utilizados gráficos quantitativas para medir a relação entre as categorias de análise acima mencionadas e, paralelamente, iremos estabelecer uma relação entre elas. Simultaneamente, com vista a dar sentido aos dados em análise, a análise qualitativa será relevante para justificar a relação e comprovar (ou não) padrões de comportamento entre a entrevistadora e os entrevistados.

A combinação da metodologia quantitativa e qualitativa pretende melhor compreender o problema ao qual nos propomos investigar, convergindo dados quantitativos – tendências numéricas – e qualitativas – visualização e análise detalhada das categorias (Creswell, 2009). Nesse sentido, a metodologia acima apresentada tem como objetivo atender aos objetivos e às questões de investigação.

Capítulo 5. A Presença Política no *Programa da Cristina*: Análise e Discussão de Resultados

O presente capítulo tem como objetivo analisar o *Programa da Cristina* com vista a perceber de que forma o campo da política utilizou o programa e, simultaneamente, o que pode ter atraído os atores políticos a quererem comunicar determinadas mensagens através do programa de entretenimento apresentado por Cristina Ferreira.

Para atingir os objetivos que o trabalho se propõe, estruturámos a análise em três subcapítulos com o objetivo de estreitar os elementos em estudo que vão servir para responder às questões de investigação.

Tendo em conta que o *Programa da Cristina* foi um palco de atuação para os atores políticos, no subcapítulo 5.1. *Visibilidade Política no Programa da Cristina*, pretendemos analisar o total de programas nos quais houve presença política e verificar a duração da presença política no programa, com o objetivo de perceber o impacto e a relevância que os atores políticos tiveram no programa ao longo dos dois anos de emissão.

Após termos realizado uma análise quantitativa da presença dos políticos no programa, pretendemos, no subcapítulo 5.2. *Dimensões da Presença Política: da Racionalização da Política à Humanização do Caráter*, direcionar a análise para as questões de investigação. Nesse sentido, apesar de termos analisado todas as presenças políticas no *Programa da Cristina*, iremos somente debruçar-nos nas *performances* políticas que podem dar resposta às dimensões que o estudo pretende responder. Através da aplicação das várias categorias de análise para compreender o objeto de estudo, iremos explorar, por um lado, a dimensão político-partidária, e, por outro lado, a dimensão humana que se destacaram no programa.

No subcapítulo 5.3. *Encenação da Espontaneidade* temos como objetivo perceber as estratégias de encenação - cénicas, temáticas e de comunicação verbal, não verbal e paraverbal utilizadas pelos políticos para transmitir determinadas ideias e/ou para desconstruir (pré)conceitos. Para o efeito, foram analisados, deliberadamente, quatro atores políticos que se destacaram pelas diferentes dimensões que transmitiram. Nesse sentido, considerámos que são os atores políticos que conduzem a ângulos diferentes, mas, simultaneamente, complementares, para responder às questões a que o estudo se propõe.

Por consequência das ambições do estudo, a análise do presente capítulo não se irá centrar nas decisões estratégicas e nos objetivos levados a cabo pela produção do *Programa da Cristina*, mas sim na perspetiva dos atores políticos e na forma como o programa serviu os seus interesses pessoais e/ou políticos.

Em suma, o presente capítulo pretende investigar a forma como os políticos adaptaram as suas lógicas de atuação pública, perceber de que forma decidiram apresentar-se no programa e, simultaneamente, com que objetivos o fizeram.

5.1. Visibilidade Política no *Programa da Cristina*

Analisar o número de programas nos quais houve presença política no *Programa da Cristina* é fundamental para melhor compreender o impacto que o palco do entretenimento pode ter tido na forma como os atores políticos exploram e trabalham a sua imagem pública. Nesse sentido, iremos observar o número total de programas, as partes nas quais estiveram presentes e, simultaneamente, verificar a duração da presença política no programa.

Número de Presenças no Programa

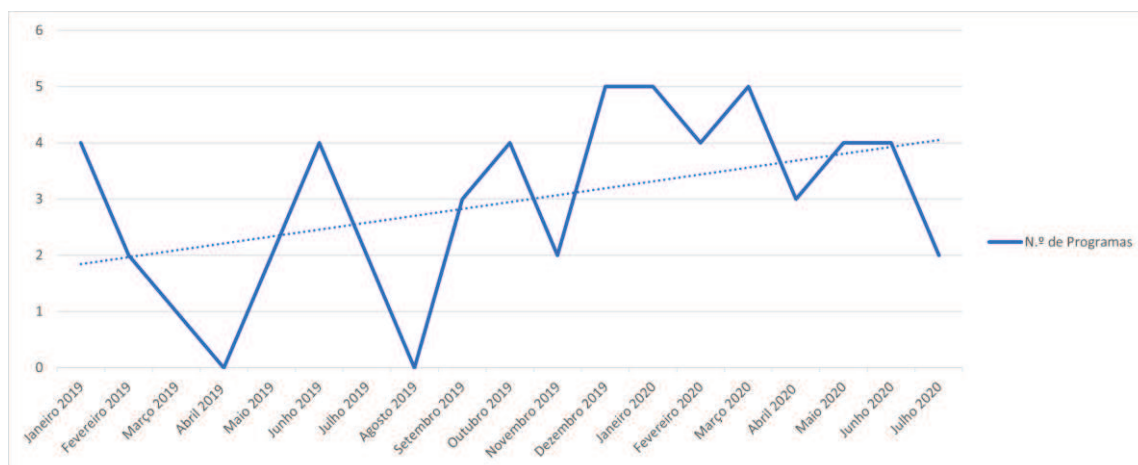
No ano de 2019, o *Programa da Cristina* registou um total de 251 emissões de janeiro a dezembro, das quais 28 ficaram marcadas pela presença de atores políticos no programa. Os meses de janeiro, junho, outubro e dezembro contabilizaram o maior número de entrevistas (4 presenças políticas por mês), ao contrário de abril e agosto, onde não foi registada presença dos atores no programa.

Em 2020, ano de pandemia e de término do programa, foram registadas 140 emissões de janeiro a julho, das quais a presença política teve lugar em 27 programas.

Partindo da análise do número de emissões de cada ano, verificámos que houve um aumento significativo da presença de atores políticos em 2020, em comparação com o ano anterior. Dessa forma, de janeiro a julho de 2020, o programa conseguiu atingir, em comparação com o total contabilizado no ano anterior, 96% das entrevistas realizadas em 2019.

Tendo em conta a presença política nos meses de janeiro a julho dos dois anos, podemos verificar que, ao contrário de 2019, onde foram apenas realizadas 15 entrevistas, no ano de 2020, contabilizaram-se 27. Ou seja, de janeiro a julho de 2020 podemos verificar que houve um maior investimento dos políticos na presença no *Programa da Cristina* (Gráfico 1).

Gráfico 1 - Número Total de Programas com Presença Política



Em termos da estratégia política, podemos apurar que houve um aumento da presença política no programa e, simultaneamente, de forma mais consistente no ano de 2020. Partindo dos dados apresentados na Tabela 1, onde é apresentado o número de telespetadores mensais do *Programa da Cristina* em 2019, podemos verificar que o primeiro ano de programa poderá ter servido para os políticos testarem a efetividade do palco mediático.

Tabela 1 - Número de Espetadores no Programa (ano 2019)⁷⁸

Mês	Telespetadores
Janeiro	486 000
Fevereiro	435 200
Março	443 800

⁷ Tabela elaborada através dos comunicados disponibilizados pelo grupo *Impresa*. Informação disponível em: <https://www.impresa.pt/pt/comunicados>

⁸ Analisar comparativamente as audiências do *Programa da Cristina* teria sido uma dimensão muito importante para compreender a estratégia dos políticos no programa ao longo dos dois anos. Contudo, para além das notícias dos *media* e dos relatórios mensais do grupo *Impresa* (nos quais deixaram de constar, a partir de março de 2020, estatísticas específicas sobre o *Programa da Cristina*), não foi possível aceder a esse tipo de informação para estabelecer uma análise comparativa.

Mês	Telespetadores
Abril	414 300
Maio	412 000
Junho	394 900
Julho	393 600
Agosto	384 100
Setembro	390 400
Outubro	373 100
Novembro	390 400
Dezembro	408 000

Dessa forma, em 2020, uma vez que os atores já tinham uma referência de dados estatísticos relativamente à visibilidade e adesão dos telespetadores, verificou-se, como indica a Gráfico 1, uma presença mais regular, robusta e relativamente estável por parte dos atores políticos no programa.

Parte do Programa

O *Programa da Cristina* divide-se em três segmentos distintos – 1.^a, 2.^a e 3.^a parte: a primeira parte diz respeito ao horário das 10h00 às 11h00 (primeira hora do programa); a segunda parte pode ser encontrada no horário das 11h00 às 12h00 (segunda hora do programa); a terceira e última parte está localizada no horário das 12h00 às 13h00, ou seja, no horário que antecede o programa informativo da estação televisiva.

Tabela 2 - Número de Presença Política por Parte do Programa

Horário	Número de Presenças
10h00 - 11h00	3
11h00 -12h00	50
12h00 - 13h00	3

Partindo da análise da Tabela 2, podemos verificar que a presença dos atores políticos na primeira e na terceira parte do programa corresponde a 10% do total dos programas onde houve presença política. Nesse sentido, podemos considerar que ambas

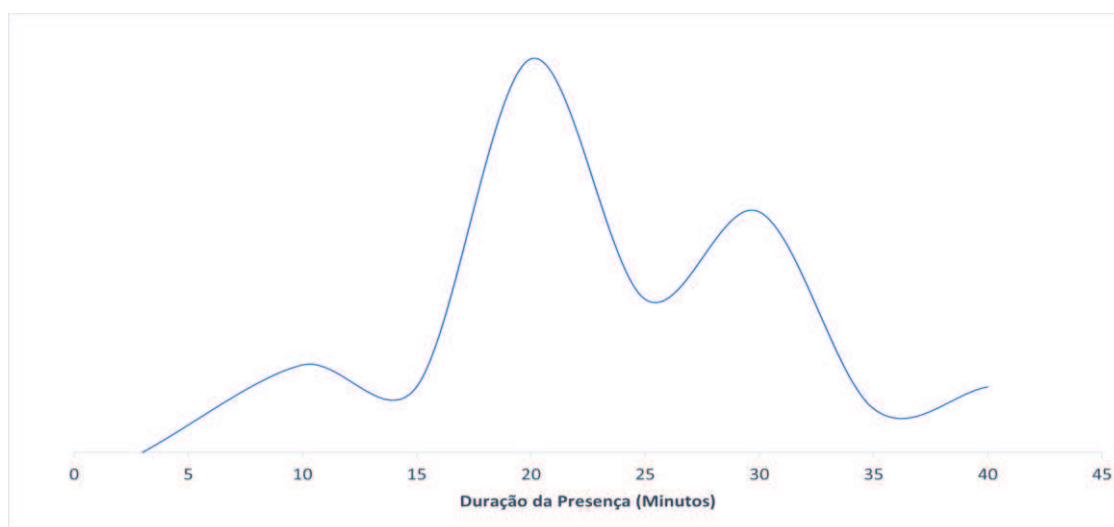
as partes podem ter funcionado como “presenças piloto”, no sentido de perceber qual seria o horário mais impactante para os atores políticos atuarem.

Em suma, a segunda parte do programa ficou marcado pelo horário onde foi realizado o maior número de intervenções de atores políticos. Uma vez que 89% dos atores políticos marcaram presença no horário das 11h00 às 12h00, podemos considerar que foi o momento preferencial de negociação da presença dos políticos no programa.

Duração da Presença

A duração da presença política no *Programa da Cristina* é uma característica que considerámos relevante, uma vez que nos dá a perceção da disponibilidade que os políticos tiveram e, simultaneamente, a importância que atribuíram ao valor que o palco mediático podia trazer em termos de impacto e visibilidade pública.

Gráfico 2 - Duração da Presença Política



Através da medição dos minutos aproximados da *performance* dos políticos no programa, verificámos que a presença política com menor tempo de antena foi o telefonema realizado por Marcelo Rebelo de Sousa, Presidente da República Portuguesa. A duração da sua intervenção ocupou, aproximadamente, 3 minutos e baseou-se, essencialmente, na felicitação à apresentadora Cristina Ferreira na estreia do *Programa da Cristina*. Contudo, o tempo ocupado pelo Presidente da República não pode ser analisado como um “tempo padrão” no programa, uma vez que foi caso único.

Partindo da análise do Gráfico 2, podemos verificar que, por um lado, o tempo de duração com maior impacto no programa foi, em primeiro lugar, os 20 minutos de duração de conversa, correspondente a 34% da totalidade das entrevistas (19 programas); logo de seguida, as entrevistas com 30 minutos corresponderam a 22% dos momentos (12 programas). Por outro lado, os momentos com maior tempo de conversa entre os atores político e a apresentadora do programa (35 e 40 minutos) também merecem destaque, uma vez que se destinou a atores políticos com grande projeção mediática e social (Anexo H).

Em suma, através dos dados acima apresentados, podemos verificar que não existe um padrão de tempo e duração. Nesse sentido, o que pode explicar a variação da duração das *performances* pode estar relacionada, por um lado, pelo cargo político desempenhado pelos atores; e, por outro lado, pelas temáticas que foram abordadas ao longo da intervenção.

5.2. Dimensões da Presença Política: da Racionalização da Política à Humanização do Carácter

O *Programa da Cristina*, enquanto programa de entretenimento de *daytime*, revelou a importância de os políticos abordarem temas que, pela via dos meios tradicionais ou pela campanha política “porta-a-porta”, não teriam o impacto e a visibilidade que os atores políticos pretendem transmitir através do entretenimento.

Apesar de esta nova configuração não ter acabado com a tradicional interação direta entre os políticos e os cidadãos, “amplificou enormemente o espaço da comunicação mediada e mediatizada, ao mesmo tempo que reduziu a capacidade do público distinguir a política da sua mediatização” (Figueiras, 2017a, p. 50). Para melhor entender as diferentes dimensões exploradas no programa e a forma como podemos caracterizá-las e interpretá-las, iremos, de seguida, dividir a presença dos políticos em duas grandes dimensões: (1) dimensão político-partidária e a (2) dimensão humana.

5.2.1. Dimensão político-partidária

Partindo da perspectiva de Frank Esser (2013), a comunicação mediada assume uma relevância central para os cidadãos individuais, para as instituições sociais e para os

atores políticos. Nesse sentido, o *Programa da Cristina* pode funcionar, por um lado, como mediador entre os cidadãos e a realidade; e, por outro lado, pode influenciar a forma como os cidadãos percebem as instituições sociais, governativas, e, posteriormente, assumem um papel decisivo na formação de opinião. Contudo, segundo Loeb (2015), ao contrário dos jornalistas, que devem guiar-se pela imparcialidade que dita o código deontológico pelo qual se regem, os apresentadores de programas de entretenimento não têm de seguir os mesmos códigos profissionais. Por esse motivo, a dimensão político-partidária do programa apresentado por Cristina Ferreira não tem de assumir, deontologicamente, os contornos de uma entrevista jornalística. Nesse sentido, pode abrir espaço a opiniões, interpretações e explorar ângulos mais convenientes para credibilizar a ação dos atores políticos.

Para melhor compreender a dimensão político-partidária que o *Programa da Cristina* explora, começaremos por analisar os principais temas tratados nesta dimensão através da Tabela 3.

Tabela 3 - Principais Temas Abordados na Dimensão Político-Partidária

Temas	Número de Programas
Debate	6
Coronavírus	8

No que diz respeito à temática **Debate**, podemos verificar que, na dimensão político-partidária, foi um tipo de presença marcado pela abordagem de assuntos polémicos que geram fricção na sociedade. Partindo da análise da Tabela 4, podemos verificar que os temas em debate correspondem a questões que marcam a agenda política e/ou mediática. Por exemplo, no caso do debate do mês de setembro de 2019, a discussão da abolição da carne de vaca surge no momento em que o reitor da Universidade de Coimbra, Amílcar Falcão, anunciou a eliminação desse tipo de carne das cantinas da Universidade.

Tabela 4 - Os Debates no Programa

Data	Temas	Duração (Minutos)
Janeiro 2019	Touradas - Sim ou não?	35
Fevereiro 2019	Greve dos Enfermeiros	15
Junho 2019	Eutanásia - Sim ou Não?	20

Data	Temas	Duração (Minutos)
Setembro 2019	Abolir o consumo de carne de vaca - sim ou não?	20
Dezembro 2019	Violência nas Escolas	20
Fevereiro 2020	Eutanásia - Sim ou Não?	40

No que diz respeito aos detalhes técnicos desse tipo de presença política, verificámos que todos os debates aconteceram num espaço único da casa: o escritório. Por esse motivo, podemos apontar o cenário como um local utilizado pelos políticos para abordar assuntos de carácter mais sério e direccionado para as questões fundamentalmente políticas.

Os debates no *Programa da Cristina* funcionaram como um momento onde os atores políticos intervieram com o objetivo de demonstrar as suas convicções pessoais e/ou ideias partidárias, através da discussão de ideias com atores do campo político ou de outros campos da vida social.

Para melhor compreender a diversidade de atores dos diferentes campos sociais que debateram os temas com os atores políticos, iremos, de seguida, apresentá-los:

1. **Debate “Touradas - Sim ou não?”**: protagonizado por André Silva (Porta-Voz Nacional do PAN) e por Rui Salvador (Toureiro);
2. **Debate “Greve dos Enfermeiros”**: tema debatido por Ana Rita Cavaco (Bastonária da Ordem dos Enfermeiros) e por Miguel Paiva (Presidente do Centro Hospitalar entre Douro e Vouga);
3. **Debate “Eutanásia - Sim ou Não?”**: discutido por Isabel Galriça Neto (Ex-Deputada do CDS) e Inês Ferreira Leite (Advogada);
4. **Debate “Abolir o consumo de carne de vaca - sim ou não?”**: protagonizado por Francisco Guerreiro (Eurodeputado do PAN) e por Maria do Céu Salgueiro (Produtora de Gado);

5. **Debate “Violência nas Escolas”**: tema levado a cabo por Mário Nogueira (Secretário-Geral da Fenprof) e por Luís Braga (Professor do Ensino Obrigatório)⁹;
6. **Debate “Eutanásia - Sim ou Não?”**: momento protagonizado por André Silva (Porta-Voz Nacional do PAN), José Manuel Pureza (Deputado do Bloco de Esquerda), José Luís Ferreira (Deputado do PEV), Maria Antónia de Almeida Santos (Deputada do PS) e João Cotrim de Figueiredo (Presidente da Comissão Executiva da Iniciativa Liberal).

No que diz respeito ao trata e ao tipo de cumprimento, verificámos que em todos os debates existiu formalidade e não houve cumprimento físico. Contudo, o debate protagonizado por André Silva, em janeiro de 2019, apresentou-se como um caso excecional. Cristina Ferreira dirigiu-se aos intervenientes André Silva e Rui Salvador e cumprimentou-os com dois beijos na cara antes de dar início ao tema (Figura 2). Para além da proximidade demonstrada através do cumprimento físico, a apresentadora e o ator político utilizaram o trato informal ao longo da conversa.

Figura 2 - Presença de André Silva no *Programa da Cristina*



⁹ Ao contrário de todos os outros debates, onde os intervenientes se situaram frente a frente, neste debate em específico, Mário Nogueira e Luís Braga sentaram-se lado a lado porque defendiam o mesmo ponto de vista em relação ao tema.

Para além disso, a apresentadora demonstrou, de forma indireta, ter uma opinião favorável à posição defendida por André Silva, através da seguinte expressão que citamos abaixo:

Cristina Ferreira: "Este é um tema [touradas] que divide muitas opiniões (...) não estou nem de um lado nem do outro (...) **estou para o lado que acha que vai ser extinto** [touradas] daqui a uns anos. Portanto, esta é a minha posição, mas quero ouvir os dois (...) quero tentar perceber porque é que deste lado [Rui Salvador] se continua a querer que a tradição continue e porque é que **aqui** [André Silva] **nunca entendemos como tradição**, mas sim como violência. Foi sempre esse o vosso entendimento."

No que diz respeito à temática **Coronavírus**, podemos verificar que o tema foi protagonizado por oito atores do campo político (Tabela 5).

Tabela 5 - Temática Coronavírus no Programa

Interveniente	Cargo	Duração (Minutos)	Local de Encontro
Maria Cortes	Coordenadora do SNS 24	10	Cozinha
Rita Sá Machado	Representante da Direção Geral de Saúde	25	Sala
Tiago Brandão Rodrigues	Ministro da Educação	15	Sala
		30	
Luísa Salgueiro	Presidente da Câmara Municipal de Matosinhos	10	Sala
António Costa	Primeiro-Ministro	40	Escritório

Os atores que marcaram presença no *Programa da Cristina* apresentaram-se com diferentes tipos de atuação na forma como desenvolveram a temática da pandemia.

Em primeiro lugar, no que diz respeito à presença de António Costa e Tiago Brandão Rodrigues, a temática do coronavírus incidiu, essencialmente, sobre a forma como o Governo dirigiu e respondeu às necessidades emergentes (e urgentes) da população portuguesa. A duração da intervenção de ambos demonstra que foram os atores que, nesta temática, ocuparam mais tempo de intervenção, com principal destaque para a figura do Primeiro-Ministro.

Uma vez que a presença dos políticos se centrou na gestão governativa da pandemia, podemos verificar que a apresentadora colaborou com os atores políticos, através da demonstração da sua opinião favorável sobre as temáticas em discussão.

Para melhor demonstrar a negociação realizada entre os atores políticos e a apresentadora, de seguida apresentamos algumas citações de Cristina Ferreira na presença do político Tiago Brandão Rodrigues, na entrevista do dia 24 de abril de 2020. O tema principal baseou-se na telescola e no esforço dos professores portugueses na implementação de todas as novas adaptações do estudo a distância:

Cristina Ferreira: Como é que se põe aquilo [telescola] a andar? Os professores, coitados, estão sujeitos a uma avaliação e escrutínio diário, ao minuto, e nós sabemos como as redes sociais às vezes podem ser cruéis e esses professores passam a ser famosos, o que é engraçado. Nenhum deles, possivelmente, queria isto para a vida deles. Como é que se põe isto a andar?

Tiago Brandão Rodrigues: Mesmo não querendo isto para a vida deles, foram os primeiro a dizer "presente" (...)

(...)

Cristina Ferreira: Temos de nos orgulhar daquilo que está a ser feito no nosso país. Com erros, como é normal, mas ninguém estava preparado e, por isso, há estas adaptações e, semana a semana, vamos tentando perceber como é que as coisas vão evoluindo.

(...)

Cristina Ferreira: (...) O Tiago não queria dizer, mas eu vou ter que dizer, só para nós percebermos como é que é. Muitos professores foram colocados ali sem nunca terem tido uma experiência de televisão e, alguns deles, saíram de lá a vomitar de nervos devido ao que tiveram de fazer. Isto para mim é hábito, para eles não era. Portanto, valorizem de facto o que está a acontecer ao nível da educação em Portugal porque merece esse nosso reconhecimento. Antes de acusar, vamos tentar perceber que isto é tudo novo para todos e que merecem o nosso carinho, mais do que a nossa crítica nas redes sociais.

Em segundo lugar, partindo da análise da presença política de Luísa Salgueiro, verificámos que a presença curta da autarca da Câmara Municipal de Matosinhos ficou marcada pela formalidade no trato. Com a particularidade de estar em casa infetada com COVID-19, Luísa Salgueiro baseou a sua intervenção na manifestação de confiança para com os cidadãos de Matosinhos. Apesar da doença, demonstrou foco no trabalho e nas responsabilidades que lhe são exigidas:

Cristina Ferreira: O que é que tem esse quarto, Luisinha? Explique-nos lá só para percebermos o que é a sua vida nestes dias [de confinamento]. Tem a cama, certamente, e o que é que conseguiu juntar aí para passar o tempo?

Luísa Salgueiro: Não é preciso juntar nada de especial. Só é preciso o telemóvel e o computador para eu poder fazer as minhas videoconferências ao longo do dia, continuar online com todos os serviços da câmara, com todas as instituições, e o telefone para poder telefonar. De resto, só preciso de um espaço para dormir e uma casa de banho. Tenho estado, permanentemente, me articulação para que nada falta à população de Matosinhos. É sempre difícil esta situação. Eu estou fisicamente bem, felizmente, mas estou afastada dos locais e isso para um autarca é muito difícil nós termos de estar longe.

Em terceiro e último lugar, a presença de Maria Cortes (Coordenadora do SNS 24) e Rita Sá Machado (Representante da Direção-Geral da Saúde) baseou-se essencialmente em presenças com um caráter informativo e de sensibilização aos cidadãos portugueses para os cuidados a ter durante a pandemia.

No que diz respeito ao trato, podemos verificar que todas as intervenções políticas foram realizadas através da utilização do trato formal¹⁰.

Em suma, a dimensão político-partidária explorada no Programa da Cristina demonstra que os atores políticos olharam para o palco do entretenimento de *daytime* como forma de credibilizar o trabalho político, principalmente no ano de 2020, ano marcado pela pandemia mundial.

5.2.2. Dimensão humana

Segundo Astrid Schütz (1995), os políticos utilizam a sua presença nos programas de entretenimento televisivo como estratégia de autoapresentação e não propriamente para discutir temas políticos. Uma vez que os atores estão cada vez mais dependentes da aceitação do público, os políticos carismáticos modernos entendem, segundo o autor, o campo do entretenimento televisivo como uma forma de minimizar a distância entre as suas emoções e as emoções do público. Nesse sentido, pretendemos perceber como é que

¹⁰ No caso de Tiago Brandão Rodrigues, nas três presenças do ator no *Programa da Cristina* (duas em contexto de dimensão político-partidária, e uma em contexto da dimensão humana), podemos destacar variações na forma como foi efetuado o trato. Na dimensão político-partidária, refletiu-se a formalidade no trato. Contudo, na presença em contexto da dimensão humana, os atores quebraram as barreiras da formalidade e trataram-se por “tu”.

o *Programa da Cristina* pode servir para os políticos demonstrarem a sua dimensão humana, o carácter, hábitos e/ou convicções pessoais que, habitualmente, o público não está habituado a assistir.

Através da análise da dimensão humana no programa, verificámos que existem quatro grandes temas nos quais a abordagem da personalização e do carácter dos atores político serviu de mote para a exploração das características pessoais e íntimas dos intervenientes. Nesse sentido, os temas principais explorados nesta dimensão são os seguintes: (1) Percurso de Vida, (2) Receita de Cozinha, (3) Promoção de Produtos Regionais e (4) Coronavírus.

Para melhor compreender como os diferentes temas se interligam na dimensão humanas, iremos começar por analisar e explicar no que consiste a *performance* política em cada um dos temas. Posteriormente, iremos estabelecer uma relação entre cada uma das temáticas para perceber como se interligam entre si e, simultaneamente, quais são as principais categorias que envolvem a presença política na dimensão humana.

Percurso de Vida

A temática **Percurso de Vida** foi explorada 30 vezes no programa¹¹ e focou-se, essencialmente, nas histórias de vida dos atores políticos. A *performance* dos políticos para a abordagem deste tipo de tema aconteceu num espaço único da casa: a sala de estar¹² e teve a duração média de vinte a trinta minutos de conversa.

Moderado por Cristina Ferreira, a exploração do tema revela pistas importantes do ponto de vista da comunicação verbal, não verbal e paraverbal dos atores políticos no programa.

Em primeiro lugar, os atores políticos apresentam, na maioria das vezes, uma proximidade no cumprimento físico com a apresentadora muito relevante para o presente estudo. Através do cumprimento com dois beijos na cara, abraços ou pequenos toques ternurentos no ombro ou na cara, os afetos demonstram a ligação emocional estabelecida

¹¹ A lista dos atores políticos presentes nesta temática pode ser consultada no Anexo I.

¹² A exceção à regra decorreu na presença dos atores políticos João Cotrim de Figueiredo e Luís Montenegro, na qual circularam por diferentes espaços da casa: cozinha e sala.

entre ator político e a apresentadora. Dessa forma, são elementos reveladores de confiança, ternura, respeito e/ou validação entre ambas as partes.

Para melhor compreender a categoria que apresentamos, podemos analisar, através da Figura 3, alguns exemplos que demonstram proximidade no cumprimento físico.

Figura 3 - Exemplos de Cumprimento Físico no Programa



Todos os intervenientes que marcaram presença no programa durante a pandemia, ao longo do ano de 2020, não cumprimentaram fisicamente a apresentadora. Contudo, uma vez que o país ultrapassava uma pandemia e o cumprimento das regras sanitárias era imperioso, não foram avaliadas e contabilizadas para o presente estudo.

Em segundo lugar, podemos verificar que a maioria das conversas (mais concretamente, vinte e cinco) são realizadas com formalidade no trato entre os intervenientes. Contudo, as restantes cinco entrevistas apresentam um trato informal, no qual foi negociado a forma como o ator político e a apresentadora se dirigem um ao outro no decorrer do programa.

Podemos verificar o trato informal nas seguintes entrevistas: (1) Marisa Matias (Eurodeputada do Bloco de Esquerda); (2) Tiago Brandão Rodrigues (Ministro da Educação); (3) João Cotrim de Figueiredo (Deputado da Iniciativa Liberal); (4) Joana Amaral Dias (Ex-militante do Bloco de Esquerda e Comentadora Política) e (5) Carlos Moedas (Ex-Comissário Europeu e atual Presidente da Câmara Municipal de Lisboa).

Para melhor compreender a categoria do trato informal, apresentamos de seguida alguns exemplos de fala que demonstram a negociação no trato que foi realizada em direto no programa.

Tiago Brandão Rodrigues no *Programa da Cristina* (09/09/2020)

Cristina Ferreira: Já estamos "tu cá, tu lá" um com o outro, não é Tiago? Somos da mesma geração de 77.

Tiago Brandão Rodrigues: Somos do mesmo ano, eu ligeiramente mais velho.

Cristina Ferreira: Nasceu em junho e eu em setembro.

Tiago Brandão Rodrigues: Vamo-nos tratar por tu?

Cristina Ferreira: Vamos! Podemos, não podemos? Sim, sendo da mesma geração...

Marisa Matias no *Programa da Cristina* (28/02/2019)

Cristina Ferreira: Comecei a tratar-te por tu não sei porquê. Senti aqui uma proximidade de alguma forma que me fez começar a tratar-te por tu. E é engraçado porque normalmente olhamos para os políticos como alguém mais distante, que lá está em cima de alguma forma. De repente, pareces uma pessoa completamente normal. Quem não sabe que és eurodeputada, podia achar que estavas a contar só as tuas memórias de infância. Não achas que temos um olhar enviesado para quem está em cargos políticos?

Carlos Moeda no *Programa da Cristina* (28/02/2019)

Cristina Ferreira: Bem-vindo meu Carlinhos! Posso chamar-te Carlinhos?

Carlos Moedas: Sempre.

Cristina Ferreira: Eu tenho de explicar. Eu encontrei o Carlos num encontro aqui na SIC em que estávamos a partilhar experiências e tu foste partilhar a tua. Eu lembro-me de dizer à equipa: "Gostei tanto do Carlos, gostei tanto da forma como falou, como explica". E lá em casa [telespetador] deve estar a pensar assim "Eu conheço aquela cara de algum lado, eu já o vi a falar na televisão". Se tu tens de te apresentar às pessoas dizes que és o quê?

Carlos Moedas: Que sou de Beja. Sou o Carlinhos de Beja.

Através dos exemplos acima referidos, podemos verificar que existe uma negociação que é apresentada e, direta ou indiretamente, explicada ao telespetador, tornando perceptível a ligação que ambos estabelecem e por que razão optam por tratar-se de forma informal.

Receita de Cozinha

No que diz respeito ao tema **Receita de Cozinha**, podemos encontrar a categoria

em 4 entrevistas de atores políticos¹³.

A *performance* dos políticos para a abordagem deste tipo de tema acontece, na maioria das vezes, dividido entre dois espaços da casa: a cozinha e a sala. As conversas com a duração média de trinta minutos, apresentam características que vão muito para além de um mero ato de cozinhar em direto no programa.

Na maioria das vezes, os atores políticos dividem a sua *performance* em dois momentos distintos: por um lado, abordam diferentes temáticas relativas ao seu percurso de vida, às suas ambições e gostos e, logo de seguida, apresentam receitas de cozinha que preparam no seio da sua vida privada.

No que diz respeito ao vestuário, podemos verificar que existe um padrão na forma como negociam o estilo de roupa que apresentam no momento em que cozinham. Quando vão desempenhar a sua *performance* na cozinha, os atores políticos são, aparentemente, surpreendidos com um avental do *Programa da Cristina* (Figura 4).

Figura 4 - Utilização de Avental no Programa



No momento em que a apresentadora oferece o avental para os convidados utilizarem, os atores políticos agem com surpresa. Logo de seguida, vestem-no para dar início à confeção do prato. Dessa forma, o ato de vestir o avental em direto pode servir para humanizar a presença do ator, ou seja, para demonstrar descontração e, paralelamente, permitir que os atores retirem a “capa” de políticos.

A temática Receita de Cozinha pode ser encarada como uma extensão da temática

¹³ A lista dos atores políticos presentes nesta temática pode ser consultada no Anexo J.

Percurso de Vida. Ou seja, os atores políticos, para além de abordarem questões sobre a sua vida pessoal e íntima, pretendem, paralelamente, demonstrar que, tal como qualquer outro cidadão comum, desempenham tarefas domésticas e têm talentos muitas vezes desconhecidos.

Podemos perceber o conceito de normalidade que os atores políticos pretendem transmitir aos telespetadores através dos exemplos da fala retirados da presença de António Costa ao *Programa da Cristina*, no dia 5 de março de 2019:

António Costa: O peixe é este aqui [no frigorífico]?

Cristina Ferreira: O peixe é esse! [Risos] Adoro! O Primeiro-Ministro a abrir o frigorífico, acho extraordinário! Ainda bem que tenho isso mais ou menos arrumadinho.

António Costa: Que bom, peixinho do bom! (...)

Cristina Ferreira: Peixinho do bom! Fomos ao mercado (...)

António Costa: Mas tenho que explicar para a minha peixeira não ficar zangada comigo que eu não sabia... Não foi uma traição! Não foi uma traição!

Cristina Ferreira: Quem é a sua peixeira? Onde é que vai comprar o peixe?

António Costa: É a dona Teresa.

Cristina Ferreira: Onde?

António Costa: [Risos] No mercado de Alvalade.

Os políticos que marcam presença no *Programa da Cristina* com a temática de “Receita de Cozinha” apelam à dimensão humana, através da criação cénica de aparente normalidade.

Promoção de Produtos Regionais

A temática **Promoção de Produtos Regionais** explora a dimensão humana dos atores políticos porque, apesar de os intervenientes se apresentarem no programa para, aparentemente, promover produtos da região, acabam, conseqüentemente, por abordar temas relativos ao percurso de vida, às rotinas na vida política e às atividades que desempenham no seu quotidiano.

Os atores políticos que marcaram presença neste contexto foram Miguel Albuquerque, Presidente do Governo Regional da Madeira e Nuno Gaudêncio, Presidente da Junta de Freguesia de Odivelas.

Por um lado, a presença de Miguel Albuquerque teve a duração de 35 minutos e o ator iniciou a sua intervenção com a preparação da famosa Poncha da Madeira na cozinha do *Programa da Cristina*. Contudo, a entrevista assumiu contornos que vão muito para além da promoção de produtos regionais. Posteriormente à preparação da bebida tradicional, o ator dirigiu-se com a apresentadora para a sala de estar e falou abertamente sobre temas da sua vida pessoal e profissional que eram, até àquele momento, desconhecidos pelo grande público.

A intervenção de Nuno Gaudêncio, com 10 minutos de duração na cozinha do programa, teve como objetivo principal a promoção e divulgação da região de Odivelas. Contudo, tal como na intervenção de Miguel Albuquerque, a presença do Presidente da Junta de Freguesia não se baseou apenas na apresentação e divulgação de produtos da região. Nesse sentido, foram abordadas questões relativas à sua vida enquanto Presidente da Junta, as suas rotinas de trabalho e questões relacionadas com a sua vida privada e familiar.

Em ambas as presenças, os atores e a apresentadora utilizaram o trato formal. Contudo, através das expressões de fala que demonstramos abaixo, podemos verificar que existiu uma grande descontração de comunicação de ambas as partes:

Miguel Albuquerque no *Programa da Cristina* (09/07/2019)

Cristina Ferreira: O que é que se faz com o "caralhinho"? [risos]

Miguel Albuquerque: Isto é um instrumento para misturar a poncha.

Cristina Ferreira: [Toca nas costas do ator político] Eu a falar desta forma com o Presidente do Governo Regional da Madeira.

Miguel Albuquerque: Os nomes são para se usar.

Cristina Ferreira: Verdade. E se é esse o nome, não podemos fazer mais nada.

Miguel Albuquerque: E não tem nenhuma malícia.

Cristina Ferreira: E um Presidente a dizê-lo mais ainda!

Nuno Gaudêncio no *Programa da Cristina* (10/07/2019)

Cristina Ferreira: Então e agora vai para onde? Vai lá para a Junta?

Nuno Gaudêncio Estou sempre a trabalhar, 24 horas por dia.

Cristina Ferreira: Este também tem a escola toda, ainda vai é a Presidente da República, queres ver?! [risos]

Para reforçar a demonstração da proximidade revelada entre os atores políticos e a apresentadora, também o cumprimento físico e o forma como estavam próximos ao longo da conversa, são reveladores do apelo à dimensão da humanização do ator político (Figura 5).

Figura 5 - Exemplos de Toque entre os Atores e a Apresentadora



Coronavírus

Apesar de o tema Coronavírus ter sido um dos assuntos presentes na dimensão político-partidária, verificámos que, simultaneamente, o tema também foi explorado do ponto de vista da humanização dos atores políticos.

Os atores que protagonizaram *performances* neste tema foram Graça Freitas (Diretora-Geral da Saúde), com 40 minutos de entrevista, e Salvador Malheiro (Presidente da Câmara de Ovar), com 20 minutos de entrevista.

A presença dos atores no programa coincidiu com o momento em que estavam a ser protagonistas nos holofotes mediáticos devido à forma como estavam a gerir a pandemia. Por esse motivo, o *Programa da Cristina* serviu como palco para dar a conhecer o carácter dos atores e a gestão pessoal que fizeram, tendo em conta o papel fulcral de liderança que assumiram na gestão pandémica.

Com lugar na sala de estar, ambas as entrevistas tinham como objetivo perceber de que forma o coronavírus estava a ser gerido pelos atores: no caso de Graça Freitas, pelo Governo e pela Direção-Geral da Saúde; no caso de Salvador Malheiro, pelo Município de Ovar. Ao longo das duas entrevistas, verificámos que, apesar de se apresentarem na mesma temática, tinham uma agenda diferente na forma como queriam abordar o tema e, conseqüentemente, com influência na mensagem a transmitir aos telespetadores.

Por um lado, no caso de Samuel Malheiro, exaltou-se o profissionalismo e a garra na gestão da pandemia no município de Ovar:

Cristina Ferreira: Já está aqui sentadinho ao pé de mim o **herói** (...) [risos] Assim disse o Presidente da República. Não se sentiu um bocadinho **herói** no meio disto tudo? **Herói** no bom sentido, de estar ali a lutar pelos seus?

Samuel Malheiro: Naturalmente que me senti muito orgulhoso e até vaidoso, mas o herói fomos nós todos, foi o povo owarenses. Eu tive momentos de muita aflição, mas estamos todos com um orgulho forte porque, apesar de ter sido uma situação muito complicada, conseguimos estar à altura do acontecimento. O problema não está resolvido, mas está claramente controlado.

(...)

Cristina Ferreira: Isto [gestão da pandemia] foi duro?

Samuel Malheiro: Foi muito ruim. Tivemos momentos muito complicados, foi o desafio das nossas vidas. Não foi só para mim, foi para muita gente que teve que abdicar da sua quarentena, da sua família, e teve que ir dar tudo o que podia para tentar salvar o mais número de vidas possível (...)

Por outro lado, no caso de Graça Freitas, a presença teve como objetivo demonstrar as fragilidades inerentes ao cargo. Nesse sentido, a apresentadora tomou uma posição relativamente à forma como a Diretora-Geral da Saúde estava a ser escrutinada na agenda mediática e política, através de palavras de apoio, compreensão e validação das ações levadas a cabo por Graça Freitas:

Cristina Ferreira: [oferece um ramo de orquídeas] (...) Eu comunico também todos os dias, eu sei bem de que forma é que nós, muitas vezes a falar em direto, podemos

ser acusados pela forma como falamos e isso não está nas nossas mãos. Portanto, eu quero que saiba que, cometendo ou não esses **erros**, agradeço muito o facto de estar num **posto tão difícil**, numa altura que nós nunca vivemos. Eu nunca passei por uma epidemia do género, eu não sei como é que as coisas funcionam e, por isso mesmo, acho que todos nós temos de ter um bocadinho de noção das pessoas que estão nos cargos que ocupam e da forma como o estão a fazer. Nós não podemos achar muita graça aos países internacionais nos digam que Portugal tem sido exemplar e, depois, acusarmos as pessoas que estão nos cargos, seja na DGS, no Ministério da Saúde, seja no Governo, seja onde for. Portanto, **quero que saiba que, da minha parte, e penso que das pessoas que aqui estão, lhe agradecemos profundamente não nos ter deixado um minuto sequer**. Tenho um enorme **respeito** pelo seu trabalho, pelo percurso que me falou aqui. E quero muito que as **críticas mais negativas não a atinjam de facto**. Eu sei, por muitos com quem falei, que é uma **trabalhadora exímia**. Sei que não queria que eu falasse de que já **perdeu peso**, que muitas vezes está **cansada**, porque não queria passar essa imagem. Eu quero muito que as pessoas olhem também para si com alguma **fragilidade**. Sabe porquê? Porque **é igualzinha a todos nós**. Está e foi apanhada no meio do tsunami e, por isso mesmo, comunica consoante as coisas vão surgindo. Quero muito que leve a nossa força, quero muito que lá continue, quero muito que receba este aplauso, como um aplauso de todos.

Graça Freitas: Já que estamos numa de emoções (...) as pequenas **imperfeições** são porque somos de facto humanos e quando as cometemos, estamos a cometê-las pela nossa **humanidade**. Tenho que lhe agradecer e sinceramente sinto que faço parte de uma coisa que é muito maior que eu. O meu bocadinho é aquele que me compete e vou tentar fazer o melhor possível, sobretudo dizendo a **verdade** às pessoas, esse será o maior capital (...)

Podemos concluir que a temática Coronavírus apresentou-se, nesta dimensão, com um carácter de apelo à compreensão e à admiração dos atores políticos que marcaram presença no programa.

Após termos realizado uma análise e interpretação das diferentes temáticas da dimensão humana presentes no *Programa da Cristina*, podemos verificar que houve uma relação entre todas elas: a exaltação do carácter do ator político.

O engrandecimento da personalidade por detrás dos intervenientes no programa foi realçado através de diferentes subcategorias que marcaram, na generalidade, a presença dos atores políticos. Nesse sentido, para enriquecer a dimensão humana dos atores políticos, foram exploradas as diferentes subcategorias: (1) Presença de Familiares/Amigos; (2) Assuntos Políticos; (3) Histórias de Vida; (4) *Hobbys*/Talentos Desconhecidos e (5) Revelações Inéditas.

Em primeiro lugar, em muitas das intervenções dos atores políticos houve a presença de familiares/amigos através da surpresa direta no programa ou através de vídeos com mensagens para os atores políticos (Figura 6). Com o acompanhamento de

música emotiva na chegada dos familiares à conversa, o objetivo da presença passou por contar como funcionam as rotinas familiares e como se gere a vida política com a vida privada. Nesse sentido, a demonstração pública das pessoas que envolvem o círculo de vida dos atores, serviu como um apelo à humanização dos atores políticos, através da manifestação de que também têm uma vida familiar normal e unida.

Figura 6 - Presença de Familiares/Amigos no Programa



Em segundo lugar, ao longo das entrevistas foram abordados temas relacionados com assuntos políticos. Contudo, esta subcategoria revelou tratar-se de uma exploração do percurso político e não propriamente no escrutínio das ações levadas a cabo politicamente pelos atores.

Em terceiro lugar, os atores políticos revelaram episódios de vida, não só através das histórias contadas em direto, mas, simultaneamente, acompanhadas de fotografias e/ou vídeos que marcaram determinados momentos da vida dos atores políticos. A exploração desta subcategoria demonstra a importância que os atores reconhecem à necessidade de explorarem o carácter da pessoa por detrás da “capa” de político, através da revelação do seu passado e das suas origens.

Em quarto lugar, apesar de não se aplicar na maioria das presenças políticas no programa, houve atores que exploraram a categorias dos *Hobbys*/talentos desconhecidos

(Figura 7). Dessa forma, os atores deram a conhecer outra facetas que, para a maioria das pessoas, não eram conhecidas, tais como, interesses na área da botânica, na fotografia, prática de um determinado desporto ou instrumento musical, por exemplo.

Figura 7 - Exemplos de Hobbys/Talentos Desconhecidos



Em quinto e último lugar, apesar de as entrevistas tratarem a dimensão humana, houve atores políticos que utilizaram o momento no programa para revelar ambições que têm para o futuro. Por exemplo, ambição de chegar à liderança governativa, à liderança de partidos ou através do anúncio, em direto, de recandidaturas a cargos políticos. Tendo em conta a génese do *Programa da Cristina*, podemos olhar para esta subcategoria como uma estratégia dos atores políticos para trazerem para a agenda mediática temas que, no âmbito de entrevistas jornalísticas, não seriam recebidas com o mesmo impacto entusiasta e obrigariam os atores políticos a responder ao escrutínio das perguntas dos jornalistas.

Em suma, a dimensão humana demonstrou ser uma parte muito relevante da presença dos atores políticos no *Programa da Cristina*. Por um lado, pelo reconhecimento dos políticos na necessidade de demonstrarem diferentes facetas, aptidões, gostos e, sobretudo, terem a sensibilidade para explorar temas que apelassem à emoção. Por outro lado, a apresentadora demonstrou ter um papel fulcral na presença dos atores no programa, uma vez que as opiniões, pontos de vista e decisões tomadas pelos políticos, foram validadas e credibilizadas pela apresentadora, transmitindo aos telespetadores uma imagem de confiança e legitimação dos atores políticos.

5.3. Encenação da Espontaneidade

Partindo da análise dos subcapítulos anteriores, percebemos que o *Programa da Cristina* serviu como um palco mediático para os atores políticos atuarem e demonstrarem diferentes dimensões, particularmente, a dimensão humana, assente no caráter do ator político.

A encenação da espontaneidade das *performances* políticas no programa fica evidente quando pensamos na forma como escolheram apresentar-se, seja através da presença de familiares, seja através da divulgação de histórias sobre o percurso de vida, ou através de talentos desconhecidos que os atores decidiram, deliberadamente, demonstrar ao longo da conversa.

Assumindo que a presença política no programa foi pensada com objetivos específicos para se aproximarem dos cidadãos, pretendemos perceber quais foram as encenações que se destacaram no programa e, paralelamente, quais foram estratégias que os atores políticos quiseram transmitir aos telespetadores.

Para atingir os objetivos do presente subcapítulo optámos por analisar um conjunto de atores políticos que, do ponto de vista do presente trabalho, demonstraram riqueza na forma como a encenação da espontaneidade foi pensada e transmitida no programa. Inevitavelmente, optámos por analisar a presença de quatro atores políticos que, para o ponto de vista do estudo, demonstraram ser uma mais-valia para entender as diferentes dimensões exploradas estrategicamente para enaltecer a imagem pública dos atores. Nesse sentido, iremos analisar os seguintes atores políticos: Assunção Cristas (Líder do CDS-PP¹⁴), António Costa (Primeiro-Ministro), Luís Montenegro (Candidato à Liderança do PSD em 2020) e Catarina Martins (Coordenadora do Bloco de Esquerda).¹⁵

¹⁴ No momento em que Assunção Cristas foi ao programa, ainda assumia a liderança do CDS-PP.

¹⁵ Para além dos políticos que o presente estudo vai analisar, existem outros atores que mereciam ser analisados do ponto de vista da encenação da espontaneidade da presença, tais como, Rui Rio (Líder do PSD), Miguel Albuquerque (Presidente do Governo Regional da Madeira), Isaltino Morais (Presidente da Câmara de Oeiras), Luís Marques Mendes (Conselheiro de Estado e comentador político), Joacine Katar Moreira (Deputada do Livre - no momento em que esteve presente no programa) e Jerónimo Martins (Secretário-Geral do PCP). Contudo, devido às limitações impostas pelo trabalho de dissertação, não poderão ser abordadas detalhadamente no presente trabalho.

5.3.1. Assunção Cristas no *Programa da Cristina*

A primeira vez que a dimensão humana foi explorada no *Programa da Cristina* ficou marcada pela presença de Assunção Cristas, ex-Líder do CDS-PP (Figura 9). O encontro com lugar no dia 16 de janeiro de 2019, teve a duração de trinta minutos e aconteceu na primeira parte do programa. O *Programa da Cristina* registou uma média de 5,1% de *rating*, equivalente a uma média de 496 mil espetadores no programa¹⁶.

O programa iniciou com Assunção Cristas e Cristina Ferreira no local onde iriam iniciar a encenação da conversa. Nesse sentido, a cozinha foi o primeiro espaço do cenário no qual Assunção Cristas preparou um prato fora do comum quando pensamos na figura de um ator político: arroz de atum (Figura 8).

Figura 8 - Assunção Cristas Cozinha Arroz de Atum no Programa



Apesar de não ter havido cumprimento físico entre Assunção Cristas e Cristina Ferreira (tanto no início, como no fim da entrevista), ficou evidente a negociação de proximidade entre a política e a apresentadora, na qual ambas deram a entender aos telespetadores de que a conversa iria acontecer num registo informal, onde prevalecia o apreço de Cristina Ferreira por Assunção Cristas.

¹⁶ Fonte: CAEM/MediaMonitor- dados retirados da YUMI Analytics Desktop

Cristina Ferreira: Hoje começamos já aqui [na cozinha], com a Assunção. Assunção, bem-vinda, obrigada por estar connosco. Por tu, não é?

Assunção Cristas: [Sorri] Por tu, por tu.

Cristina Ferreira: Já estivemos a falar aqui um bocadinho e já nos conhecemos há muitos anos. Foi sempre muito amável comigo e tenho muito gosto que esteja aqui na minha cozinha, até porque eu acho que devemos conhecer quem está ao comando dos nossos destinos, de quem, de alguma forma, pode mudar as nossas vidas (...)

Apelo à Domesticidade e à Normalidade

O primeiro momento no qual Assunção Cristas demonstrou querer transmitir ser uma mulher “normal”, passou pelo próprio objetivo que a levou ao programa: cozinhar um prato rápido, simples e, simultaneamente, pouco comum quando pensamos num ator político. Nesse sentido, através dos exemplos de fala que demonstramos abaixo, ficou presente a ideia de uma mulher prática e com hábitos e rotinas normais.

Cristina Ferreira: (...) Podemos ver a Assunção aqui como... boa cozinheira?

Assunção Cristas: Boa não diria, mas **desenrascada**. É mais **desenrascada**.

Cristina Ferreira: Mas nunca teve essa tendência da cozinha?

Assunção Cristas: Eu nunca tive essa tendência porque acho sempre que há tantas outras coisas para fazer mais interessantes.

Cristina Ferreira: [Risos] Ou seja, não é mesmo um gosto cozinhar...

Assunção Cristas: Não, mas **quando é preciso lá estou a cozinhar**. E é preciso muitas vezes!

Cristina Ferreira: E hoje é uma receita muito fora do comum. Aliás, a Assunção hoje vem aqui fazer uma coisa que nunca ninguém fez que é...

Assunção Cristas: Arroz de atum.

Cristina Ferreira: [Risos] Arroz de atum é maravilhoso! É o tal **desenrasca**.

Assunção Cristas: É o tal **desenrasca** porque quando não há tempo, quando não há nada em casa, há sempre latas de atum (...) e pronto, **está feito!** (...) E, portanto, quando a pergunta é “O que é que é o jantar?”, não descongelámos nada... Arroz de atum.

Para além da praticidade no ambiente da cozinha, a política revelou ainda como funcionam as rotinas do dia a dia no ambiente familiar. Por um lado, revelou que, após terminar as suas tarefas profissionais do quotidiano, costuma encontrar-se com o marido no supermercado para realizar as compras do dia a dia; e, por outro lado, demonstra que, no ambiente de casa, uma vez que são uma família numerosa, todos ajudam à realização de tarefas.

Cristina Ferreira: E lá em casa vai tudo para a cozinha?

Assunção Cristas: Vai tudo! Anda tudo em todo o lado. Uns estão a fazer, outros estão a pôr a mesa, outros estão a discutir quem vai levantar a mesa naquele dia.

Cristina Ferreira: Mas há divisão de tarefas?

Assunção Cristas: Há divisão de tarefas e há uma escala (...) mas quando um rompe a escala, há sempre discussão.

Cristina Ferreira: Guerra!

Assunção Cristas: Guerra, guerra, guerra. Há muitos conflitos sempre para arbitrar nisso. Mas há tarefas distribuídas. Supostamente com regras mais ou menos definidas.

Através dos exemplos acima indicados, podemos verificar que Assunção Cristas quis realçar a importância que atribui à realização de tarefas domésticas e da vida quotidiana, tais como as rotinas que pratica com a família no contexto da vida pessoal e privada.

Para além da normalidade refletida na preparação do arroz de atum e das rotinas que fazem parte da sua vida privada, Assunção Cristas transmitiu ser capaz de realizar várias tarefas em simultâneo, não só na vida pessoal, como na vida política. Por exemplo, simbolicamente, através da colocação do telemóvel na bancada da cozinha porque, segunda Assunção Cristas, está sempre ao seu lado para tratar de eventuais assuntos que surjam.

No momento em que a política estava a cozinhar, Cristina Ferreira questiona a convidada relativamente à forma como encara a gestão da vida política e pública enquanto mulher e, simultaneamente, como distribui o tempo em família. Nesse momento, Assunção Cristas deixou, mais uma vez, presente a ideia de pragmatismo na divisão de tarefas e na igualdade de responsabilidades familiares divididas entre ela e o seu marido:

Cristina Ferreira: É fácil se mulher e andar neste meio?

Assunção Cristas: É exigente.

Cristina Ferreira: Mais do que ser homem?

Assunção Cristas: É exigente. Eu acho que é mais do que ser homem porque nós fazemos muitas coisas ao mesmo tempo. Os homens fazem, apesar de tudo, um bocadinho menos. Normalmente, um bocadinho menos. Nem todos, nem todos, há assim umas exceções.

Cristina Ferreira: E nunca se sentiu culpada por ter tantos filhos e por achar que dava menos atenção aos filhotes? É que há muitas mulheres que desistem às vezes de carreiras por causa disso.

Assunção Cristas: Cristina, eu tinha essa guerra com o meu pai quando era miúda, tinha apenas 13 anos. O meu pai dizia sempre que as mulheres é que acabavam por ficar com os filhos e, portanto, era exigido mais às mulheres. Ele tinha alguma razão, é verdade. O que eu achava é que não devia ser assim. Os filhos são das mulheres e são dos homens, portanto ambos têm que dar ao litro.

Cristina Ferreira: E depois arranjou um marido muito jeitoso.

Assunção Cristas: Arranjei um marido maravilhoso que também concorda e partilha tarefas.

Após revelar, no espaço da cozinha, histórias sobre a importância dos pais, do marido e dos filhos no seu percurso, bem como as dinâmicas que tem em família, Assunção Cristas é, aparentemente, surpreendida.

A surpresa encenada no programa passou pelo aparecimento do núcleo familiar: o marido, a filha mais nova e o cão. Os familiares dirigem-se ao novo espaço de encenação, a mesa onde iria decorrer a degustação do prato, e ocupam os seus respetivos lugares no espaço. A presença dos familiares no programa é reveladora da ideia de uma família bem estruturada, com hábitos e rotinas normais e comuns a qualquer outro cidadão (Figura 9).

Figura 9 - Assunção Cristas Serve Arroz de Atum à Família



A encenação da normalidade, para além de estar presente através da simulação de um almoço às dez da manhã, é sublinhada pela figura do marido, quando questionado sobre a forma como olha para o papel de Assunção Cristas enquanto mulher com um cargo político de poder.

Cristina Ferreira: Tiago, como é que é ter uma mulher destas com tanta importância na sociedade nacional?

Marido de Assunção Cristas: É muito bom. Não é por ter importância, é bom porque sim. Quando me casei com ela, [Assunção Cristas] não tinha importância. [Ouvem-se risos do público]

(...)

Cristina Ferreira: Estávamos aqui há pouco a falar da importância que o homem tem que ter para que uma mulher consiga destacar-se desta forma. O Tiago sentiu logo isso? De que tinha que ajudar muito? Quando isto tem que ser uma partilha e não uma ajuda...

Marido de Assunção Cristas: Não. Lá em casa isto já havia muita partilha das coisas, quer dizer, não foi uma grande mudança. Foi um bocado gradual: ela começou no Parlamento, e depois então é que foi para o Governo e agora é presidente do partido. Agora é melhor do que no momento em que estava no Governo. No Governo viajava muito.

Cristina Ferreira: Quando viajava como é que era com os miúdos.

Marido de Assunção Cristas: Era normal, corria tudo bem. [Risos]

Desconstrução do Elitismo e Ambições futuras

Assunção Cristas era, no momento em que foi ao programa, líder do CDS-PP, um partido conservador alicerçado nos valores da fé cristã. Nesse sentido, ao longo da conversa ficou evidente a importância da prática dos valores cristãos na vida de Assunção Cristas, através da ida à missa todos os domingos em família:

Cristina Ferreira: Muito católica **sempre**, não é?

Assunção Cristas: Sim, sim. Faço por ser.

Cristina Ferreira: Ainda vai à missa regularmente?

Assunção Cristas: **Sempre!** Todos os domingos.

Cristina Ferreira: A sério?

Assunção Cristas: **Todos, todos, todos.**

Cristina Ferreira: E consegue levar a filharada toda?

Assunção Cristas: **Todos, vai tudo, vai tudo.**

Cristina Ferreira: Mas eles vão com gosto ou é “lá vamos à missa”?

Assunção Cristas: Eles vão com gosto e já têm missas preferidas. Às vezes a discussão é a qual é a missa a que vamos.

Contudo, apesar da ideia de elitismo muitas vezes associado à ideia do partido conservador de direita, Cristas revela episódios da sua vida que demonstram a importância e o valor que atribuiu à realização de atividades que realçam a sua proximidade com o “povo”.

Cristina Ferreira: O que é que as pessoas lhe dizem na rua? Eu tenho muita curiosidade porque às vezes... todos fazem uma ideia de nós. O que é as pessoas lhe dizem, Assunção?

Assunção Cristas: Cristina, muitas pessoas falam nos filhos e da família, perguntam como é que estão e desejam felicidades para a família e para os filhos. Muita gente diz isso. Muitos dizem “força, força, força, dê-lhes”. Muitos dizem que vão votar em mim, é tão bom. Ainda ontem estava no Colombo e vem uma senhora...

Cristina Ferreira: [Interrompe] Consegue andar no Colombo normalmente?

Assunção Cristas: Tive que ir lá comprar uma blusinha aqui para o programa. Consigo andar bem, as pessoas são muito respeitadoras, eu acho. Pelo menos tenho boa experiência. São muito queridas. Quando não gostam, não abordam. Quando gostam, vêm falar e é muito bom. Tive um rapaz que me veio pedir uma fotografia, tive uma rapariga que me disse “não me conhece, mas eu vou votar em si”. Isso é bom!

A ideia de ligação com os cidadãos e o facto de não gostar de ser rotulada pela crença, valores ou ideologias que defende, ficou vincada ao longo do programa, através da transmissão da mensagem de que se sentia uma mulher normal de classe média. Dessa forma, a encenação da conversa na mesa onde decorreu a refeição, terminou com um remate importante para perceber a negociação da presença da apresentadora: demonstrar os valores que a regem, para revelar as ambições futuras que pretende concretizar politicamente.

Cristina Ferreira: Hoje notou-se a sua **simplicidade**, a forma como encara tudo (...) e **não é porque está num cargo importante, que deixa de o ser**.

Assunção Cristas: A coisa melhor que podemos fazer é levar a vida assim, com alegria, com leveza, com ambição e com rasgo de chegar mais longe. E eu **trabalharei para um dia ser Primeira-Ministra**.

A presença de Assunção Cristas no *Programa da Cristina* demonstrou ser enriquecedora para o presente estudo porque revelou a encenação de duas dimensões muito importantes para compreender a forma como a *performance* da política foi pensada no programa.

Por um lado, no que diz respeito à encenação da domesticidade, a política demonstrou, através da preparação de arroz de atum e da própria presença dos familiares, a ideia de que tem uma vida normal, tal como qualquer outro cidadão de classe média, apesar da ideologia conservadora do partido que liderava.

Por outro lado, no que diz respeito ao pragmatismo e à desconstrução do elitismo político, Assunção revelou a importância que dá à opinião e às demonstrações do “povo” à sua atuação política.

Em suma, a presença no *Programa da Cristina* revelou, no fundo, a importância da encenação da dimensão do carácter da política, e, simultaneamente, a revelação estratégica de que, futuramente trabalhará para ocupar o cargo de Primeira-Ministra do país.

5.3.2. António Costa no *Programa da Cristina*

A presença de António Costa, Primeiro-Ministro de Portugal, teve como objetivo desconstruir a ideia de insensibilidade, frieza e distanciamento que o cargo de Primeiro-Ministro acarreta.

A primeira presença no programa, no dia 5 de março de 2019, ficou marcada pela encenação do ambiente familiar, onde o ator preparou uma cataplana de peixe (Figura 10). Com a duração de 40 minutos, a entrevista foi realizada na terceira e última parte do programa. Segundo os dados da GfK, a emissão foi vista por uma média de 745 mil espectadores, registando 28,5% de share e 7,7% de audiência média. Nesse sentido, o pico das audiências ficou marcado na última parte do programa, o momento em que António Costa cozinhou no *Programa da Cristina*, chegando a atingir cerca de 1,3 milhões de espectadores¹⁷.

¹⁷ Informação disponível em <https://mag.sapo.pt/tv/atualidade-tv/artigos/o-programa-da-cristina-bate-recorde-de-audiencias-com-visita-de-antonio-costa>

Figura 10 - António Costa Prepara Cataplana de Peixe¹⁸



O ator político apresentou-se no programa com um estilo de roupa marcado pela informalidade, no qual foi recebido pela apresentadora à porta da casa com dois beijos na face. Ao longo do programa foram trocados presentes por ambos – António Costa ofereceu a Cristina Ferreira um conjunto de fotografias tiradas com o seu *smartphone* (revelador de um dos seus *hobbys* pessoais) e, paralelamente, a apresentadora ofereceu um *puzzle* do *Programa da Cristina*, uma vez que a apresentadora conhecia o gosto de António Costa pelo desafio de juntar peças.

A segunda presença do ator político no *Programa da Cristina*, no dia 1 de abril de 2020, ficou marcada por uma *performance* com um carácter sério (Figura 11). Uma vez que o país vivia um contexto social, económico e sanitário difícil devido à situação pandémica, António Costa esteve presente, naquele momento, enquanto Primeiro-Ministro do país, com o objetivo de transmitir aos telespetadores as medidas desenvolvidas pelo Governo para travar a pandemia e solucionar problemas que, naquele momento, eram urgentes.

Com a duração de 40 minutos, a entrevista também foi realizada na terceira e última parte do programa e aconteceu no escritório da casa – o local estrategicamente encenado para abordar temas político-partidários.

¹⁸ Foto: Clara Azevedo | Imagem disponível para consulta em: <https://bit.ly/3uItXbS>

A presença de António Costa “atingiu uma share recorde de 24,9%, sendo o 13º mais visto do dia, e a edição que atingiu o maior número de telespetadores desde a sua existência, uma média de 710 mil” (Baptista et al., 2020, p. 171).

Figura 11 - 2.ª Presença de António Costa no Programa da Cristina¹⁹



Ao contrário da primeira presença de António Costa, no dia 5 de março de 2019, o ator político apresentou-se no programa com um estilo de roupa formal, onde não houve cumprimento físico ou troca de presentes com a apresentadora do programa. Para além disso, por oposição à primeira presença do Primeiro-Ministro no programa, não houve cumprimento físico entre ambos.

Através da análise das duas presenças do político, em momentos e contexto sociais distintos, vamos, de seguida, proceder à análise das principais dimensões que foram encenadas na *performance* do ator político no programa.

Homem Tímido, Marido Cumpridor, Pai Presente

Na primeira entrevista, a 5 de março de 2019, António Costa dirigiu-se sozinho para a sala da apresentadora e revelou histórias do seu percurso familiar, a forma como viveu a infância e adolescência e, paralelamente, explorou traços da sua personalidade que não são, aparentemente, compreendidos até aos dias de hoje.

¹⁹ Fonte: *Instagram @dailycristina*

Cristina Ferreira: Foi dos que levou reguadas [na escola]?

António Costa: Então não levava reguadas? Claro que levei reguadas. Além do mais por uma razão também. **Há um sorriso que eu tenho que é muito irritante, e eu nunca consegui corrigir.** Os professores muitas vezes julgavam que esse sorriso era uma forma de estar a gozar com eles e **nunca gostavam daquele sorriso.**

Cristina Ferreira: Então, mas olhe, dê cá mais cinco porque também ninguém entende o meu sorriso. [Cumprimentam-se com um aperto de mão]

(...)

Cristina Ferreira: Mas acha que isso era uma estratégia que tinha ou não? Ou era mesmo seu e ninguém o entendia?

António Costa: **Eu acho que é uma coisa, ou nervosa, ou de timidez. Há um sorriso que as pessoas não simpatizam** e, portanto, apanhei muita reguada à custa desse sorriso.

Posteriormente, a mulher de António Costa, Fernanda Tadeu, surpreendeu o ator político e assumiu um papel de liderança, desafiando o Primeiro-Ministro a cozinhar uma cataplana de peixe.

Fernanda Tadeu adotou um papel importante no programa enquanto braço direito do ator. Para além disso, a mulher de António Costa demonstrou, através dos gestos e do próprio discurso, o papel de chefia que assume no seio familiar. Através de um discurso marcado pelo à vontade e pela descontração, Fernanda transmitiu a ideia de que por detrás do ator político, existe uma companheira que aconselha e toma decisões de orientação na vida pessoal.

Cristina Ferreira: A Fernanda trouxe os ingredientes, trouxe tudo. É a Fernanda que vai cozinhar o nosso almoço?

Fernanda Tadeu: Não, eu não! Essa ideia de que as mulheres é que cozinham, tem os dias contados. E ele [António Costa], ainda por cima, cozinha muito melhor que eu.

(...)

Cristina Ferreira: O que é que ele vai fazer à lavandaria, Fernanda?

Fernanda Tadeu: Leva as camisas, vai buscar as camisas depois de estarem tratadas e engomadas, tudo.

Cristina Ferreira: Gosta desses trabalhos domésticos?

Fernanda Tadeu: Que remédio!

Após iniciarem a confeção da receita de cozinha, António Costa é, mais uma vez, aparentemente surpreendido pelos restantes familiares que compõem a núcleo familiar: os filhos, Pedro e Catarina, e a nora Sara. Ao longo da conversa, percebemos que, para além do papel de líder de Fernanda, também os restantes membros da família tinham papéis encenados no programa.

Apesar de não terem tido um papel tão destacado como o da companheira do ator político, tanto Pedro (filho) como Sara (nora), demonstraram que o ator político, no seio da sua vida pessoal, é uma pessoa com uma vida normal, dedicado à família, sem sobrançeria por estar ligado a um cargo de poder no país.

Paralelamente, verificámos que a filha Catarina nunca teve intervenções ativas no programa. Nesse sentido, podemos assumir que, apesar do núcleo familiar estar presente no programa para encenar a ideia de uma estrutura familiar forte, cada um desempenhou as funções encenadas e propostas para atuarem no programa. Nesse sentido, podemos afirmar que houve, *a priori*, uma negociação dos papéis a desempenhar por cada um dos membros da família no programa.

No âmbito da presença de familiares e amigos de António Costa, destacamos ainda a presença do irmão do Primeiro-Ministro, Ricardo Costa, e a presença da mãe, Maria Antónia Palla²⁰. Apesar de terem sido conversas realizadas em momentos e dias distintos, nas quais, aparentemente, não se centravam na figura de António Costa, a presença de ambos sublinhou a ideia de normalidade e a humildade que centram os valores familiares do ator político, bem como a separação clara de António Costa, Primeiro-Ministro, e António Costa pessoa.

Maria Antónia Palla: Quando era pequeno eu dizia-lhe: olha, tanto faz que sejas doutor ou sapateiro. A mãe gosta sempre de ti. Claro que prefiro que ele tenha feito a carreira que fez, foi muito bom aluno.

Cristina Ferreira: E há aqui esta distinção, não é? António, filho. Costa, político (...)

²⁰ A presença de Maria Antónia Palla aconteceu no dia 15 de outubro de 2019. Emissão disponível na íntegra em <https://sic.pt/Programas/casa-feliz/episodios-completos/2019-10-15-O-Programa-da-Cristina---15-de-outubro---Parte-2>. Dez dias depois, a presença de Ricardo Costa aconteceu no dia 25 de outubro de 2019. Emissão disponível na íntegra em <https://sic.pt/Programas/casa-feliz/episodios-completos/2019-10-25-O-Programa-da-Cristina---25-de-outubro---Parte-2>

Cristina Ferreira: É engraçado que entre vocês [família] não falam de política uns com os outros, quando é um interesse tao comum de todos, não é?

Ricardo Costa: Sim, não falamos. Antigamente discutíamos (...)

Cristina Ferreira: Para quem ainda não sabe, o que eu duvido que a esta altura as pessoas não saibam, estamos aqui em casa com o irmão do primeiro-ministro deste país. (...)

Cristina Ferreira: Tu percebeste logo que ele [António Costa] iria chegar a cargos importantes?

Ricardo Costa: Que ele iria ter atividade política, sim. Cargos tipo primeiro-ministro, não necessariamente. Porque também nunca percebi se ele gostava especificamente disso ou não. Percebi que ele gostava de coisas que tivessem ação (...) Eu acho, e aqui estou a entrar um bocado num terreno perigoso porque nunca conversei francamente com ele sobre isso, eu acho que a coisa que ele mais gostou de fazer foi ser presidente da Câmara de Lisboa.

Cristina Ferreira: Então vocês conversam sobre o quê?

Ricardo Costa: De outras coisas. Há tanta coisa para falar.

A encenação da presença dos familiares de António Costa no programa teve como principal objetivo desconstruir a ideia de frieza e insensibilidade do ator político. Desse modo, foram criadas situações encenadas no programa capazes de humanizar a *persona* do ator político.

O Líder Político Humanizado

A encenação da desconstrução do distanciamento e frieza associada à figura do ator político foram sublinhadas, em ambas as entrevistas, pela credibilização do ator político através da figura da apresentadora do programa. Não só pelo discurso marcado pela validação das decisões políticas levadas a cabo pelo Primeiro-Ministro como, paralelamente, pela demonstração de simpatia pelo ator.

Na primeira presença do ator político no programa, Cristina Ferreira começou por sublinhar que houve, *a priori*, uma negociação do momento ideal para António Costa marcar presença no programa, tendo em conta as responsabilidades políticas que assume no seu dia a dia. Dessa forma, a apresentadora demonstrou aos telespetadores, por um lado, o profissionalismo do ator político e, por outro lado, enalteceu a sua personalidade.

Cristina Ferreira: Hoje é dia de folga?

António Costa: Hoje é dia de tolerância de ponto.

Cristina Ferreira: Aliás, teve esse cuidado porque quando o convidei e aceitou vir, pedi-me para vir num feriado ou num dia em que não tivesse compromissos profissionais. **Mostra, de facto, aquilo que é enquanto Primeiro-Ministro (...)** É de uma **amabilidade extrema** sempre que está comigo, **não foge a nenhuma pergunta**, mas isso também diz que é muito hábil enquanto político (...) Não é normal nós termos esta visão de quem nos dirige porque **achamos que não têm vidas normais. E hoje percebemos que vocês são uma família normal.**

Na segunda presença do ator político no programa, apesar de se tratar de uma conversa de carácter político, Cristina Ferreira exaltou a necessidade de olhar António Costa enquanto humano, para além do cargo político que desempenhou num momento de incerteza provocado pela pandemia.

Cristina Ferreira: Muito obrigada por ter aceitado este convite e por sentir a pertinência que é falar para um auditório com algumas particularidades e é preciso explicar as coisas de uma forma muito clara e direta para que todos tenham entendimento correto do que estamos a viver e o que vamos viver daqui para a frente. **Quero só tirar-lhe a capa de Primeiro-Ministro** logo no início da conversa só para perceber como é que está. Porque, **para além do cargo, é pai, é marido, anda na rua, tem que estar no seu trabalho. Como é que está?**

António Costa: (...) Felizmente estou melhor do que a generalidade das pessoas porque muitas estão a sofrer imenso (...)

Cristina Ferreira: Mas deve estar um bocadinho cansado. Sabe que eu tive aqui uma representante da DGS e eu própria disse que temos de falar com a Doutora Graça Freitas, com a Ministra da Saúde... Estão há muito dias sem descanso, vocês não param, vocês estão em reuniões constantes. Dá para dormir ainda um bocadinho ou não?

(...)

Cristina Ferreira: Se pudesse escolher era Primeiro-Ministro nesta altura?

António Costa: Eu tenho muito orgulho de poder servir o meu país neste momento tão difícil que estamos a viver e, obviamente, uma enorme angústia de saber se estou a altura deste momento e do esforço que temos de fazer.

Cristina Ferreira: Mas tem noção que a nível internacional estão todos com os olhos postos em si?

(...)

Cristina Ferreira: Deixe-me dizer-lhe que, da minha parte, tenho muita confiança nas pessoas que nos estão a dirigir neste momento. Sei da dificuldade que é poder agradecer a toda a gente, mas estamos a viver um período extraordinário, e é isso que temos que entender.

No que diz respeito à agenda política do governo de António Costa, podemos verificar que foi um tema que esteve sempre presente em ambas as entrevistas.

Por um lado, na entrevista de 5 de março de 2019, abordaram-se temas como as expectativas que tinha para as próximas eleições legislativas, as alterações que o gabinete do governo de António Costa estava a realizar para melhorar a vida dos cidadãos e, simultaneamente, o reconhecimento do ator para o facto de terem existido momentos que “mancharam” a sua liderança governativa. Nesse sentido, a *performance* de António Costa no tratamento desses temas baseou-se sobretudo na clarificação e esclarecimento, transmitindo uma mensagem de transparência para com os telespetadores.

Por outro lado, na segunda presença do ator político, no dia 1 de abril de 2020, a abordagem da agenda política centrou-se, do lado da apresentadora, na demonstração da admiração pelo ator e, do lado do ator, pela demonstração de admiração da coragem e desempenho dos portugueses face à situação pandémica.

Cristina Ferreira: São palavras suas dizer que no meio do tsunami não há boias de salvação. No meio do tsunami vamos tentando que a nossa cabeça fique um bocadinho à tona. Como é que se mantém lucidez? Os seus **discursos são muito lúcidos, sinceros e realistas**, pelo menos na minha perceção, **nunca tentou enganar as pessoas** dizendo que isto era fácil. Aliás, acabou de dizer que este mês vai ser o mais difícil de todos possivelmente. Como é que se consegue essa lucidez? Essa passagem de **mensagens equilibradas** entre o que está a acontecer de muito grave e de “vamos lá todos ultrapassar isto”?

António Costa: É seguramente difícil, mas há aqui uma coisa fundamental: nós só podemos viver este momento **sentindo que todos estamos a ser sinceros e francos uns com os outros**. Temos que ter confiança para viver esta situação (...)

Cristina Ferreira: E como é que vamos sair todos disto? Vamos sair mais fortalecidos? A nível emocional eu tenho muito medo de que haja uma quebra muito grande nas pessoas. Qual é o seu sentimento em relação a isso? Enquanto povo, como é que vamos sair daqui?

António Costa: Eu acho que vamos **melhorar na nossa autoestima coletiva** porque acho que aprendemos a **respeitar e a admirar o comportamento uns dos outros** (...)

As duas presenças de António Costa no *Programa da Cristina* demonstraram ser uma mais-valia para o estudo, no sentido em que revelaram que a presença do ator político pretendeu desconstruir estigmas associados ao cargo que desempenha. Nesse sentido, e reforçado pela participação dos familiares do ator, as várias encenações no programa quiseram, por um lado, apelar à dimensão da fragilidade e sensibilidade associada à relação que tem com a família; e, por outro lado, pretendeu engrandecer a ideia de que o líder político tem consciência da governação que assume, transmitindo a mensagem de que tem como prioridade a vontade e as necessidades dos cidadãos que dirige.

Em suma, António Costa pretendeu desconstruir a ideia de insensibilidade e distanciamento associada ao papel de liderança que assume, mas, paralelamente, equilibrar a presença no programa através da demonstração do sentido de responsabilidade do cargo, realçando a ideia de transparência, seriedade e comprometimento para com os cidadãos.

5.3.3. Luís Montenegro no *Programa da Cristina*

Luís Montenegro, antigo líder parlamentar do PSD, esteve presente no *Programa da Cristina* no dia 20 de dezembro de 2019. A sua presença coincidiu com um momento de eleições internas no Partido Social-Democrata, nas quais o ator político disputava a liderança do partido contra Rui Rio, presidente do PSD.

A entrevista de Luís Montenegro aconteceu duas semanas depois do seu adversário à disputa pelo poder, Rui Rio, estar presente no programa. O encontro teve a duração de trinta minutos e aconteceu na segunda parte do programa. Nesse dia, o *Programa da Cristina* registou 4,4% de *rating*, equivalente a uma média de 414 mil espetadores no programa, por oposição ao dia em que Rui Rio esteve presente no programa, no qual se registou um *rating* de 4.2%, equivalente a uma média de 395 mil espetadores²¹.

Com um estilo de roupa marcado pela informalidade, Luís Montenegro foi recebido pela apresentadora no *hall* de entrada. No decorrer do cumprimento físico com dois beijos na cara, o ator político ofereceu um presente de grandes dimensões à apresentadora e foi, logo de seguida, direcionado para a cozinha, local onde se encontrava o seu membro de “contracena em palco”, o cantor português Tony Carreira.

“Os Sonhos de Menino” e a Simplicidade do Ator

Apesar de não ter cozinhado como os atores políticos Assunção Cristas e António Costas, Luís Montenegro começou a encenação no programa com a degustação da sopa

²¹ Fonte: CAEM/*MediaMonitor*- dados retirados da YUMI Analytics Desktop

de peixe confeccionada pelo cantor. Contudo, deixou claro de que também tinha talento para a cozinha, não só para fazer sopa de peixe, mas também para confeccionar pratos que afirmou serem “mais complicados” como caldeirada de peixe e arroz de cabidela.

Logo de seguida, Cristina Ferreira desafiou Luís Montenegro a cantar com Tony Carreira a canção preferida do ator político – “Sonhos de Menino”. Luís Montenegro aceitou o desafio, mas revelou uma aparente surpresa e espanto pela espontaneidade do momento, como se não estivesse à espera de que fosse acontecer (Figura 12).

Contudo, podemos verificar que a *performance* poderá ter sido negociada antes da emissão começar pelas seguintes razões: em primeiro lugar, Cristina Ferreira retira, de repente, dois microfones da bancada da cozinha – um para Luís Montenegro, outro para Tony Carreira -, como se o momento já estivesse, *a priori*, pensado e preparado para acontecer; em segundo lugar, o cenário, o coro e os músicos já estavam posicionados na sala para o momento musical; em terceiro e último lugar, a escolha da canção “Sonhos de Menino” poderá ter sido escolhida propositadamente para o momento, uma vez que, segundo as palavras Luís Montenegro, a letra da canção apresenta “uma bela história, que lhe dá muito brilho. Demonstra a capacidade de ir atrás de um sonho e de ultrapassar as dificuldades e os obstáculos que a vida nos coloca”. Nesse sentido, a encenação do momento musical demonstrou o lado descontraído do ator político, mas, simultaneamente, a explicação do significado da letra da música refletiu a vontade de lutar pelos seus objetivos no momento de disputa pela liderança no partido.

Figura 12 - Luís Montenegro Canta com Tony Carreira



Para além do talento para a cozinha e o gosto pelo canto, o ator político revelou os vários *hobbys* que complementam a sua maneira de ser e de estar na vida, tai como, a ginástica, o futebol, a música e os trabalhos como nadador-salvador e ajudante de bar da praia que moldaram a forma como vê a vida e olha para o valor do dinheiro.

Para além da entrevista presencial no cenário do programa, Luís Montenegro foi, acompanhado pela produção do *Programa da Cristina*, à sua cidade natal. Em formato de vídeo pré-gravado, contou várias histórias sobre o seu percurso de vida ao longo da infância, os trabalhos extracurriculares que teve na adolescência, a relação com a esposa e com os filhos, e o seu percurso na vida política até aos dias de hoje.

Após a transmissão do vídeo, Cristina Ferreira elogiou a personalidade de Luís Montenegro, conduzindo os telespetadores à forma como queria que olhassem para a figura do ator político:

Cristina Ferreira: Deixe-me agradecer-lhe antes demais. A equipa veio toda rendida a si. Disseram-me várias vezes: "**vais adorá-lo, vais adorá-lo**" porque é de uma **simplicidade**... viu-se aqui! Esta **descontração** a falar de si e, às vezes, tão difícil de encontrar na política, não é?

Luís Montenegro: É verdade, são intervenções diferentes. No dia a dia estamos mais concentrados em falar do país, da ação política, do combate político.

Cristina Ferreira: E estamos em pleno combate... Já lá vamos! [risos]

Luís Montenegro: E estamos agora num combate interno [PSD] e também externo na Assembleia da República com a questão do orçamento. Mas foi uma boa oportunidade de eu falar um bocadinho mais de mim, e também de me dar a conhecer (...)

A ideia de simplicidade e normalidade foi reforçada com o apelo à dimensão familiar. Apesar de não ter contado com a presença de familiares ou amigos, o ator político sublinhou a importância de ter crescido numa família estruturada, com capacidades financeiras para singrar na vida. Contudo, estabeleceu, ao longo da entrevista, a ideia de que viveu num ambiente familiar normal, no qual teve de lutar para alcançar os seus objetivos.

Cristina Ferreira: Mas o Luís diz ali: "Eu sou de uma família normal".

Luís Montenegro: E sou.

Cristina Ferreira: Mas com muita gente, já percebi ali naquela fotografia dos primos.

Luís Montenegro: Sobretudo na parte da minha mãe. São 14 irmãos, nós somos 36 primos, e já há 22 bisnetos da minha avó.

(...)

Luís Montenegro: Eu sinto-me uma pessoa **privilegiada** porque nunca tive aquelas dificuldades que muita gente sente sobre aquilo que são as necessidades básicas e as oportunidades. Aliás, é isso que me faz caminhar na minha vida política. Mas isso não significa que eu, os meus pais e os meus tios, não tivéssemos que **crescer a pulso, trabalhar e sermos produtivos**.

Cristina Ferreira: Então, nadador-salvador era para ganhar uns “troquinhos” ...

A Ambição de Vencer

A vontade de Luís Montenegro vencer as eleições internas do PSD e desbravar um caminho político de liderança ficou marcado ao longo de toda a entrevista. Nesse sentido, os temas relacionados com a dimensão político-partidária demonstraram que Luís Montenegro queria transmitir valores de seriedade e de vontade de mudança para o partido e, conseqüentemente, para o país. Contudo, a exploração da dimensão humana esteve sempre presente para transmitir a ideia que pretendia passar politicamente.

Através da exploração da fragilidade do político, a apresentadora do programa abordou Luís Montenegro sobre a forma como a família viu a sua entrada no mundo da política e, paralelamente, questionou o ator sobre o impacto que a morte do pai teve na sua vida pessoal e profissional. Nesse momento, através do apelo à emoção, o ator contou, com os olhos mareados, o impacto que a família e a perda do pai tiveram na sua vida. Mas, paralelamente, o ator político quebrou rapidamente a ideia de fragilidade, através da demonstração do seu espírito interventivo e de liderança que demonstrou ter desde muito jovem.

Cristina Ferreira: Os pais tinham algum sonho para o menino Luís?

Luís Montenegro: Eu acho que o único sonho que eles não tinham era que o menino Luís fosse para a política. Por acaso está aqui a lembrar-me de uma história que é muito engraçada e que ninguém sabe. O meu nome de casa não é Luís, é Filipe. A minha mãe trata-me por Filipe, os meus irmãos tratavam-me por Filipe, os meus primos, os meus avós (...) até hoje é o meu nome de casa (...)

Cristina Ferreira: Sendo assim [Luís Montenegro] um pai tão atento, faz-lhe falta o seu?

Luís Montenegro: [Olhos Mareados] Faz. Ele faleceu em 2011 e faz falta porque era uma **fonte de inspiração**, era um **bom avaliador**. Como disse, os meus pais nunca me instigaram a vir para a vida política. **Fui por mim. Senti uma vontade de**

intervir primeiro na comunidade e até fui muito precoce (...) com 24 anos, veja bem, já liderava o PSD local (...)

Para além da relevância da família na vida profissional do ator político, Luís Montenegro contou como era reconhecido na escola que frequentava em criança, pelos professores e pelos pais dos seus amigos. Assumindo que, tal como todas as crianças, fez algumas asneiras e jogou muito à bola, era, contudo, um aluno exemplar e rigoroso nos estudos. Segundo o ator, “durante dois anos, tive sempre 100% a matemática (...) de tal maneira que os pais dos meus colegas me tratavam, e ainda tratam, como o **Luís da matemática**”. A utilização da expressão “Luís da matemática” poderá querer transmitir, indiretamente, a ideia de “contas certas”, nas quais se pode refletir na vontade que tem em equilibrar económica e financeiramente o país.

No que diz respeito à luta pela liderança do partido na qual o ator político disputava no momento em que esteve presente na emissão do programa, Luís Montenegro assumiu a sua ambição através da transmissão da ideia de humildade, pois, apesar de ter sido um privilegiado enquanto criança, apela, simultaneamente, à ideia de luta ao longo da vida e superação pessoal que marcaram o seu percurso.

Cristina Ferreira: Se houver uma derrota, volta-se para Espinho e faz-se uma aula de *cycling*? [Risos]

Luís Montenegro: Não teria nenhum problema com isso. Eu sou uma pessoa feliz, sou um **privilegiado**, fiz sempre aquilo que gostava, apesar de ter passado por algumas **dificuldades** mesmo ao longo da minha vida política. **Não foi fácil**. Tive muitos momentos de **sofrimento**, em que quase estava **sozinho**, não conseguia ganhar as eleições para que me estava a preparar em termos locais.

A ambição de Luís Montenegro ficou fortemente sublinhada, não só pela forma como acreditou que viria a liderar o partido, como, paralelamente, houve um reforço positivo por parte da apresentadora do programa, de forma a engrandecer essa convicção. Dessa forma, Luís Montenegro reforçou as suas expectativas através do apelo à sensibilidade do carácter.

Cristina Ferreira: Podemos vir a ter primeiro-ministro?

Luís Montenegro: Podemos vir a ter (...)

(...)

Luís Montenegro: (...) Ser líder do PSD é ser candidato a Primeiro-Ministro e é esse o meu propósito para transformar o país.

Cristina Ferreira: Combinamos uma coisa: se for Primeiro-Ministro, vem ao tal arroz de cabidela.

Luís Montenegro: Venho sim senhora, venho com todo o gosto!

(...)

Cristina Ferreira: Dia 10 lá vamos ver.

Luís Montenegro: Dia 10 acaba a campanha, dia 11 é a nomeação. E pronto, eu vou ser eleito líder do PSD. Virei cá provavelmente no entretanto e depois virei quando for primeiro-ministro. Está feita a promessa. **Não lhe chamem compromisso de político... é do Luís.**

Cristina Ferreira: **É do Luís.**

Em suma, a presença de Luís Montenegro no *Programa da Cristina* foi relevante para o estudo, no sentido em que o contexto político-partidário estava fortemente marcado pela disputada da liderança interna do partido. Nesse sentido, o ator político encenou a espontaneidade no programa, recorrendo a múltiplas formas de personalização do carácter: demonstrou os vários talentos e *hobbys* e talentos desconhecidos, revelou traços do seu carácter e, simultaneamente, demonstrou a sua ambição aos telespetadores: liderar o PSD para, posteriormente, governar o país.

5.3.4. Catarina Martins no *Programa da Cristina*

Catarina Martins, Coordenadora do Bloco de Esquerda, esteve presente no programa no dia 8 de janeiro de 2020 (Figura 13). O encontro com a duração de 30 minutos, aconteceu na segunda parte do programa. Nesse dia, o *Programa da Cristina* registou um *rating* de 4,3%, equivalente a uma média de 410 mil espetadores²².

Ao contrário da presença dos atores acima analisados, nas quais era perceptível a encenação de diferentes dimensões da vida privada que os atores políticos queriam destacar, a comparência de Catarina Martins ficou marcada pela utilização de uma estratégia na qual a exploração da dimensão humana se centrou na forma como encara a sua exposição pública e, simultaneamente, pelas limitações à exibição de detalhes da sua vida privada.

²² Fonte: CAEM/MediaMonitor- dados retirados da YUMI Analytics Desktop

Figura 13 - Catarina Martins no Programa



As Barreiras da Emoção e a Exaltação das Causas

A conversa com lugar na sala de estar do programa ficou marcada, por um lado, pelo esforço da apresentadora em levar as temáticas para um cariz mais pessoal, e, por outro lado, pela adesão de Catarina Martins em responder às perguntas de cariz pessoal apenas nos momentos que achou pertinentes e relevantes.

Cristina Ferreira começou por transmitir aos telespetadores a negociação que se estabeleceu, *a priori*, entre a apresentadora e a política para os limites que a conversa iria tomar.

Cristina Ferreira: Para já quero agradecer-lhe por ter aceitado este convite porque eu sei que **não gosta nada disto** e **gosta só de intervenções políticas**, que são o seu trabalho.

Catarina Martins: Sim, mas nós temos aqui um **projeto comum** e eu achei que era boa ideia.

Catarina Martins utilizou o palco do programa para deixar, indiretamente, uma crítica à forma como os atores políticos centram a sua imagem pública sobre si próprios e não propriamente sobre as ideias que defendem. Nesse sentido, Catarina Martins deixou claro que a sua presença na emissão não pretendia cumprir os requisitos que os anteriores atores desempenharam no programa.

Cristina Ferreira: Posso já falar de uma sensação que estou a ter? Porque nós só nos conhecemos hoje, não nos conhecíamos anteriormente.

Catarina Martins: Sim.

Cristina Ferreira: Há uma Catarina que eu vejo na televisão, rígida, formal, porque se calhar tem que ser assim. E depois tenho aqui um **doce, tímido**, é certo, mas **muito iluminada, muito agarrada às coisas que eu também tento dar relevo: os afetos, os outros, a família...** É um bocadinho por aí, não é? **Há uma postura política e depois há uma Catarina fora dela?**

Catarina Martins: As coisas em que nós acreditamos devem ser defendidas com **convicção e clareza**. E o debate político é um debate que **não deve ser sobre a personalidade de cada um de nós**, ou sobre a vida privada de cada um de nós. Deve ser sobre as propostas que nós temos, como é que olhamos o mundo, o que é que queremos fazer do mundo. E eu tenho muito cuidado para não misturar as coisas porque nós temos de discutir ideias e projetos para o país. Agora, dito isto, também verdade que **não se constrói um projeto político sem as pessoas e que qualquer projeto político que seja criado sem a capacidade de empatia, de compreender a situação do outro, nomeadamente das pessoas que têm as vidas mais difíceis, é um projeto político que não serve.**

Apesar de Catarina Martins trazer uma agenda política muito vincada para a conversa do programa de *daytime*, acabou, tal como outros políticos, por abordar questões relativas ao seu percurso de vida, desde a infância até à vida adulta.

Apesar de não ter sido surpreendida por familiares e/ou amigos no programa, revelou os diferentes locais pelos quais passou, o ideal de liberdade transmitido na educação que recebeu dos seus pais e, simultaneamente, realçou o espírito interventivo que tem desde criança – uma marca na forma como se apresenta publicamente enquanto coordenadora do Bloco de Esquerda.

Se, por um lado, Catarina Martins revelou através da divulgação de histórias e de fotografias antigas, o percurso que marcou a sua vida. Por outro lado, optou por colocar limites à forma como abordou a relação com os seus familiares, optando por responder a algumas questões sobre a sua vida pessoal com pouco detalhe.

Catarina Martins: Acho que há uma frase que é muito verdadeira: nós temos a família em que nascemos e a família que escolhemos. E eu tenho o grande privilégio da família em que eu nasci, ser também uma família que eu escolheria todos os dias.

Cristina Ferreira: Que bonito! Isso é uma declaração de amor para todos, não é?

(...)

Cristina Ferreira: Avisou os seus pais que vinha cá hoje?

Catarina Martins: Não...

(...)

Cristina Ferreira: O que achas que vão dizer sobre o dia de hoje?

Catarina Martins: Não sei... [Risos] Espero que gostem.

A presença de Catarina Martins no programa pretendeu destacar a dimensão da seriedade e racionalidade da política. Nesse sentido, a Coordenadora do Bloco de Esquerda transpareceu em direto quais eram os seus objetivos com a presença no programa.

Catarina Martins: (...) Quando falámos sobre a vinda ao programa, a Cristina sabe que eu **tenho muitas reservas**, não por ter nada contra o programa em específico, mas porque normalmente sou **reservada sobre a minha vida privada** porque acho que há **esferas diferentes** e costumo ir mais a programas de informação e debate, como as pessoas compreendem.

Cristina Ferreira: Foi tão bonito ver aquelas fotografias suas, conhecer um bocadinho da sua vida...

Catarina Martins: Eu quis vir por duas razões: **a Cristina é a mulher com o programa mais visto deste país** e que afirmou publicamente, e fez disso capa de revista, a causa de **combater a violência doméstica** e a **violência contra as mulheres** (...) nós todos os anos dizemos que isto tem que mudar (...) temos que dar **meios à polícia, ao ministério público, penalizar os juizes que não percebem o que é violência doméstica**.

Num jogo entre a emoção e a racionalidade, Cristina Ferreira faz sucessivas tentativas para desconstruir a pessoa por detrás da “capa” de política de Catarina Martins:

Cristina Ferreira: Sabe que eu tenho uma tia muito engraçada, já com 80 anos, que gosta muito de si e ela disse-me assim: "Já lá foi tanta gente, **porque é que a pequenina nunca foi?**". [risos] Ela brinca consigo e diz isto.

Catarina Martins: [Risos] É normal, tenho um metro e meio.

Cristina Ferreira: [Imita a expressão da tia] "Quando é que a **pequenina** lá vai a casa?". Pronto, tia, está cá.

(...)

Cristina Ferreira: (...) Há pessoas que entram nas nossas vidas quase sem darmos conta. Podemos não ser do partido, podemos não acompanhar tudo aquilo que dizer, mas depois criamos...

Catarina Martins: [Interrompe] Sim, não temos de concordar com tudo...

Cristina Ferreira: Por exemplo, a minha tia não é de esquerda e a minha tia gosta da Catarina. É bonito isto! Se calhar pela sua **postura**, pelas suas **intervenções**, não é?

A presença de Catarina Martins no *Programa da Cristina* demonstrou ser relevante para o estudo no sentido em que existiu uma negociação de “forças” entre a

apresentadora e a convidada para equilibrar o nível de dimensão humana que Catarina Martins queria exibir publicamente no momento da conversa.

No que diz respeito à forma como foi encenada a presença, podemos verificar que, por um lado, houve um equilíbrio entre o que Catarina Martins e Cristina Ferreira e uma negociação dos limites da exploração da vida pessoal, no sentido em que a apresentadora tentou aprofundar as questões pessoais e íntimas da política. Contudo, quando a coordenadora do Bloco de Esquerda não consentia determinadas abordagens relacionadas com o seu carácter e a vida familiar, optou por utilizar um discurso mais racional e recatado, centrado nos problemas do país e na vontade de os solucionar com os cidadãos e para os cidadãos.

Em suma, ao contrário dos anteriores atores políticos, a presença de Catarina Martins ficou marcada pela consciência da importância de estar presente no programa de entretenimento para alcançar mais visibilidade pública, mas, simultaneamente, marcada por uma agenda político-partidária forte, centrada nas suas convicções e na consciência dos problemas inerentes aos vários setores da sociedade portuguesa.

Conclusão

As estratégias de comunicação assumem, no mundo da política, um papel fundamental pela forma como os atores políticos trabalham e gerem a sua visibilidade pública junto dos cidadãos.

Ao longo das diferentes Eras da Comunicação Política, é inegável a importância da mudança de estratégias, de cenários, de abordagens e, acima de tudo, de formas de apresentação públicas. Nesse sentido, a visibilidade política tornou-se, atualmente, refém da mediatização e dos novos palcos mediáticos que surgem de uma sociedade marcada pela pós-modernidade. Para além da importância das redes sociais, o entretenimento televisivo assumiu um papel preponderante na forma como os atores utilizam ferramentas para comunicar com os cidadãos.

Por compreenderem o impacto da cultura do espetáculo que marca as sociedades contemporâneas, os atores políticos tiveram de repensar e reinventar as suas técnicas de atuação. Para além de um discurso político cuidadosamente pensado, os atores políticos entenderam a necessidade de apostar rigorosamente na comunicação não verbal e paraverbal como forma de enfatizar os seus feitos e as suas qualidades. Contudo, isso implicou a necessidade de desbravar caminho para novas formas de apresentação públicas. No fundo, explorar novas dimensões capazes de promover a exaltação do carácter e da humanização. Nesse sentido, tiveram que demonstrar abertura para, publicamente, apelar ao *pathos*, através da demonstração de múltiplas aptidões, tais como, a capacidade de chorar, rir, cozinhar, dançar, comover e abrir caminho à desconstrução da pessoa por detrás da “capa” da atividade política.

O entretenimento televisivo assume-se como um *medium* preponderante para os políticos atuarem, uma vez que as histórias que constroem pretendem provocar identificação com quem vê, não só pelas temáticas encenadas e negociadas entre os políticos e os apresentadores, como, simultaneamente, pela importante lógica económica dos *media*, marcado pelo reconhecimento do público-alvo e dos conteúdos que os telespetadores querem ver colocados em prática.

O *Programa da Cristina* foi revelador, não só da transformação do conceito de programas de *daytime* em Portugal, pela forma como revolucionou a encenação de um

espaço doméstico, refletindo aos telespetadores a sensação de estarem a dividir o mesmo espaço que a apresentadora e os convidados do programa, mas, simultaneamente, pela capacidade de aproximar os telespetadores aos atores políticos, através da simulação confortável de espaço.

Por consequência da forma como o programa foi encenado, assumiu, nas rotinas de comunicação e de campanha dos atores políticos portugueses, um papel preponderante de visibilidade política.

Após termos analisado e refletido sobre a presença dos atores políticos no *Programa da Cristina*, iremos, de seguida, responder às questões de investigação que moveram a realização do presente estudo.

No que diz respeito à questão de investigação *Como é que o Programa da Cristina re(a)presenta os políticos à sociedade portuguesa?*, consideramos que o *Programa da Cristina* **representou** os atores políticos através da figura da apresentadora, Cristina Ferreira. Ao longo de todas as suas intervenções, a apresentadora assumiu um papel preponderante de credibilização.

Partindo da visão de John Street (2004) relativamente aos apresentadores-celebridade, olhamos para Cristina Ferreira como uma personalidade que, munida do seu poder mediático e da credibilidade que tem junto do público, utilizou o seu espaço mediático para tomar posições públicas sobre os atores políticos que recebeu no programa. Nesse sentido, a forma como abordou os temas e como representou os atores através da credibilização e validação das suas opiniões, ideias e posições tomadas ao longo do seu percurso político, teve impacto e influencia na forma de representou o campo da política (e os políticos).

Para além da representação, entendemos que o *Programa da Cristina* **reapresentou** os políticos no programa de entretenimento através da desconstrução das “capas” por detrás dos atores. Nesse sentido, o programa serviu, do ponto de vista dos atores políticos, como um veículo para demonstrarem diferentes dimensões que superam os valores rígidos, frios e distantes associados à política.

A simulação pública das atividades ocorridas no espaço privado serviu, no *Programa da Cristina*, para contrariar a desconfiança, desafeição e desinteresse na política. Dessa forma, substitui-se a rigidez pelo afeto, a distância pelo toque, a tonalidade

exaustiva do discurso pela emoção nas palavras, nos gestos e na troca de olhares. Por esse motivo, a reapresentação dos atores políticos ficou marcada pelo apelo à humanização do caráter e pela personalização dos assuntos políticos através da construção de justificações que marcaram a vida, o percurso e a obra dos políticos que estiveram presentes no programa.

Partindo da perspectiva dos autores Coyne e Leeson (2009, p. 1) relativamente aos efeitos dos *media*, podemos entender o *Programa da Cristina* como um espaço capaz de criar um “efeito de reforço” às ações levadas a cabo pelos atores políticos nas instituições democráticas.

Relativamente à questão de investigação - *Que características performativas apresentam os atores políticos no Programa da Cristina?* – consideramos que os políticos demonstraram, através de diferentes encenações cénicas e temáticas, a relevância que atribuem à exploração de diferentes dimensões humanas.

Para além da importância da presença de familiares, dos momentos de aparente surpresa e dos rasgados elogios ao caráter dos atores, os políticos compreenderam a necessidade estratégica de demonstrar características performativas capazes de criar identificação com o público. Por esse motivo, podemos identificar diferentes *performances* realizadas no programa, tais como, cozinhar, cantar, dançar, praticar desporto ou demonstrar talentos escondidos.

Todas as encenações nos diferentes espaços do programa estabeleceram intenções estrategicamente pensadas, tendo em conta, por um lado, o momento que marcava a agenda política e mediática dos atores, e, por outro lado, pelo reconhecimento da necessidade de realizar campanha política permanente.

Através dos exemplos de fala e de toque, o tom da abordagem dos temas e a possível negociação de bastidores, foram reveladoras da importância dada à humanização da pessoa por detrás da política. Dessa forma, a estratégia de comunicação política dos atores passou por uma nova forma de comunicação: uma comunicação encenada e movida pelo apelo à emoção e à *persona*.

Uma vez que o estudo se centrou na forma como os atores políticos utilizaram o *Programa da Cristina* como campanha política permanente, consideramos que seria relevante para a comunidade científica explorar, em trabalhos futuros, dois ângulos de

análise que consideramos uma mais-valia para compreender o fenómeno do *Programa da Cristina* no panorama da política nacional como um todo.

Por um lado, consideramos que seria relevante estudar o ângulo das lógicas inerentes à produção do programa para perceber o que poderá ter movido a aceitação e a abertura de um novo palco para os atores políticos atuarem. Tendo em conta que os programas de entretenimento têm regras e lógicas económicas que marcam o dia a dia da programação, seria relevante compreender a negociação de interesses que motivou a produção do programa a convidar (ou aceitar) as dinâmicas de personalização em todas as *performances* dos políticos no programa.

Por outro lado, entendemos que seria relevante estudar a perceção dos telespetadores à presença dos políticos no programa. Nesse sentido, propomos que se investigue a forma como o público percecionou a atuação dos atores políticos no programa e, conseqüentemente, qual foi a imagem que construíram do político após a encenação de diferentes dimensões no programa.

As pistas futuras acima indicadas demonstram os diferentes ângulos de investigação que teriam sido uma mais-valia para o estudo, mas que, por força das limitações que o trabalho de dissertação implica, não foram possíveis de concretizar. Contudo, consideramos muito relevantes para entender o fenómeno da presença política no *Programa da Cristina* como um todo.

Em suma, o *Programa da Cristina* demonstrou ser um palco mediático importante para os atores políticos humanizarem o seu discurso e, simultaneamente, darem a conhecer ao público outras facetas que apelam à emoção e à humanização da atuação política, um fenómeno em ascensão no contexto português que pretende, estrategicamente, contrariar o distanciamento e a desconfiança dos cidadãos no campo da política.

Referências Bibliográficas

- Alexander, J. C., & Jaworsky, B. N. (2014). *Obama Power*. Polity Press.
- Altheide, D. L., & Snow, R. P. (1979). *Media logic: David L. Altheide and Robert P. Snow*. Sage Publications.
- Austin, E. W., Vord, R. V. de, Pinkleton, B. E., & Epstein, E. (2008). Celebrity Endorsements and Their Potential to Motivate Young Voters. *Mass Communication and Society*, 11(4), 420–436. <https://doi.org/10.1080/15205430701866600>
- Baptista, C., Silva, M. T. da, & Ferreira, A. H. (2020). Big Show Cristina Ferreira. *Media & Jornalismo*, 20(37), 165–183. https://doi.org/10.14195/2183-5462_37_9
- Bardin, L. (2011). *Análise de Conteúdo* (L. A. Reto & A. Pinheiro, Trans.; 1.^a). Edições 70.
- Baum, M. A. (2002). Sex, Lies, and War: How Soft News Brings Foreign Policy to the Inattentive Public. *American Political Science Review*, 96(1), 91–109. <https://doi.org/10.1017/S0003055402004252>
- Baum, M. A. (2005). Talking the Vote: Why Presidential Candidates Hit the Talk Show Circuit. *American Journal of Political Science*, 49(2), 213–234. <https://doi.org/10.1111/j.0092-5853.2005.t01-1-00119.x>
- Baum, M. A., & Jamison, A. S. (2006). The Oprah Effect: How Soft News Helps Inattentive Citizens Vote Consistently. *The Journal of Politics*, 68(4), 946–959. <https://doi.org/10.1111/j.1468-2508.2006.00482.x>
- Bennett, W. L., & Entman, R. M. (Eds.). (2001). *Mediated politics: Communication in the future of democracy*. Cambridge University Press.
- Bernabo, L. (2019). Expanding Television’s Cultural Forum in the Digital Era: Prime Time Television, Twitter, and Black Lives Matter. *Journal of Broadcasting & Electronic Media*, 63(1), 77–93. <https://doi.org/10.1080/08838151.2019.1566862>
- Blumler, J. G., & Kavanagh, D. (1999). The Third Age of Political Communication: Influences and Features. *Political Communication*, 16(3), 209–230. <https://doi.org/10.1080/105846099198596>

Bonner, F. (2003). *Ordinary television: Analyzing popular TV*. Sage Publications. <http://site.ebrary.com/id/10392734>

Bonner, F. (2016). *Personality Presenters: Television's Intermediaries with Viewers* (1.^a ed.). Routledge. <https://doi.org/10.4324/9781315600178>

Boukes, M., & Boomgaarden, H. (2016). Politician Seeking Voter: How Interviews on Entertainment Talk Shows Affect Trust in Politicians. *International Journal of Communication*. *International Journal of Communication*, 10. https://www.researchgate.net/publication/294578435_Politician_Seeking_Voter_How_Interviews_on_Entertainment_Talk_Shows_Affect_Trust_in_Politicians

Bourdieu, P. (1997). *Sobre a televisão: Seguido de a influência do jornalismo e os jogos olímpicos* (M. L. Machado, Trad.; Jorge Zahar Editor). Zahar.

Bourdieu, P. (1998). *On television*. New Press.

Calheiros, S. (2021, Abril 8). Visão | TVI perde para a SIC: Onde anda o toque de Midas de Cristina Ferreira? *Visão*. <https://visao.sapo.pt/atualidade/sociedade/2021-04-08-tvi-perde-para-a-sic-onde-anda-o-toque-de-midas-de-cristina-ferreira/>

Carpini, D. (2004). Mediating Democratic Engagement: The Impact of Communications on Citizens' Involvement in Political and Civic Life. Em *Handbook of political communication research* (pp. 395–434). Lawrence Erlbaum Associates.

Cintra Torres, E. (2014). Ensaio sobre o dom na televisão. *Análise Social*, XLIX (1.^o)(2010), 56–71.

Coyne, C. J., & Leeson, P. T. (2009). Media as a Mechanism of Institutional Change and Reinforcement. *Kyklos*, 62(1), 1–14. <https://doi.org/10.1111/j.1467-6435.2009.00421.x>

Creswell, J. W. (2009). *Research design: Qualitative, quantitative, and mixed methods approaches* (3rd ed). Sage Publications.

Cunha, I. F. (2016). Análises dos media: Do conteúdo ao discurso. Em J. Corrêa-Cardoso & M. do C. Fialho, *A linguagem na pólis* (1.^a ed., pp. 239–267). Imprensa da Universidade de Coimbra. https://doi.org/10.14195/978-989-26-1115-0_11

- Danielson, M., & Rolandsson, T. (2020). Politicians as entertainers—A political performance of the personal. *Continuum*, 1–16. <https://doi.org/10.1080/10304312.2020.1793911>
- Druckman, J. N. (2003). The Power of Television Images: The First Kennedy-Nixon Debate Revisited. *The Journal of Politics*, 65(2), 559–571. <https://doi.org/10.1111/1468-2508.t01-1-00015>
- Eastman, S. T., & Ferguson, D. A. (2013). *Media Programming: STRATEGIES AND PRACTICES* (9TH EDITION). WADSWORTH CENGAGE Learning.
- Ekström, M., & Johansson, B. (2008). Talk scandals. *Media, Culture & Society*, 30(1), 61–79. <https://doi.org/10.1177/0163443707084350>
- Esser, F. (2013). Mediatization as a Challenge: Media Logic Versus Political Logic. Em H. Kriesi, S. Lavenex, F. Esser, J. Matthes, M. Bühlmann, & D. Bochler, *Democracy in the Age of Globalization and Mediatization* (pp. 155–176). Palgrave Macmillan UK. https://doi.org/10.1057/9781137299871_7
- Esser, F., & Matthes, J. (2013). Mediatization Effects on Political News, Political Actors, Political Decisions, and Political Audiences. Em *Mediatization Effects*. Palgrave Macmillan.
- Fairclough, N. (1995). *Media discourse*. Arnold.
- Fairclough, N. (2001). *Discurso e mudança social*. UnB.
- Fernandes, A. P. (2000). Televisão do público: Um estudo sobre a realidade portuguesa. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 32, 117–145.
- Figueiras, R. (2017a). *A mediatização da política na era das redes sociais*.
- Figueiras, R. (2017b). Estudos em Mediatização: Causalidade, centralidade, interdisciplinaridade. *MATRIZES*, 11(1), 101–126. <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v11i1p101-126>
- Figueiras, R. (2019). *Mediatização 2.0: A integração das redes sociais na praxispolítica*. <https://doi.org/10.26619/978-989-8191-99-1>

- Fossen, B. L., & Schweidel, D. A. (2017). Social TV: How Social Media Activity Interacts With TV Advertising. *Social TV*, 9(2), 31–35. <https://doi.org/10.1515/gfkmir-2017-0015>
- Frizzell, C. (2011). Public opinion and foreign policy: The effects of celebrity endorsements. *The Social Science Journal*, 48(2), 314–323. <https://doi.org/10.1016/j.soscij.2010.12.002>
- Glynn, C. J., Huge, M., Reineke, J. B., Hardy, B. W., & Shanahan, J. (2007). When Oprah Intervenes: Political Correlates of Daytime Talk Show Viewing. *Journal of Broadcasting & Electronic Media*, 51(2), 228–244. <https://doi.org/10.1080/08838150701304662>
- Goldenberg, M. (2004). *A arte de pesquisar: Como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais*. Record.
- Graber, D. A. (2000). Adapting Political News to the Needs of Twenty-First Century Americans. Em W. L. Bennett & R. M. Entman (Eds.), *Mediated Politics* (1.^a ed., pp. 433–452). Cambridge University Press. <https://doi.org/10.1017/CBO9780511613852.021>
- Grindstaff, L. (2002). *The money shot: Trash, class, and the making of TV talk shows*. University of Chicago Press.
- Haag, L. L. (1993). Oprah Winfrey: The Construction of Intimacy in the Talk Show Setting. *The Journal of Popular Culture*, 26(4), 115–122. https://doi.org/10.1111/j.0022-3840.1993.2604_115.x
- Hallin, D. C. (1992). The Passing of the “High Modernism” of American Journalism. *Journal of Communication*, 42(3), 14–25. <https://doi.org/10.1111/j.1460-2466.1992.tb00794.x>
- Heath, T. B., McCarthy, M. S., & Mothersbaugh, D. L. (1994). Spokesperson Fame and Vividness Effects in the Context of Issue-Relevant Thinking: The Moderating Role of Competitive Setting. *Journal of Consumer Research*, 20(4), 520. <https://doi.org/10.1086/209367>
- Holtz-Bacha, C., Langer, A. I., & Merkle, S. (2014). The personalization of politics in comparative perspective: Campaign coverage in Germany and the United Kingdom.

European Journal of Communication, 29(2), 153–170.
<https://doi.org/10.1177/0267323113516727>

Horton, D., & Richard Wohl, R. (1956). Mass Communication and Para-Social Interaction: Observations on Intimacy at a Distance. *Psychiatry*, 19(3), 215–229.
<https://doi.org/10.1080/00332747.1956.11023049>

Ilie, C. (2006). Talk Shows. Em K. Brown, *Encyclopedia of Language & Linguistics* (Second Edition, Vol. 12, pp. 489–494). Elsevier. <https://doi.org/10.1016/B0-08-044854-2/00357-6>

Jackson, D. J. (2018). The Effects of Celebrity Endorsements of Ideas and Presidential Candidates. *Journal of Political Marketing*, 17(4), 301–321.
<https://doi.org/10.1080/15377857.2018.1501530>

Janda, K., & Colman, T. (1998). Effects of party organization on performance during the 'golden age' of parties. *Political Studies*, 46(3), 611–632. <https://doi.org/10.1111/1467-9248.00157>

Janeira, A. L. (1971). A técnica de análise de conteúdo nas ciências sociais: Natureza e aplicações. *Análise Social*, 370–399.

Jorge, A. (2009). Celebidades no Feminino: Mulheres celebres em revistas 'femininas de estilo de vida portuguesa. *Estudos em Comunicac,ao*, 6, 167–188.

Kahle, L. R., & Homer, P. M. (1985). Physical Attractiveness of the Celebrity Endorser: A Social Adaptation Perspective. *Journal of Consumer Research*, 11(4), 954.
<https://doi.org/10.1086/209029>

Kamins, M. A., Brand, M. J., Hoeke, S. A., & Moe, J. C. (1989). Two-Sided versus One-Sided Celebrity Endorsements: The Impact on Advertising Effectiveness and Credibility. *Journal of Advertising*, 18(2), 4–10. <https://doi.org/10.1080/00913367.1989.10673146>

Kashyap, D., & Srikanth, D. (2011). *Oprah Winfrey's 'Celebrity Brand': Will it Work Wonders for 'The Oprah Winfrey Network'?* 60–77.

Klein, B. (2013). Entertainment-education for the media-saturated: Audience perspectives on social issues in entertainment programming. *European Journal of Cultural Studies*, 16(1), 43–57. <https://doi.org/10.1177/1367549412457482>

- Kriesi, H. (2013). Introduction—The New Challenges to Democracy. Em H. Kriesi, S. Lavenex, F. Esser, J. Matthes, M. Bühlmann, & D. Bochler, *Democracy in the Age of Globalization and Mediatization* (pp. 1–16). Palgrave Macmillan UK. https://doi.org/10.1057/9781137299871_1
- Lawrence, R. G., & Boydston, A. E. (2017). Celebrities as Political Actors and Entertainment as Political Media. Em P. Van Aelst & S. Walgrave (Eds.), *How Political Actors Use the Media* (pp. 39–61). Springer International Publishing. https://doi.org/10.1007/978-3-319-60249-3_3
- Lilleker, D. G. (2006). *Key concepts in political communication*. Sage.
- Loeb, L. (2015). The celebrity talk show: Norms and practices. *Discourse, Context & Media*, 10, 27–35. <https://doi.org/10.1016/j.dcm.2015.05.009>
- Loroz, P. S., & Braig, B. M. (2015). Consumer Attachments to Human Brands: The “Oprah Effect”: CONSUMER ATTACHMENTS TO HUMAN BRANDS. *Psychology & Marketing*, 32(7), 751–763. <https://doi.org/10.1002/mar.20815>
- Louw, P. E. (2005). *The media and political process*. SAGE.
- Marcinkowski, F. (2014). Mediatization of Politics: Reflections on the State of The Concept. *Javnost - The Public*, 21(2), 5–22. <https://doi.org/10.1080/13183222.2014.11009142>
- McGregor, S. C., Lawrence, R. G., & Cardona, A. (2017). Personalization, gender, and social media: Gubernatorial candidates’ social media strategies. *Information, Communication & Society*, 20(2), 264–283. <https://doi.org/10.1080/1369118X.2016.1167228>
- McKenzie, R. (2000). Audience involvement in the epideictic discourse of television talk shows. *Communication Quarterly*, 48(2), 190–203. <https://doi.org/10.1080/01463370009385590>
- McLuhan, M., & Fiore, Q. (2001). *The medium is the message: An inventory of effects*. Gingko Press.
- Mittell, J. (2004). *Genre and television: From cop shows to cartoons in American culture*. Routledge.

- Nisbet, R. A. (1977). *Sociology as an art form* (Repr). Oxford Univ. Press.
- Oliveira, J. M. P. de. (2015, Dezembro 6). As responsabilidades da comunicação social. *PÚBLICO*. <https://www.publico.pt/2015/12/06/opiniao/opiniao/as-responsabilidades-da-comunicacao-social-1716602>
- O'Regan, V. R. (2014). The celebrity influence: Do people really care what they think? *Celebrity Studies*, 5(4), 469–483. <https://doi.org/10.1080/19392397.2014.925408>
- Paz García, A. P., Brussino, S., & Alonso, D. (2020). Efectos del tratamiento periodístico sesgado ideológicamente en el procesamiento cognitivo de información política. Un abordaje experimental. *Effects of ideologically biased journalistic treatment in cognitive processing of political information. An experimental approach.*, 26(2), 351–376. <https://doi.org/10.1590/1807-01912020262351>
- Pereira, J. S. (2016). *Política e entretenimento*. Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- Pérez, Ó., Oliva, M., & Pujadas, E. (2014). *La construcción televisiva de la deliberación política. Análisis comparativo de programas informativos y de infotainment*. 22.
- Postman, N. (1985). Amusing Ourselves to Death: Public Discourse in the Age of Show Business. *The Social Science Journal*, 25(3). [https://doi.org/10.1016/0362-3319\(88\)90048-1](https://doi.org/10.1016/0362-3319(88)90048-1)
- Prior, M. (2003). Any Good News in Soft News? The Impact of Soft News Preference on Political Knowledge. *Political Communication*, 20(2), 149–171. <https://doi.org/10.1080/10584600390211172>
- Prior, M. (2005). News vs. Entertainment: How Increasing Media Choice Widens Gaps in Political Knowledge and Turnout. *American Journal of Political Science*, 49(3), 577–592. <https://doi.org/10.1111/j.1540-5907.2005.00143.x>
- Quivy, R., & Campenhoudt, L. van. (2008). *Manual de investigação em ciências sociais*. Gradiva.
- Relatório de Regulação 2019*. (2020). ERC - Entidade Reguladora para a Comunicação Social. <https://www.flipsnack.com/ERCpt/erc-relat-rio-de-regula-o-2019/full-view.html>
- Ribeiro, V. (2018). *Os Bastidores do Poder* (2.^a ed). Edições Almedina.

- Robert, S. (1994). *Television and Everyday Life*. Routledge.
- Rodrigues, A. D. (2015). Delimitação, Natureza e Funções do Discurso Mediático. Em A. T. Peixinho, C. Camponéz, I. N. Vargues, & J. J. Figueira, *20 anos de Jornalismo contra a Indiferença*. Imprensa da Universidade de Coimbra. <https://doi.org/10.14195/978-989-26-0873-0>
- Schemer, C. (2010). *Reinforcing Spirals of Negative Affects and Selective Attention to Advertising in a Political Campaign*. 39, 413–434. <https://doi.org/10.1177/0093650211427141>
- Schütz, A. (1995). Entertainers, experts, or public servants? Politicians' self-presentation on television talk shows. *Political Communication*, 12(2), 211–221. <https://doi.org/10.1080/10584609.1995.9963066>
- Simko, C. (2019). Oprah and the Politics of Consolation. *Society*, 56(3), 273–281. <https://doi.org/10.1007/s12115-019-00364-7>
- Strauss, A., & Corbin, J. (2003). Bases de la investigación cualitativa. Técnicas y procedimientos para desarrollar la teoría fundamentada. Em H. F. Wolcott, *Mejorar la escritura de la investigación cualitativa*. Universidad de Antioquia.
- Street, J. (2001). *Mass Media, Politics and Democracy*. Macmillan Education UK. <https://doi.org/10.1007/978-1-4039-4009-4>
- Street, J. (2004). Celebrity Politicians: Popular Culture and Political Representation. *The British Journal of Politics and International Relations*, 6(4), 435–452. <https://doi.org/10.1111/j.1467-856X.2004.00149.x>
- Tasente, T. (2020). The 4 phases of evolution of political communication systems: From the golden age of the parties to the golden age of the users. *Technium Social Sciences Journal*, 2, 76–83. <https://doi.org/10.47577/tssj.v2i1.50>
- Tereza, C., & Doris, G. (2009). *The Impact of Popular TV Drama Shows on Political Information Acquisition and Civic QI*. Paper presented at the ECPR Joint Workshop Sessions, Lisbon, Portugal. <https://ecpr.eu/Filestore/PaperProposal/56abe3e8-2d1c-4d3c-9733-98c15188323a.pdf>

- Thompson, J. B. (2005). The New Visibility. *Theory, Culture & Society*, 22(6), 31–51. <https://doi.org/10.1177/0263276405059413>
- Timberg, B., & Erler, B. (2002). *Television talk: A history of the TV talk show*. University of Texas Press.
- Tolson, A. (2001). *Television talk shows: Discourse, performance, spectacle*. Erlbaum.
- Trepte, S. (2005). Daily Talk as Self-Realization: An Empirical Study on Participation in Daily Talk Shows. *Media Psychology*, 7(2), 165–189. https://doi.org/10.1207/S1532785XMEP0702_3
- Van Aelst, P., Sheafer, T., & Stanyer, J. (2012). The personalization of mediated political communication: A review of concepts, operationalizations and key findings. *Journalism: Theory, Practice & Criticism*, 13(2), 203–220. <https://doi.org/10.1177/1464884911427802>
- Veneti, A., Jackson, D., & Lilleker, D. G. (Eds.). (2019). *Visual Political Communication*. Springer International Publishing. <https://doi.org/10.1007/978-3-030-18729-3>
- Williams, B. A., & Carpini, M. X. D. (2011). *After Broadcast News: Media Regimes, Democracy, and the New Information Environment*. 377.
- Wood, M., Corbett, J., & Flinders, M. (2016). Just like us: Everyday celebrity politicians and the pursuit of popularity in an age of anti-politics. *The British Journal of Politics and International Relations*, 18(3), 581–598. <https://doi.org/10.1177/1369148116632182>

Anexos

Anexo A – Categorias de Análise | Interveniente/Data/Duração/Tipo de Presença Política

Interveniente	Data	Parte	Duração	Tipo de Presença Política
Marcelo Rebelo de Sousa	07/01/2019	<u>2.ª Parte</u>	0:03	Direta
Assunção Cristas	16/01/2019	<u>1.ª Parte</u>	0:30	Direta
André Silva	16/01/2019	<u>3.ª Parte</u>	0:35	Direta
Luís Marques Mendes	29/01/2019	<u>2.ª Parte</u>	0:25	Direta
Ana Rita Cavaco	15/02/2019	<u>2.ª Parte</u>	0:15	Direta
Marisa Matias	28/02/2019	<u>2.ª Parte</u>	0:20	Direta
António Costa	05/03/2019	<u>3.ª Parte</u>	00:40	Direta
António Bagão Félix	09/05/2019	<u>2.ª parte</u>	0:20	Direta
Maria de Belém	15/05/2019	<u>2.ª parte</u>	0:30	Direta
Joana Amaral Dias	03/06/2019	<u>2.ª parte</u>	0:10	Direta
Santana Lopes	07/06/2019	<u>2.ª Parte</u>	0:25	Direta
Isabel Galriça Neto	10/06/2019	<u>2.ª Parte</u>	0:20	Direta
Francisco Guerreiro	28/06/2019	<u>2.ª Parte</u>	0:25	Direta
Miguel Albuquerque	09/07/2019	<u>2.ª Parte</u>	0:35	Direta
Nuno Gaudêncio	10/07/2019	<u>1.ª Parte</u>	0:10	Direta

Interveniente	Data	Parte	Duração	Tipo de Presença Política
Tiago Brandão Rodrigues	09/09/2019	<u>2.ª Parte</u>	0:20	Direta
Mário Nogueira	12/09/2019	<u>2.ª Parte</u>	0:20	Direta
Francisco Guerreiro	23/09/2020	<u>2.ª parte</u>	0:20	Direta
Joacine Katar Moreira	10/10/2019	<u>2.ª Parte</u>	0:30	Direta
António Costa	15/10/2019	<u>2.ª Parte</u>	0:20	Indireta
João Cotrim de Figueiredo	21/10/2019	<u>2.ª Parte</u>	0:20	Direta
António Costa	25/10/2019	<u>2.ª parte</u>	0:15	Indireta
Edite Estrela	21/11/2019	<u>2.ª parte</u>	00:20	Direta
Maria do Céu Antunes	25/11/2019	<u>2.ª parte</u>	0:30	Direta
Mário Nogueira	04/12/2019	<u>2.ª parte</u>	00:20	Direta
Rui Rio	11/12/2019	<u>2.ª parte</u>	0:30	Direta
Fernando Medina	13/12/2019	<u>2.ª parte</u>	0:25	Direta
Joana Amaral Dias	13/12/2019	<u>2.ª parte</u>	0:15	Direta
Luís Montenegro	20/12/2019	<u>2.ª parte</u>	0:30	Direta
Catarina Martins	08/01/2020	<u>2.ª parte</u>	0:30	Direta
Isaltino Morais	15/01/2020	<u>2.ª Parte</u>	0:35	Direta

Interveniente	Data	Parte	Duração	Tipo de Presença Política
Jerónimo de Sousa	16/01/2020	<u>2.ª Parte</u>	0:30	Direta
Marta Temido	20/01/2020	<u>2.ª parte</u>	0:30	Direta
Jorge Coelho	29/01/2020	<u>2.ª parte</u>	0:30	Direta
Maria Cortes	04/02/2020	<u>1.ª Parte</u>	0:10	Direta
Arménio Lopes	12/02/2020	<u>2.ª parte</u>	0:25	Direta
André Silva, José Manuel Pureza, José Luís Ferreira, Maria Antónia de Almeida Santos e João Cotrim de Figueiredo	13/02/2020	<u>2.ª parte</u>	0:40	Direta
Luís Filipe Menezes	18/02/2020	<u>2.ª parte</u>	0:25	Direta
Rita Sá Machado	13/03/2020	<u>2.ª parte</u>	0:25	Direta
Marta Temido	16/03/2020	<u>2.ª parte</u>	0:30	Indireta
Tiago Brandão Rodrigues	24/03/2020	<u>2.ª Parte</u>	0:15	Direta
Maria de Belém	27/03/2020	<u>2.ª parte</u>	0:10	Direta
Luísa Salgueiro	30/03/2020	<u>2.ª parte</u>	0:10	Direta
António Costa	01/04/2020	<u>3.ª Parte</u>	0:40	Direta
Graça Freitas	20/04/2020	<u>2.ª parte</u>	0:40	Direta
Tiago Brandão Rodrigues	24/04/2020	<u>2.ª parte</u>	0:30	Direta

Interveniente	Data	Parte	Duração	Tipo de Presença Política
Mariana Vieira da Silva	01/05/2020	<u>2.ª parte</u>	0:20	Direta
Ricardo Baptista Leite	13/05/2020	<u>2.ª parte</u>	0:20	Direta
Salvador Malheiro	25/05/2020	<u>2.ª parte</u>	0:20	Direta
Joana e Mariana Mortágua	28/05/2020	<u>2.ª parte</u>	0:25	Direta
João Matos Fernandes	03/06/2020	<u>2.ª parte</u>	0:20	Direta
Miguel Tiago	09/06/2020	<u>2.ª parte</u>	0:20	Direta
Edite Estrela	17/06/2020	<u>2.ª parte</u>	0:20	Direta
Carlos Miguel	24/06/2020	<u>2.ª parte</u>	0:20	Direta
Carlos Moedas	01/07/2020	<u>2.ª parte</u>	0:20	Direta
Carlos Carreiras	02/07/2020	<u>2.ª parte</u>	0:20	Direta

Anexo B – Categorias de Análise | Interveniente/Tema Principal/Trato/Presença de Familiares/Amigos/Qual?

Interveniente	Tema Principal	Trato	Presença de Familiares/Amigos	Qual?
Marcelo Rebelo de Sousa	Felicitação à apresentadora	Formal	Não	N/A
Assunção Cristas	Receita de Cozinha	Informal	Sim	Surpresa do marido, da filha mais nova e do cão
André Silva	Debate	Informal	Não	N/A
Luís Marques Mendes	Percurso de vida	Formal	Sim	Vídeo da mãe; Surpresa da mulher, da filha e da neta no programa (música emotiva toca)
Ana Rita Cavaco	Debate	Formal	Não	N/A
Marisa Matias	Percurso de vida	Informal	Sim	Vídeo da mãe
António Costa	Receita de Cozinha	Formal	Sim	Esposa, filhos e nora juntam-se à conversa e ajudam a preparar o almoço
António Bagão Félix	Percurso de vida	Formal	Não	N/A
Maria de Belém	Percurso de vida	Formal	Sim	Surpresa da filha e do neto
Joana Amaral Dias	Assuntos em Agenda	Informal	Não	N/A
Santana Lopes	Percurso de vida	Formal	Sim	Esposa, enteado e neto
Isabel Galriça Neto	Debate	Formal	Não	N/A
Francisco Guerreiro	Percurso de vida	Formal	Sim	Esposa e filhas presencialmente; irmã gravou um vídeo

Interveniente	Tema Principal	Trato	Presença de Familiares/Amigos	Qual?
Miguel Albuquerque	Promoção de Produtos Regionais	Formal	Sim	Vídeo da professora do liceu, de três amigos, professor de natação, jardineiro da casa presidencial, irmão
Nuno Gaudêncio	Promoção de Produtos Regionais	Formal	Não	N/a
Tiago Brandão Rodrigues	Percurso de vida	Informal	Sim	Vídeo da professora do terceiro ciclo
Mário Nogueira	Percurso de vida	Formal	Sim	Vídeo de amigos e do filho
Francisco Guerreiro	Debate	Formal	Não	N/A
Joacine Katar Moreira	Percurso de vida	Formal	Sim	Amigos de Infância
António Costa	Percurso de vida	Formal	Sim	Mãe do Primeiro-Ministro (Maria Antónia Palla)
João Cotrim de Figueiredo	Percurso de vida	Informal	Não	N/A
António Costa	Percurso de vida	Formal	Sim	Irmão do Primeiro-Ministro (Ricardo Costa)
Edite Estrela	Percurso de vida	Formal	Sim	Filhos e Netos
Maria do Céu Antunes	Receita de Cozinha	Formal	Não	N/A
Mário Nogueira	Debate	Formal	Não	N/A
Rui Rio	Percurso de vida	Formal	Não	N/A
Fernando Medina	Percurso de vida	Formal	Sim	Vídeo da professora de economia, amigos
Joana Amaral Dias	Percurso de vida	Informal	Não	N/A

Interveniente	Tema Principal	Trato	Presença de Familiares/Amigos	Qual?
Lúis Montenegro	Percurso de vida	Formal	Não	N/A
Catarina Martins	Percurso de vida	Formal	Não	N/A
Isaltino Morais	Percurso de vida	Formal	Sim	Cozinheiras da Câmara Municipal de Oeiras
Jerónimo de Sousa	Percurso de vida	Formal	Não	N/A
Marta Temido	Percurso de vida	Formal	Sim	Amigos de infância
Jorge Coelho	Percurso de vida	Formal	Não	N/A
Maria Cortes	Coronavírus (dimensão política)	Formal	Não	N/A
Arménio Lopes	Percurso de vida	Formal	Sim	Vídeo dos pais
André Silva, José Manuel Pureza, José Luís Ferreira, Maria Antónia de Almeida Santos e João Cotrim de Figueiredo	Debate	Formal	Não	N/A
Lúis Filipe Menezes	Percurso de vida	Formal	Sim	Vídeo do pai; presença da mulher e do filho
Rita Sá Machado	Coronavírus (dimensão política)	Formal	Não	N/A
Marta Temido	Repetição do programa (20/01/2020)	Formal	Não	N/A
Tiago Brandão Rodrigues	Coronavírus (dimensão política)	Formal	Não	N/A
Maria de Belém	Assuntos em Agenda	Formal	Não	N/A
Lúisa Salgueiro	Coronavírus (dimensão política)	Formal	Não	N/A

Interveniente	Tema Principal	Trato	Presença de Familiares/Amigos	Qual?
António Costa	Coronavírus (dimensão política)	Formal	Não	N/A
Graça Freitas	Coronavírus (dimensão humana)	Formal	Sim	Vídeo de amigo
Tiago Brandão Rodrigues	Coronavírus (dimensão política)	Formal	Não	N/A
Mariana Vieira da Silva	Percurso de vida	Formal	Não	N/A
Ricardo Baptista Leite	Percurso de vida	Formal	Sim	Vídeo do filho
Salvador Malheiro	Coronavírus (dimensão humana)	Formal	Não	N/A
Joana e Mariana Mortágua	Percurso de vida	Formal	Não	N/A
João Matos Fernandes	Percurso de vida	Formal	Sim	Vídeo do primo
Miguel Tiago	Percurso de vida	Formal	Sim	Vídeo de amigo
Edite Estrela	Receita de Cozinha	Formal	Não	N/A
Carlos Miguel	Percurso de vida	Formal	Não	N/A
Carlos Moedas	Percurso de vida	Informal	Não	N/A
Carlos Carreiras	Percurso de Vida	Formal	Não	N/A

Anexo C – Categorias de Análise | Interveniente/Assuntos Políticos/Qual?

Interveniente	Assuntos Políticos	Qual?
Marcelo Rebelo de Sousa	Sim	O ator demonstra estar apressado para uma reunião profissional
Assunção Cristas	Sim	Revela informações de conversas que teve com o Presidente da República na tomada de posse da presidência do CDS
André Silva	Sim	Posição do PAN relativamente às touradas em Portugal
Luís Marques Mendes	Sim	Fala sobre o seu percurso governativo
Ana Rita Cavaco	Sim	Greve dos Enfermeiros
Marisa Matias	Sim	Vida política enquanto eurodeputada
António Costa	Sim	Artigo do Orçamento de Estado; Incêndios de Pedrógão Grande como "mancha negra" no Governo do PM
António Bagão Félix	Sim	Percurso político
Maria de Belém	Sim	Campanha "Dê troco a quem precisa"
Joana Amaral Dias	Não	N/A
Santana Lopes	Sim	Objetivos futuros na política
Isabel Galriça Neto	Sim	Debate: Eutanásia - Sim ou Não?
Francisco Guerreiro	Sim	Percurso político
Miguel Albuquerque	Sim	Percurso político
Nuno Gaudêncio	Sim	Percurso político

Interveniente	Assuntos Políticos	Qual?
Tiago Brandão Rodrigues	Sim	Percurso político e atividades que pretende desenvolver futuramente enquanto Ministro da Educação
Mário Nogueira	Sim	Percurso enquanto sindicalista e iniciativas que está a promover (corrida dos professores e da educação)
Francisco Guerreiro	Sim	Debate sobre a abolição do consumo de carne de vaca na Universidade de Coimbra
Joacine Katar Moreira	Sim	Percurso político
António Costa	Não	N/A
João Cotrim de Figueiredo	Sim	Revela os motivos pelos quais sentiu a necessidade de ingressar na política, quais são os seus objetivos e quais são as perspetivas de futuro no meio político
António Costa	Sim	Como gere a sua profissão (jornalismo) com a profissão do seu irmão António Costa.
Edite Estrela	Sim	Percurso político
Maria do Céu Antunes	Sim	Percurso político
Mário Nogueira	Sim	Violência nas escolas (Mário Nogueira aponta para a falta de atuação do Ministério da Educação)
Rui Rio	Sim	Percurso político e ambições futuras
Fernando Medina	Sim	Percurso político e ambições futuras
Joana Amaral Dias	Sim	Crítica à atuação pré-hospitalar
Luís Montenegro	Sim	Percurso político e ambições futuras
Catarina Martins	Sim	Percurso político (desde criança)
Isaltino Morais	Sim	Percurso político

Interveniente	Assuntos Políticos	Qual?
Jerónimo de Sousa	Sim	Percurso político; Salário que recebe e como o gere
Marta Temido	Sim	Percurso político; Desafios inerentes ao cargo que ocupa
Jorge Coelho	Sim	Percurso político
Maria Cortes	Sim	Informações sobre o coronavírus e de que forma estão a trabalhar no SNS 24
Arménio Lopes	Sim	Percurso político
André Silva, José Manuel Pureza, José Luís Ferreira, Maria Antónia de Almeida Santos e João Cotrim de Figueiredo	Sim	Despenalização da Eutanásia
Luís Filipe Menezes	Sim	Percurso Político
Rita Sá Machado	Sim	Coronavírus (informações e precauções)
Marta Temido	Sim	Elogio da apresentadora ao trabalho desenvolvido pela Ministra da Saúde
Tiago Brandão Rodrigues	Sim	No âmbito do Dia Nacional do Estudante, o ator fala sobre o trabalho desenvolvido no Ministério da Educação para implementar o estudo em casa; Sensibilização dos estudantes para a sensibilização do estudo em casa - Campanha #EstudoemCasa
Maria de Belém	Sim	Fala sobre o Programa Abem (Associação Dignidade): Campanha que permite acesso a medicamentos para quem não pode pagar
Luísa Salgueiro	Sim	Luísa Salgueiro elogia o trabalho desenvolvido pela comunidade de Matosinhos
António Costa	Sim	Medidas desenvolvidas pelo Governo para travar a pandemia
Graça Freitas	Sim	Medidas desenvolvidas pelo Governo para travar a pandemia
Tiago Brandão Rodrigues	Sim	Trabalho desenvolvido no Ministério da Educação para implementar o estudo em casa

Interveniente	Assuntos Políticos	Qual?
Mariana Vieira da Silva	Sim	Medidas desenvolvidas pelo Governo para travar a pandemia
Ricardo Baptista Leite	Sim	Gestão da pandemia
Salvador Malheiro	Sim	Gestão da pandemia no município de Ovar
Joana e Mariana Mortágua	Sim	Percurso político
João Matos Fernandes	Sim	Percurso político; Gestão da pandemia
Miguel Tiago	Sim	Percurso político
Edite Estrela	Sim	Incentivo ao turismo em Portugal
Carlos Miguel	Sim	Percurso político
Carlos Moedas	Sim	Percurso político
Carlos Carreiras	Sim	Percurso político

Anexo D – Categorias de Análise | Interveniente/História(s) de vida/Qual?

Interveniente	História(s) de vida	Qual?
Marcelo Rebelo de Sousa	Sim	O ator político relembra momentos que passou com a apresentadora noutras circunstâncias profissionais de Cristina Ferreira.
Assunção Cristas	Sim	Percurso de vida familiar a profissional (histórias com os pais, o marido e os filhos)
André Silva	Não	N/A
Luís Marques Mendes	Sim	Fala sobre o seu percurso de vida e dos seus familiares / Imagens da sua infância, adolescência e vida adulta
Ana Rita Cavaco	Não	N/A
Marisa Matias	Sim	Percurso de vida na cidade natal: revela como foi a sua infância e adolescência no ambiente do campo
António Costa	Sim	Percurso de vida (relação com os pais, com a mulher, com os filhos)
António Bagão Félix	Sim	Percurso de vida (relação com a mulher, com os filhos e netas)
Maria de Belém	Sim	Percurso de vida
Joana Amaral Dias	Não	N/A
Santana Lopes	Sim	Fala sobre o acidente de automóvel; Relação com os pais, com a esposa, com os filhos, netos e enteado
Isabel Galriça Neto	Não	N/A
Francisco Guerreiro	Sim	Infância (adoção)
Miguel Albuquerque	Sim	Percurso em criança, adolescência e fala, com grande relevo, da polémica em torno do seu problema de saúde
Nuno Gaudêncio	Sim	Percurso de vida enquanto criança, adolescente e como gere, atualmente, a vida familiar

Interveniente	História(s) de vida	Qual?
Tiago Brandão Rodrigues	Sim	Percurso de vida enquanto criança, adolescente e jovem adulto. É confrontado com a questão do AVC do pai em criança
Mário Nogueira	Sim	Percurso de vida através da demonstração das cidades pelas quais passou (Tomar e Coimbra); Fala sobre a sua família e amigos
Francisco Guerreiro	Não	N/A
Joacine Katar Moreira	Sim	Infância, adolescência, primeiro beijo, gaguez
António Costa	Sim	Percurso de vida com o filho (António Costa)
João Cotrim de Figueiredo	Sim	Infância, adolescência, desafios que passou quando foi estudar para o estrangeiro e relembra histórias que passou com a apresentadora.
António Costa	Sim	Relação com o irmão António Costa
Edite Estrela	Sim	Percurso de vida enquanto criança, adolescente, relação familiar
Maria do Céu Antunes	Sim	Percurso de vida enquanto criança, adolescente, relação familiar
Mário Nogueira	Não	N/A
Rui Rio	Sim	Fala da sua infância, adolescência, morte do irmão, vida adulta
Fernando Medina	Sim	Percurso de vida
Joana Amaral Dias	Sim	Explica como lidou com o luto da morte do pai
Luís Montenegro	Sim	Percurso de vida (infância, adolescência e vida adulta); Vídeo de apresentação da sua vida (apresentado pela próprio)
Catarina Martins	Sim	Percurso de vida

Interveniente	História(s) de vida	Qual?
Isaltino Morais	Sim	Percurso de vida; Prisão por fraude fiscal (como afetou a sua forma de ser, os seus familiares, a forma como olha para o mundo, para os outros); refere que, ainda hoje, vai visitar antigos colegas de cela por sentir gratidão pela forma como o trataram
Jerónimo de Sousa	Sim	Percurso de vida
Marta Temido	Sim	Percurso de vida
Jorge Coelho	Sim	Percurso de vida
Maria Cortes	Não	N/A
Arménio Lopes	Sim	Percurso de vida; emociona-se a falar dos pais
André Silva, José Manuel Pureza, José Luís Ferreira, Maria Antónia de Almeida Santos e João Cotrim de Figueiredo	Não	N/A
Luís Filipe Menezes	Sim	Percurso de vida; apresentação do livro "O dia a seguir"
Rita Sá Machado	Não	N/A
Marta Temido	Sim	Repetição do programa (20/01/2020)
Tiago Brandão Rodrigues	Não	N/A
Maria de Belém	Não	N/A
Luísa Salgueiro	Sim	Rotinas de isolamento e relacionamento com os familiares que habitam na mesma casa
António Costa	Não	N/A
Graça Freitas	Sim	Infância, adolescência, vida adulta

Interveniente	História(s) de vida	Qual?
Tiago Brandão Rodrigues	Não	N/A
Mariana Vieira da Silva	Sim	Percurso de vida
Ricardo Baptista Leite	Sim	Percurso de vida
Salvador Malheiro	Sim	Percurso de vida
Joana e Mariana Mortágua	Sim	Percurso de vida
João Matos Fernandes	Sim	Percurso de vida
Miguel Tiago	Sim	Percurso de vida
Edite Estrela	Sim	Rotinas do dia a dia
Carlos Miguel	Sim	Percurso de vida
Carlos Moedas	Sim	Percurso de vida e vídeo de apresentação feito pelo próprio; Fala sobre o problema de alcoolismo do pai
Carlos Carreiras	Sim	Percurso de vida

Anexo E – Categorias de Análise | Interveniente/ Hobbys/Talentos Desconhecidos/Qual?/Revelações Inéditas/Qual?

Interveniente	Hobbys/Talentos Desconhecidos	Qual?	Revelações Inéditas	Qual?
Marcelo Rebelo de Sousa	Não	N/A	Não	N/A
Assunção Cristas	Sim	Cozinha	Sim	Ambição de um dia ser Primeira-Ministra
André Silva	Não	N/A	Não	N/A
Lúis Marques Mendes	Não	N/A	Não	N/A
Ana Rita Cavaco	Não	N/A	Não	N/A
Marisa Matias	Não	N/A	Não	N/A
António Costa	Sim	Fotografia	Não	N/A
António Bagão Félix	Sim	Botânica	Não	N/A
Maria de Belém	Não	N/A	Não	N/A
Joana Amaral Dias	Não	N/A	Não	N/A
Santana Lopes	Não	N/A	Não	N/A
Isabel Galriça Neto	Não	N/A	Não	N/A
Francisco Guerreiro	Não	N/A	Não	N/A
Miguel Albuquerque	Sim	Gosto pela botânica, pelo desporto, pela porcelana; pelo piano	Não	N/A

Interveniente	Hobbys/Talentos Desconhecidos	Qual?	Revelações Inéditas	Qual?
Nuno Gaudêncio	Não	N/A	Não	N/A
Tiago Brandão Rodrigues	Não	N/A	Não	N/A
Mário Nogueira	Sim	Desporto	Não	N/A
Francisco Guerreiro	Não	N/A	Não	N/A
Joacine Katar Moreira	Sim	Canto	Não	N/A
António Costa	Não	N/A	Não	N/A
João Cotrim de Figueiredo	Sim	Ténis	Não	N/A
António Costa	Não	Talento de António Costa para a cozinha	Sim	Explica que, no caso de haver alguma incompatibilidade da sua profissão com a vida profissional do irmão enquanto Primeiro-Ministro, Ricardo Costa abandona a profissão
Edite Estrela	Não	N/A	Não	N/A
Maria do Céu Antunes	Sim	Cozinha	Não	N/A
Mário Nogueira	Não	N/A	Não	N/A
Rui Rio	Sim	Campeão regional juvenil de corridas <i>slot cars</i>	Não	N/A
Fernando Medina	Sim	Piano e ciclismo	Não	N/A

Interveniente	Hobbys/Talentos Desconhecidos	Qual?	Revelações Inéditas	Qual?
Joana Amaral Dias	Não	N/A	Não	N/A
Luís Montenegro	Sim	Canto, desporto	Sim	Irá líder do PSD e tem vontade de ser Primeiro-Ministro
Catarina Martins	Sim	Teatro	Não	N/A
Isaltino Morais	Sim	Cozinha Fotografia	Não	N/A
Jerónimo de Sousa	Não	N/A	Sim	Continuará a ser o secretário-geral do PCP
Marta Temido	Não	N/A	Não	N/A
Jorge Coelho	Sim	Produção de queijos	Não	N/A
Maria Cortes	Não	N/A	Não	N/A
Arménio Lopes	Não	N/A	Sim	Anuncia que vai deixar o cargo de Secretário-Geral da CGTP
André Silva, José Manuel Pureza, José Luís Ferreira, Maria Antónia de Almeida Santos e João Cotrim de Figueiredo	Não	N/A	Não	N/A
Luís Filipe Menezes	Não	N/A	Não	N/A
Rita Sá Machado	Não	N/A	Não	N/A
Marta Temido	Não	N/A	Não	N/A
Tiago Brandão Rodrigues	Não	N/A	Não	N/A
Maria de Belém	Não	N/A	Não	N/A

Interveniente	Hobbys/Talentos Desconhecidos	Qual?	Revelações Inéditas	Qual?
Luísa Salgueiro	Não	N/A	N/A	N/A
António Costa	Não	N/A	N/A	N/A
Graça Freitas	Sim	Gosto pela botânica	Sim	Perda de peso, cansaço
Tiago Brandão Rodrigues	Não	N/A	Não	N/A
Mariana Vieira da Silva	Sim	Natação	Não	N/A
Ricardo Baptista Leite	Não	N/A	Não	N/A
Salvador Malheiro	Não	N/A	Sim	Irá recandidatar-se à Câmara Municipal de Ovar
Joana e Mariana Mortágua	Sim	Gostos musicais	Não	N/A
João Matos Fernandes	Sim	Dança	Não	N/A
Miguel Tiago	Não	N/A	Não	N/A
Edite Estrela	Sim	Cozinha	Não	N/A
Carlos Miguel	Não	N/A	Não	N/A
Carlos Moedas	Não	N/A	Não	N/A
Carlos Carreiras	Não	N/A	Não	N/A

Anexo F – Categorias de Análise | Interveniente/ Local de Encontro/Estilo de Roupa

Interveniente	Local de Encontro	Estilo de Roupa
Marcelo Rebelo de Sousa	Sala	N/A
Assunção Cristas	Cozinha e Sala	Formal
André Silva	Escritório	Formal
Luis Marques Mendes	Sala	Formal
Ana Rita Cavaco	Escritório	Formal
Marisa Matias	Sala	Informal
António Costa	Cozinha e Sala	Informal
António Bagão Félix	Sala	Formal
Maria de Belém	Sala	Formal
Joana Amaral Dias	Sala	Formal
Santana Lopes	Sala	Formal
Isabel Galriça Neto	Escritório	Formal
Francisco Guerreiro	Sala	Informal
Miguel Albuquerque	Cozinha e Sala	Formal
Nuno Gaudêncio	Cozinha	Formal

Interveniente	Local de Encontro	Estilo de Roupa
Tiago Brandão Rodrigues	Sala	Formal
Mário Nogueira	Sala	Formal
Francisco Guerreiro	Escritório	Formal
Joacine Katar Moreira	Sala	Formal
António Costa	Sala	Formal
João Cotrim de Figueiredo	Cozinha e Sala	Formal
António Costa	Sala	Formal
Edite Estrela	Sala	Formal
Maria do Céu Antunes	Cozinha e Sala	Formal
Mário Nogueira	Escritório	Formal
Rui Rio	Sala	Formal
Fernando Medina	Sala	Formal
Joana Amaral Dias	Sala	Formal
Luís Montenegro	Cozinha e Sala	Formal
Catarina Martins	Sala	Formal
Isaltino Morais	Sala	Formal

Interveniente	Local de Encontro	Estilo de Roupa
Jerónimo de Sousa	Sala	Formal
Marta Temido	Sala	Formal
Jorge Coelho	Sala	Formal
Maria Cortes	Cozinha	Formal
Arménio Lopes	Sala	Informal
André Silva (PAN), José Manuel Pureza (Bloco de Esquerda), José Luís Ferreira (PEV), Maria Antónia de Almeida Santos (PS) e João Cotrim de Figueiredo (Iniciativa Liberal)	Escritório	Formal
Luís Filipe Menezes	Sala	Formal
Rita Sá Machado	Sala	Formal
Marta Temido	Sala	N/A
Tiago Brandão Rodrigues	Sala	N/A
Maria de Belém	Sala	N/A
Luísa Salgueiro	Sala	N/A
António Costa	Escritório	Formal
Graça Freitas	Sala	Formal
Tiago Brandão Rodrigues	Sala	Formal

Interveniente	Local de Encontro	Estilo de Roupa
Mariana Vieira da Silva	Sala	Formal
Ricardo Baptista Leite	Sala	Formal
Salvador Malheiro	Sala	Formal
Joana e Mariana Mortágua	Sala	Informal
João Matos Fernandes	Sala	Formal
Miguel Tiago	Sala	Informal
Edite Estrela	Cozinha	Formal
Carlos Miguel	Sala	Formal
Carlos Moedas	Sala	Formal
Carlos Carreiras	Sala	Informal

Anexo G – Categorias de Análise | Interveniente/ Exemplos de Fala

Interveniente	Exemplos de Fala
Marcelo Rebelo de Sousa	CF: "Quero agradecer-lhe por ser meu Presidente, por ser Presidente de todos os portugueses. Porque eu acho que a forma como tem feito a sua presidência tem sido aquilo que nós todos [portugueses] merecíamos e queríamos. O afeto não é para todos."
Assunção Cristas	CF: "Hoje notou a sua simplicidade, a forma como encara tudo (...) e não é porque está num cargo importante, que deixa de o ser". AC: "A coisa melhor que podemos fazer é levar a vida assim, com alegria, com leveza, com ambição e com rasgo de chegar mais longe. E eu trabalharei para um dia ser primeira-ministra".
André Silva	CF: "Este é um tema [touradas] que divide muitas opiniões (...) não estou nem de um lado nem do outro (...) estou para o lado que acha que vai ser extinto [touradas] daqui a uns anos. Portanto, esta é a minha posição, mas quero ouvir os dois (...) quero tentar perceber porque é que deste lado se continua a querer que a tradição continue e porque é que aqui nunca a entendemos como tradição, mas sim como violência. Foi sempre esse o vosso entendimento."
Luís Marques Mendes	LMM: "Eu vinha a sua casa e não tinha a delicadeza de oferecer qualquer coisinha? Para agradecer o seu convite (...) Eu não estou à procura de nada, não vou ser candidato a nada (...)". CF: "Já está na fase tranquila da vida, não é?" - LMM: "Quando tive o seu convite, tive um pequenino receio (...) vi um programa ou outro e não tenho jeitinho nenhum para jogar às cartas como o Luís Filipe Vieira, também não faço ideia do que seja cozinhar porque vi a Assunção Cristas a cozinhar, mas não tenho jeitinho nenhum. Sou um caso perdido, sou um caso perdido (...) mas há uma causa que me leva a vir cá, conhecê-la pessoalmente (...)". - LMM: "Nos tempos que andei na vida política (...) Tem momentos muito ingratos, difíceis, em que uma pessoa se sente só. E, portanto, nesses momentos o refúgio mais importante é a família".
Ana Rita Cavaco	CF toma uma posição relativamente à Greve dos Enfermeiros: "Para o reconhecimento [do trabalho dos enfermeiros] não chega só a "palmadinha nas costas" (...) depois de 15 anos a levar "palmadinhas nas costas", os enfermeiros pensam: então e o resto?"
Marisa Matias	CF: Comecei a tratar-te por tu não sei porquê. Senti aqui uma proximidade de alguma forma que me fez começar a tratar-te por tu. E é engraçado porque normalmente olhamos para os políticos como alguém mais distante, que lá está em cima de alguma forma. De repente, pareces uma pessoa completamente normal. Quem não sabe que és eurodeputada, podia achar que estavas a contar só as tuas memórias de infância. Não achas que temos um olhar enviesado para quem está em cargos políticos? MM: Acho, e acho sobretudo que nós não temos poder nenhum, quem tem poder são as pessoas. Acho que tem que haver essa perceção da democracia. Quem representa está ao serviço das pessoas, e não são as pessoas que estão ao serviço de quem as representa. Isso é a base da democracia. A política só ganha se tiver pessoas mais diversas, que não sejam pessoas que andaram todas na mesma escola, que são todas do mesmo tipo de famílias, que tiveram todas o mesmo tipo de experiências. E para isso tem

Interveniente	Exemplos de Fala
Marisa Matias	<p>que haver pessoas disponíveis para assumir isso. Custe o que custar, nós sabemos, sendo mulher sabemos mais ainda, as críticas e as injustiças que ouvimos em relação a nós</p> <p>Mas se o objetivo é mais importante do que aquilo que nos possa afetar naquele momento, isso vale a pena (...)</p>
António Costa	<p>CF: "Estamos quase a receber o homem que nos dirige: o primeiro-ministro deste país. Vem aqui a casa e eu estou muito feliz por esse momento. Até para tentarmos perceber quem é o homem (...) já recebi outras pessoas que estão ligadas de alguma forma à política porque o meu objetivo é mesmo esse: que conheça. Todos nós temos o dever de conhecer quem nos dirige, até para podermos saber depois em quem podemos votar. Por isso mesmo, qualquer pessoa ligada a quem nos dirige merece este espaço e, acima de tudo, o meu obrigada por verem este espaço como um espaço de comunicação, um espaço onde se pode mostrar quem são as pessoas deste país"</p> <p>-</p> <p>CF: "Hoje é dia de folga?"</p> <p>AC: Hoje é dia de tolerância de ponto."</p> <p>(risos)</p> <p>CF: "Aliás, teve esse cuidado porque quando o convidei e aceitou vir, pediu-me para vir num feriado ou num dia em que não tivesse compromissos profissionais. Mostra, de facto, aquilo que é enquanto PM (...) É de uma amabilidade extrema sempre que está comigo, não foge a nenhuma pergunta, mas isso também diz que é muito hábil enquanto político (...) Não é normal nós termos esta visão de quem nos dirige porque achamos que não têm vidas normais. E hoje percebemos que vocês são uma família normal."</p> <p>-</p> <p>António Costa conversa com a vencedora do passatempo do <i>Programa da Cristina</i>.</p> <p>-</p> <p>No final da conversa, minutos antes do Primeiro Jornal:</p> <p>CF: "Foi uma honra tê-lo aqui. Esta casa está aberta para vocês sempre que quiserem e desejo toda a sorte do mundo como desejaria a qualquer outra pessoa que entra aqui na minha casa. E tive um gosto imenso que tenha mostrado este lado familiar a quem decide [portugueses] depois quem é que quer a dirigir o nosso país."</p>
Maria de Belém	<p>CF: Eu estou muito feliz com esta convidada de agora, devo confessar. Tenho um prazer imenso de a receber na minha casa.</p> <p>Já nos encontrámos em programas de televisão para conversas, mas nunca sobre si. Ou era sobre campanhas, sobre o seu lado mais solidário, sobre a sua atividade política também. E hoje quero saber um bocadinho mais sobre si, pode ser?"</p> <p>-</p> <p>CF: Para já, está muito bonita! Acho que essa é a imagem que temos de si: esse sorriso está marcado em todos [portugueses], foi sempre o seu sorriso em todas as aparições televisivas, esse ar muito cuidado, baixinha. Acha que é essa imagem que os portugueses têm de si? Uma pessoa serena, tranquila.</p> <p>-</p> <p>CF: Nós não temos noção da responsabilidade que teve em mãos, do que foi a sua vida.</p> <p>MB: Sim, e de certa forma continua a ser. Obviamente que estar no Governo, numa função pública, é mais exigente, tem muito mais exposição, mas continuo a trabalhar intensamente (...)</p>

Interveniente	Exemplos de Fala
Maria de Belém	<p>CF: O seu percurso é notável porque nos apercebemos sempre por onde passou, a sua vontade de ajudar, o ser solidário, o continuar de alguma forma a ajudar. Isso nasceu consigo?</p> <p>MB: Penso que é essa a nossa função, não é? De acordo com os últimos dados do INE, continua a verificar-se uma fortíssima desigualdade em Portugal (...) eu aprendi muito por todos os sítios por onde andei (...)</p> <p>-</p> <p>MB: Se me perguntarem o que é que eu acho que tenho de melhor, eu acho que é a capacidade de aprender, estou sempre a aprender. As coisas mais simples da vida devem ajudar-nos a valorizar o que temos e, sobretudo, não nos devem deixar indiferentes perante os problemas dos outros.</p>
Joana Amaral Dias	<p>Apresentação do livro: "Psicopatas Portugueses"</p> <p>CF: "Porque é que é importante para nós, cidadãos comuns, [perceber] que eles andam aí. Estas pessoas podem ser um irmão nosso, um tio, um primo ou um amigo.</p> <p>JAM: (...) Se estivermos um pouco mais alerta para o facto de, na nossa sociedade, também existirem psicopatas, psicóticos e pessoas malignas, se calhar também nos protegermos um pouco mais"</p>
Santana Lopes	<p>SL: "Há muitos pescadores que morrem nas barras por falta de um meio aéreo.</p> <p>CF: Já estamos em campanha [política], é isso?</p> <p>SL: Não é campanha...</p> <p>CF: (risos da apresentadora) Estou a brincar consigo.</p> <p>SL: É por eu ser da Figueira, é o meu lado figueirense.</p> <p>CF: Que não saiu daí nunca.</p> <p>SL: Nunca saiu e nunca vai sair."</p> <p>-</p> <p>CF: Se se sentasse naquela mesa, quem é que era a pessoa que escolhia dos que já lhe partiram?</p> <p>SL: Não sou capaz de distinguir o meu pai e a minha mãe. [olhos mareados]</p> <p>CF: Porque fazem os dois falta. [música emocionante] Estiveram sempre [consigo], não é?</p> <p>CF: Ficamos um bocadinho mais sensíveis com a idade?</p> <p>SL: E quando passamos por estas coisas... Não quero fazer-me de piegas, graças a Deus acho que sou uma pessoa com força, mas também não tenho vergonha nenhuma de me emocionar. É a vida."</p> <p>-</p> <p>CF: Teve tão sossegado uns anitos [na vida política] e agora resolveu vir outra vez.</p> <p>SL: Resolvi (...) quando Deus Nosso Senhor me der força, quero lutar por aquilo em que acredito. E lutar onde achar que é melhor lutar. E, em Portugal, acho que há tanta coisa para lutar, cada vez mais (...) eu não me conformo que os portugueses vivam abaixo da média da União Europeia (...) eu tenho duas opções: vou para o meu escritório, de forma burguesa, jantar com a Dina, com a família; ou vou à luta."</p> <p>-</p> <p>SL: Basta olhar para si. Parabéns. Portugal precisa disso também. Reconhecer o mérito e dar valor ao mérito (...) passa-se horas a falar das coisas piores da vida, e a Cristina faz aqui horas e triunfa a fazer coisas bonitas na vida. E isso faz um bem ao povo português... Por isso é a adoram! Parabéns por isso."</p>
Isabel Galriça Neto	<p>CF: "Não sei como foi na casa de todos os portugueses, mas o silêncio e a atenção que se teve dentro desta casa... É um assunto que nós temos ainda pensamos muito, e ainda bem que falamos dele.</p> <p>IGN: Que seja por bons motivos, que seja por bons motivos."</p>

Interveniente	Exemplos de Fala
Francisco Guerreiro	<p>CF: "Voltamos à normalidade para lhe contar uma história. Mas é uma história que sem você saber, toca na sua vida ou vai tocar na sua vida. Porque a história que vai conhecer, e o convidado que vai conhecer, tem implicações no nosso país."</p> <p>-</p> <p>CF: "Francisco, parabéns pelo percurso e acima de tudo por esta história que podia ser a história de qualquer cidadão. O Francisco tem agora um acrescento: é um cidadão que nos representa e isso faz aqui toda a diferença e, eu acho, e já o disse, tenho sempre muita curiosidade em entrevistar quem lida com os nossos destinos porque eu acho que nós temos de conhecer as histórias das pessoas para entender os percursos delas e para entender as ideias. E hoje acho que se percebeu facilmente o porquê de o Francisco estar no PAN e o porquê de ter essas ideias tão estruturadas na sua vida. Parabéns por isso."</p>
Miguel Albuquerque	<p>"CF: O que é que se faz com o "caralhinho"? [risos]</p> <p>MA: Isto é um instrumento para misturar a poncha.</p> <p>CF: [toca no ator político com as duas mãos nas suas costas] Eu a falar desta forma com o Presidente do Governo Regional da Madeira.</p> <p>MA: Os nomes são para se usar.</p> <p>CF: Verdade. E se é esse o nome, não podemos fazer mais nada.</p> <p>MA: E não tem nenhuma malícia.</p> <p>CF: E um Presidente a dizê-lo mais ainda!"</p> <p>--</p> <p>MA: Eu aprendi uma coisa muito importante na natação que foi a autodisciplina. Aquela ideia do treino, de ter horas marcadas para as coisas, do sacrifício, da persistência, da determinação. Isso foi tudo muito importante para a minha vida.</p> <p>CF: E isso serve para a política, não serve?</p> <p>MA: Serviu para a minha profissão, como advogado, e depois também para a política.</p> <p>--</p> <p>CF: E disse-me ali [no vídeo] este seu amigo, que conhece o nome de toda a gente.</p> <p>MA: Muita gente eu conheço, sempre andei na rua, aliás, também tive tantos anos na Câmara.</p> <p>CF: Foram quantos?</p> <p>MA: 19. Eu era daqueles dinossauros que quiseram pôr na rua. Já puseram.</p> <p>[gargalhadas de ambos]</p> <p>CF: E alguma vez se imaginou Presidente do Governo?</p> <p>MA: Foi um processo natural (...) eu achei que tinha condições para concorrer e concorri.</p> <p>--</p> <p>CF: Estar tão exposto às vezes traz assim uns dissabores. Há uns tempos houve aí umas notícias menos benéficas dando conta de problemas com a toxicodependência, que o viam mal... O que era isso?</p> <p>MA: Tive um problema renal (...) Nunca falei sobre isso, mas hoje tenho de falar. Começaram, do ponto de vista político, a dizer que eu era toxicodependente. Isso foi um boato nojento de pessoas sem escrúpulos eu puseram isso a circular na internet. Para uma pessoa como eu com filhos ainda menores, tenho família, foi uma coisa muito constrangedora, muito triste.</p> <p>CF: Mas quando leu pela primeira vez, o que é que pensou?</p> <p>MA: Isto são boatos programados na internet por profissionais da calúnia. Isto de facto afetou-me sobretudo para uma pessoa como eu que tenho duas netas, seis filhos. E ainda bem que falou neste assunto porque acho que foi de facto uma calúnia vergonhosa.</p> <p>CF: E nós às vezes não sabemos o impacto que isso tem na vida.</p>

Interveniente	Exemplos de Fala
Miguel Albuquerque	<p>- MA: Esse livro editei recentemente. CF: Porque nos intervalos ainda escrever umas coisas, é isso? [risos] MA: Mas faço com gosto, nem tenho pretensão de escritor, ao contrário de outros que têm pretensão de escritor e não sabem escrever. CF: Isso foi uma boca para alguém? MA: Basta ver o que está aí! [gargalhadas de ambos]</p>
Nuno Gaudêncio	<p>CF: Quem é? Cláudio Ramos: É o Presidente da Junta de Odivelas. CF: Com esse ar de gaiato que saiu agora da escola? NG: Estou bem conservado. -- CF: Você deve ser dos mais novos presidentes da junta do país, ou não? NG: Olhe, é coisa que não tenho pesquisado porque acima de tudo foco-me no trabalho, mas posso-lhe dizer que no executivo que me acompanha, sou o mais novo. CF: O patrão é mais novo que todos os outros. [risos] E dedica-se mesmo à Junta ou tem uma atividade paralela? NG: Não, dedico-me mesmo à Junta. CF: Pois, porque isso é que é importante não é? NG: É... a 200%. -- CF: Então e agora vai para onde? Vai lá para a Junta? NG: Estou sempre a trabalhar. 24 horas por dia. CF: Este também tem a escola toda, ainda vai é a Presidente da República, queres ver?! [risos] -- CF: A família achou graça em estar na política? NG: Esse é o meu ponto fraco. Ter dois filhos, um com 14 meses...</p>
Tiago Brandão Rodrigues	<p>CF: Já estamos "tu cá, tu lá" um com o outro, não é Tiago? Somos da mesma geração de 1977. TBR: Somos do mesmo ano, eu ligeiramente mais velho. CF: Nasceu em junho e eu em setembro. TBR: Vamo-nos tratar por tu? CF: Vamos! Podemos, não podemos? Sim, sendo da mesma geração... - CF: Oh Tiago, mas como é que um investigador que sabe tudo, depois lida com o facto de a tua mãe ter sido diagnosticada com cancro? O investigador fica de fora? TBR: Necessariamente. Isso aconteceu em 2012 numa altura muito vibrante da minha vida profissional (...) na altura, ao saber o que estava a acontecer, entendi que os médicos é que têm de tomar as decisões, os médicos é que têm de nos dizer o que está a acontecer e aos médicos o que é dos médicos. Aos investigadores o que é dos investigadores. CF: Mas deve ser difícil... TBR: Mas é preciso ter a sobriedade e a lucidez para ter alguma astúcia e argúcia para não interferirmos no trabalho dos outros. Há sempre receio e há sempre medo, principalmente quando se fala da nossa mãe, há todos os medos do mundo. Mas também há que ter a maturidade de entender (...) Em nenhum momento pus em causa o trabalho deles (...). ---</p>

Interveniente	Exemplos de Fala
Tiago Brandão Rodrigues	<p>CF: Oh Tiago deixe-me só contar aqui uma história. Foi a história que mais me emocionou quando tive contacto com o seu percurso todo. Já deve ter percebido que o Tiago fala muito com as mãos e gesticula muito. Houve até na altura, quando recebeu a pasta, muita gente pôs em causa porque é que falava tanto com as mãos. Eu só descobri ontem porquê. O pai do Tiago, quando o Tiago tinha 5 anos, e depois de um AVC, ficou sem falar para o resto da vida. Vocês passaram a ter a vossa linguagem e a comunicar assim [gesticula em forma de demonstração]. Portanto, estes gestos todos que nós vemos no Tiago têm pai.</p> <p>TBR: [olhos mareados]</p> <p>-</p> <p>CF: Oh Tiago nós não temos mesmo tempo, mas ficaríamos aqui a falar do futuro da educação...</p> <p>TBR: [interrompe a apresentadora] Cristina, eu ainda não te dei os parabéns, toda a gente te deu os parabéns, e eu queria dizer-te que e um orgulho sermos da mesma quinta. Trouxe-te uma pequena lembrança lá de cima [de Viana do Castelo] para tu também te recordares desta minha passagem, para entenderes a importância das minhas raízes lá de cima. Tenho muito orgulho no meu território [oferece um lenço de Viana].</p> <p>CF: Tiago, não estava à espera e não era essa a intenção. Calhou ser no dia do meu aniversário, não é?</p> <p>-</p> <p>CF: Tenho muito orgulho porque nós não conhecemos mesmo as pessoas que gerem os nossos destinos. Eu faço questão de trazer muita gente da política aqui a casa e farei questão de trazer todos. Acho que nós precisamos de saber e conhecer as pessoas que estão ali. O Tiago é mesmo uma mente brilhante. Nós não falámos de tudo aquilo que o Tiago fez e é (...)</p> <p>-</p> <p>CF: Quem fala com essa paixão do desporto, da educação e é filho de professor, só deve querer o melhor. [abraço apertado]"</p>
Mário Nogueira	<p>CF: É um gosto recebê-lo porque há pessoas que nós passamos uma vida inteira a olhar para este senhor a reivindicar do lado dos professores e pouco sabemos dele.</p> <p>MN: Então, e às vezes é melhor nem se saber.</p> <p>CF: Não, não! Nós fomos à procura, ora veja!</p> <p>---</p> <p>CF: Foi o filho que o convenceu a vir que eu sei que não gosta nada destas coisas. O seu papel é aquele, está muito bem definido, e não gosta muito de mostrar as suas coisas.</p> <p>MN: Pelo trabalho que nós temos, acabamos por ser muito expostos e é normalmente nos momentos em que estamos mais zangados, mais cansados, não é?</p> <p>CF: Por isso é que é bonito mostrar este lado...</p> <p>MN: Eu sei, mas às vezes penso que "aquela minha parte" é para mim, é minha, ninguém tem nada a ver com isso. Mas eu não disse logo que não, só disse que tinha que pensar.</p> <p>CF: Sim, mas depois o filho disse: vais pai porque as pessoas têm de te conhecer também.</p> <p>---</p> <p>MN: Eu acho que o trabalho sindical só faz sentido se a pessoa se mantiver na profissão. Portanto, acho que aqueles que querem vir para o sindicato para arranjam um trampolim para saltarem ali para a política e para andarem de "rabinho sentado" ali na assembleia...</p> <p>CF: [apresentadora interrompe] Esse não é o seu objetivo?</p>

Interveniente	Exemplos de Fala
Mário Nogueira	<p>MN: Não, o meu objetivo é estar aqui até os meus colegas entenderem. Enquanto estiver dou o máximo de mim, e também exigindo dos outros (...) e acabando ali está a minha escola (...)</p> <p>-</p> <p>CF: Obrigada de coração por ter vindo porque eu acho que vamos voltar a ouvi-lo outra vez. Começo o ano escolar e começamos a ouvir o Mário.</p> <p>MN: A melhor coisa que pode acontecer é eu não ter que ir à televisão com um ar zangado, é sinal que está tudo a correr bem. Quando não é assim, é mau sinal...</p> <p>CF: Dá-se bem com o Tiago (Ministro da Educação)? O Tiago esteve aqui à pouco tempo.</p> <p>MN: Não me dou bem nem mal. Acho que é um que na ciência tem muito valor.</p> <p>CF: É brilhante mesmo.</p> <p>MN: Mas enquanto Ministro da Educação... nada, não interessa.</p> <p>CF: Pronto, foi só para ver se dava o ar da sua graça. [Risos da apresentadora]"</p>
Francisco Guerreiro	<p>CF: Há um tema que na semana passada levantou a discussão comum... nos cafés, em todo o lado, depois da notícia. O reitor da Universidade de Coimbra iria abolir das suas cantinas a carne de vaca. (...)</p> <p>Vamos tentar perceber esta questão. Acho que isso já está certo: todos nós temos aqui uma obrigação de preservar aquilo que ainda existe do meio ambiente. Mas será esta a forma correta? Esta é a pergunta que vamos lançar aqui à discussão.</p>
Joacine Katar Moreira	<p>CF: (...) Deixe-me ser sincera. Nós ouvimos os seus primeiros vídeos e dá-nos vontade de rir, sabe disso, não é?</p> <p>JKM: Obviamente que sim.</p> <p>CF: E a Joacine está aqui à minha frente e eu não tenho vontade nenhuma de rir e isso é extraordinário porque talvez neste frente-a-frente nós sentimos o outro e não há aqui nada mais.</p> <p>-</p> <p>JKM: Mensagens de ódio, mil indivíduos das elites, intelectuais nomeadamente, a dizerem que eu não estou apta para o trabalho parlamentar. Isto é afirmado com uma ligeireza e é algo que é absolutamente sintomático (...) eu não olho para isto de forma romantizada. É óbvio que isto iria originar imensas teorias da conspiração, é óbvio que isto não iria ser fácil (...)</p> <p>-</p> <p>CF: Sabe que quando está a passar uma mensagem gagueja menos?</p> <p>JKM: Ai é?</p> <p>CF: Mas é mesmo! Quando, de repente, começou aí a passar uma mensagem, gaguejou menos.</p> <p>JKM: É quando não há receio nenhum porque eu na Assembleia vou estar assim o dia todo. Não vou gaguejar nada.</p> <p>-</p> <p>CF: Houve pessoas que não compreenderam, e eu compreendo perfeitamente, porque é que no momento da eleição usou uma bandeira da Guiné? Houve muitos comentários de pessoas a dizer como é que era possível ter sido eleita pelos portugueses e estar em Portugal, representar-nos num Parlamento em Portugal e ter usado a bandeira da Guiné. Porque é que o fez?</p> <p>JKM: Vou iniciar por isto aqui. Eu não usei a bandeira da Guiné e não há imagem nenhuma minha a agarrar a bandeira da Guiné.</p> <p>Foram simpatizantes guineenses, ou de origem guineense, é que levaram a bandeira do meu país natal. Eu tenho um orgulho enorme nas minhas origens. Não vejo nada de errado estar lá de bandeira naquele país onde o meu cordão umbilical foi enterrado.</p>

Interveniente	Exemplos de Fala
Joacine Katar Moreira	<p>CF: Sabe que está sujeita a este mediatismo? Agora é que vai começar. [risos]</p> <p>-</p> <p>CF: Ontem enervou-me um bocadinho as pessoas estarem a partilhar vídeos nos quais a Joacine não gagueja porque há momentos em que não gagueja mesmo.</p> <p>-</p> <p>CF: E não tenho dúvida nenhuma que mães de crianças gagas e de muitas pessoas neste país que o são, sentem-se pela primeira vez incluídos e representados. Eu fiquei mesmo muito feliz de a conhecer (...) Estamos de olho em si, sabe disso. É que a partir do momento em que é eleita, é que nós agora estamos mesmo de olho na Joacine. Queremos ouvi-la, perceber o seu pensamento. Isso vai acontecer mesmo gaguejando porque vai conseguir.</p>
Mãe de António Costa (Maria Antónia Palla)	<p>MAP: (...) Claro que eu sou mãe do primeiro-ministro...</p> <p>CF: E orgulhosamente mãe.</p> <p>MAP: Acho que é uma tarefa que ele faz como poderia fazer outra. O que é preciso é que as pessoas sejam honestas e felizes.</p> <p>CF: Portanto, se ele fosse um sapateiro para si seria igual.</p> <p>MAP: Quando era pequeno eu dizia-lhe: olha, tanto faz que sejas doutor ou sapateiro. A mãe gosta sempre de ti. Claro que prefiro que ele tenha feito a carreira que fez, foi muito bom aluno.</p> <p>CF: E há aqui esta distinção, não é? António, filho. Costa, político. Que deve ser muito difícil fazer essa distinção, ainda para mais para uma mulher tão interventiva.</p> <p>-</p> <p>CF: Foi a Maria Antónia que ensinou o seu filho a fazer cataplanas? [risos]</p> <p>MAP: Não... [risos]</p> <p>CF: Mas foi uma mãe rigorosa nesse aspeto? Vocês viveram os dois sozinhos durante muito tempo.</p> <p>MAP: Muito tempo, muito tempo. E quando eu não estava, acho que ele gostava muito de fazer coisas com massa.</p> <p>-</p> <p>CF: E agora vê-o muito na televisão, não é?</p> <p>MAP: Agora vejo-o muito na televisão.</p> <p>CF: Mais do que em casa.</p> <p>MAP: Mais do que em casa. Coitado, ele não tem tempo.</p>
João Cotrim de Figueiredo	<p>CF: Este senhor vai representá-lo, foi eleito. Viraste para a política, não sei porquê. [risos]</p> <p>JCF: Eu já te explico, se me perguntares já te explico.</p> <p>CF: Já me vais explicar. Só que antes de isto tudo passou, assim por acaso, pela minha vida, enquanto diretor da TVI.</p> <p>JCF: Bons anos, não foram?</p> <p>CF: Foram muito bons, e deixa-me dizer-te publicamente que és o diretor do coração (...) Se fores perguntar ainda hoje aos corredores da TVI, qual foi o diretor que conhecia os nomes, até de um empregado de limpeza, não há ninguém que não diga que eras tu, e isso não é mesmo para todos.</p> <p>CF: Quando estamos a falar em Londres [local onde o ator político foi estudar], isto pode parecer, assim à distância, que tiveste uma vida muito tranquila. Mas não, tiveste que trabalhar para pagar os teus estudos e houve ali alturas em que as couves não eram suficientes para matar a fome.</p> <p>JCF: Sim, estava tudo muito contadinho, muito contadinho. Para vos dar uma ideia, os meus jantares de anos eram pizza (...) para mim ir comer uma pizza era uma coisa extraordinária, contava muito o dinheiro de facto. Tinha dois empregos, depois passei a trabalhar só na biblioteca da Universidade porque consegui uma bolsa. Mas foram tempos que eu nunca me queixei nem achei muito estranho.</p> <p>-</p>

Interveniente	Exemplos de Fala
João Cotrim de Figueiredo	<p>CF: Quando é que vais largar o economista para ser o político? JCF: Eu não sei se as coisas se largam... E estou político sem qualquer espécie de rebuço, não renego a minha condição de estar político, mas tu conheces-me. Eu não sou um político. Eu gosto de fazer as coisas avançar, mudar, e espero conseguir fazer isso nesta minha legislatura no parlamento, mas eu não sou um político (...)</p> <p>-</p> <p>CF: Podias ir ao <i>Casados à Primeira Vista</i> que tu não tens namorada agora. [risos] JCF: Quem disse? CF: Ai tens? JCF: Sim, mas não vou dizer nada aqui. CF: Pronto, está bem. Olha, já arranjou... menos um no mercado.</p> <p>-</p> <p>CF: Esta descontração que veem, e que eu espero que seja a descontração que tu leves, de facto, para a política. Nós precisamos de ouvir o que os políticos têm para dizer, e às vezes o discurso é tão formal, e o discurso não é para nós, que é muito difícil de o entender. Vou estar de olho em ti, não penses!</p> <p>-</p> <p>JCF: (...) Sabias que há anos que somos dos países europeus que mais ansiolíticos consome? CF: Sim, aliás, há um estudo que diz que 40% das pessoas que vão trabalhar de manhã já tomou um ansiolítico, quando supostamente somos um país feliz. JCF: Exatamente, mas não somos. Estamos ansiosos, estamos tristes. Isto porquê? Porque estamos a tentar recalcar esta insatisfação e esta frustração que estamos a sentir. E por isso aparece a Iniciativa Liberal que vai mostrar que é possível fazer um caminho diferente, dando mais liberdade às pessoas. CF: Estou cá para te dar na cabeça se isso não acontecer! [risos]</p> <p>-</p> <p>CF: Quando tens um desafio pela frente, ele é para concretizar. TCF: É. Pelo menos é morrer a tentar. CF: Gosto tanto de ti. Desde sempre. TCF: É mútuo. CF: Mesmo, sabemos disso os dois. Há pessoas com quem criamos mesmo ligações afetivas (...)</p>
Irmão de António Costa (Ricardo Costa)	<p>CF: É engraçado que entre vocês [família] não falam de política uns com os outros, quando é um interesse tao comum de todos, não é? RC: Sim, não falamos. Antigamente discutíamos (...) CF: Para quem ainda não sabe, o que eu duvido que a esta altura as pessoas não saibam, estamos aqui em casa com o irmão do primeiro-ministro deste país. Eu contei agora ao Ricardo, que ele ainda não tinha visto, que esteve aqui a Maria Antónia Palla, a mãe de António Costa, e que tem um amor por ti infundável. Ela quase que te considera filho. RC: É mútuo. Damo-nos muito bem. CF: Eles separam-se, a Maria Antónia Palla do teu pai, muito cedo, tinha o teu irmão dois 2 anos. E depois logo a seguir vens tu, filho de uma outra mãe.</p> <p>-</p> <p>CF: Tu percebeste logo que ele [António Costa] iria chegar a cargos importantes? RC: Que ele iria ter atividade política, sim. Cargos tipo primeiro-ministro, não necessariamente. Porque também nunca percebi se ele gostava especificamente disso ou não. Percebi que ele gostava de coisas que tivessem ação (...) Eu acho, e aqui estou a entrar um bocado num terreno perigoso porque nunca conversei francamente com ele sobre isso, eu acho que a coisa que ele mais gostou de fazer foi ser presidente da Câmara de Lisboa. CF: Então vocês conversam sobre o quê? RC: De outras coisas. Há tanta coisa para falar.</p>

Interveniente	Exemplos de Fala
Edite Estrela	<p>CF: É fácil esta gestão? Sendo uma mulher tão ligada à família, de querer aconchegar os outros, esta gestão de uma vida e de uma mulher com cargos tão importantes com reuniões fora de horas, com dias que não são os dias similares aos das outras mulheres. E depois ter duas filhas, um companheiro...</p> <p>EE: Em primeiro lugar, a dificuldade é vencer aquele preconceito que existe em relação às mulheres.</p> <p>CF: E a culpa que nós às vezes podemos carregar.</p> <p>-</p> <p>CF: Quero agradecer-lhe a si este seu percurso. A licença de maternidade é obra desta senhora.</p> <p>EE: Não foi cá em Portugal, foi no Parlamento Europeu que eu fui relatora da revisão da diretiva sobre a licença de maternidade.</p> <p>CF: Não tente diminuir o seu papel que tem sido muito importante na nossa vida e acho que todos em Sintra, pelo menos, conseguem reconhecer isso.</p> <p>EE: Eu acho que as pessoas reconhecem que deixei muita obra em Sintra e tenho orgulho disso.</p>
Maria do Céu Antunes	<p>CF: Sair de lá [Abrantes - terra natal] é difícil? Ter de vir para cá [Lisboa] é difícil.</p> <p>MCA: É, claro que sim. Numa fase da minha vida em uma das minhas filhas está a estudar no Porto, outra está a estudar em Londres, e eu estou a começar a minha vida sozinha, fora da minha terra, das minhas origens. Mas é um desafio. É um desafio fantástico poder servir as pessoas.</p> <p>CF: É só por isso que aceita?</p> <p>MCA: É só por isso que aceito. Aliás, foi só por isso que aceitei ser Presidente de Câmara, foi só por isso que aceitei ser Secretária de Estado, e agora Ministra.</p> <p>-</p> <p>MCA: Eu sou muito cuidadora. Eu tomei conta do meu marido, tomo conta das minhas, tomo conta dos meus pais. E eu gosto muito de poder servir os outros e estar ao lado a tempo inteiro.</p> <p>CF: Ainda bem que toma conta de nós também.</p> <p>--</p> <p>CF: Vai todos os dias para a cozinha?</p> <p>MCA: Vou todos os dias, mesmo quando estou sozinha. Faço o meu jantar, já a preparar o almoço do dia seguinte, ponho numa marmitta e levo comigo para o ministério.</p> <p>CF: Isso é lindo! É a única que leva marmitta ou há mais?</p> <p>MCA: Não sei. Outros membros do governo não faço ideia. Mas que no ministério somos muitos, e eu almoço com a minha equipa alargada, é um momento único!</p> <p>CF: Vai ter de me deixar entrar nessa copa um dia! Levo a minha marmitta que eu gosto, e fazemos todos um piquenique. --</p> <p>CF: Disse ao primeiro-ministro que vinha cá?</p> <p>MCA: Disse ontem à noite. Ele adorou a ideia.</p> <p>CF: Ele também não pode proibir ninguém. [risos]</p> <p>MCA: Mas ele gostou muito. Ficou contente (...)</p> <p>--</p> <p>CF: O que é que não falta na sua mesa de Natal?</p> <p>MCA: Amor. Acho que é a coisa mais importante que tem que ter uma mesa.</p> <p>--</p> <p>CF: Também é estreia na televisão? Nunca tinha vindo a um programa destes?</p> <p>MCA: Confesso que fui a alguns programas de informação, de políticos...</p> <p>CF: Coisas chatas, não é?</p> <p>MCA: Coisas menos simpáticas.</p>

Interviente	Exemplos de Fala
<p>Maria do Céu Antunes</p>	<p>CF: Onde não se pode dar tanto a conhecer aquilo que nós somos. E por isso eu costumo dizer que gosto de abrir as portas desta casa a quem faz da política a sua vida para nós conhecermos quem é que nos está a cuidar das pastas.</p> <p>MCA: É verdade. E quando nós convidamos alguém para a nossa mesa, para a nossa casa, somos nós. Quando recebi o seu convite para estar aqui, foi o que eu pensei. Vou ser eu, sem máscara, sem filtro, porque não preciso de falar sobre os dados da agricultura, não preciso de falar sobre o programa de Governo. Só preciso de ser eu própria e mostrar aquilo que sou.</p> <p>CF: E conseguiu mesmo, deixe-me dizer-lhe.</p>
<p>Mário Nogueira</p>	<p>CF: Este assunto é gravíssimo, é muito sério, e tem de ser ouvido por todos. Tem que ser ouvido por alunos, por mães, por pais, por avós, por tios, por amigos, pela sociedade em geral. Hoje, infelizmente, há mais um caso a assinalar de uma professora que foi agredida grávida.</p> <p>-</p> <p>CF: É importante trazer o tema à discussão e este programa não foge a isso (...) eu quero que toda a gente se lembre da importância que teve um professor na sua vida. Em muitas histórias que já ouvi em programas de televisão, não há quase nenhuma que alguém não diga que decidiu ter uma área por causa daquele professor, que as memórias que tem de infância é daquele professor, e que aquele professor lhe mudou a vida (...) Não se esqueçam nunca disto. Os pais são, o professor complementa. E é importantíssimo na nossa vida e na vida do seu filho. O seu filho conta uma coisa, vai ao professor perguntar: olhe eu gostava de saber o que é que aconteceu. E se, por acaso, achar que as coisas não correram bem, queixa-se a quem de direito, não agride. É o professor do seu filho.</p>
<p>Rui Rio</p>	<p>CF: Costumam sair umas cataplanas muito boas daquela cozinha.</p> <p>RR: De peixe, não é?</p> <p>CF: Exatamente.</p> <p>RR: E arroz de atum também sai às vezes?</p> <p>CF: Também sai. Não tem especialidade nenhuma para fazer ali?</p> <p>RR: Não, não... só cozo ovos.</p> <p>-</p> <p>CF: Como é que um menino gere essa ausência de um irmão?</p> <p>RR: Na altura, e durante muitos anos, achava que tinha lidado bem com isso. Ou seja, que as marcas eram relativamente suaves face à brutalidade do que aconteceu. Hoje não acho nada disso. O que eu acho é que para uma coisa tão intensa como foi, e ele teve doente praticamente um ano (...)</p> <p>com uma leucemia. Portanto, todo esse ano para um miúdo com 6/7 anos de idade marcou brutalmente. Aquilo que eu fui ao longo da vida e o que ainda sou hoje é um somatório de todas as experiências. Essa experiência necessariamente condicionou-me imenso. Na percentagem de responsabilidade, o falecimento do meu irmão deve ter aqui uma percentagem elevadíssima na forma como eu evolui.</p> <p>--</p> <p>CF: Mas ainda não conseguiu pôr o PSD em ordem ou conseguiu?</p> <p>RR: Do ponto de vista financeiro, já demos um passo muito grande. Do ponto de vista político, que é essa a sua pergunta, não, ainda não consegui pôr na ordem como a coisa devia ser.</p> <p>CF: Mas achava que ir ser mais fácil do que está a ser?</p> <p>RR: (...) fui secretário-geral do PSD, em 96/97, quando o Professor Marcelo Rebelo de Sousa era...</p> <p>CF: [interrompe] Vocês não se dão muito bem, pois não?</p> <p>RR: Não, damos! Temos feitos muito diferentes, mas damo-nos bem.</p>

Interveniente	Exemplos de Fala
Rui Rio	<p>CF: São capazes de estar à mesa a comer umas caras de bacalhau. RR: Sim, e já estivemos! Ele como Presidente da República e eu como líder da oposição sempre tivemos uma relação positiva. CF: Mas se tivesse que escolher um só para almoçar consigo, era o Presidente Marcelo ou era o Primeiro-Ministro António Costa? RR: Não me faça essa pergunta. [risos] Depende dos temas a tratar, não é? CF: Ah pronto, escolhia consoante o tema. RR: Há coisas que não podia tratar com o Presidente da República e que poderia tratar com o Primeiro-Ministro. CF: Isso é uma resposta à político. [risos] RR: Para Portugal, há coisas que teria de tratar com o primeiro-ministro e mais do que com o primeiro-ministro, com o líder do PS. Porque há coisas que só podem ser feitas em Portugal se o PSD e o PS tiverem de acordo. CF: Mas os seus adversários acusam-no dessa proximidade ao PS. RR: Acusam. Isto não é uma proximidade ao PS, pode ser ao contrário. Amanhã posso lá estar eu, e aquele que vai ser o líder do PS acho que tem a obrigação de procurar entendimentos com o líder maioritário, no sentido de procurar o melhor entendimento para o país. (...) CF: Mas isto é uma corrida que quer ganhar? RR: Todas as corridas em que se entra são para ganhar. A não ser quando corro ao domingo de manhã meia hora, aí não é para ganhar, é só para treinar. -- CF: Sabe que já fiz um convite a uma pessoa de quem gosta muito. Luís Montenegro de seu nome. RR: Ai sim, e ele já veio? CF: Não veio mas vem. Quer dizer-lhe alguma coisa? Pode ser em alemão.. RR: [fala em alemão] Se eu disser em alemão ele não entende, a Cristina também não entende. Se falarmos em alemão ninguém entende nada. CF: Ah pronto. E em português também não quer dizer nada? RR: Já tivemos um debate que para mim não foi muito prestigiante para o PSD, portanto é melhor não dizer mais do que aquilo que já foi dito no debate</p>
Fernando Medina	<p>CF: A ideia é conhecê-lo porque é um bocadinho arisco, raramente fala de de si e dos seus. É ou não é? FM: Sim. CF: Tenta guardar isso para a sua vida pessoal, não é? FM: Sim, tenho uma personalidade um bocadinho mais reservada, o que às (Continuação) vezes não é muito bom para a vida pública, mas também gosto de proteger os meus. Esta vida com muita exposição não é fácil para quem está connosco à nossa volta. (...) CF: Mas sempre foi assim mais caladinho, mais recatado? FM: Não, isso foi ganhando com os anos. Quando era miúdo era muito mais extrovertido. --- FM: A minha história é muito parecida com muitas pessoas em Lisboa: de quem veio para Lisboa trabalhar, entretanto constituiu família cá, casa-se, tem filhos, vai tendo outras vidas, e mantém-se em Lisboa (...) Lisboa é uma cidade de muitas chegadas e partidas. --- CF: Tenho aqui dois monumentos. A levar os seus filhos, parávamos aqui na Torre de Belém ou íamos aqui aos clérigos? FM: Aos meus filhos? Os dois... CF: Não, tem que escolher um primeiro.</p>

Interveniente	Exemplos de Fala
Fernando Medina	<p>FM: Torre de Belém. É a cidade deles. CF: Só diz isso porque é Presidente da Câmara. Passou no teste. [risos] --- FM: Quando uma pessoa é Presidente da Câmara passa a ver a cidade de forma diferente. CF: Mas mais para os problemas ou para as coisas boas? FM: Mais para os problemas. Tudo o que falta resolver. -- CF: A mulher já se habituou a ser mulher do presidente? Ela queria? FM: Ser mulher do presidente? Talvez escolhesse outra solução. CF: Para que o marido estivesse mais presente, não é?! Eu não sei se ela sabe mas normalmente quem passa pela presidência da câmara, chega depois a primeiro-ministro... Ela está preparada para isso? É isso que quer? FM: A minha mulher? CF: Não, agora o Fernando. [risos] FM: Eu nunca tive na minha vida pública essa ideia de chegar a um sítio para depois ir para outro sítio. Se me perguntasse há 10 anos se eu iria ser presidente da câmara de Lisboa, eu acho que nem a Cristina se teria lembrado de me fazer essa pergunta. Eu acho que se sentir que há utilidade e a motivação em determinado lugar para o fazer, certamente o farei. Se não tiver, serei muito feliz a fazer muitas outras coisas que não essa sucessão de cargos públicos. --- CF: Sabemos que a habitação é um dos principais problemas hoje em dia, e isso afastou muita gente da cidade para ir morar para as periferias que adorariam viver aqui. E ontem podiam inscrever-se em quê? FM: Ontem nós abrimos o... CF: [apresentadora interrompe] Vá, isto sou eu a ser sua amiga e falar de uma medida boa. [risos] FM: É uma medida boa e que é da maior importância (...) --- FM: (...) Muitas vezes eu vou entregar casas [no âmbito do programa Habitar Lisboa] e não é notícia em lado nenhum porque não tem que ser, mas é talvez das coisas mais gratificantes de um presidente da câmara é nos conseguirmos lidar com o problema concreto da pessoa. No Governo muitas vezes estamos longe, mais distantes da realidade. Aqui estamos a lidar com a vida concreta da pessoa e a mudá-la. É sempre muito tocante.</p>
Joana Amaral Dias	<p>JAM: Se isto pode acontecer [falha na resposta pré-hospitalar] a um senhor a viver no centro de Lisboa, isto pode acontecer com qualquer pessoa, em qualquer parte do país. E isto aflige-me porque, para além de estar a viver o luto do meu pai, eu também tenho uma postura política e de cidadania muito ativa, e [provoca-me] uma preocupação e de uma aflição gigantes. Temos assistidos a casos e mais casos do INEM que não é capaz de acudir. - JAM: (...) Nós vamos fazer esse combate por ele, pela dignidade que ele merece. Realmente toda a gente sabe que estas situações têm acontecido reiteradamente e não podem acontecer mais. Nós temos que ter um sistema pré-hospitalar de saúde pública de primeira linha e que, de facto, não deixe ninguém a morrer na rua. CF: E quando te sentires bem posso recordar o teu pai contigo? JAM: Podes, podes recordar.</p>

Interveniente	Exemplos de Fala
<p style="text-align: center;">Luís Montenegro</p>	<p>CF: Deixe-me agradecer-lhe antes demais. A equipa veio toda rendida a si. Disseram-me várias vezes: ""vais adorá-lo, vais adorá-lo"" porque é de uma simplicidade... viu-se aqui! Esta descontração a falar de si e, às vezes, tão difícil de encontrar na política, não é?</p> <p>LM: É verdade, são intervenções diferentes. No dia a dia estamos mais concentrados em falar do país, da ação política, do combate político.</p> <p>CF: E estamos em pleno combate... Já la vamos! [risos]</p> <p>LM: E estamos agora num combate interno [PSD] e também externo na Assembleia da República com a questão do orçamento. Mas foi uma boa oportunidade [entrevista em vídeo] de eu falar um bocadinho mais de mim, e também de me dar a conhecer (...)</p> <p>---</p> <p>CF: Podemos vir a ter primeiro-ministro?</p> <p>LM: Podemos vir a ter (...)</p> <p>---</p> <p>CF: Mas o Luís diz ali: ""Eu sou de uma família normal"".</p> <p>LM: E sou.</p> <p>CF: Mas com muita gente, já percebi ali naquela fotografia dos primos.</p> <p>LM: Sobretudo na parte da minha mãe. São 14 irmãos, nós somos 36 primos, e já há 22 bisnetos da minha avó.</p> <p>CF: Os pais tinham algum sonho para o menino Luís?</p> <p>LM: Eu acho que o único sonho que eles não tinham era que o menino Luís fosse para a política. Por acaso está aqui a lembrar-me de uma história que é muito engraçada e que ninguém sabe. O meu nome de casa não é Luís, é Filipe. A minha mãe trata-me por Filipe, os meus irmãos tratavam-me por Filipe, os meus primos, os meus avós (...) até hoje é o meu nome de casa (...)</p> <p>--</p> <p>CF: E nessa escola [onde estudou] o que é que podemos referenciar? Boas notas? Algumas asneiras?</p> <p>LM: Algumas aneiras, seguramente. Os intervalos sempre a jogar à bola, é uma das características. Mas muito bom aluno, aliás, na altura do ciclo, durante dois anos, tive sempre 100% a matemática (...) de tal maneira que os pais dos meus colegas me tratavam, e ainda tratam, como o Luís da matemática.</p> <p>--</p> <p>LM: Digo isto sem nenhum problema. Eu sinto-me uma pessoa privilegiada porque nunca tive aquelas dificuldades que muita gente sente sobre aquilo que são as necessidades básicas e as oportunidades. Aliás, é isso que me faz caminhar na minha vida política. Mas isso não significa que quer ele, os meus pais e os meus tios, não tivéssemos que crescer a pulso, trabalhar e sermos produtivos.</p> <p>CF: Então, nadador-salvador era para ganhar uns troquinhos...</p> <p>-</p> <p>CF: Sendo assim um pai tão atento, faz-lhe falta o seu?</p> <p>LM: [olhos mareados] Faz. Ele faleceu em 2011 e faz falta porque era uma fonte de inspiração, era um bom avaliador. Eu como disse os meus pais nunca me instigaram a vir para a vida política. Fui por mim. Senti uma vontade de intervir primeiro na comunidade e até fui muito precoce (...) com 24 anos, veja bem, já liderava o PSD local (...)</p> <p>(...)</p> <p>CF: Então nesta luta interna agora, faz-lhe falta que ele [pai] lhe dissesse alguma coisa?</p> <p>CF: Sabe que estive aí sentado o senhor Rui Rio. Aliás, eu lancei-lhe o desafio, não sei se percebeu o alemão que ele lhe dedicou ou não.</p> <p>LM: Eu estudei alemão, mas confesso que hoje não consigo dizer quase nada (...)</p> <p>CF: Mas, por exemplo, Rui Rio disse que o vosso debate foi feio, que não foi bonito até para o próprio partido. Quando sai de um debate desses, sai-se com que sentimento?</p>

Interveniente	Exemplos de Fala
<p style="text-align: center;">Luís Montenegro</p>	<p>LM: Eu saí com o sentimento que tentei ser o mais esclarecedor possível e também sei que a primeira parte não foi muito edificante para o partido. Agora, eu não quero estar aqui a atirar responsabilidades para ninguém, mas quem viu o debate percebeu quem é que lançou e conduziu o debate para essa área. CF: E com a certeza convicta de que vai ganhar? LM: Com a certeza convicta de que vou ganhar. Aliás, eu tenho percorrido o país de lés a lés, ter com os militantes do partido, às sedes do partido, a locais onde nos podemos encontrar (...)</p> <p>-</p> <p>LM: O país precisa de uma alternativa, de uma posição diferente daquela que hoje está concentrado no PS, no PCP, no BE, têm um pensamento muito próximo. Tem que haver uma outra face, uma outra posição que se possa confrontar democraticamente (...) CF: Se houver uma derrota, volta-se para Espinho e faz-se uma aula de cycling? [risos] LM: Não teria nenhum problema com isso. Eu sou uma pessoa feliz, sou um privilegiado, fiz sempre aquilo que gostava, apesar de ter passado por algumas dificuldades mesmo ao longo da minha vida política. Não foi fácil. Tive muitos momentos de sofrimento, em que quase estava sozinho, não conseguia ganhar as eleições para que me estava a preparar em termos locais.</p> <p>-</p> <p>LM: (...) Ser líder do PSD é ser candidato a primeiro-ministro e é esse o meu propósito para transformar o país. CF: Combinamos uma coisa: se for primeiro-ministro, vem ao tal arroz de cabidela. LM: Venho sim senhora, venho com todo o gosto!</p> <p>CF: Esta casa [Assembleia da República] é muito famosa, mas olhe que a minha não fica atrás. (...) CF: Dia 10 lá vamos ver.</p> <p>CF: Para já quero agradecer-lhe por ter aceitado este convite porque eu sei que não gosta nada disto e gosta só de intervenções políticas, que são o seu trabalho. CM: Sim, mas nós temos aqui um projeto comum e eu achei que era boa ideia ---</p> <p>CF: Sabe que eu tenho uma tia muito engraçada, já com 80 anos, que gosta muito de si e ela disse-me assim: "Já lá foi tanta gente, porque é que a pequenina nunca foi?". [risos] Ela brinca consigo e diz isto. CM: [risos] É normal, tenho um metro e meio. CF: [imita a tia] "Quando é que a pequenina lá vai a casa?". Pronto, oh tia, está cá. ---</p> <p>CF: (...) eu acho que nasce logo ali muito cedo estas intervenções, não é? CM: Às vezes as pessoas confundem a política com estar num partido ou ter um cargo institucional. A política é muito mais do que isso. Seguramente os partidos são muito importantes na democracia, e as instituições são quem decide a nossa vida, mas fazer política é outra coisa: é organizarmos todos, em coletivo, para decidirmos a nossa vida comum e eu desde pequena que faço isso. CM: Acho que há uma frase que é muito verdadeira: nós temos a família em que nascemos e a família que escolhemos. E eu tenho o grande privilégio da família em que eu nasci, ser também uma família que eu escolheria todos os dias. CF: Que bonito! Isso é uma declaração de amor para todos, não é? (...) ---</p> <p>CF: Posso já falar de uma sensação que estou a ter? Porque nós só nos conhecemos hoje, não nos conhecíamos anteriormente. CM: Sim.</p>

Interveniente	Exemplos de Fala
<p style="text-align: center;">Luís Montenegro</p>	<p>LM: Eu saí com o sentimento que tentei ser o mais esclarecedor possível e também sei que a primeira parte não foi muito edificante para o partido. Agora, eu não quero estar aqui a atirar responsabilidades para ninguém, mas quem viu o debate percebeu quem é que lançou e conduziu o debate para essa área.</p> <p>CF: E com a certeza convicta de que vai ganhar?</p> <p>LM: Com a certeza convicta de que vou ganhar. Aliás, eu tenho percorrido o país de lés a lés, ter com os militantes do partido, às sedes do partido, a locais onde nos podemos encontrar (...)</p> <p>-</p> <p>LM: O país precisa de uma alternativa, de uma posição diferente daquela que hoje está concentrado no PS, no PCP, no BE, têm um pensamento muito próximo. Tem que haver uma outra face, uma outra posição que se possa confrontar democraticamente (...)</p> <p>CF: Se houver uma derrota, volta-se para Espinho e faz-se uma aula de cycling? [risos]</p> <p>LM: Não teria nenhum problema com isso. Eu sou uma pessoa feliz, sou um privilegiado, fiz sempre aquilo que gostava, apesar de ter passado por algumas dificuldades mesmo ao longo da minha vida política. Não foi fácil. Tive muitos momentos de sofrimento, em que quase estava sozinho, não conseguia ganhar as eleições para que me estava a preparar em termos locais.</p> <p>-</p> <p>LM: (...) Ser líder do PSD é ser candidato a primeiro-ministro e é esse o meu propósito para transformar o país.</p> <p>CF: Combinamos uma coisa: se for primeiro-ministro, vem ao tal arroz de cabidela.</p> <p>LM: Venho sim senhora, venho com todo o gosto!</p> <p>CF: Esta casa [Assembleia da República] é muito famosa, mas olhe que a minha não fica atrás. (...)</p> <p>CF: Dia 10 lá vamos ver.</p>
<p style="text-align: center;">Catarina Martins</p>	<p>CF: Para já quero agradecer-lhe por ter aceitado este convite porque eu sei que não gosta nada disto e gosta só de intervenções políticas, que são o seu trabalho.</p> <p>CM: Sim, mas nós temos aqui um projeto comum e eu achei que era boa ideia</p> <p>---</p> <p>CF: Sabe que eu tenho uma tia muito engraçada, já com 80 anos, que gosta muito de si e ela disse-me assim: "Já lá foi tanta gente, porque é que a pequenina nunca foi?". [risos] Ela brinca consigo e diz isto.</p> <p>CM: [risos] É normal, tenho um metro e meio.</p> <p>CF: [imita a tia] "Quando é que a pequenina lá vai a casa?". Pronto, oh tia, está cá.</p> <p>---</p> <p>CF: (...) eu acho que nasce logo ali muito cedo estas intervenções, não é?</p> <p>CM: Às vezes as pessoas confundem a política com estar num partido ou ter um cargo institucional. A política é muito mais do que isso. Seguramente os partidos são muito importantes na democracia, e as instituições são quem decide a nossa vida, mas fazer política é outra coisa: é organizarmos todos, em coletivo, para decidirmos a nossa vida comum e eu desde pequena que faço isso.</p> <p>-</p> <p>CM: Acho que há uma frase que é muito verdadeira: nós temos a família em que nascemos e a família que escolhemos. E eu tenho o grande privilégio da família em que eu nasci, ser também uma família que eu escolheria todos os dias.</p> <p>CF: Que bonito! Isso é uma declaração de amor para todos, não é? (...)</p> <p>---</p> <p>CF: Posso já falar de uma sensação que estou a ter? Porque nós só nos conhecemos hoje, não nos conhecíamos anteriormente.</p>

Interveniente	Exemplos de Fala
<p>Catarina Martins</p>	<p>CM: Sim.</p> <p>CF: Há uma Catarina que eu vejo na televisão, rígida, formal, porque se calhar tem que ser assim. E depois tenho aqui um doce, tímido, é certo, mas muito iluminada, muito agarrada às coisas que eu também tento dar relevo: os afetos, os outros, a família... É um bocadinho por aí, não é? Há uma postura política e depois há uma Catarina fora dela?</p> <p>CM: As coisas em que nós acreditamos devem ser defendidas com convicção e clareza. E o debate político é um debate que não deve ser sobre a personalidade de cada um de nós, ou sobre a vida privada de cada um de nós. Deve ser sobre as propostas que nós temos, como é que olhamos o mundo, o que é que queremos fazer do mundo. E eu tenho muito cuidado para não misturar as coisas porque nós temos de discutir ideias e projetos para o país. Agora, dito isto, também verdade que não e constrói um projeto político sem as pessoas e que qualquer projeto político que seja criado sem a capacidade de empatia, de compreender a situação do outro, nomeadamente das pessoas que têm as vidas mais difíceis, é um projeto político que não serve.</p> <p>CF: Então de todos os líderes que nós temos, com quem é que tem maior empatia?</p> <p>CM: Não sei... Eu também não conheço as pessoas da mesma maneira. Mas acho que não é surpresa para ninguém se disser que tenho uma enorme empatia pelo Jerónimo de Sousa e pela forma carinhosa...</p> <p>CF: [interrompe] Mas acho que todos nós temos essa simpatia. Há pessoas que entram nas nossas vidas quase sem darmos conta. Podemos não ser do partido, podemos não acompanhar tudo aquilo que dizer, mas depois criamos...</p> <p>CM: [interrompe] Sim, não temos de concordar com tudo...</p> <p>CF: Por exemplo, a minha tia não é de esquerda e a minha tia gosta da Catarina. É bonito isto! Se calhar pela sua postura, pelas suas intervenções, não é?</p> <p>---</p> <p>CM: (...) Quando falámos sobre a vinda ao programa, a Cristina sabe que eu tenho muitas reservas, não por ter nada contra o programa em específico, mas porque normalmente sou reservada sobre a minha vida privada porque acho que há esferas diferentes e costumo ir mais a programas de informação e debate, como as pessoas compreendem.</p> <p>CF: Foi tão bonito ver aquelas fotografias suas, conhecer um bocadinho da sua vida...</p> <p>CM: Eu quis vir por duas razões: a Cristina é a mulher com o programa mais visto deste país e que afirmou publicamente, e fez disso capa de revista, a causa de combater a violência doméstica e a violência contra as mulheres (...) nós todos os anos dizemos que isto tem que mudar (...) temos que dar meios à policia ao ministério público, penalizar os juizes que não percebem o que é violência doméstica.</p> <p>CF: Falamos tanto disso aqui...</p> <p>---</p> <p>CF: Avisou os seus pais que vinha cá hoje?</p> <p>CM: Não...</p> <p>(...)</p> <p>CF: O que achas que vão dizer sobre o dia de hoje?</p> <p>CM: Não sei...</p> <p>(...)</p> <p>---</p> <p>CF: (...) Parabéns por tudo. De todas as pessoas com quem falámos, falam, e muito, do seu trabalho, da forma como acorda, se for preciso, às 6 da manhã para estar atenta a um dossier, eu acho que temos de nos orgulharmos por a termos a si como coordenadora [do Bloco de Esquerda]. Porquê coordenadora e não líder?</p> <p>CM: Porque a política é um trabalho coletivo, ninguém faz nada sozinho. Eu não faço nada sozinha.</p> <p>CF: Então e quem é que vai ser líder do PSD?</p> <p>CM: Isso já não sei, não é comigo.</p> <p>CF: Está bem, mas dos três candidatos, quem é que lhe parece?</p>

Interveniente	Exemplos de Fala
<p>Catarina Martins</p>	<p>CM: Não sei... A vida de cada partido é de quem está [nos partidos]. CF: É que não me diz uma para o jornal, é impressionante. [risos]</p>
<p>Isaltino Morais</p>	<p>IM: (...) eu hoje sou social-democrata, mas sou mesmo social-democrata. Pela distribuição justa da riqueza... CF: [interrompe] Mas não há aí uma mágoa com o PSD? IM: Não, não, não. CF: Desfilou-se do PSD! IM: Não, não, não. Eu tive mágoas com gente do PSD, com o PSD nunca. Eu sou social-democrata, ou seja, sou a favor da distribuição da riqueza, por uma intervenção social junto das pessoas, por serviços de saúde e de educação públicos. CF: Quem é que vai conseguir isso? O Rio ou o Montenegro? [risos] IM: Não me meto nisso (...) - IM: (...) Eu nunca fiz distinção entre partidos de esquerda e de direita. O que eu dizia é que há coisas boas nos partidos de esquerda e direita e que, por exemplo, as políticas públicas de natureza social, de favorecimento das pessoas mais desfavorecidas, igualdade de oportunidade, etc., não é apanágio da esquerda. Dizia eu! (...) CF: Olhe lá, isto é discurso político, o que está a dizer? IM: Isto é discurso político, claro! Isto que eu estou a dizer é que descobri que, afinal, não sou de direita. Não sei o que pode ser a esquerda, mas se a direita é... CF: [interrompe] Mas isso é um recadinho para alguém? IM: É um recadinho para a troika, para aquele governo da troika! Porque se a direita é cortar pensões, baixar salários, cortar na saúde, cortar na educação... Então aí, eu não sou de direita! Porque acho que há serviços públicos que são fundamentais. Perguntem a um pobre se o Serviço Nacional de Saúde faz falta ou não. Perguntem se as escolas gratuitas fazem falta ou não. (...) CF: Porque é que acha que ganhou tanta vez em Oeiras, que é eleito depois de ter estado preso, ter cumprido pena. Como é que consegue isso? É do quê? IM: É da inteligência dos oeirenses, dos cidadãos de Oeiras que são inteligentes. CF: Porquê? IM: Porque votam em quem consideram que lhes resolve mais problemas. CF: Achou que ia ser eleito depois de ter cumprido prisão? IM: Achei, achei, tinha a certeza absoluta, porque bastava-me andar na rua. E portanto, como é que eu sou eleito? Primeiro, muito trabalho. A Cristina trabalha muito. Muito trabalho, nada se consegue sem trabalho. Muita dedicação, muito vestir e camisola, muita compreensão pelos problemas das pessoas. --- IM: (...) O sistema prisional é massificador, é destruidor das pessoas. CF: Mas não o destruiu a si! IM: Não porque eu resisti (...) --- CF: No dia em que sai [da prisão], magro, muito magro, com um saco preto de plástico na mão com os seus pertences. Que homem é este? IM: Sou eu, o autêntico Isaltino. Eu saí nessas condições, com um saco preto na mão. Podia não ter saído, mas o saco preto na mão era aquele que traziam todos os presos. E eu saí como saem todos os presos. Estive numa cela com quatro reclusos, no entanto cá fora dizia-se que estava numa cela sozinho. Seis meses depois quiseram colocar-me numa cela individual. Não aceitei porque quiseram humilhar-me quando entrei (...) --- CF: Se se tivesse de definir como presidente de câmara... Eu acho que quem o elegeu já o definiu de alguma forma e houve muitas figuras que reconheceram o seu papel enquanto presidente de câmara. Mário Soares, falou dele à pouco, foi um deles que o reconheceu como um grande presidente de câmara. O que é um grande presidente de câmara?</p>

Interviente	Exemplos de Fala
<p>Isaltino Morais</p>	<p>---</p> <p>CF: Se se tivesse de definir como presidente de câmara... Eu acho que quem o elegeu já o definiu de alguma forma e houve muitas figuras que reconheceram o seu papel enquanto presidente de câmara. Mário Soares, falou dele à pouco, foi um deles que o reconheceu como um grande presidente de câmara. O que é um grande presidente de câmara?</p> <p>IM: alguém que se preocupa com as pessoas, em primeiro lugar. Alguém que se preocupa com as pessoas. Alguém que, honestamente, procura compreender aquilo que é necessário para as pessoas. Não é aquilo que elas querem, é o que é necessário para elas. E isto não é para qualquer um. E isto implica sensibilidade, implica conhecer (...)</p> <p>---</p> <p>CF: Gostei muito de o ter cá em casa. Gostei muito de conhecer o seu percurso. Gostei muito da sinceridade que me pareceu ter nestas perguntas todas. E acima de tudo, eu não sei se isso faz um grande político ou não, mas quando toda a gente se cala para o ouvir falar, é porque está a dizer alguma coisa que eles estão a gostar.</p> <p>IM: Muito obrigada. Sucesso para si na política.</p> <p>CF: Ai, o que ele me foi dizer!</p>
<p>Jerónimo de Sousa</p>	<p>CF: Mas o operário percebe a importância que tinha de estar ali [no parlamento]? Percebe imediatamente a força que tinha um homem que vinha do nada estar ali a representar no parlamento?</p> <p>JS: Sim porque naturalmente eu não sabia fazer uma lei, mas conhecia a vida. E quando, por exemplo, se discutiu o artigo que ficou na constituição laboral, o art. 53, 54, 55, 56, havia uma coisa em que eu tinha uma vantagem. Se estamos a discutir com que direito se fazia uma greve, eu sabia porque tinha feito greve e dava a minha contribuição no plano concreto, no plano prático. E havia muitos doutores, especialistas em direito de trabalho, que ficavam impressionados porque, de facto, era difícil rebater esse conhecimento da realidade.</p> <p>CF: Porque a maior parte deles era das elites como o professor [da escola secundária de Jerónimo Martins] falava, não é? Nunca se sentiu menor?</p> <p>JS: Nunca. Curiosamente isso foi sempre uma vantagem que tive porque achava que estava no caminho certo (...)</p> <p>---</p> <p>CF: É esse desabafo que enche o coração do político... Ou não se sente político?</p> <p>JS: Sinto. Assumo responsabilidades políticas, mas com esta vantagem de ter mantido sempre uma profunda ligação à vida, aos problemas, era tratado como um igual, o que facilitava o contacto da conversa.</p> <p>CF: Não teve uma vida sempre muito discreta?</p> <p>JS: Nunca ninguém olhou para mim com admiração, como alguém superior. Eu era sempre alguém que era deles (...) eu vou ao sítio mais recôndito de Portugal, ao interior, e têm essas manifestações onde praticamente não temos influência.</p> <p>---</p> <p>CF: Nunca lhe disseram que gostariam que o pai não tivesse ido para a política?</p> <p>JS: Não, têm um sentimento de orgulho. De orgulho porque veem aquilo que faço, aquilo porque luto, a forma de ser, e eu acho que isso é um capital muito grande. Hoje que sou o único deputado constituinte na Assembleia da República, o único operário na Assembleia da República, hoje que sou também o maior contribuinte para a segurança Social durante 57 anos (...)</p> <p>---</p> <p>CF: Inquieta-o o seu fim a nível partidário? Está para breve?</p> <p>JS: Ah não conte com isso, Cristina.</p> <p>CF: {risos} Mas vai haver um momento em que vai sair.</p> <p>JS: Sim, nada nesta vida é eterno, não é?</p> <p>CF: Já pensa nisso?</p> <p>JS: Posso, quando muito, alterar responsabilidades, mas não altero o rumo, o caminho. Com certeza outro contexto, noutro quadro...</p>

Interveniente	Exemplos de Fala
<p>Jerónimo de Sousa</p>	<p>CF: Ou seja, não há uma reforma de completamente desligado de? JS: Eu acho que nós deveríamos ter sempre a consciência de sermos nós a decidir, enquanto tivermos capacidade para refletir sobre isso. CF: Mas tem noção que substituí-lo vai ser uma tarefa muito difícil?! JS: Mais difícil era quando entrei em funções, em que o operário metalúrgico era burro... CF: Mas já consegue assinalar, dentro do seu partido, os possíveis substitutos? JS: A questão ainda não está colocada, mas tenho a consciência de que a questão do secretário-geral não vai ser um problema no Congresso. E mais não digo. CF: [risos] Porque já sabe que se vão aproveitar disso (...) --- CF: (...) Nós nunca nos tínhamos cruzado assim numa conversa. Acho que se percebeu pela sua serenidade, porque é que o seu povo gosta tanto de si. Ontem dizia que há pessoas que são uma instituição e acho que tem de ter essa noção: dentro daquilo que é o nosso país, dentro daquilo que foi o nosso percurso (...) tem que ter a noção de que é uma instituição.</p>
<p>Marta Temido</p>	<p>MT: Este lugar é muito responsabilizante, mas pensar que pessoas que gostam de nós e olham para nós e pensam "Estamos à espera que façamos coisas bem feitas". É muito pesado (...) [emociona-se] CF: Mas isso dá para chorar? Agora senti essa dureza do cargo e, se calhar, do choro que às vezes se tem quando se chega a casa. As pessoas às vezes não têm noção disso. MT: Eu agora já não choro. CF: Mas chorou? MT: Sim. CF: Mas porquê? Porque a pressão e a forma como tentam dizer coisas que, se calhar, não correspondem à verdade? Isso dói? Magoa? MT: Claro que sim. Claro que sim. Há muitos dias que são muito duros, e há muitos dias que são muito bons. Nós tentamos fazer o melhor possível. E às vezes nós ouvimos coisas na rua ou nos jornais, que não têm nada a ver com a nossa maneira de ser, e que nós não podemos rebater porque, ao fim ao cabo, isto é a Ministra da Saúde, não é a Marta Temido (...) Dissociar a Marta, da Marta Temido e da Ministra da Saúde da Marta, é um exercício. CF: Mas as pessoas reconhecem-lhe muito o humor, a verticalidade, a forma como assume as suas funções. Há um gesto que eu quero referir porque usou umas palavras nesta "guerra" com a bastonária da Ordem dos Enfermeiros e ela própria veio dizer que [a Marta Temido] ligou um dia a pedir desculpa. E esse pedido de desculpa também não é para todos. MT: É muito importante saber pedir desculpa (...) - CF: Sem seguranças atrás? MT: Eu não uso segurança. CF: Não? MT: Não, nunca! CF: Tão pequenina e não tem medo de nada? [risos] MT: Não, nunca ninguém me fez mal. Às vezes abordam-me, até no supermercado (...) eu gosto de conversar com as pessoas. Foram raras as situações em que as conversas não foram simpáticas, mas eu não consigo virar a cara, gosto de perceber o que preocupa as pessoas (...) -</p>

Interveniente	Exemplos de Fala
Marta Temido	<p>MT: Gostava de escrever sobre os contactos interessantes que tive, sobre aquilo que as pessoas me relataram. No fundo, a política, ou um lugar no governo, no olhar de um cidadão comum que, no fundo, é isso que eu sou, uma cidadã comum, uma rapariga normal.</p> <p>CF: Mas é mesmo. E posso brincar consigo?</p> <p>MT: Pode, pois!</p> <p>CF: Esses dentinhos não estão muito alinhados, pois não? Isto é a falta de apoio de dentistas no Serviço Nacional de Saúde.</p> <p>MT: Não, Cristina. Eu vou contar a verdade: a minha própria dentista já foi interpelada por pessoas que não sabiam que era minha dentista e diziam: "Mas ela tem os dentes todos tortos!".</p> <p>-</p> <p>CF: E só para que se perceba, há aqui outro pormenor na vida que faz toda a diferença para quem é ministra da saúde. A sua irmã é médica...</p> <p>MT: Pois, isso é uma parte também verdadeira.</p> <p>CF: E sendo médica, sabe que as suas decisões afetam também a sua família. É preciso não esquecer (...)</p> <p>-</p> <p>CF: Gostei tanto! Quase que a Marta parece minha colega de escola. E quando nós conhecemos as pessoas que estão nos cargos, que tanta influência têm na nossa vida, torna-se mais bonito, mais humano. Nós esquecemos que são humanos, com percursos de vida.</p>
Jorge Coelho	<p>CF: Mas como é que conseguiu conciliar aquela fase mais ativa da vida com a família? Não havia queixas?</p> <p>JC: Havia, com certeza, mas partilhavam tudo comigo. Quando eu fui para o estrangeiro, a família veio toda.</p> <p>CF: Portanto, onde vai um, vão todos?</p> <p>JC: Vai tudo. Fomos sempre uma família muito unida como somos hoje.</p> <p>-</p> <p>CF: A vida não é tão linear como nós a imaginamos. O que é que ficou marcado de todas as fases políticas que teve? Falaram de si como o homem da máquina socialista, o que nunca chegou a número um... Mas também não sei se era essa a ambição.</p> <p>JC: Não, não, não...</p> <p>-</p> <p>JC: (...) O facto de eu ter criado esta queijaria veio criar posses de trabalho a pessoas que estavam desempregadas.</p> <p>CF: E isso tem de ser aqui ressaltado porque aquelas pessoas que viu ali a trabalhar estavam todas desempregadas. Tenho que lhe tirar o chapéu, como se costuma dizer na gíria, porque quando pensou no projeto, pensou mesmo na forma como podia ajudar a região e as pessoas da região, não é?</p> <p>JC: Montámos o projeto por forma a fazer exatamente isso (...)</p> <p>-</p> <p>CF: Mas isso é o político que não deixa de ser, mesmo que saia [da vida política]? Político no bom sentido. No sentido de fazer as coisas.</p> <p>JC: Sabe uma coisa? A pior coisa que pode haver e que dá, muitas vezes, cabo da imagem dos políticos é que falam muito, mas quando chega a hora de poderem concretizar alguma coisa, a maior parte não faz nada. Eu não quis ser igual a essas pessoas e disse "Eu tenho a obrigação de fazer isto" (...)</p> <p>---</p> <p>JC: Eu tomei a decisão que tomei, de me demitir de forma irreversível do Governo e da vida política, acabou naquele dia [após queda de ponte Entre-os-Rios]. Essa questão de um dia ser primeiro-ministro acabou naquele dia (...)</p>

Interveniente	Exemplos de Fala
Jorge Coelho	<p>CF: Porque assumiu a culpa e pensou "Se isto aconteceu enquanto aqui estive, eu não posso fazer mais nada".</p> <p>JC: Eu acho que eu não teria coragem de olhar mais para mim se não tivesse tomado a decisão que tomei. Embora não tivesse qualquer responsabilidade (...) eu também tenho orgulho em mim por ter feito aquilo que fiz porque sentiria uma grande vergonha se não tivesse feito. Sentiria uma enorme vergonha de não ter feito o que fiz, que foi demitir-me do argo que exercia na altura.</p> <p>(...)</p> <p>CF: E quando nós achamos que um trabalho de um político é simples, e isso está marcado aí em si, meso não tendo a responsabilidade direta.</p>
Maria Cortes	<p>CF: E uma coisa que é muito complicada para os residentes cá, os chineses que vivem cá, é que há um afastamento das pessoas aos chineses. Algumas pessoas deixaram de ir às lojas dos chineses, aos restaurantes dos chineses, quando eles vivem aqui!</p>
Arménio Lopes	<p>CF: É para ali que vai voltar [Carris], Arménio?</p> <p>AL: Exatamente. Depois do Congresso da CGTP, é para ali que vou voltar por uma questão de princípio. Independentemente de ter sido Secretário-Geral da CGTP e ter assumido responsabilidades a este nível, não estou acima de ninguém. Portanto, eu saí da Carris para a CGTP e vou voltar da CGTP para a Carris. Vou lá estar alguns meses, já podia ter metidos os papéis para a reforma, tenho 46 anos de descontos para a Segurança Social, mas eu entendo que tenho este dever perante os meus colegas e, acima de tudo, perante a sociedade. Ninguém está acima de ninguém e, portanto, temos de dar o exemplo. O exemplo é: com a mesma humildade saí da CGTP, com a mesma humildade volto à Carris.</p> <p>CF: Ou seja, depois do cargo de poder, voltar à base. Ir lá outra vez, não é?</p> <p>AL: Exatamente. E com os mesmos direitos e deveres que os outros (...)</p> <p>---</p> <p>CF: E porque é que um homem tão grande ainda chora pelos pais?</p> <p>AL: [emociona-se] Porque gosto deles, e porque o tempo está a passar.</p> <p>---</p> <p>CF: Mas isto já é o homem a querer acalmar ou há aqui ambições e futuro para caminhar? Há aqui cargos que podem ser seus?</p> <p>AL: Não, não...</p> <p>CF: Sabe do que estou a falar, não sabe? [risos]</p> <p>AL: Sei, sei.</p> <p>CF: Teve aqui Jerónimo de Sousa há uns tempos, não sei se viu.</p> <p>AL: Vi (...) Quando digo uma coisa faço e, portanto, eu não abandonarei a vida político-sindical, a vida pública, não deixarei de me pronunciar.</p> <p>CF: Está no sangue.</p> <p>AL: Mas eu não exercerei nenhum cargo político com responsabilidades acrescidas. Não me verão a candidatar-me a nenhum cargo, seja de deputado, seja de autarca, seja o que for. Não me verão a candidatar.</p> <p>CF: E está a dizer isso com muita convicção!</p> <p>AL: Com muita convicção porque eu sou um homem de convicções. Eu quando digo uma coisa, já ponderei maduramente (...)</p> <p>---</p> <p>AL: Eu não sou insensível. Aquela imagem de duro que às vezes tenho que ter porque não estou a ter uma imagem para a fotografia, estou a ter a imagem daquilo que é o reflexo do meu sentimento perante as injustiças, perante as desigualdades, perante os problemas (...)</p> <p>CF: Sabe que pelo seu discurso percebemos todos que nada é por acaso, e cada uma nasce com determinado propósito. Acho que nesta conversa percebemos porque é que chegou onde chegou, porque é que abraçou o cargo que abraçou e até porque é que vai voltar. Vai voltar para o local de onde saiu. E isso é o mais importante. AL: Exatamente. Com muito prazer e muito orgulho.</p> <p>CF: Muito obrigada por ter escolhido esta casa para este final de um percurso e merece o nosso aplauso por ter lutado por si e por todos.</p>

Interveniente	Exemplos de Fala
<p>André Silva, José Manuel Pureza, José Luís Ferreira, Maria Antónia de Almeida Santos e João Cotrim de Figueiredo</p>	<p>CF: Mas há aqui um medo de que abrindo esta porta [despenalização da eutanásia], haja depois uma continuidade, ou seja, abre-se mais uma [exceção], e depois mais uma. É assustador, para mim, devo dizer porque também posso dar a minha opinião. É muito assustador quando nós vemos a ser discutida a tal pílula que, quem tem mais de 70 anos, pode tomar e dizer adeus. É que isso já nos assusta, certo? Mas isto às vezes é tudo uma hipocrisia porque quem quiser suicidar-se, suicida-se, nós sabemos.</p> <p>---</p> <p>CF: O meu medo é que as pessoas não tenham acesso à informação e que as palavras caras não cheguem a todos.</p> <p>---</p> <p>CF: E compreende-se a ausência da falta de declarações por parte do Presidente da República até agora?</p>
<p>Luís Filipe Menezes</p>	<p>LFM: Eu não escolhi a política, a política é que me escolheu. Como disse, foi o tal miúdo doente que me empurrou para a política. Mas hoje não tenho nenhuma saudade da política.</p> <p>CF: Não voltará nunca?</p> <p>LFM: Nunca mais.</p> <p>CF: Nem se Rui Rio, anterior inimigo e agora mais ou menos amigo... [risos]</p> <p>LFM: Houve uma vez um político que disse que nunca mais ia a nada, nem que Cristo descesse à Terra. Mas hoje é Presidente da República (...)</p> <p>---</p> <p>CF: Rui Rio lançava-lhe agora o desafio: é agora que eu acho que és eleito presidente da Câmara Municipal do Porto. O que é que fazia?</p> <p>LFM: Nem pensar (...)</p>
<p>Rita Sá Machado</p>	<p>CF: (...) Nós estamos na fase inicial [da pandemia] mas podemos chegar aqui [caso de Itália]. Portanto, vamos todos tentar ser exemplo, tendo estes exemplos anteriores (...) eu bato muito esta ideia de que não é para ir almoçar no domingo a casa dos avós. É porque depois achamos que quarentena é isto (...)</p> <p>---</p> <p>CF: (...) Não se consegue controlar tudo, por muito que se tente, às vezes já se chega tarde, são muitas reuniões. Como disse, vocês já estão desde janeiro quase sem dormir, sem ir a casa, sem fins de semana (...)</p> <p>---</p> <p>CF: Não são vocês [médicos] que nos vão curar. Somos nós que podemos ter, através das nossas ações, a possibilidade de não sermos infetados, não é?</p>
<p>Marta Temido</p>	<p>CF: Não a conhecia. Aqui tive o primeiro contacto com a nossa Ministra da Saúde. Marta Temido de seu nome. Disponibilizou-se, ainda antes desta tormenta toda começar a sentar-se neste sofá e para comigo conversar e desfiar a sua vida. Tenho a dizer que nesse mesmo dia nos causou muito boa impressão, tanto a mim, como a toda a equipa. Trocámos mensagens a seguir a essa conversa e ficámos de alguma forma ligadas. Nunca mais voltei a encontrar-me com ela, mas ela tem-se encontrado comigo desde o momento em que isto começou, e consigo, todos os dias. É ela que lá está. É ela, a Ministra da Saúde. A cometer alguns erros, a tomar muitas decisões... E temos que olhar para ela no cargo em que está sabendo que há aqui uma vida que a construiu. A vida que eu lhe mostrei naquele dia. [repetição da entrevista]</p>
<p>Tiago Brandão Rodrigues</p>	<p>CF: Deixe-me só falar um bocadinho do papel do professor porque eu acho que, agora sim, finalmente, os pais perceberam a dificuldade que os professores têm em mãos todos os dias. E, portanto, o papel do professor sai aqui um bocadinho enaltecido no meio de tudo isto, não é?</p> <p>TBR: (...) Os professores são absolutamente centrais, têm demonstrado absoluta disponibilidade nesta transição do ensino presencial para o ensino não presencial. Têm feito tudo para corresponder à vontade de todos (...)</p> <p>---</p>

Interveniente	Exemplos de Fala
<p>Tiago Brandão Rodrigues</p>	<p>CF: Eu sou a portadora da mensagem de muitos pais, como deve calcular, têm enviado muitas mensagens. Há muitos pais que estão um bocadinho aflitos porque, dependendo da escola e dos professores, há uns que acham que estão a receber trabalhos a mais. Os pais não têm essa capacidade para acompanhar os filhos porque também eles estão em teletrabalho, ou seja, não estão ali a olhar para as paredes e não estão como educadores dos filhos naquele período das 8 horas laborais e não têm capacidade de os ajudar. Dá para a pedir às escolas para mandar menos um bocadinho?</p> <p>TRB: Bom, esse é o grande desafio (...) só passaram seis dias e eu acredito que este ajustamento do teletrabalho dos pais e o trabalho desta escola a distância vai-se ajustando. Cada dia que passa vamos tendo uma maior harmonização, uma maior estabilização (...)</p> <p>TRB: Bom, esse é o grande desafio (...) só passaram seis dias e eu acredito que este ajustamento do teletrabalho dos pais e o trabalho desta escola a distância vai-se ajustando. Cada dia que passa vamos tendo uma maior harmonização, uma maior estabilização (...)</p> <p>--</p> <p>CF: Deixe-me só reforçar aquilo que disse. Vai haver justiça nas avaliações, na tentativa que ninguém fique para trás neste período. E eu tenho que vos apauzar, sou muito sincera, não estava à espera de uma resposta tão rápida de um ministério que envolve tanta gente, milhares de pessoas, e vocês foram exemplares na forma como conseguiram pôr os alunos todos... O meu filho anda numa escola pública (...) os professores têm sido exemplares na forma como têm enviado os trabalhos, não há uma sobrecarga imensa (...) Eu tenho que vos aplaudir por isso. E mesmo até naquelas [escolas] que ficaram abertas para que os filhos de que não pode ficar em casa, tenham ali um apoio. Filhos de médicos, enfermeiros...</p> <p>---</p> <p>TBR: Um abraço enorme virtual, até breve, e muito obrigada Cristina pelo serviço à comunidade, tão importante em momentos como este.</p>
<p>Maria de Belém</p>	<p>CF: (...) Mas que isto nos ensine a perceber a nossa fragilidade e que, de facto, há coisas que nos põem em igualdade, não há aqui estratos sociais.</p> <p>MB: É verdade, é uma grande lição de humildade. Que nós saibamos entender esta doença, entre amigos, na nossa família, nas nossas comunidades, mas que percebamos também que salvar e respeitar o planeta é muito importante (...)</p>
<p>Luísa Salgueiro</p>	<p>CF: O que é que tem esse quarto, Luisinha? Explique-nos lá só para percebermos o que é a sua vida nestes dias [de confinamento]. Tem a cama, certamente, e o que é que conseguiu juntar aí para passar o tempo?</p> <p>LS: Não é preciso juntar nada de especial. Só é preciso o telemóvel e o computador para eu poder fazer as minhas videoconferências ao longo do dia, continuar online com todos os serviços da câmara, com todas as instituições, e o telefone para poder telefonar. De resto, só preciso de um espaço para dormir e uma casa de banho. Tenho estado, permanentemente, me articulação para que nada falta à população de Matosinhos. É sempre difícil esta situação. Eu estou fisicamente bem, felizmente, mas estou afastada dos locais e isso para um autarca é muito difícil nós termos de estar longe.</p> <p>LS: Queria deixar uma mensagem para todos, mas em particular para a comunidade de Matosinhos que têm sido fantásticos, às pessoas que têm respeitado as regras e estão em casa, aos profissionais da câmara de Matosinhos que, ou em teletrabalho, ou no seu posto, não faltam. Os polícias, os bombeiros, as pessoas da limpeza, as instituições todas que nos têm telefonado a oferecer todos os seus recursos. Nós somos uma grande comunidade, tenho muito orgulho nas nossas gentes. Já vencemos em muitas outras alturas e vamos vencer agora também. Muito obrigada pela vossa colaboração e carinho.</p> <p>CF: E têm uma presidente que mesmo em isolamento põe ali um batom com uma cor linda.</p> <p>LS: É um batom simples com brilho. Para animar as pessoas. Nós temos de passar uma imagem positiva, o vírus não nos destrói. Um pouco de batom fica tudo melhor.</p>

Interveniente	Exemplos de Fala
António Costa	<p>CF: Muito obrigada por ter aceitado este convite e por sentir a pertinência que é falar para um auditório com algumas particularidades e é preciso explicar as coisas de uma forma muito clara e direta para que todos tenham entendimento correto do que estamos a viver e o que vamos viver daqui para a frente. Quero só tirar-lhe a capa de primeiro-ministro logo no início da conversa só para perceber como é que está. Porque, para além do cargo, é pai, é marido, anda na rua, tem que estar no seu trabalho. Como é que está?</p> <p>AC: (...) Felizmente estou melhor do que a generalidade das pessoas porque muitas estão a sofrer imenso (...)</p> <p>CF: Mas deve estar um bocadinho cansado. Sabe que eu tive aqui uma representante da DGS e eu própria disse que temos de falar com a Doutora Graça Freitas, com a Ministra da Saúde... estão há muito dias sem descanso, vocês não param, vocês estão em reuniões constantes. Dá para dormir ainda um bocadinho ou não?</p> <p>---</p> <p>CF: São palavras suas dizer que no meio do tsunami não há boias de salvação. No meio do tsunami vamos tentando que a nossa cabeça fique um bocadinho à tona. Como é que se mantém lucidez? Os seus discursos são muito lúcidos, sinceros e realistas, pelo menos na minha perceção, nunca tentou enganar as pessoas dizendo que isto era fácil. Aliás, acabou de dizer que este mês vai ser o mais difícil de todos possivelmente. Como é que se consegue essa lucidez? Essa passagem de mensagens equilibradas entre o que está a acontecer de muito grave e de vamos lá todos ultrapassar isto?</p> <p>AC: É seguramente difícil, mas há aqui uma coisa fundamental: nós só podemos viver este momento sentindo que todos estamos a ser sinceros e francos uns com os outros. Temos que ter confiança para viver esta situação (...)</p> <p>---</p> <p>AC: Se os nossos números [de covid] são bons, são graças à grande disciplina dos portugueses (...)</p> <p>---</p> <p>CF: Se pudesse escolher era primeiro-ministro nesta altura?</p> <p>AC: Eu tenho muito orgulho de poder servir o meu país neste momento tão difícil que estamos a viver e, obviamente, uma enorme angústia de saber se estou a altura deste momento e do esforço que temos de fazer.</p> <p>CF: Mas tem noção que a nível internacional estão todos com os olhos postos em si?</p> <p>AC: Em geral, acho que temos estado todos com olhos postos uns nos outros (...)</p> <p>---</p> <p>CF: E como é que vamos sair todos disto? Vamos sair mais fortalecidos? A nível emocional eu tenho muito medo que haja uma quebra muito grande nas pessoas. Qual é o seu sentimento em relação a isso? Enquanto povo, como é que vamos sair daqui?</p> <p>AC: Eu acho que vamos melhorar na nossa autoestima coletiva porque acho que aprendemos a respeitar e a admirar o comportamento uns dos outros (...)</p> <p>---</p> <p>CF: Ainda consegue, no regresso a casa, dar um abraço à sua Fernanda [mulher de António Costa] todos os dias? Ou esse contacto social está um bocadinho mais distante agora?</p> <p>AC: Não, esse para já podemos os dois manter.</p> <p>---</p> <p>CF: Deixe-me dizer-lhe que, da minha parte, tenho muita confiança nas pessoas que nos estão a dirigir neste momento. Sei da dificuldade que é poder agradar a toda a gente, mas estamos a viver um período extraordinário, e é isso que temos que entender.</p>

Interveniente	Exemplos de Fala
Graça Freitas	<p>CF: Oh Graça, e toda a gente fala da sua aparente fragilidade que não existe (...) Toda a gente fala do seu trabalho, horas e horas seguidas, como lê tudo, e como depois nos consegue, de uma forma muito serena e tranquila, passar essas informações (...) Só para nós percebermos como funciona, para perceber esta linha, a que horas acorda todos os dias?</p> <p>GF: Acordo muito cedo. Habitualmente acordo antes das 6h da manhã e as tecnologias hoje permitem ler. Portanto, a primeira coisa que agora faço, antes não era assim, é de facto ir aos diversos sítios onde tenho informação para ver o que aconteceu de relevante durante a noite. Quer do que é que se passou noutros países em termos da doença, se saiu algum artigo novo, alguma notícia importante nos jornais. Agora, a minha primeira parte da rotina quando acordo é perceber exatamente o que é que aconteceu durante aquelas horas de descanso. O que e que mudou desde a hora que me deitei, habitualmente também tarde, até ao momento em que acordo (...)</p> <p>---</p> <p>CF: Os pontos de despiste para aliviar um bocadinho a carga são muito pequenos. Ainda não teve um dia de folga, pois não?</p> <p>GF: Não, não tive, não tive.</p> <p>GF: Desde que isto começou faz questão de estar ali todos os dias.</p> <p>--</p> <p>GF: (...) Há críticas que não são fáceis de ouvir mas também tem havido muitos aspetos positivos. Muita gente que, sem achar que eu sou perfeita, que não sou, eu própria tenho essa noção, mas que acha que tenho feito um trabalho honesto, com verdade, eu não sou dotada para a mentira.</p> <p>CF: Às vezes há a necessidade de dizer "nós não estamos aqui a ocultar nada, nós não estamos a mentir em nada" (...)</p> <p>---</p> <p>CF: [oferece um ramo de orquídeas] (...) Eu comunico também todos os dias, eu sei bem de que forma é que nós, muitas vezes a falar em direto, podemos ser acusados pela forma como falamos e isso não está nas nossas mãos. Portanto, eu quero que saiba que, cometendo ou não esses erros, agradeço muito o facto de estar num posto tão difícil, numa altura que nós nunca vivemos. Eu nunca passei por uma epidemia do género, eu não sei como é que as coisas funcionam e, por isso mesmo, acho que todos nós temos de ter um bocadinho de noção das pessoas que estão nos cargos que ocupam e da forma como o estão a fazer.</p> <p>Nós não podemos achar muita graça aos países internacionais nos digam que Portugal tem sido exemplar e, depois, acusarmos as pessoas que estão nos cargos, seja na DGS, no Ministério da Saúde, seja no Governo, seja onde for. Portanto, quero que saiba que, da minha parte, e penso que das pessoas que aqui estão, lhe agradecemos profundamente não nos ter deixado um minuto sequer, tenho um enorme respeito pelo seu trabalho, pelo percurso que me falou aqui. E quero muito que as críticas mais negativas não a atinjam de facto. Eu sei, por muitos com quem falei, que é uma trabalhadora exímia. Sei que não queria que eu falasse de que já perdeu peso, que muitas vezes está cansada, porque não queria passar essa imagem. Eu quero muito que as pessoas olhem também para si com alguma fragilidade. Sabe porquê? Porque é igualzinha a todos nós. Está e foi apanhada no meio do tsunami e, por isso mesmo, comunica consoante as coisas vão surgindo. Quero muito que leve a nossa força, quero muito que lá continue, quero muito que receba este aplauso, como um aplauso de todos.</p> <p>GF: Já que estamos numa de emoções (...) as pequenas imperfeições são porque somos de facto humanos e quando as cometemos, estamos a cometê-las pela nossa humanidade. Tenho que lhe agradecer e sinceramente sinto que faço parte de uma coisa que é muito maior que eu. O meu bocadinho é aquele que me compete e vou tentar fazer o melhor possível, sobretudo dizendo a verdade às pessoas, esse será o maior capital (...)</p>

Interveniente	Exemplos de Fala
<p>Tiago Brandão Rodrigues</p>	<p>CF: Como é que se põe aquilo [telescola] a andar? Os professores, coitados, estão sujeitos a uma avaliação e escrutínio diário, ao minuto, e nós sabemos como as redes sociais às vezes podem ser cruéis e esses professores passam a ser famosos, o que é engraçado. Nenhum deles, possivelmente, queria isto para a vida deles. Como é que se põe isto a andar?</p> <p>TBR: Mesmo não querendo isto para a vida deles, foram os primeiro a dizer "presente" (...)</p> <p>-</p> <p>CF: As vossas reuniões devem ter sido a loucura. Nós que estamos no lado mais fácil, de criticar e de apontar defeitos, vantagens e desvantagens, não temos noção que para pôr isto tudo a funcionar foi preciso vocês trabalharem muito, horas seguidas sem descanso e a tentar o melhor...</p> <p>TBR: Muito... Acima de tudo os professores! (...)</p> <p>-</p> <p>CF: (...) Temos de nos orgulhar daquilo que está a ser feito no nosso país. Com erros, como é normal, mas ninguém estava preparado e, por isso, há estas adaptações e, semana a semana, vamos tentando perceber como é que as coisas vão evoluindo.</p> <p>-</p> <p>CF: (...) O Tiago não queria dizer mas eu vou ter que dizer, só para nós percebermos como é que é. Muitos professores foram colocados ali sem nunca terem tido uma experiência de televisão e, alguns deles, saíram de lá a vomitar dos nervos devido ao que tiveram de fazer. Isto para mim é hábito, para eles não era. Portanto, valorizem de facto o que está a acontecer ao nível da educação em Portugal porque merece esse nosso reconhecimento. Antes de acusar, vamos tentar perceber que isto é tudo novo para todos e que merecem o nosso carinho, mais do que a nossa crítica nas redes sociais.</p>
<p>Mariana Vieira da Silva</p>	<p>CF: Nós temos um conhecimento dos que aparecem muito na televisão, a nível geral, mas depois não temos noção de todos os intervenientes. De repente, isto acontece, nós já víamos a Mariana, mas de repente está ali ao lado do primeiro-ministro várias vezes. E nós começamos a interrogar: "Mas quem é a Mariana? Que ministra é que ali está? O que é que faz uma ministra da presidência?"</p> <p>MVS: Tenho principalmente funções de coordenação do Governo(...) aquilo que eu faço é ter esse lugar de coordenação dos vários temas que temos de tratar (...) além disso, também tenho a pasta da igualdade, da cidadania e das migrações (...)</p> <p>CF: Mas a imprensa gosta de dizer que é o braço direito do primeiro-ministro. O que é que é isto de ser o braço direito?</p> <p>MVS: Eu acho que isso resulta de, principalmente, antes de ser ministra da presidência, ter sido secretária de Estado adjunta do primeiro-ministro que é mesmo essa pessoa que está em permanência, mais próxima, os dias inteiros [do primeiro-ministro].</p> <p>---</p> <p>MVS: (...) Eu escolhi estudar Sociologia para compreender o mundo em que vivíamos, como é que o podíamos melhorar, o que é que se podia fazer para melhorar as coisas. Por isso, a política é uma continuação desse caminho que eu decidi estudar e o caminho que eu decidi fazer.</p> <p>---</p> <p>MVS: (...) Precisamos mesmo de dizer aos portugueses, a quem está lá em casa, que é uma honra ver um país a responder e a compreender aquilo que nos cabia a todos nós enquanto coletivo.</p> <p>---</p> <p>CF: Parece uma política muito serena. [risos] E nós às vezes olhamos para a política como um meio com alguma agressividade, em que até dentro do próprio parlamento se discute uns com os outros. Essa serenidade é muito importante?</p>

Interveniente	Exemplos de Fala
<p>Tiago Brandão Rodrigues</p>	<p>CF: Como é que se põe aquilo [telescola] a andar? Os professores, coitados, estão sujeitos a uma avaliação e escrutínio diário, ao minuto, e nós sabemos como as redes sociais às vezes podem ser cruéis e esses professores passam a ser famosos, o que é engraçado. Nenhum deles, possivelmente, queria isto para a vida deles. Como é que se põe isto a andar?</p> <p>TBR: Mesmo não querendo isto para a vida deles, foram os primeiro a dizer "presente" (...)</p> <p>-</p> <p>CF: As vossas reuniões devem ter sido a loucura. Nós que estamos no lado mais fácil, de criticar e de apontar defeitos, vantagens e desvantagens, não temos noção que para pôr isto tudo a funcionar foi preciso vocês trabalharem muito, horas seguidas sem descanso e a tentar o melhor...</p> <p>TBR: Muito... Acima de tudo os professores! (...)</p> <p>-</p> <p>CF: (...) Temos de nos orgulhar daquilo que está a ser feito no nosso país. Com erros, como é normal, mas ninguém estava preparado e, por isso, há estas adaptações e, semana a semana, vamos tentando perceber como é que as coisas vão evoluindo.</p> <p>-</p> <p>CF: (...) O Tiago não queria dizer mas eu vou ter que dizer, só para nós percebermos como é que é. Muitos professores foram colocados ali sem nunca terem tido uma experiência de televisão e, alguns deles, saíram de lá a vomitar dos nervos devido ao que tiveram de fazer. Isto para mim é hábito, para eles não era. Portanto, valorizem de facto o que está a acontecer ao nível da educação em Portugal porque merece esse nosso reconhecimento. Antes de acusar, vamos tentar perceber que isto é tudo novo para todos e que merecem o nosso carinho, mais do que a nossa crítica nas redes sociais.</p>
<p>Mariana Vieira da Silva</p>	<p>CF: Nós temos um conhecimento dos que aparecem muito na televisão, a nível geral, mas depois não temos noção de todos os intervenientes. De repente, isto acontece, nós já víamos a Mariana, mas de repente está ali ao lado do primeiro-ministro várias vezes. E nós começamos a interrogar: "Mas quem é a Mariana? Que ministra é que ali está? O que é que faz uma ministra da presidência?"</p> <p>MVS: Tenho principalmente funções de coordenação do Governo(...) aquilo que eu faço é ter esse lugar de coordenação dos vários temas que temos de tratar (...) além disso, também tenho a pasta da igualdade, da cidadania e das migrações (...)</p> <p>CF: Mas a imprensa gosta de dizer que é o braço direito do primeiro-ministro. O que é que isto de ser o braço direito?</p> <p>MVS: Eu acho que isso resulta de, principalmente, antes de ser ministra da presidência, ter sido secretária de Estado adjunta do primeiro-ministro que é mesmo essa pessoa que está em permanência, mais próxima, os dias inteiros [do primeiro-ministro].</p> <p>---</p> <p>MVS: (...) Eu escolhi estudar Sociologia para compreender o mundo em que vivíamos, como é que o podíamos melhorar, o que é que se podia fazer para melhorar as coisas. Por isso, a política é uma continuação desse caminho que eu decidi estudar e o caminho que eu decidi fazer.</p> <p>---</p> <p>MVS: (...) Precisamos mesmo de dizer aos portugueses, a quem está lá em casa, que é uma honra ver um país a responder e a compreender aquilo que nos cabia a todos nós enquanto coletivo.</p> <p>---</p> <p>CF: Parece uma política muito serena. [risos] E nós às vezes olhamos para a política como um meio com alguma agressividade, em que até dentro do próprio parlamento se discute uns com os outros. Essa serenidade é muito importante?</p> <p>MVS: Eu acho que faz parte e é bom que o parlamento seja esse espaço de confronto. É muito importante que quem não está no governo possa explicar o que fazia diferente e como é que faria melhor. Isso é uma coisa</p>

Interveniente	Exemplos de Fala
<p>Mariana Vieira da Silva</p>	<p>importantíssima para que todos possamos escolher. Por isso, esse confronto faz parte da democracia e é uma parte importante que não devemos desvalorizar. A capacidade de ter alguma serenidade no momento das decisões acho que é uma ótima vantagem que nem sempre conseguimos ter. Todos nós temos momentos em que a serenidade não chega mas procura praticá-la.</p> <p>---</p> <p>MVS: Quando o primeiro-ministro me convidou, pensei muito. Tive muita consciência do que é que ia ser dito. Pensei alguns dias e dividi-me muito no que ia fazer e acabei por decidir que, como tinha estado a ajudar a fazer o programa de Governo, não faria sentido não fazer parte do caminho que nós tínhamos construído.</p> <p>CF: Mas há aqui ambições maiores ou não? Há uma vontade de chegar a outros cargos?</p> <p>MVS: Não. A minha ambição maior é ir sempre fazendo bem as minhas coisas, essa é a minha preocupação diária. Sou uma pessoa que tem essa questão presente (...)</p> <p>--</p> <p>CF: Mariana, hoje é dia de trabalho. Tem reuniões, coisas do género?</p> <p>MVS: Hoje é dia de trabalho. Estou aqui também a trabalhar porque explicar faz parte.</p> <p>CF: Mas é preciso dizer que estes tipos de conversas fazem parte do trabalho que se tem, de chegar a todos.</p> <p>MVS: Eu entendo que os políticos têm estas duas missões: tomas as decisões, evitar os problemas, resolver os problemas, e explicar, explicar e explicar.</p>
<p>Ricardo Baptista Leite</p>	<p>CF: (...) Nós passámos a conhecer muitas pessoas que nos eram distantes, algumas delas ligadas à política e que de repente percebemos o seu papel e o que lá estão a fazer (...)</p> <p>---</p> <p>RBL: Apesar de tudo eu tinha uma visão um pouco encantada do mundo. Quando chego às doenças infecciosas, em que diariamente, no Hospital Egas Moniz, tratava doentes com VIH-Sida, com tuberculose (...) com doenças tropicais (...) e perceber muitas vezes que há franjas da população que nós nem sequer conhecemos, que desconhecemos por completo, transformou-me por completo. Acho que me tornou muito mais sensível para a questão das desigualdades que acho que acaba por influenciar muito a minha visão política.</p> <p>---</p> <p>RBL: (...) Na política nunca deixei de ser médico e o meu trabalho no parlamento começou sempre a trabalhar com associações de doentes.</p> <p>---</p> <p>CF: (...) Gostei muito de o conhecer. Até porque já recebi aqui pessoas ligadas à política, com cargos mais expostos e que, de alguma forma, nós já conhecemos. Mas vocês [políticos] são muitos, são muitos os que nos representam. Gostei muito de contar com a sua presença no sentido em que é um dos [políticos] que está lá, e tem um percurso de vida, e decidi fazer estas escolhas por algum motivo. Eu acho que nós temos muito que saber quem são as pessoas que estão ali, por nós (...).</p>
<p>Salvador Malheiro</p>	<p>CF: Já está aqui sentadinho ao pé de mim o herói, disse eu a meter-me consigo. [risos] Assim disse o Presidente da República. Não se sentiu um bocadinho herói no meio disto tudo? Herói no bom sentido de estar ali a lutar pelos seus?</p> <p>SM: Naturalmente que me senti muito orgulhoso e até vaidoso, mas o herói fomos nós todos, foi o povo owareNSE. Eu tive momentos de muita aflição, mas estamos todos com um orgulho forte porque, apesar de ter sido uma situação muito complicada, conseguimos estar à altura do acontecimento. O problema não está resolvido, mas está claramente controlado.</p> <p>---</p> <p>CF: Isto [gestão da pandemia] foi duro?</p> <p>SM: Foi muito ruim. Tivemos momentos muito complicados, foi o desafio das nossas vidas. Não foi só para mim, foi para muita gente que teve que abdicar da sua quarentena, da sua família, e teve que ir dar tudo o que podia para tentar salvar o mais número de vidas possível (...)</p> <p>---</p>

Interveniente	Exemplos de Fala
Salvador Malheiro	<p>CF: Mas quando pesou as coisas percebeu que tinha muito a perder de deixar a sua vida passada [profissão de engenheiro], mas o que ia ganhar aqui [como presidente da câmara] era muito maior?</p> <p>SM: É diferente. A política são cargos passageiros, ou pelo menos encaro tudo isto...</p> <p>CF: [Interrompe] Não há aqui já uma vontade de agora deixar o camarário para o nacional?</p> <p>SM: Não, aliás, fiz um mandato, estou agora no segundo, e com toda a certeza irei candidatar-me novamente à Câmara de Ovar, que é onde me sinto bem. Aliás, acho que não há nada mais dignificante do que nós sermos presidentes da nossa terra e das nossas gentes (...) Para mim a política é povo, não é mais nada do que isso. Naturalmente que tenho a minha ideologia, mas nunca perco esta relação umbilical à terra.</p> <p>CF: Então se receber um convite para um próximo Governo, não vai?</p> <p>SM: São aquelas questões que nunca podemos dizer que não. Agora a minha grande prioridade é Ovar, é exercer política de cariz autárquico, que para mim é a mais dignificante, mas o futuro a Deus pertence.</p>
Joana e Mariana Mortágua	<p>CF: Admitam, vocês deram trabalho [em crianças].</p> <p>JM: Onde quer que passássemos.</p> <p>CF: Vocês eram reconhecidas pelos professores, pelos contínuos, por isso, por essa reivindicação.</p> <p>MM: E por sermos irrequietas, por não sermos contidas, por termos crescido em liberdade (...)</p> <p>---</p> <p>CF: Mas há objetivo, daqui uns tempos, de alguma coisa? Não digo chegar à liga dos grandes, mas chegar à liga...</p> <p>JM: [interrompe] Não há liga dos grandes, isso não existe.</p> <p>CF: Acho que cada vez menos, por acaso.</p> <p>MM: O Bloco por si numa promoveu "liga dos grandes".</p> <p>JM: O Bloco não promove isso e há um grande sentimento de igualdade interna. De facto, todos nós somos eleitos e temos a mesma legitimidade lá dentro. O problema é uma questão de imagem. Quando a Mariana levanta a cabeça para falar para o Ricardo Salgado e fã-lo com propriedade intelectual, é uma afirmação de uma geração, não é? Dizendo que eu não vou aceitar que o paternalismo me desmonte a minha autoridade para falar sobre isso.</p> <p>CF: E o coraçãozinho bate muito nessas horas?</p> <p>MM: O meu bate, com certeza.</p> <p>CF: Quando é que se levanta a cabeça e não se tem medo do outro?</p> <p>MM: (...) A única coisa que podemos fazer no percurso todo é acreditar naquilo que se pensa e saber que se está a fazer a coisa certa. Isto parece muito romântico, mas não é! Quando nós acreditamos naquilo que estamos a dizer e achamos que aquilo é certo e justo, tudo o resto vai correr bem.</p> <p>CF: Ninguém nos demove.</p>
João Matos Fernandes	<p>CF: Toda a gente que o conhece diz que o João é o mais divertido de todos os ministros, com um fantástico sentido de humor, sempre disponível para a brincadeira, é?</p> <p>JMF: Eu tenho uma grande tendência para o disparate (...) Não deixo de ser, querendo ou não querendo, uma figura pública, mas de facto gosto muito de me divertir com as coisas e tirar partido delas. Eu levo muito a sério aquilo que faço, não me levo a mim nada a sério. Portanto, chego a casa à noite e só me rio.</p> <p>CF: E dança, ouvir dizer! Calma que não o vou pôr aqui a dançar. [risos]</p> <p>JMF: É aquilo que acho que sei fazer melhor. Não o farei em público mas se me perguntar o que sei fazer melhor do que qualquer outra coisa, é dançar. Um prazer infinito que isso me dá.</p> <p>---</p>

Interveniente	Exemplos de Fala
<p>João Matos Fernandes</p>	<p>JMF: Eu não costumo falar muito da minha fé, mas sim, sou um homem de fé, não tendo tido uma educação religiosa. Porque sou um homem de sorte, senti verdadeiramente a necessidade de agradecer. Tudo começa com a necessidade de agradecer. E depois disso, de facto, o encontro com Deus e a certeza absoluta de que tenho Deus em mim e que ele olha por mim porque de outra forma não teria a sorte que tenho.</p> <p>CF: Mas isso é coincidente com a perda de uma irmã que eu acho que é um dos momentos mais difíceis e marcantes da vida.</p> <p>JMF: Eu não faço nenhuma ligação direta entre as duas coisas, sendo verdade que a minha fé acontece não muito tempo depois de ter perdido a minha irmã. Sei o que é a tristeza na vida, sei que a tristeza faz parte da vida e o tempo ajuda a não pensar sempre nas mesmas coisas, mas há tristezas que o tempo não apaga. Essa é claramente a tristeza que o tempo não apaga.</p> <p>CF: Mas vai hoje constantemente à missa, à igreja, há assim algum ritual?</p> <p>(Continuação) JMF: Vou à missa ao domingo e, trabalhando no Bairro Alto, sempre que posso vou rezar à hora de almoço.</p> <p>CF: Que engraçado, parece que não combina consigo. Visto assim à distância, não o conhecendo. [risos]</p>
<p>Miguel Tiago</p>	<p>CF: É o político mais sexy do nosso país, já o designaram assim, estou para ver ao vivo!</p> <p>---</p> <p>CF: Quantos anos esteve no Parlamento?</p> <p>MT: 13 anos.</p> <p>CF: Não tem a imagem típica de um político. É talvez o primeiro que me apreço aqui de t-shirt, a mostrar as tatuagens, calça de ganga. E isso não é a imagem que nós temos de um político. Essa também foi logo uma batalha de dizer que cada um de nós tem um papel?</p> <p>MT: Eu acho que já é mau nós termos uma ideia de uma figura típica de um político.</p> <p>CF: Mas existe!</p> <p>MT: Mas existe, não sei muito bem como é que isso se veio consolidar. Este afastamento que a política tem das pessoas talvez leve a isso.</p> <p>CF: O próprio Miguel saiu do Parlamento porque não combinava consigo.</p> <p>MT: São muitos anos de um ambiente que não é aquele que prefiro estar se puder escolher. Portanto, desempenhei a tarefa com o empenho e a dedicação que me foi exigida e que me foi possível, mas não foi o ambiente mais fixe do mundo (...)</p> <p>CF: Mas quer lá voltar a esse patamar, ou não?</p> <p>MT: Eu nunca digo nunca, mas neste momento não está nos meus planos. Eu continuo ativo na política, no PCP, continuo com tarefas e milito e participo (...)</p> <p>---</p> <p>CF: A ideia de o político mais sexy que lhe foi dito na altura pela Isabel Moreira, penso eu, assentou-lhe bem ou não gostou do título?</p> <p>MT: Achei curioso, achei piada. Disseram-me "olha, disseram isto de ti na televisão", mas acho que há coisas muito mais importantes para mim do que ser considerado um político com determinadas características físicas. Espero que haja outras características minhas que persistam no tempo, mais do que essa.</p> <p>CF: E a normalidade da política deve ser cada vez mais encarada por todos nós. Eu tenho tentado fazer essa desconstrução aqui de muitas as pessoas, de todos os partidos, para que se perceba que todos temos percursos e que o seu foi dar ali por algum motivo (...) Nós não temos noção da dificuldade que é estar num parlamento, por exemplo, e da gestão do país, pois não?</p> <p>---</p> <p>CF: Se um dia for secretário-geral do seu partido volta a esta casa. Se demorar um tempinho, ainda damos uma voltinha de mota um dia destes, pode ser? (...)</p>
<p>Carlos Miguel</p>	<p>CM: Convivi muito bem com o facto de ser cigano porque sempre tive muito orgulho no meu pai, na minha família, tenho orgulho no meu percurso.</p> <p>----</p>

Interveniente	Exemplos de Fala
<p>Carlos Miguel</p>	<p>CF: Como é que o Carlos em menino tinha os dois mundos? O seu pai nunca deixou de frequentar o mundo cigano, com todas as suas tradições, e a sua mãe, do lado dela não cigano, não é?</p> <p>CM: A nossa vida são sempre as nossas circunstâncias, não é? (...) Eu tive um percurso escolar, tive essa sorte (...) o meu pai nunca fez questão que nós continuássemos com o negócio da venda ambulante. Nós ajudámos porque víamos que ele precisava, quando estávamos livres, mas eu nunca deixei de ir à escola para fazer um mercado com o meu pai (...)</p> <p>--</p> <p>CF: Já era conhecido como o cigano que ia ser doutor. [risos]</p> <p>CM: Sim, isso na altura foi uma referência. Não faço ênfase nisso de ser doutor, mas faço muito ênfase na formação profissional: ser Doutor, ser carpinteiro, ser orçamentista, ser arquiteto, ser enfermeiro. É importante. (...)</p> <p>---</p> <p>CF: No dia em que acaba o curso de Direito, o que é que viu na cara do seu pai e na cara da sua mãe?</p> <p>CM: Na cara dos meus pais vi muito orgulho e mesmo na própria comunidade cigano sinto que havia na altura, e ainda há hoje (...)</p> <p>---</p> <p>CF: O que é que tem de cigano? Quando dá uma música e tal? Aquilo que nós, de alguma forma, estereotipamos como da cultura cigana. O que é que tem de cigano?</p> <p>CM: Sou muito lacorrilho, ou seja, o meu percurso é muito não cigano.</p> <p>CF: Sem nunca se esquecer dessas gentes.</p> <p>CM: O meu percurso académico e profissional foi feito com não ciganos e, como disse à pouco, a vida faz-se destas circunstâncias todas. Mas para mim ser cigano é o sentido de memória, da família, do percurso. Tento de alguma forma dar o meu contributo no sentido de mostrar à comunidade que há outros caminhos (...)</p> <p>---</p> <p>CF: Cada um pode ser o que entender. Quando se chega a Presidente de Câmara, sabendo o seu percurso, porque está lá sempre. Ainda hoje o apresentei como Carlos, o cigano, está aí presente. É quase como uma bandeira porque não há muitos. Primeiro presidente de câmara, hoje Secretário de Estado, não se sente orgulhoso?</p> <p>CM: Eu sinto-me bem comigo próprio, isso tem sido uma grande vantagem. Sou tranquilo comigo. Todos nós temos este ou aquele conflito, mas, regra geral, eu sinto-me bem comigo próprio. E tenho um percurso que me orgulho dele (...) trabalhei e tive muita sorte, sendo certo que a sorte dá muito trabalho sempre.</p> <p>CF: Toda a gente gostava de si enquanto estive na câmara, pelo menos das pessoas com quem eu falava sabia isso.</p> <p>---</p> <p>CM: Eu trago-lhe uma prenda muito pequenina de forma a combater os estereótipos.</p> <p>CF: Um sapo.</p> <p>CM: Parece um sapo, mas não é, é uma rã. As pessoas colocam rãs à porta pensando que os ciganos não entram nos estabelecimentos (...) isso serve como símbolo de que não devemos ter estereótipos, devemos sempre aceitar a diferença. Todos somos diferentes e isso é bom, mas no fundo todos somos muito parecidos. Por isso, atrás de qualquer máscara, há uma pessoa que tem a sua dignidade própria, tem formas de sentir, mas acima de tudo somos todos pessoas.</p> <p>CF: Mas olhe, isto faz muito sentido porque nesta casa nunca tivemos sapos.</p>
<p>Carlos Moedas</p>	<p>CF: Bem-vindo meu Carlinhos! Posso chamar-te Carlinhos?</p> <p>CM: Sempre.</p> <p>CF: Eu tenho de explicar. Eu encontrei o Carlos num encontro aqui na SIC em que estávamos a partilhar experiências e tu foste partilhar a tua. Eu lembro-me de dizer à equipa: "Gostei tanto do Carlos, gostei tanto da forma como falou, como explico". E lá em casa deve estar a pensar assim " Eu conheço aquela</p>

Interveniente	Exemplos de Fala
<p>Carlos Moedas</p>	<p>cara de algum lado, eu já o vi a falar na televisão". Se tu tens de te apresentar às pessoas dizes que és o quê? CM: Que sou de Beja. Sou o Carlinhos de Beja. --- CF: Essas dificuldades financeiras podiam ter-te impedido de cresceres a nível escolar, mas, por sorte, aparecia sempre alguém, e tu também fizeste por isso, que te diziam que tu tinhas de estudar porque o mundo estava à tua espera. CM: É verdade, isso começou de pequeno (...) As pessoas gostavam da minha conversa e eu gostava das pessoas. Eu acho que sempre adorei pessoas, Cristina. E esse adorar as pessoas, gostar das pessoas, falar com elas, ouvi-las, eu sentia que era uma força enorme. --- CM: [No programa Erasmus] Foram tempos onde eu conheci pessoas de outras religiões, pessoas que vinham de África, dos países de Leste, e construí uma rede de amigos que é tão diversa, com pessoas tão diferentes. E foi aí que depois me apaixonei pela minha mulher que é francesa e, portanto, há aqui uma diversidade. --- CF: O que é que tu queres ser ainda? CM: Eu estou tão feliz na Gulbenkian. Estou muito feliz a ajudar onde estou. Como sempre tudo aquilo que fiz na minha vida fiz a 300%, quando fui Comissário foi a 300%, e agora na Gulbenkian estou a 300% (...) CF: Sabes o que é que é o melhor no meio disto tudo? É que quando perguntei "quem és", tu disseste-me "Sou o Carlinhos de Beja". A vida sabe o que faz. Gosto mesmo muito de ti e esta é só a segunda vez que nós nos encontramos. Há pessoas que transparecem aquilo que são. O Carlos é muito mais do que aquilo que disse aqui. Aliás, se quiser fazer uma pesquisa, vá lá ver o que o Carlos já fez, de que forma é que foi tão importante para nós também, e perceba que esta humildade só pode continuar a ter um futuro brilhante. Quero muito que não saias do meu círculo de amigos, se puder ser.</p>
<p>Carlos Carreiras</p>	<p>CF: Isto de ser Presidente da Câmara dá resultado, falar de vez em quando. CC: Dá-nos responsabilidade e depois temos que assumir, temos que decidir. No outro dia um senhor jornalista perguntou-me qual era a decisão mais difícil que já tinha tomado. Eu não considero que há decisões difíceis, temos de tomar decisões. Às vezes há decisões mais simpáticas, outra vezes menos simpáticas. Por exemplo, aquela que referiu de fechar as praias, aí tive de ter alguma criatividade para encontrar a competência legal que me permitia fazer isso, fui muito criticado, as pessoas não compreenderam, não aceitaram, mas depois, passado uns tempos, estávamos nessas circunstâncias em termos gerais (...) --- CF: Está tudo planeado? Sabe exatamente o que é que vai ser o futuro ou ainda espera surpresas na vida. CC: De filhos e netos? De filhos, nada. De netos, muitos. CF: E a nível profissional? CC: (...) De facto, isto [ser Presidente da Câmara] dá-nos uma grande felicidade, trabalhamos todos os dias, mas tem uma diferença. Não conseguimos ganhar dinheiro, ou seja, eu vivo daquilo que consegui ganhar, porque ganhei bem, antes de estar nestas funções (...) Tenho para mim claro de que tenho que sair destas funções para ainda ter tempo e idade para ir ganhar dinheiro, para ir trabalhar. --- CF: Mas não se arrepende nada de estar à frente dos destinos de quem o elegeu. CC: Penso que isso é comum a todos nós (...) porque é que viemos para cá? Porque é que somos? E, portanto, há aqui um espírito de missão (...) Nunca me diverti tanto como agora enquanto Presidente de Câmara. Não é divertir no sentido da gargalhada, é o divertir no sentido de ter gosto no que estou a fazer.</p>

Anexo H - Atores Políticos que Marcaram Presença Política no Programa (entre 35 a 40 minutos)

Duração da Intervenção (Minutos)	Interveniente(s)
35	André Silva
	Miguel Albuquerque
	Isaltino Morais
40	António Costa
	André Silva (PAN), José Manuel Pureza (Bloco de Esquerda), José Luís Ferreira (PEV), Maria Antónia de Almeida Santos (PS) e João Cotrim de Figueiredo (Iniciativa Liberal)
	Graça Freitas

Anexo I - Presença Política na Temática “Percurso de Vida”

Duração (Minutos)	Interveniente	Cargo que Desempenha
15	Joana Amaral Dias	Ex-militante Bloco de Esquerda e comentadora política
20	Marisa Matias	Eurodeputada do Bloco de Esquerda
	António Bagão Félix	Ex-Ministro e comentador político
	Tiago Brandão Rodrigues	Ministro da Educação
	Mário Nogueira	Secretário-geral da Federação Nacional dos Professores
	João Cotrim de Figueiredo	Líder Iniciativa Liberal
	Edite Estrela	Deputada PS
20	Mariana Vieira da Silva	Ministra de Estado e da Presidência no XXII Governo Constitucional
	Ricardo Baptista Leite	Deputado PSD
	João Matos Fernandes	Ministro do Ambiente
	Miguel Tiago	Ex-deputado PCP
20	Carlos Miguel	Secretário de Estado do Desenvolvimento Regional
	Carlos Moedas	Ex-Comissário Europeu PSD
	Carlos Carreiras	Presidente da Câmara Municipal de Cascais
25	Luís Marques Mendes	Conselheiro de Estado e comentador político
	Santana Lopes	Fundador do Partido Aliança
	Francisco Guerreiro	Eurodeputado PAN
	Fernando Medina	Presidente da Câmara Municipal de Lisboa
	Arménio Lopes	Secretário-geral da CGTP (Confederação Geral dos Trabalhadores Portugueses)
	Luís Filipe Menezes	Antigo Líder do PSD
30	Joana e Mariana Mortágua	Deputadas Bloco de Esquerda
	Maria de Belém	Ex-Ministra PS

Duração (Minutos)	Interveniente	Cargo que Desempenha
30	Joacine Katar Moreira	Deputada Livre
	Rui Rio	Líder PSD
	Luís Montenegro	Candidato a líder parlamentar do PSD
	Catarina Martins	Coordenadora do Bloco e Esquerda
	Jerónimo de Sousa	Secretário-geral do Partido Comunista
	Marta Temido	Ministra da Saúde
	Jorge Coelho	Ex-Ministro PS
35	Isaltino Morais	Presidente da Câmara Municipal de Oeiras

Anexo J - Presença Política na Temática “Receita de Cozinha”

Duração (Minutos)	Interveniente	Cargo que Desempenha
20	Edite Estrela	Deputada PS
30	Assunção Cristas	Presidente do CDS-PP
	Maria do Céu Antunes	Ministra da Agricultura
40	António Costa	Primeiro-Ministro

